



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
DOUTORADO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

ROMÁRIO DUARTE SANCHES

**MICROATLAS LINGUÍSTICO (PORTUGUÊS-KHEUÓL) DA ÁREA
INDÍGENA DOS *KARIPUNA DO AMAPÁ***

VOLUME I

BELÉM-PA
2020

ROMÁRIO DUARTE SANCHES

**MICROATLAS LINGUÍSTICO (PORTUGUÊS-KHEUÓL) DA ÁREA
INDÍGENA DOS KARIPUNA DO AMAPÁ**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras do Instituto de Letras e Comunicação da Universidade Federal do Pará - UFPA para obtenção do título de Doutor em Letras (Linguística).

Orientador: Prof. Dr. Abdelhak Razky
Coorientador: Prof. Dr. Harald Thun

Linha de pesquisa: Análise, descrição e documentação das línguas naturais.

VOLUME I

BELÉM-PA
2020



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

ATA DA SESSÃO DE DEFESA DE TESE DE DOUTORADO
DO DISCENTE ROMÁRIO DUARTE SANCHES

Aos dezanove dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e vinte, às 09:00 horas, na Sala de Defesas do Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal do Pará, Cidade Universitária Prof. José da Silveira Netto, na cidade de Belém (Pará), reuniu-se a BANCA EXAMINADORA para arguir o doutorando Romário Duarte Sanches e avaliar a apresentação e Defesa de sua Tese: "MICROATLAS LINGÜÍSTICO (PORTUGUÊS-KHEUÓL) DA ÁREA INDÍGENA DOS KARIPUNAS DO AMAPÁ" para obtenção do grau de Doutor em Letras, área de Estudos Linguísticos. A Banca Examinadora esteve constituída pelo corpo docente: **Abdelhak Razky** (presidente), **Ana Suelly Arruda Câmara Cabral** (membro externo), **Felício Wessling Margotti** (membro externo), **Marilúcia Barros de Oliveira** (membro interno), **Alcides Fernandes de Lima** (membro interno), **Marcela Moura Torres Paim** (suplente externo), **Regina Célia Fernandes Cruz** (suplente interno). A banca considerou a tese Aprovada. Na forma dos artigos 60 e 61 da Resolução nº 3.359-CONSEP-UFPa, de 06 de julho de 2005, esta Ata não possui força legal para conferir o grau de Doutor, devendo o candidato submeter-se a todas as outras exigências previstas nos referidos artigos. E nada mais havendo a tratar a Sessão foi encerrada às 13h10 horas, da qual, para os fins de direito, foi lavrada a presente ATA, assinada por mim, **Raimundo Nonato Lemos Mattar Junior**, Secretário da Sessão, e pelos membros da Banca Examinadora.

Belém, 19 de fevereiro de 2019.

Raimundo Nonato Lemos Mattar Junior (secretário)

Prof. Dr. Abdelhak Razky – PPGL/UFPa (presidente)

Profa. Dra. Ana Suelly Arruda Câmara Cabral – UNB (membro externo)

Prof. Dr. Felício Wessling Margotti – UFSC (membro externo)

Profa. Dra. Marilúcia Barros de Oliveira – PPGL/UFPa (membro interno)

Prof. Dr. Alcides Fernandes de Lima – PPGL/UFPa (membro interno)

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo autor**

S211m SANCHES, Romário Duarte
 Microatlas Linguístico (português-kheuól) da área indígena dos
 Karipuna do Amapá: Volume 1 / Romário Duarte Sanches. — 2020.
 247 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Dr. Abdelhak Razky Razky
Coorientador(a): Prof. Dr. Harald Thun
Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Letras,
Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, Belém,
2020.

1. Dialetoлогия Contatual. 2. Geolinguística. 3. Atlas Linguístico. 4. Karipuna
do Amapá. Kheuól. I. Título.

CDD 410

*À sociedade indígena brasileira, sobretudo ao
povo Karipuna do Amapá.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Isabel Duarte e Eduardo Sanches, e às minhas irmãs, pelo incentivo e apoio incondicional que elas têm me dado.

Ao professor Abdelhak Razky, pelas orientações e por ter conduzido minha formação acadêmica com primazia desde o curso de mestrado até o doutorado, prezando pelo meu amadurecimento acadêmico.

Ao professor Harald Thun por ter aceitado o desafio de me coorientar e pelas sugestões feitas ao meu trabalho.

À minha querida amiga Regiane Reis pelas correções e sugestões dadas ao meu trabalho. Sua contribuição foi fundamental para finalização da Tese.

À Celeste Ribeiro, Marilucia de Oliveira e Regina Cruz por terem me inspirado a ser um pesquisador/professor crítico perante as adversidades da academia.

Ao grupo de pesquisa GeoLinterm pelo acolhimento, a amizade e a troca de conhecimento.

Ao Thiago Azevedo, meu companheiro de todos os momentos, por ter acompanhado minha jornada durante o curso de doutorado, e que provavelmente acompanhará a jornada chamada vida.

Aos meus amigos de longa data: Monique Jacques, Cris Nery, Rikary Saito, Alanna Saito, Nilzilene Laranjeira, Tiago Meireles, Sabrina Veiga, e aos novos amigos que fiz em Belém durante o curso de mestrado e doutorado: Andréa Leitão, Amanda Pinheiro, Leydiane Sousa, Bruna Padovani, Anne Pamplona, Celiane Costa, Carlene Salvador, Helen Costa, Davi Souza e Michell Gadelha.

Aos meus colegas de trabalho e de pesquisa da Universidade do Estado do Amapá e da Universidade Federal do Amapá: Edna Oliveira, Kelly Day, Mileny Távora e Eduardo Vasconcelos.

Aos novos amigos do Oiapoque que me ajudaram e me acolheram durante minha estadia na cidade: Camila, David, Raildo e Gleice.

Ao casal Bruna e Moisés, meus imensuráveis agradecimentos pelo acolhimento na Aldeia Manga e por terem me apresentado ao povo indígena Karipuna.

Ao Conselho dos Caciques das Terras Indígenas do Oiapoque (CCPIO), em nome do cacique Gilberto Iaparra, por ter cedido à autorização para realização da pesquisa.

À Fundação Nacional do Índio (FUNAI), representada pela Coordenação Regional Amapá e Norte do Pará (CRANP) - FUNAI/Macapá, pela disponibilidade de informações sobre as Terras Indígenas da região do Oiapoque.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Nível Pessoal Superior (CAPES) pelo apoio e incentivo à pesquisa.

SANCHES, Romário Duarte. **Microatlas linguístico (português-kheuól) da área indígena dos Karipuna do Amapá**. Tese (Doutorado). Belém-PA: Universidade Federal do Pará (Programação de Pós-Graduação em Letras), 2020.

RESUMO

O trabalho tem como objetivo principal a elaboração do microatlas linguístico (português-kheuól) da área indígena pertencente aos *Karipuna do Amapá*, como forma de apresentar a configuração da variação lexical em área de fronteira e em comunidades tradicionais bilíngues. Na revisão da literatura, apresentam-se questões sócio-históricas e culturais sobre a etnia *Karipuna do Amapá*, e os postulados das áreas de Contato Linguístico e Dialectologia. A pesquisa adotou como principal pressuposto teórico-metodológico a Dialectologia Pluridimensional e Contatual (ALTENHOFEN; THUN, 2016), doravante Dialectologia Contatual. Como objeto de estudo tem-se a variedade do português falado no Oiapoque (AP) e o kheuól, variedade de base francesa falada pelos indígenas *Karipuna do Amapá*. As dimensões controladas neste trabalho são: diatópica, diassexual, diageracional e dialingual. Para cada uma, foram delimitados parâmetros que auxiliaram na descrição variacional e na elaboração de mapas linguísticos que compõem o microatlas. Deste modo, foram entrevistados 36 informantes procedentes das seguintes aldeias da etnia *Karipuna*, equivalentes aos pontos linguísticos: 01 - Manga, 02 - Santa Isabel, 03 - Espírito Santo, 04 - Açaizal, 05 - Curipi, 06 - Kariá, 07 - Ahumã, 08 - Ariramba e 10 - Kunanã. As localidades estão dispersas em três Terras Indígenas: Uaçá, Galibi e Juminã. A maior concentração dos *Karipuna* está localizada na Terra Indígena Uaçá. Para obtenção dos resultados, *a priori*, foram realizadas análises sobre o perfil social e sociolinguístico dos *Karipuna* e, em seguida, a análise das cartas lexicais confeccionadas para o segundo volume desta Tese. As cartas evidenciam a configuração da variação lexical do português e do kheuól, variedades de contato, por meio das quais é possível notar a interinfluência de ambas as variedades, com destaque para a sobreposição de variantes lexicais do português local sobre o léxico do kheuól. Os resultados confirmam a tese de que há forte presença do português falado no Amapá como variedade dominante nas sociedades indígenas da região do Oiapoque, sobretudo nas áreas que correspondem ao grupo dos *Karipuna do Amapá*.

Palavras-chave: Dialectologia Contatual. Variação lexical. Português de contato. Kheuól. Karipuna do Amapá.

SANCHES, Romário Duarte. **Linguistic microatlas (portuguese-kheuól) of the indigenous area Karipuna of Amapá**. Tese (Doutorado). Belém-PA: Universidade Federal do Pará (Programação de Pós-Graduação em Letras), 2020.

ABSTRACT

The main objective of this work is the elaboration of a linguistic microatlas (portuguese-kheuól) of the indigenous area belonging to the *Karipuna of Amapá*, as a way to present the configuration of the lexical variation in border area and in traditional communities bilingual. As a review of the literature, socio-historical and cultural questions about the *Karipuna* ethnic group of Amapá and the postulates of the areas of Linguistic Contact and Dialectology are discussed. The research adopted as the main theoretical and methodological presupposition the Pluridimensional and Contactual Dialectology (ALTENHOFEN; THUN, 2016), hereinafter “Contactual Dialectology”. As study object is the variety of portuguese spoken in Oiapoque (AP) and kheuól, a variety of french base spoken by the natives *Karipuna of Amapá*. The dimensions controlled in this study are: diatopic, diassexual, diagenational and dialingual. For each one, were delimited parameters that aided in the variational description and in the elaboration of linguistic maps that compose the microatlas. In this way, 36 informants from the following *Karipuna* ethnic groups, equivalent to the linguistic points, were interviewed: 01 - Manga, 02 - Santa Isabel, 03 - Espírito Santo, 04 - Açaizal, 05 - Curipi, 06 - Kariá, 07 - Ahumã, 08 - Ariramba and 10 - Kunanã. The localities are dispersed in three Indigenous areas: Uaçá, Galibi and Juminã. The highest concentration of the *Karipuna* is in the Uaçá Indigenous area. To obtain the results, a priori, analyzes were made on the social and sociolinguistic profile of the *Karipuna*, and then the analysis of the lexical maps made for the second volume of this work. The maps show the configuration of the lexical variation of portuguese and kheuól, contact varieties, where it is possible to note the interinfluence of both varieties, especially the overlapping of local Portuguese lexical variants under the kheuól lexicon. The results confirm the thesis that there is a strong presence of Portuguese spoken in Amapá, having it as the dominant variety in indigenous societies in the Oiapoque region, especially in areas that correspond to the group of *Karipuna do Amapá*.

Key-words: Contactual Dialectology. Lexical variation. Contact Portuguese. Kheuól. *Karipuna do Amapá*.

SANCHES, Romário Duarte. **Microatlas linguistique (portugais-kheuol) de la région indigène Karipuna d'Amapá**. Tese (Doutorado). Belém-PA: Universidade Federal do Pará (Programação de Pós-Graduação em Letras), 2020.

RESUMÉ

L'objectif principal de ce travail est de développer un microatlas linguistique (portugais-kheuól) de la région indigène appartenant au *Karipuna d'Amapá*, afin de présenter la configuration de la variation lexicale dans la région frontalière et dans les communautés traditionnelles bilingue. Comme une revue de la littérature, les questions socio-historiques et culturelles concernant l'ethnie *Karipuna d'Amapá* et les postulats de Contact Linguistique et de Dialectologie sont discutées. La recherche a adopté comme principal présupposé théorique et méthodologique la Dialectologie Pluridimensionnelle et Contactual (ALTENHOFEN; THUN, 2016), ci-après dénommée Dialectologie Contactual. L'objet de l'étude est la variété de portugais parlé à Oiapoque (AP) et de kheuól, une variété de base de française parlée par les indigènes *Karipuna d'Amapá*. Les dimensions contrôlées dans cette étude sont: diatopique, diassexuel, diagénérationnel et dialingual. Pour chacun d'eux, les paramètres ont été délimités à ce qui ont contribué à la description variationnelle et à l'élaboration des cartes linguistiques qui composent le microatlas. Ainsi, 36 informateurs appartenant aux groupes ethniques Karipuna, équivalents aux points linguistiques, ont été interrogés: 01 - Manga, 02 - Santa Isabel, 03 - Espírito Santo, 04 - Açaizal, 05 - Curipi, 06 - Kariá, 07 - Ahumã, 08 - Ariramba et 10 - Kunanã. Les localités sont dispersées sur trois Terres Indigènes: Uaçá, Galibi et Juminã. La plus forte concentration de *Karipuna* se trouve sur la Terre Indigène Uaçá. Pour obtenir les résultats, a priori, les analyses ont été effectuées sur le profil social et sociolinguistique du *Karipuna*, ensuite l'analyse des cartes lexicales ont été faites pour le deuxième volume de cet ouvrage. Les cartes montrent la configuration de la variation lexicale des variétés de contact portugaise et kheuól, où il est possible de noter l'interinfluence des deux variétés, en particulier le chevauchement des variantes lexicales portugaises locales sous le lexique de kheuól. Les résultats confirment la thèse selon laquelle il y a une forte présence du portugais parlé à Amapá, l'ayant comme variété dominante dans les sociétés indigènes de la région d'Oiapoque, en particulier dans les régions qui correspondent au groupe de Karipuna do Amapá.

Mots-clés: Dialectologie Contactual. Variation lexicale. Contactez le portugais. Kheuól. Karipuna do Amapá.

LISTA DE SIGLAS

ADDU-Norte – Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay
ALAP – Atlas Lingüístico do Amapá
ALERS – Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil
ALGR – Atlas Lingüístico Guaraní-Românico
ALiB – Projeto Atlas Lingüístico do Brasil
ALiPAI – Atlas Lingüístico do Português falado em Área Indígena
ALMA-H – Atlas Lingüístico-Contatual das minorias Alemãs na Bacia do Prata:
Hunsrückisch
ALSLIB – Atlas Lingüístico Sonoro das Línguas Indígenas do Brasil
AMIM – Associação das Mulheres Indígenas em Mutirão
APIO – Associação dos Povos Indígenas do Oiapoque
CCPIO – Conselho dos Caciques das Terras Indígenas do Oiapoque
CRANP – Coordenação Regional Amapá e Norte do Pará
CIFMG – Comissão de Inspeção de Fronteiras do Ministério da Guerra
CIMI – Conselho Indigenista Missionário
CLII – Curso de Licenciatura Intercultural Indígena
COOMACAF – Cooperativa de Motoristas Autônomos de Carros de Frete
DC – Dialetoлогия Contatual
DG – Dialetoлогия Geral
DPR – Dialetoлогия Pluridimensional e Relacional
DRC – Dialetoлогия Relacional e Contatual
FUNAI – Fundação Nacional do Índio
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IEPE – Instituto de Pesquisa e Formação Indígena
IFAP – Instituto Federal do Amapá
IPA – Alfabeto Fonético Internacional
KH - Kheuól
LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais
PT – Português
QFF – Questionário Fonético-Fonológico
QSL – Questionário Semântico-Lexical
Qsócio – Questionário Sociolingüístico
SIL – Summer Institute of Linguistics
SPI – Serviço de Proteção Indígena
TI – Terra Indígena
UEL – Universidade Estadual de Londrina
UFMS – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul
UFPA – Universidade Federal do Pará
UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UnB – Universidade de Brasília
UNIFAP – Universidade Federal do Amapá

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Estado do Amapá	22
Figura 02 – Território contestado pela França	27
Figura 03 – Terras Indígenas Uaçá, Galibi e Juminã	30
Figura 04 – População <i>Karipuna</i> dividida por áreas	38
Figura 05 – Fases dos estudos dialetais no Brasil	57
Figura 06 – Momentos dos estudos geolinguísticos no Brasil	57
Figura 07 – Esquema de configuração da geossociolinguística	62
Figura 08 – Esquema de Dialetologia Geral	65
Figura 09 – Esquema de Dialetologia Pluridimensional e Relacional	69
Figura 10 – Pontos de inquérito	93
Figura 11 – Organização do banco de dados	99
Figura 12 – Organização dos dados lexicais	100
Figura 13 – Organização das transcrições fonéticas	102
Figura 14 – Organização dos dados lexicais em quadros	106
Figura 15 – Base cartográfica	109
Figura 16 – Migração dos indígenas <i>Karipuna</i>	113
Figura 17 – Percepção do Grau de bilinguismo em relação à <i>fala</i>	121
Figura 18 – Grau de bilinguismo em relação à <i>leitura</i>	123
Figura 19 – Grau de bilinguismo em relação à <i>compreensão</i>	125
Figura 20 – Grau de bilinguismo em relação à <i>escrita</i>	127
Figura 21 – Carta P11 (garoa)	134
Figura 22 – Agrupamentos lexicais para <i>garoa</i> em PT	135
Figura 23 – Carta K11 (garoa)	136
Figura 24 – Agrupamentos lexicais para <i>garoa</i> em KH	138
Figura 25 – Carta K15 (anoitecer)	139
Figura 26 – Agrupamentos lexicais para <i>anoitecer</i> em KH	140
Figura 27 – Carta P43 (libélula)	141
Figura 28 – Agrupamentos lexicais para <i>libélula</i> em PT	143
Figura 29 – Carta P77 (cigarro de palha)	144
Figura 30 – Distribuição endêmica de espécies de <i>tauari</i>	145
Figura 31 – Agrupamentos lexicais para <i>cigarro de palha</i> em PT	146
Figura 32 – Carta K77 (cigarro de palha)	147
Figura 33 – Agrupamentos lexicais para <i>cigarro de palha</i> em KH	148
Figura 34 – Carta K16 (estrela d'alva)	151
Figura 35 – Carta K87 (estilingue)	153
Figura 36 – Carta P95 (interruptor de luz)	155
Figura 37 – Diferença entre <i>tomada</i> e <i>interruptor</i>	156
Figura 38 – Carta K101 (cueca)	158
Figura 39 – Carta P102 (calcinha)	160
Figura 40 – Carta P103 (rouge)	162
Figura 41 – Carta K31 (mutum)	167
Figura 42 – Carta P40 (boi sem chifre)	168
Figura 43 – Carta P41 (úbere)	170
Figura 44 – Carta P57 (vomitar)	172
Figura 45 – Carta P71 (madrasta)	174
Figura 46 – Carta K73 (pessoa pouco inteligente)	176

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – Terra Indígena Uaçá (BR 156)	31
Quadro 02 – Terra Indígena Uaçá (Rio Curipi)	31
Quadro 03 – Terra Indígena Uaçá (Rio Urukawá)	32
Quadro 04 – Terra Indígena Uaçá (Rio Uaçá)	32
Quadro 05 – Terra Indígena Galibi (Rio Oiapoque)	32
Quadro 06 – Terra Indígena Juminã (Igarapé Juminã)	33
Quadro 07 – População indígena <i>Karipuna do Amapá</i>	37
Quadro 08 – Consoantes do kheuól	47
Quadro 09 – Vogais do kheuól	47
Quadro 10 – Alfabeto do kheuól	48
Quadro 11 - Escala de empréstimos de Thomason e Kaufman (1988)	53
Quadro 12 – Classificação do fenômeno de contato lexical	54
Quadro 13 – Dimensões e parâmetros da Dialetoologia Pluridimensional	67
Quadro 14 – Premissas para uma Dialetoologia Contatual	71
Quadro 15 – Principais trabalhos em Dialetoologia Contatual	75
Quadro 16 – Dimensões e parâmetros da pesquisa	84
Quadro 17 – Aldeias selecionadas	89
Quadro 18 – Perfil dos informantes	97
Quadro 19 – Convenção de cores para transcrição fonética	101
Quadro 20 – Itens lexicais selecionados	102
Quadro 21 – Cartas lexicais selecionadas para análise diatópica	132
Quadro 22 – Cartas lexicais selecionadas para análise diasssexual	150
Quadro 23 – Cartas lexicais selecionadas para análise diageracional	165
Quadro 24 – Tipos de empréstimos do português sobre o kheuól	179
Quadro 25 – Misturas de empréstimos	179

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 – Representação por cores para respostas e não-respostas	110
Tabela 02 – Ocorrências para o item <i>garoa</i> em português	133
Tabela 03 – Ocorrências para o item <i>garoa</i> em kheuól	136
Tabela 04 – Ocorrências para o item <i>anoitecer</i> em kheuól	139
Tabela 05 – Ocorrências para o item <i>libélula</i> em português	140
Tabela 06 – Ocorrências para o item <i>cigarro de palha</i> em português	143
Tabela 07 – Ocorrências para o item <i>cigarro de palha</i> em kheuól	147
Tabela 08 – Ocorrências para <i>estrela d'alva</i> em kheuól	151
Tabela 09 – Ocorrências para <i>estilingue</i> em kheuól cf. variável sexo	153
Tabela 10 – Ocorrências para <i>interruptor de luz</i> em português cf. variável sexo ..	154
Tabela 11 – Ocorrências para <i>cueca</i> em kheuól cf. variável sexo	157
Tabela 12 – Ocorrências para <i>calcinha</i> em português cf. variável sexo	159
Tabela 13 – Ocorrências para <i>rouge</i> em português	161
Tabela 14 – Ocorrências para <i>mutum</i> em kheuól	166
Tabela 15 – Ocorrências para <i>boi sem chifre</i> em português	167
Tabela 16 – Ocorrências para <i>úbere</i> , em português	169
Tabela 17 – Ocorrências para <i>vomitar</i> em português	171
Tabela 18 – Ocorrências para <i>madrasta</i> em português	173
Tabela 19 – Ocorrências para <i>pessoa pouco inteligente</i> em kheuól	175

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 – Informantes nascidos em outras localidades	114
Gráfico 02 – Naturalidade paterna dos informantes	115
Gráfico 03 – Naturalidade materna dos informantes	115
Gráfico 04 – Escolaridade	116
Gráfico 05 – Ocupação profissional	117
Gráfico 06 – Prática religiosa	117
Gráfico 07 – Contato com a televisão	118
Gráfico 08 – Contato com o rádio	118
Gráfico 09 – Contato com jornal impresso	119
Gráfico 10 – Contato com revista impressa	119
Gráfico 11 – Percepção do grau de bilinguismo em relação à <i>fala</i>	120
Gráfico 12 – Percepção do grau de bilinguismo em relação à <i>leitura</i>	122
Gráfico 13 – Percepção do grau de bilinguismo em relação à <i>compreensão</i>	124
Gráfico 14 – Percepção do grau de bilinguismo em relação à <i>escrita</i>	126
Gráfico 15 – Uso frequente das variedades linguísticas	128
Gráfico 16 – Eventos de aprendizagem das variedades faladas	129
Gráfico 17 – Pessoas com quem fala o português e o kheuól	130
Gráfico 18 – Fase da vida em que aprendeu a segunda língua	130
Gráfico 19 – Ausência de respostas em português e em kheuól	184
Gráfico 20 – Ausência de respostas de acordo com o perfil do informante	184

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	16
2	ÍNDIOS MISTURADOS DO AMAPÁ	20
	2.1 POVOS INDÍGENAS DA REGIÃO DO OIAPOQUE	21
	2.2 OS <i>KARIPUNA DO AMAPÁ</i>	34
	2.3 VARIEDADE CRIOLA FALADA PELOS <i>KARIPUNA</i>	42
3	CONTATO LINGUÍSTICO E DIALETOLOGIA.....	51
	3.1 CONTATO LINGUÍSTICO E EMPRÉSTIMO LINGUÍSTICO.....	51
	3.2 RUMOS DA DIALETOLOGIA NO BRASIL	56
	3.3 DIALETOLOGIA CONTATUAL	67
	3.4 ESTUDOS EM DIALETOLOGIA CONTATUAL NO BRASIL	74
4	METODOLOGIA	84
	4.1 NOTAS SOBRE A PESQUISA DE CAMPO	85
	4.2 PONTOS DE INQUÉRITO	89
	4.3 INSTRUMENTOS DE PESQUISA.....	94
	4.4 SELEÇÃO DOS INFORMANTES	96
	4.5 TRATAMENTO E DELIMITAÇÃO DOS DADOS	99
	4.6 CARTOGRAFIA LINGUÍSTICA	105
5	RESULTADOS DA PESQUISA	112
	5.1 ANÁLISE DO PERFIL SOCIAL DOS <i>KARIPUNA</i>	112
	5.2 ANÁLISE DO PERFIL SOCIOLINGUÍSTICO DOS <i>KARIPUNA</i>	120
	5.3 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DAS CARTAS LINGUÍSTICAS	132
	5.3.1 ANÁLISE DA DIMENSÃO DIATÓPICA	132
	5.3.2 ANÁLISE DA DIMENSÃO DIASSEXUAL	150
	5.3.3 ANÁLISE DA DIMENSÃO DIAGERACIONAL	165
	5.3.4 ANÁLISE DA DIMENSÃO DIALINGUAL	178
	5.3.5 DESCRIÇÃO DO REPERTÓRIO LEXICAL DOS INFORMANTES ...	182
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	186
	REFERÊNCIAS.....	192
	APÊNDICES	204
	ANEXOS	227

1 INTRODUÇÃO

O Amapá possui um território de 142.828,521 km², com vasta riqueza florestal, hidrográfica e mineral. A história do Estado está intrinsecamente relacionada à história da Amazônia Brasileira, região marcada por disputas territoriais, pelo processo de extração e comercialização de especiarias, seguido pela exploração de minérios. As fontes históricas do século XVIII e XIX, sobre a formação étnico-cultural do Amapá, registram a presença de descendentes europeus, indígenas e negros. Já no século XX, o Amapá ganha novos habitantes, atraídos pela propaganda do “desenvolvimento econômico brasileiro”. Nesse período, evidencia-se o grande fluxo migratório de pessoas advindas principalmente dos estados do Pará e do Maranhão.

Em consonância com as características dos demais estados da Região Norte, no Amapá é perceptível nos hábitos e costumes da população elementos das culturas africanas, indígenas e europeias (francesa e, em especial, portuguesa). Essa complexidade étnica, retratada de forma geral na história do Brasil, constitui identitariamente o povo amapaense que, por sua vez, expressa traços linguísticos peculiares, deixados por outros povos, em decorrência do contato cultural inerente ao processo histórico de formação do Estado.

No que diz respeito ao aspecto linguístico, a língua oficial falada no Amapá (além da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS) é o português. Diferentemente de outras regiões brasileiras que possuem línguas cooficializadas como: o nheengatu, tukano e baniwa, no município de São Gabriel da Cachoeira - AM; o pomerano, em Santa Maria de Jetibá - ES e em Pomerode - SC; o guarani em Tacuru - MS e entre outras. O fato é que a Amazônia brasileira é plurilíngue e concentra o maior número de línguas indígenas do Brasil.

No caso do Amapá, as variedades faladas por indígenas na região são: o kheuól, falado pela etnia *Galibi-Marworno* e *Karipuna*; o kalinã, pela etnia *Galibi Kalinã*; o parikwaki, pelos *Parlikur*; o wajãpi, pelo povo *Wajãpi*; o apalaí, por indígenas do grupo *Apalaí*; o tirió, por indígenas *Tyrió*; e o wayana, falado pela etnia *Wayana*¹.

O conhecimento dessa realidade linguística desfaz a ideia do monolinguismo e, em contrapartida, dá voz às comunidades indígenas, quilombolas e surdas do Amapá. Compreender a complexidade linguística e cultural amapaense significa considerar aspectos da formação sócio-histórica, entrelaçados pelos diferentes contatos ao longo do tempo. No

¹ As três últimas línguas citadas são faladas pelos povos que habitam o Parque do Tumucumaque, no Amapá e no norte do Pará.

entanto, a carência de estudos linguísticos no Estado, sobretudo no campo da Geolinguística, tem dificultado desvelar a complexidade dessa realidade linguística.

Na tentativa de suprir a ausência de estudos linguísticos acerca da realidade amapaense, em 2010, foi criado o Grupo de Pesquisa Atlas Linguístico do Amapá (ALAP), coordenado pelo professor Abdelhak Razky e pela professora Celeste Ribeiro, no qual iniciei minhas atividades de pesquisa. Desde então, busquei integrar outros grupos e projetos de pesquisa, como o GeoLinTerm (Geossociolinguística e Socioterminologia) e o ALiB (Atlas Linguístico do Brasil), em ambos os projetos venho desenvolvendo estudos sobre a variação lexical do português.

Minha participação nesses grupos foi essencial para minha formação como pesquisador, pois forneceu bases teórico-metodológicas, dentro do escopo da Dialetologia e da Geolinguística, para compreender o português falado no Amapá, o que resultou em minha Dissertação de Mestrado² e, posteriormente, na publicação do primeiro Atlas Linguístico do Amapá (ALAP). Esses trabalhos instigaram meu desejo em conhecer cada vez mais a variedade do português amazônico, para além da área urbana, como em áreas de fronteira e pertencentes a grupos étnicos tradicionais.

O projeto de pesquisa que deu origem a esta Tese foi motivado pelo interesse em estudar a diversidade étnico-linguística no estado do Amapá, levando em consideração os novos rumos da pesquisa dialetológica no Brasil, com a aplicação do método geolinguístico em comunidades tradicionais. A partir dessa motivação, no ano de 2014, foi criado um novo eixo de pesquisa do Grupo GeoLinTerm, coordenado pelos professores Abdelhak Razky, Alcides Lima e Marilucia Oliveira. Trata-se do eixo sobre o português falado em áreas indígenas brasileiras, no qual está inserido o Projeto ALiPAI (Atlas Linguístico do Português Falado em Áreas Indígenas). Com base nisso, propus-me a investigar a variação lexical do português e do *kheuól*, variedades faladas por indígenas *Karipuna* da região do Oiapoque, no Amapá.

Esta Tese, além de contribuir para os estudos dialetológicos e geolinguísticos no Brasil, em específico, no Amapá, mostra-se inédita, pelo fato de não haver registro de pesquisas sobre as variedades de contato no Oiapoque; neste caso, cita-se o português e o *kheuól*, tendo em vista a necessidade de conhecer os usos lexicais da região, buscando entender como se configuram, linguisticamente, variedades coexistentes na fronteira Brasil-Guiana Francesa. Esta proposta busca suprir lacunas da área de pesquisa, uma vez que a

² A Dissertação de Mestrado foi defendida em 2015, na Universidade Federal do Pará (UFPA), com o título “Variação lexical nos dados do Projeto Atlas Geossociolinguístico do Amapá”.

Dialetologia concentrou-se na investigação de comunidades de fala da área urbana e rural, em sua maioria, monolíngues, com foco na língua majoritária falada por nativos de uma determinada localidade.

Neste sentido, o objetivo central do trabalho consiste em elaborar um Microatlas Linguístico (português-kheuól) da área indígena pertencente aos *Karipuna do Amapá*, na intenção de investigar a configuração da variação lexical de línguas de/em contato. Com base nesse objetivo, sustento a tese de que a partir do mapeamento lexical, sob a perspectiva da Dialetologia Contatual, é possível constatar a forte influência do português falado no Amapá sobre o kheuól, variedade falada pelo povo *Karipuna*. De tal modo, o português vem assumindo o *status* de variedade dominante nas sociedades indígenas da região do Oiapoque, sobretudo, nas áreas que correspondem ao grupo dos *Karipuna do Amapá*.

Para sustentar a tese, busquei responder às seguintes questões: a) o modelo de Dialetologia Pluridimensional e Contatual é aplicável em área indígena com falantes bilíngues? b) Por se tratar de um microatlas de contato, quais as orientações metodológicas para a cartografia linguística? c) Como se configura a variação lexical do português de contato com o kheuól? d) Como se configura a variação lexical do kheuól de contato com o português? e) Como se configura o bilinguismo entre os *Karipuna do Amapá*?

O trabalho está organizado em dois volumes, o volume 1³ está dividido em seis capítulos: 1) Introdução; 2) Índios misturados do Amapá; 3) Contato Linguístico e Dialetologia; 4) Orientações metodológicas; 5) Apresentação e Análise dos resultados da pesquisa e 6) Considerações finais.

No primeiro capítulo, faço uma breve contextualização do cenário histórico e linguístico do Amapá. Em seguida, apresento a tese a ser defendida, o objeto de pesquisa, o objetivo geral, as hipóteses levantadas e as motivações para tal estudo.

No segundo capítulo, abordo a situação étnico-linguística da região do Oiapoque, no estado do Amapá, onde convivem diferentes grupos de descendência brasileira e estrangeira, falantes de línguas indígenas, crioulas e variedades do português. A principal referência para construção deste capítulo foi a obra de Tassinari (2003) que trata do percurso histórico e de questões etnográficas dos *Karipuna do Amapá*. Deste modo, o capítulo foi desenvolvido em três subcapítulos. O primeiro discute, de forma geral, a região do Oiapoque, destacando a ocorrência de fontes históricas que versam sobre os povos indígenas e não-indígenas que ali coexistiram. O segundo está voltado para as práticas sociais e culturais específicas do grupo

³ O volume 2 contempla o atlas linguístico com 106 mapas lexicais.

Karipuna. O terceiro aborda a variedade crioula falada pelos *Karipuna*, reunindo trabalhos sobre o *kheuól*, como gramáticas e dicionários.

No terceiro capítulo, busco sustentar a ideia de que há uma Dialetologia Contatual no Brasil. Este capítulo está subdividido em quatro subcapítulos. No primeiro, comento os postulados da área de Contato Linguístico, abordando os principais conceitos, bem como, o de empréstimo linguístico. No segundo, apresento os rumos que a Dialetologia no Brasil vem assumindo, citando alguns dos desdobramentos teóricos. Traço um panorama geral dos principais trabalhos geolinguísticos já realizados, situando a existência de uma Dialetologia Geral e de suas possíveis vertentes como a Dialetologia Contatual. Esta foi detalhada no subcapítulo seguinte, a partir do modelo de Dialetologia Pluridimensional e Relacional (THUN, 1998). Ao término deste subcapítulo, elenco os principais trabalhos que trazem em seus aparatos metodológicos aspectos da Dialetologia Contatual, contemplando questões em torno da migração populacional, do bilinguismo e do contato linguístico.

No quarto capítulo, discuto as orientações metodológicas adotadas para este trabalho, especificamente para a elaboração do microatlas linguístico. Deste modo, apresento seis subcapítulos: primeiro faço um relato de experiência da pesquisa de campo, em seguida, comento sobre os pontos de inquérito pesquisados, depois os instrumentos da pesquisa, a seleção dos informantes, o tratamento dos dados e, por último, mostro os procedimentos metodológicos adotados para cartografia linguística. Em suma, a metodologia apresenta três momentos: a preparação para a pesquisa de campo, a pesquisa de campo propriamente dita e a sistematização dos dados coletados para a elaboração de cartas linguísticas.

No quinto capítulo, apresento os resultados da pesquisa ao longo de três subcapítulos. No primeiro, descrevo o perfil social dos informantes entrevistados, evidenciando aspectos gerais como: a naturalidade, a escolaridade, a profissão, a religião e os tipos de contato com os meios de comunicação. No segundo, analiso o perfil sociolinguístico dos informantes, identificando seu grau de bilinguismo. O terceiro e último subcapítulo, destino à exposição das cartas lexicais e à análise da configuração da variação lexical do português e do *kheuól*.

No último capítulo, faço as considerações finais, retomando os capítulos anteriores, na intenção de sustentar a tese e responder às problemáticas que nortearam a pesquisa, além de mostrar como o objetivo principal do trabalho foi alcançado, resultando no Microatlas Linguístico (português-*kheuól*) da área indígena dos *Karipuna do Amapá*.

2 ÍNDIOS MISTURADOS DO AMAPÁ

Neste capítulo, discuto as relações sócio-históricas e culturais dos povos indígenas do Oiapoque, buscando traçar um panorama geral da complexidade étnico-cultural e linguística da referida região. Destaco que o ponto central é abordar questões relacionadas à sociedade indígena *Karipuna*, isto é, de falantes da variedade crioula denominada *kheuól*. É importante ressaltar que as discussões sobre o Oiapoque e a diversidade étnico-linguística desta região serão comentadas de forma breve e não serão exauridas aqui. Assim, busco dar maior ênfase aos aspectos históricos, culturais e linguísticos do povo indígena *Karipuna*.

Antes de adentrar na descrição dos subcapítulos, noto a pertinência de justificar o título deste capítulo. A expressão *índios misturados*⁴ consiste em uma autodenominação dos indígenas da etnia *Karipuna*. Por esse motivo, optei por usar esta expressão como uma afirmação política e identitária do povo *Karipuna* que há séculos tem sua condição indígena constantemente questionada, sendo considerados erroneamente pela população “branca” como não-indígenas.

É importante lembrar que, como em qualquer outra sociedade moderna, os povos indígenas também buscam acompanhar as mudanças sociais e tecnológicas ocorridas nos últimos séculos. Entretanto, para pessoas desprovidas de conhecimento científico-cultural dos povos indígenas do Brasil, há uma forte crença de que indígenas misturados não podem continuar se assumindo como índios.

Essa concepção conservadora, vinculada à imagem do indígena, ainda persiste no pensamento dos brasileiros, mesmo que se observem novas abordagens antropológicas sobre o indígena contemporâneo, como a concepção pós-moderna de identidade (HALL, 2006), que entende como um organismo fluído e construído em termos históricos, sociais e culturais.

Com base nisso, é possível dizer que o fato de haver indígenas usufrindo de aparelhos eletrônicos como celulares e computadores ou, até mesmo, conduzindo um automóvel, não caracteriza a perda de identidade, e sim a possibilidade de afirmar que houve a adição de novas identidades. Os indígenas modernos estão apenas adaptando suas necessidades às exigências do mundo globalizado, assim como nós “brancos” já fizemos e ainda prosseguimos nesse processo de mudança.

⁴ O termo *Karipuna*, usado como autodenominação por essa população, indica uma identidade de “índios misturados”, “civilizados” ou “avançados”. Essa autodenominação é assumida pelas famílias *Karipuna*. Nesse sentido, a noção de “mistura”, expressa pelas famílias, refere-se à sua origem heterogênea, bem como às constantes alianças que estabelecem com indivíduos ou famílias estrangeiras (TASSINARI, 2003, p. 16).

2. 1 POVOS INDÍGENAS DA REGIÃO DO OIAPOQUE

O atual município de Oiapoque, criado pela Lei nº 7.578, em 23 de maio de 1945, está localizado ao norte do estado do Amapá, a 590 km da capital Macapá, sendo acessado por via aérea, rodoviária e marítima. O município é constituído de três distritos: Oiapoque, Clevelândia e Vila Velha. Limita-se, ao norte, com a Guiana Francesa; ao sul, com Calçoene, Serra do Navio e Pedra Branca do Amaparí; a oeste, com Laranjal do Jari e, a leste, com o Oceano Atlântico, distribuído em uma área que ocupa 22.625 km², com uma população de 24.263 habitantes⁵.

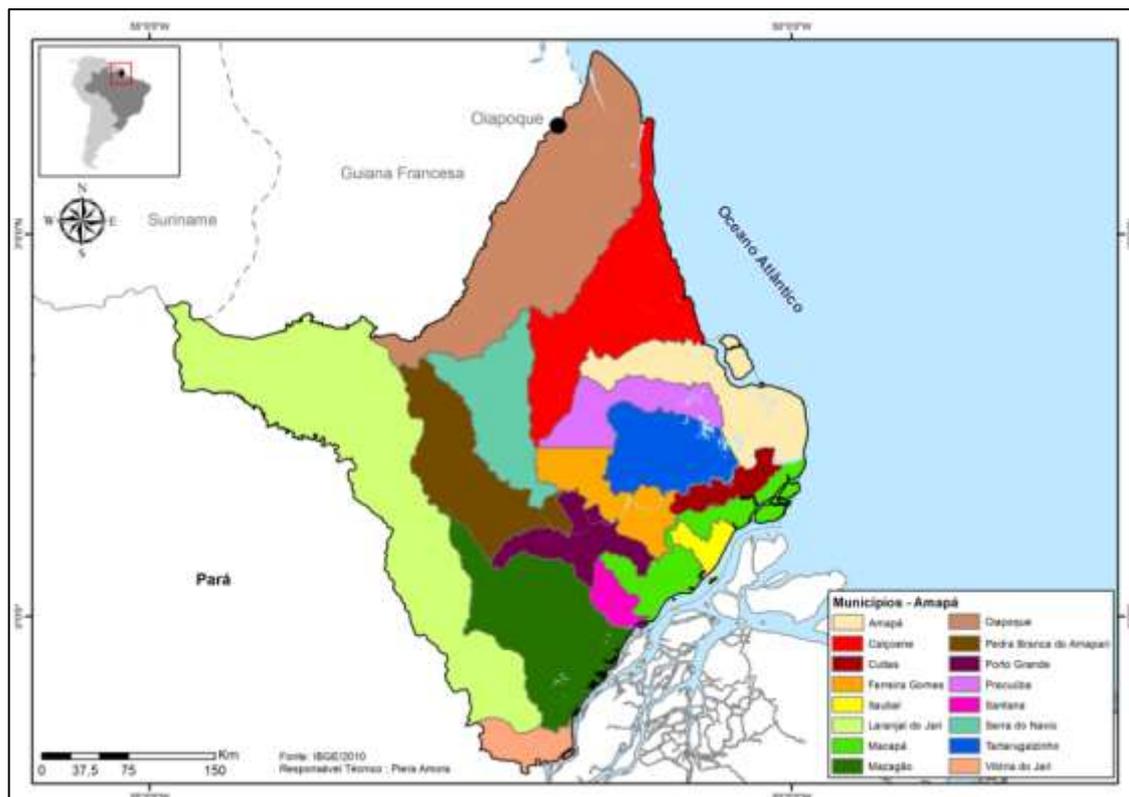
A cidade de Oiapoque faz fronteira com *Saint Georges*, pequena cidade francesa, pertencente à Guiana Francesa, localizada na margem esquerda do Rio Oiapoque, zona limítrofe que divide o Brasil da Guiana Francesa.

Com base nos dados do IBGE (2010), a economia do Oiapoque concentra-se predominantemente no setor de serviços terceirizados. Na área educacional, o município conta com escolas da rede estadual, municipal e particular, além de um *campus* do Instituto Federal do Amapá (IFAP) com a oferta de cursos técnicos. E, também, o *campus* Binacional, vinculado à Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) com ensino superior.

A Figura 01, abaixo, mostra o mapa do estado do Amapá, delimitando as fronteiras geopolíticas no âmbito internacional (Suriname e Guiana Francesa), nacional (Pará) e estadual (todos os 16 municípios que compõem o Amapá) e, em destaque, a localização da sede municipal de Oiapoque.

⁵ Estimativa de 2015. Informação extraída dos dados do IBGE (2010).

Figura 01 - Estado do Amapá



Fonte: Razky, Ribeiro e Sanches (2017, p. 52), adaptado pelo autor.

Chamo atenção para o uso do termo “região do Oiapoque”, expressão que será constantemente usada no decorrer do texto. Ao mencionar a “região do Oiapoque”, não me refiro apenas ao município amapaense, mas a todo o seu entorno, que envolve as populações indígenas, quilombolas, caboclas, migrantes e imigrantes. Na história da região, há questões cruciais que serão apontadas aqui na intenção de compreender a complexidade étnica, cultural e linguística da região.

Nascimento e Tostes (2008, p. 2) afirmam que “os primeiros sinais de povoamento do município de Oiapoque ocorreram no século XIX, com a chegada de cidadãos guianenses e antilhanos que ocuparam o lugar dos índios *Oyãmpis*⁶, e que migraram para a Serra do Tumucumaque”. No entanto, essa afirmação dos autores parece-me baseada em uma visão colonizadora e rasa que assume a negação do povoamento da região pelos povos indígenas em detrimento dos cidadãos guianenses e antilhanos, como se observa no trecho: “(...) de fato, o povoamento do município só se deu no século XIX (...) com a chegada de cidadãos guianenses e antilhanos” (*loc. cit.*). Neste sentido, seria oportuno afirmar que o povoamento da região do Oiapoque se deu inicialmente pelos povos indígenas⁷ e, em seguida, por outros

⁶ Referindo-se ao povo *Wajãpi*.

⁷ Essas informações poderão ser apreciadas no subcapítulo a seguir.

cidadãos, independentemente dos processos de urbanização da cidade. Etimologicamente, o nome “Oiapoque”, de origem Tupí-Guaraní, deriva do termo “*oiap-oca*”, que significa “casa dos Wajãpi” (cf. CHIADARA, 2008, p. 481).

Uma informação frequentemente reconhecida pela população oiapoquense diz respeito à narrativa que justifica a “origem” do município de Oiapoque a partir da figura de um morador mestiço, chamado Emile Martinic, a quem se considera o primeiro habitante não indígena do município. Em decorrência dessa pretensa origem passou-se a denominar a localidade como “Martinica”.

A história da cidade de Oiapoque tem suas imprecisões, assim como a história dos povos indígenas do Oiapoque. Neste trabalho, busquei reunir informações consideradas relevantes para caracterizar os povos indígenas dessa região. O levantamento bibliográfico⁸ exposto aqui também está contemplado na Tese de Doutorado de Antonella Tassinari, publicada em 2003, em forma de livro. Trata-se de um trabalho histórico e etnográfico sobre os povos indígenas do Oiapoque, precisamente sobre a etnia *Karipuna do Amapá*.

Tassinari (2003) traz ao leitor uma extensa compilação de fontes históricas (do século XVI até o final do século XX) sobre as sociedades indígenas da região do Oiapoque. Além disso, a autora, na condição de antropóloga, faz uma descrição etnográfica, considerada inexistente sobre aquela região até os anos de 1990, explorando inúmeros detalhes que compõem a paisagem histórica, social e cultural da região.

É possível assegurar que a caracterização dos povos indígenas da região do Oiapoque está relacionada com o processo de ocupação, de exploração e de povoamento da Amazônia brasileira. Destaco mais adiante os principais aspectos sócio-históricos sobre as populações indígenas da região do Oiapoque, mencionando fontes históricas que se estendem do século XVI até meados do século XX.

O cenário descrito nos textos que versam sobre a história do Oiapoque focaliza a região do baixo Oiapoque. Tassinari (2003) mostra que no século XVI diversas etnias indígenas, de diferentes famílias linguísticas (Aruák, Karíb e Tupí-Guaraní), estiveram em contato com grupos de nacionalidades distintas (franceses, portugueses, holandeses, ingleses), além de negros refugiados ou alforriados. A maioria dos estrangeiros fazia parte de expedições missionárias, comerciais, armadas ou científicas, e, de alguma forma, estabeleceu diferentes contatos.

⁸ Constatei em outros trabalhos, não menos importantes, o cunho antropológico das sociedades indígenas da região do Oiapoque, na figura de Lux Vidal (2009) e de Gallois (2009).

Cada qual, entre nativos e estrangeiros, de acordo com as contingências e interesses próprios, estabeleceram aliança, trocas ou fizeram guerras. Nesse processo, ao qual, nos séculos subsequentes, uniram-se populações negras refugiadas ou alforriadas, bem como grupos indígenas foragidos de perseguições, algumas etnias indígenas desapareceram, outras fundiram-se ou foram incorporadas em grupos maiores, outras ainda se formaram, processos que geraram os atuais povos indígenas do Uaçá (TASSINARI, 2003, p. 82).

No século XVI, é possível averiguar como registro de fonte histórica sobre os povos do Oiapoque os relatos de Vicente Pinzón (1513)⁹, de Manuel de Valdorinos (1515)¹⁰ e de Oriedo (1548)¹¹. No início do século XVII, têm-se os relatos de Mocquet (1617) e D'Avity (1643), fazendo menção ao país dos *Caripous*, vizinho dos *Caribes*¹², sendo os dois habitados por povos “inimigos”. A partir disso, os nomes das atuais etnias que habitam o Oiapoque já eram conhecidas pelos europeus desde o início da Conquista (TASSINARI, 2003, p. 83).

No século XVII, conforme Paranhos (1945) e Hurault (1972), foram empreendidas as primeiras tentativas de estabelecimento de colônias europeias no Oiapoque (de origem inglesa, francesa e holandesa), como a de Charles Leigh (1604), de Harcourt (1608), de Edward Harvey (1617), de Padres Capuchinhos (1624) e outras. Boa parte dessas expedições durou pouco, não cumprindo com o objetivo dos povos de se fixarem na região. Já na segunda metade desse século, os franceses fixaram-se definitivamente em Caiena, entretanto, o contingente indígena do litoral foi reduzido a 3.500 pessoas entre os rios *Cachipour* (atualmente denominado de rio Cassiporé) e *Maroni*, entre os quais se verificou a existência de aproximadamente quarenta indígenas *Yaos*.

Outro registro importante, datado do final do século XVII, corresponde à migração do grupo *Aroua*, que se refugiou na Guiana Francesa em decorrência das políticas portuguesa.

A migração dos Arouas é acompanhada de outros povos no século seguinte, pressionados pelos portugueses: Tocoyennes e Maraones buscam as proximidades de Caiena, enquanto os Koussari, Makapa e outras tribos do interior se refugiam no alto Oiapoque. Os Arouas chegam a ser escravizados pelos franceses num episódio conturbado que termina com a queda do governador da Guiana e com a tentativa de retratação da parte dos franceses. O final do século XVII ainda assiste a um tratado de paz entre os índios Palicour e Galibi, firmado em 1691 por intermédio do governador em cerimônia pública (TASSINARI, 2003, p. 87).

No século XVIII, os grupos indígenas da região do Oiapoque sofreram pressões tanto do lado dos colonizadores portugueses quanto de grupos indígenas, assim como dos negros

⁹ *Apud* Caetano da Silva (1861).

¹⁰ *Apud* Paranhos (1945).

¹¹ *Apud* Caetano da Silva (1861).

¹² A atual Guiana era designada pelos autores da segunda metade do século XVII por “país dos *Caribes*” ou “*Caribana*” (TASSINARI, 2003, p. 83).

refugiados no Suriname, como os *Djuka*, *Samaraka e Boni*. De acordo com Hurault (1972), as missões jesuíticas (1758-1763) percorreram o interior da região do Oiapoque e não obtiveram êxito por várias razões. Uma delas foi a mudança na política de catequese que, inicialmente, consistia na evangelização em todas as aldeias. Mas, aos poucos, os missionários optaram pela concentração de indígenas próximos aos locais nos quais os padres se instalavam. Essa circunstância, no caso da missão Kourou, favoreceu o aparecimento de doenças com grande taxa de mortalidade. Além da propagação rápida de enfermidades, as missões tiveram vários problemas, o que dificultava o diálogo entre os padres e a população indígena oriunda de diferentes grupos linguísticos.

No final do século XVIII, registrou-se o ataque abrupto da coroa portuguesa, que se instalou na região com o objetivo de ocupar e despovoar o território até então contestado pela França. Trata-se do período no qual as “expedições portuguesas queimam aldeias, destroem estabelecimentos e casas de colonos franceses, invadem os territórios das missões, aprisionam a população indígena e deportam para o Amazonas” (TASSINARI, 2003, p. 93).

Para Nimuendaju (1926, p. 11), no século XVIII, a maioria dos *Aruá (Aroua)* refugiou-se no alto Uaçá¹³. O autor relata que entre esses indígenas também constava um número significativo de grupos que falavam a Língua Geral Tupi, e que, na Guiana, foram denominados de *Karipuna*.

Em relação ao século XIX, Harault (1972) demonstra que os dados sobre as populações indígenas do Oiapoque estão restritos aos relatos feitos pelos viajantes. As expedições foram realizadas com objetivos diversos, nelas, os viajantes estabeleceram contato com os *Wajãpi*, *Wayana* e *Émerillon*. O autor comenta que durante o século XIX estabeleceram-se no Oiapoque vários grupos indígenas vindos do território contestado e de outros lugares do Brasil, alguns dizimados pelas epidemias e pela exploração da mão de obra. Tassinari (2003) lembra que nesse período houve migração indígena de refugiados da Cabanagem¹⁴.

Com a chegada de diferentes povos na região do Oiapoque, uma nova configuração étnica foi se formando, como apontam Crevaux (1883) e Coudreau (1893) (*apud* TASSINARI, 2003, p. 95), ao descreverem a população indígena mestiça e “creolizada” existente naquela área. Coudreau (1893, p. 285) menciona o surgimento de um “novo elemento étnico” no baixo Oiapoque: o índio mestiço ou civilizado. Em face do relato feito

¹³ Atualmente área indígena da região do Oiapoque demarcada.

¹⁴ Di Paolo (1986) menciona a Revolução Cabana ou Cabanagem como um dos maiores movimentos revolucionário-popular na Amazônia que durou de 1834 a 1840. O movimento lutava contra inúmeras medidas do império português na Amazônia. Os cabanos estavam inconformados com a desorganização social e econômica da região, com a depopulação indígena, tapuia e cabocla, além da imposição da Língua Portuguesa como língua oficial.

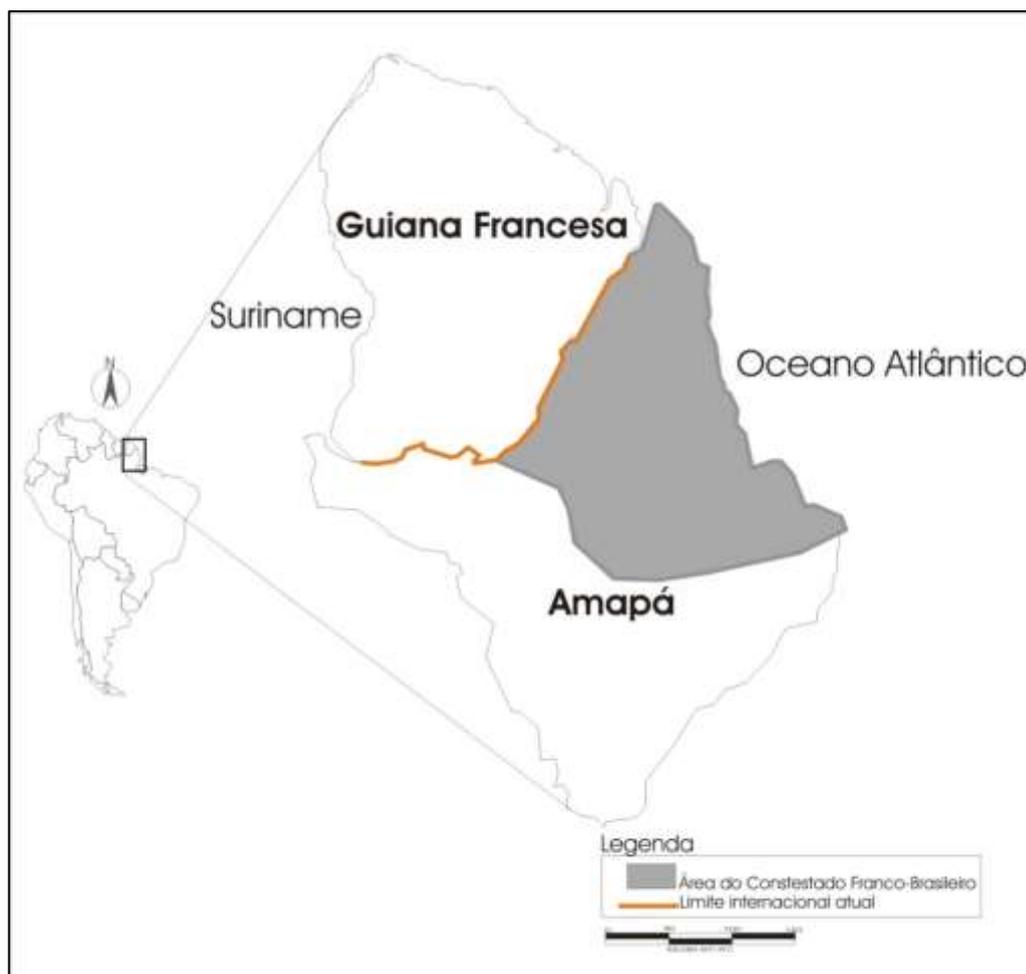
por Hurault (1972, p. 178), tem-se uma visão alarmante da situação dos indígenas do baixo Oiapoque, tendo em vista que eles: “desapareceram totalmente no curso do século XIX, seja pela destruição física seja pela fusão com a população das colônias”.

Percebe-se que, no curso do século XIX, o contato entre os diferentes grupos étnicos, assim evidenciado a partir dos relatos de viajantes, caracterizando a diversidade linguística e étnica da região. Durante o século XX, atesta-se a presença do Governo brasileiro e de órgãos missionários no Oiapoque. Para Tassinari (2003), conhecer a história recente é fundamental, no que diz respeito à possibilidade de assimilar a identidade coletiva compartilhada pelos grupos indígenas que habitam a região.

Coudreau, que visitou a bacia do Uaçá, fala que as vilas do Couripi, Ouassa e Roucaua constituem ‘verdadeiras aldeias de índios’. Sobre as etnias que habitavam a região, menciona brasileiros refugiados do Curipi, Arouas no Uaçá, Palicours no Urukauá, bem como alguns indivíduos Caripounes residentes no Uaçá e Curipi. A maioria dessa população sabia falar o patois de Caiena, mas Coudreau afirma serem também falantes de seus idiomas específicos: aroua, palicour, caripoune e mesmo do maraone, que na ocasião não mais distinguia uma etnia (TASSINARI, 2003, p. 97).

O começo do século XX foi marcado pela decisão do laudo suíço que determinou que a região contestada pela França (cf. Figura 02), a saber, a região do Oiapoque, passasse a pertencer ao Brasil. Esse fato dá início a uma política de “abrasileiramento” da região. Tassinari (2003, p. 99) mostra que a decisão do laudo suíço provoca uma imigração imediata das famílias *Palikur* para a Guiana Francesa, sobretudo em função desta comunidade não compreender a língua portuguesa, bem como, pelo receio dos serviços da alfândega brasileira. No entanto, a partir do ano de 1914, a maioria dessas famílias retorna para o Urukawá, em virtude de doenças que se alastraram na localidade anterior.

Figura 02 – Território contestado pela França



Fonte: Silva e Rückert (2009, p. 06).

Na Figura 02, tem-se a ilustração da área do contestado franco-brasileiro, destacada na cor cinza os atuais municípios de Oiapoque, Calçoene, Amapá, Pracuúba, Serra do Navio e Tartarugalzinho. No que diz respeito à urgência de se “abrasileirar” a população da região contestada, sobretudo o povo indígena considerado francês, foram executados projetos de ocupação do território, a exemplo da criação da Comissão Colonizadora do Oiapoque. Na vila Martinica¹⁵, a comissão fundou, no ano de 1922, a Colônia Agrícola de Clevelândia, recebendo pessoas provenientes principalmente do Nordeste.

Tassinari (2003, p. 99) discorre que, no ano de 1924, o povo indígena considerado francês teve que “dividir os alojamentos com 1630 presos políticos, opositores do governo de Artur Bernardes, enviados para a fronteira de modo a dificultar pedidos de *habeas corpus*”. A tentativa colonizadora por meio da colônia agrícola fracassou, uma vez que, no ano seguinte, verificou-se nessa área a difusão de doenças, vitimando boa parte dos colonos e de presos

¹⁵ Onde atualmente se localiza a sede do município de Oiapoque.

políticos. Em decorrência do fracasso, os sobreviventes foram transferidos para a Vila Martinica.

Em 1927, o Governo brasileiro volta atenção para as populações indígenas da região, por iniciativa da Comissão de Inspeção de Fronteiras do Ministério da Guerra (CIFMG), chefiada pelo general Rondon. Esta comissão, em seus relatórios, já assinalava a implantação de postos indígenas e escolas, como forma de inserir a população indígena na sociedade.

A inserção de escolas em área indígena, que ocorreu durante o ano de 1934, tem início de forma precária, por meio de estruturas inadequadas oferecidas aos profissionais que atuavam nas aldeias. Segundo Tassinari (2003), a escola teve papel decisivo na formação da atual identidade dos povos indígenas, bem como, na propagação do português e na configuração de novas aldeias. Juntamente com a implantação das escolas, constatou-se a imposição do sentimento nacionalista, já que os alunos indígenas foram instruídos a hastear a bandeira brasileira, comemorar o feriado de Sete de Setembro, cantar o hino nacional e estimulados a praticar futebol¹⁶.

Na metade do século XX, sucederam outros fatores que contribuíram para a história da região, a exemplo da migração de famílias *Galibi do Mana*, na Guiana Francesa, e da instalação dos missionários batistas do *Summer Instituto of Linguistic* (SIL), na presença do casal Harold e Diana Green¹⁷. Durante a década de 1970, observou-se também a presença da Fundação Nacional do Índio (FUNAI) e do Conselho Indigenista Missionário (CIMI).

A FUNAI implantou diversos postos indígenas e incentivou a ocupação da área indígena na BR-156¹⁸, proporcionando a criação de novas aldeias. Para Tassinari (2003), a presença do CIMI, representada pelo padre Nello Ruffaldi e pela irmã Rebecca Spires, ajudou os indígenas a desenvolver uma identidade conjunta, compartilhada por quatro povos indígenas do Oiapoque, que põem em prática projetos voltados à autonomia dos grupos, no intuito de valorizar a cultura local e de incentivar o uso das línguas indígenas para execução de atividades de cunho educacional, político, econômico e religioso.

Entre os projetos destacam-se o movimento das cooperativas de comércio, o incentivo à organização de assembleias políticas e os projetos para educação diferenciada. Esses dois últimos com resultados visíveis e crescentes em nossos dias. [...] A década de 1970, portanto, foi marcada por uma maior participação política das lideranças do Uaçá, que passara a atuar de forma mais organizada. Conjuntamente, opuseram-se à fazenda Suraimon (que chegou a ser desativada no

¹⁶ Ainda hoje o futebol é o esporte mais comum nas aldeias e praticado quase todos os dias por homens e mulheres indígenas. Essa prática está mencionada e detalhada em Tassinari (2003, p. 351).

¹⁷ Eles se propuseram a dar assistência à saúde e à educação escolar, além de propagarem a evangelização dos indígenas. É nesse período que os Palikur começam a simpatizar e a adotar o pentecostalismo.

¹⁸ Rodovia que liga a capital Macapá ao município de Oiapoque.

início dos anos 1980) e iniciaram um processo de reivindicação pela demarcação e homologação de suas terras. [...] Os frutos mais positivos do processo de participação política e de autonomia dos grupos indígenas revelaram-se principalmente na década de 1990, destacando-se a homologação definitiva das terras do Oiapoque, no mesmo ano, a formatura de treze professores indígenas no curso pedagógico em 1995, a eleição do índio Galibi-Marworno João Neves, à prefeitura do município do Oiapoque em 1996 (TASSINARI, 2003, p. 106).

A organização política dos povos indígenas do Oiapoque, no final do século XX, foi fundamental para firmar a autonomia dos grupos, resultando em diversas conquistas, como a demarcação das terras indígenas, a participação política de representantes indígenas no cenário político local e a criação de associações indígenas, como a Associação dos Povos Indígenas do Oiapoque (APIO)¹⁹.

A partir do levantamento histórico sobre o contato dos povos indígenas do Oiapoque, entende-se a complexidade cultural e linguística da região. Os relatos, que ora convergem, ora se distanciam dos depoimentos concedidos pela comunidade, torna possível o reconhecimento de singularidades de cada grupo expressas pela descrição do modo de vida, da identidade de cada povo, de sua língua e modo de pensar. O reconhecimento dessas singularidades em outros povos indígenas da região constitui o que Tassinari (2003, p. 107) chama de “identidade supra-étnica e regional dos povos indígenas do Oiapoque”, uma vez que esses grupos estão inseridos em uma mesma área cultural e compartilham características socioculturais comuns.

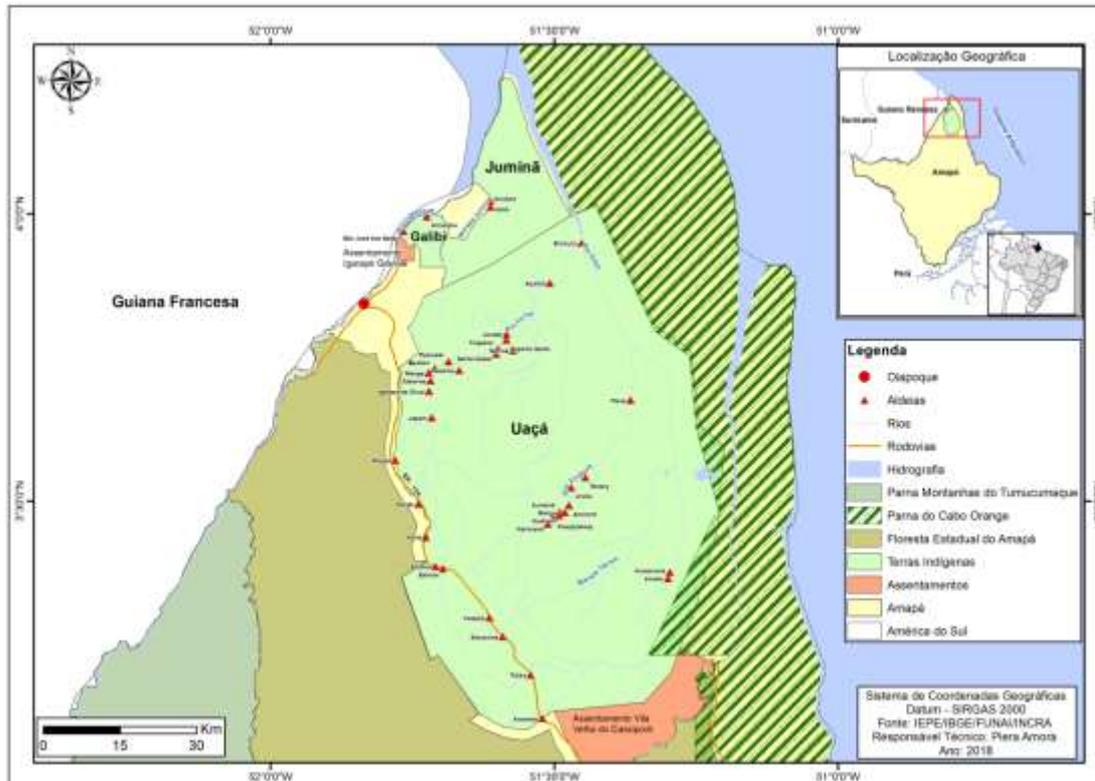
Atualmente, os povos indígenas da região do Oiapoque estão fixados em aldeias localizadas às margens dos rios Uaçá, Urukawá, Curipi e Oiapoque, e de seus afluentes, como o Igarapé Juminã. A região possui três Terras Indígenas (TI) demarcadas e homologadas pela FUNAI: TI Uaçá, TI Galibi e TI Juminã. Nelas residem quatro etnias diferentes: *Karipuna*, *Palikur*, *Galibi-Marworno* e *Galibi Kali'nã*²⁰. De acordo com o banco de dados da FUNAI regional²¹, a população indígena soma 7.163, distribuída em 50 aldeias, conforme apresentado adiante.

¹⁹ Em 2002, foi criada a Associação Galibi-Marworno (AGM); em 2005, foi fundada a Organização dos Professores Indígenas do Município de Oiapoque; e, em 2006, a Associação das Mulheres Indígenas do Município em Mutirão (AMIM) e a Comissão de Representantes dos Povos Indígenas do Oiapoque (CRPIO).

²⁰ Os *Palikur* são um povo da família linguística *Aruák*; os *Galibi-Kali'nã* são falantes da família linguística Karib; os *Galibi-Marworno* e os *Karipuna* são descendentes de vários grupos linguísticos, considerados falantes de línguas crioulas (MOORE, 2011, p. 228).

²¹ Localizada na cidade de Macapá e representada pela Coordenação Regional Amapá e Norte do Pará (CRANP). Os dados disponibilizados tiveram sua última atualização em 2015, mas foram acessados em 2017.

Figura 03 – Terras Indígenas Uaçá, Galibi e Juminã



Fonte: Elaboração do autor.

Na Figura 03, ilustra-se a diversidade étnica da região por área indígena. A TI Galibi conta com uma superfície de 6.889/ha, sendo a primeira TI homologada, em 22 de novembro de 1982. A TI Uaçá apresenta uma superfície de 470.164 /ha, sendo homologada em 30 de outubro de 1991. E, por último, a TI Juminã, com uma superfície de 41.601/ha, homologada em 22 de maio de 1992.

A TI Uaçá concentra o maior número de famílias indígenas, distribuídas ao longo da BR-156, à margem dos rios Curipi, Urukawá e Uaçá (cf. Figura 03). Na BR-156 estão localizadas as aldeias *Yawauká*, *Kuahi*, *Estrela*, *Ahumã*, *Curipi*, *Piquiá*, *Kariá*, *Tukay*, *Samauma*, *Tuluhí* e *Anuerá*. Nessas aldeias, há a presença de três etnias: *Palikur*, *Karipuna* e *Galibi-Marworno*. A população total na BR 156 está estimada em 687 indígenas, como mostra o Quadro 01.

Quadro 01 – Terra Indígena Uaçá (BR 156)

ALDEIA	ETNIA	LOCALIZAÇÃO	POPULAÇÃO
1. Yawauká	Palikur	BR-156	80
2. Kuahi	Palikur	BR-156	30
3. Estrela	Karipuna	BR-156	80
4. Ahumã	Karipuna	BR-156	78
5. Curipi	Karipuna	BR-156	64
6. Piquiá	Karipuna	BR-156	48
7. Kariá	Karipuna	BR-156	47
8. Tukay	Galibi-Marworno	BR-156	108
9. Samauma	Galibi-Marworno	BR-156	91
10. Tuluhí	Galibi-Marworno	BR-156	58
11. Anuerá	Galibi-Marworno	BR-156	18
TOTAL			687

Fonte: Banco de dados da CRANP - FUNAI/Macapá (2017).

No que tange às aldeias localizadas à margem do Rio Curipi, estão fixadas somente as aldeias da etnia *Karipuna*: *Manga*, *Espírito Santo*, *Santa Isabel*, *Açaizal*, *Taminã*, *Cutiti/Jódef*, *Japiim*, *Txibidon*, *Paxiubal*, *Benoá*, *Zacarias*, *Bastion*, *Encruzo*, *Pakapuá* e *Igarapé da Onça*, com uma população total estimada de 2.490 pessoas, conforme o Quadro 02.

Quadro 02 – Terra Indígena Uaçá (Rio Curipi)

ALDEIA	ETNIA	LOCALIZAÇÃO	POPULAÇÃO
12. Manga	Karipuna	Rio Curipi	1014
13. Espírito Santo	Karipuna	Rio Curipi	602
14. Santa Isabel	Karipuna	Rio Curipi	371
15. Açaizal	Karipuna	Rio Curipi	118
16. Taminã	Karipuna	Rio Curipi	87
17. Cutiti/Jódef	Karipuna	Rio Curipi	65
18. Japiim	Karipuna	Rio Curipi	60
19. Txibidon	Karipuna	Rio Curipi	43
20. Paxiubal	Karipuna	Rio Curipi	39
21. Benoá	Karipuna	Rio Curipi	30
22. Zacarias	Karipuna	Rio Curipi	21
23. Bastion	Karipuna	Rio Curipi	12
24. Encruzo	Karipuna	Rio Curipi	12
25. Pakapuá	Karipuna	Rio Curipi	10
26. Igarapé da Onça	Karipuna	Rio Curipi	6
TOTAL			2.490

Fonte: Banco de dados da CRANP - FUNAI/Macapá (2017).

Ainda na TI Uaçá, têm-se as aldeias da etnia *Palikur*, localizadas ao longo do Rio Urukawá: *Kumenê*, *Kamuyuwá*, *Flecha*, *Amomim*, *Pywatyket*, *Tawary*, *Kuwikuwit*, *Khobo*, *Mangue-i*, *Tipoca*, *Yanawá*. Todas estas somam cerca 1.500 indígenas. Para ilustrar o dado, segue o Quadro 03.

Quadro 03 – Terra Indígena Uaçá (Rio Urukawá)

ALDEIA	ETNIA	LOCALIZAÇÃO	POPULAÇÃO
27. Kumenê	Palikur	Rio Urukawá	958
28. Kamuyuwá	Palikur	Rio Urukawá	98
29. Flecha	Palikur	Rio Urukawá	86
30. Amomim	Palikur	Rio Urukawá	81
31. Pywatyket	Palikur	Rio Urukawá	74
32. Tawary	Palikur	Rio Urukawá	66
33. Kuwikuwit	Palikur	Rio Urukawá	57
34. Khobo	Palikur	Rio Urukawá	38
35. Mangue-i	Palikur	Rio Urukawá	34
36. Tipoca	Palikur	Rio Urukawá	15
37. Yanawá	Palikur	Rio Urukawá	13
TOTAL			1.520

Fonte: Banco de dados da CRANP - FUNAI/Macapá (2017).

Finalizando a TI Uaçá, no leito do rio que dá o nome à área indígena (Rio Uaçá), concentram-se os indígenas da etnia *Galibi-Marworno*, as aldeias: *Kumarumã*, *Aruatú*, *Paraikô*, *Paramwaká*, *Flamã*, *Karibuene*, *Kaxiuahi*, *Tucuiuí* e *Magí*. Até o momento, a população soma 2.119 indígenas, mas esse número aumentará assim que atualizado o banco de dados referente ao quantitativo populacional das demais aldeias não informadas, como mostra o Quadro 04.

Quadro 04 – Terra Indígena Uaçá (rio Uaçá)

ALDEIAS	ETNIAS	LOCALIZAÇÃO	POPULAÇÃO
1. Kumarumã	Galibi-Marworno	Rio Uaçá	2099
2. Aruatú	Galibi-Marworno	Rio Uaçá	20
3. Paraikô	Galibi-Marworno	Rio Uaçá	Não informado
4. Paramwaká	Galibi-Marworno	Rio Uaçá	Não informado
5. Flamã	Galibi-Marworno	Rio Uaçá	Não informado
6. Karibuene	Galibi-Marworno	Rio Uaçá	Não informado
7. Kaxiuahi	Galibi-Marworno	Rio Uaçá	Não informado
8. Tucuiuí	Galibi-Marworno	Rio Uaçá	Não informado
9. Magí	Galibi-Marworno	Rio Uaçá	Não informado
TOTAL			2. 119

Fonte: Banco de dados da CRANP - FUNAI/Macapá (2017).

A TI Galibi, compreende duas aldeias: a aldeia *Ariramba*, pertencente à etnia *Karipuna* e a aldeia *Galibi do Oiapoque*, da etnia *Galibi Kali'nã*, localizadas no curso do Rio Oiapoque, com um total de 168 indígenas. A seguir, o Quadro 05 sobre a respectiva TI.

Quadro 05 – Terra Indígena Galibi (rio Oiapoque)

ALDEIA	ETNIA	LOCALIZAÇÃO	POPULAÇÃO
1. Ariramba	Karipuna	Rio Oiapoque	88
2. Galibi do Oiapoque	Galibi Kali'nã	Rio Oiapoque	80
TOTAL			168

Fonte: Banco de dados da CRANP - FUNAI/Macapá (2017).

Por último, tem-se a TI Juminã, com as aldeias *Kunanã* e *Uahá*, localizadas no Igarapé Juminã. A primeira pertence ao grupo *Karipuna* e, a segunda, ao grupo *Galibi-Marworno*. Somam um total de 179 indígenas. Abaixo o Quadro 06, com as descrições mencionadas.

Quadro 06 – Terra Indígena Juminã (Igarapé Juminã)

ALDEIAS	ETNIAS	LOCALIZAÇÃO	POPULAÇÃO
3. Kunanã	Karipuna	Igarapé Juminã	96
4. Uahá	Galibi-Marworno	Igarapé Juminã	83
TOTAL			179

Fonte: Banco de dados da CRANP - FUNAI/Macapá (2017).

Apresentei neste subcapítulo um apanhado histórico sobre a população que habitou e ainda habita a região do Oiapoque, em recorte que remonta a um momento anterior às expedições. As relações de contato, que expõem o percurso histórico dessa região, servem de base para compreender a complexidade linguística que ali se deflagra. Passados mais de cinco séculos desde a “conquista” portuguesa, a região do Oiapoque apresenta-se como área cultural onde coexistem indígenas e não-indígenas de grupos étnicos e de famílias linguísticas distintas.

No entorno do município de Oiapoque, assim como no próprio município, é possível verificar presença indígena marcante. As etnias *Karipuna*, *Palikur*, *Gallibi-Marworno* e *Galibi Kali'nã*, além de se concentrarem nas referidas TI's, possuem contato constante com a cidade de Oiapoque, com intenções diversas. São indígenas que migram temporariamente para estudar, trabalhar, ir ao hospital, para comercializar produtos artesanais ou alimentos produzidos nas roças, etc.

É comum entre as comunidades do Oiapoque o contato com o não-indígena, seja brasileiro, seja estrangeiro. Algumas aldeias, como as localizadas no Rio Oiapoque, costumam vender seus produtos do outro lado do rio (na cidade de *Saint George*, pertencente à Guiana Francesa), em decorrência da proximidade com a cidade vizinha, e em função dos indígenas possuírem compradores fixos. É preciso mencionar também os indígenas do lado francês. Em alguns casos, os da Guiana Francesa constroem relações de proximidade com os indígenas brasileiros, ou por meio do casamento interétnico, ou por desentendimento familiar com a comunidade de origem, o que ocasiona fluxo migratório. A seguir, comentarei sobre questões sócio-históricas, especificamente do povo *Karipuna do Amapá*.

2.2 OS KARIPUNA DO AMAPÁ

No subcapítulo anterior tratei de questões mais gerais sobre as sociedades indígenas da região do Oiapoque. Neste momento, discuto a história e os principais aspectos socioculturais dos *Karipuna do Amapá*. Para isso, menciono fontes históricas a respeito desse povo, embasado na mesma perspectiva de Tassinari (2003) que estuda a história da população *Karipuna* por meio da trajetória do etnônimo “Karipuna”. Por fim, mostro alguns dados recentes sobre a população indígena estudada, bem como a relação de parentesco, a vida política, a base econômica e o conjunto de festas associado a esse povo.

Sobre os registros da história da população *Karipuna*, Tassinari (2003) afirma que é bastante reduzido e escasso. A autora consegue reunir fontes históricas desde o século XVII até o século XX. Disso, resulta a constatação de que a primeira citação ao termo *Karipuna* foi registrada no século XVII, em Mocquet (1617), a partir da menção aos *Caripous*, citados como inimigos dos *Caribes*. D’Avity (1643), Biet (1664), Pfeil (1682) e La Barre (1666)²² fazem referência aos dados de Mocquet sobre os *Caripous*, no entanto sugerem associações confusas deste povo a outros grupos, ora os tratando como *Caribes*, ora como *Palicours*, ora como *Yaos*.

No século XVIII, Chabrilan (1742) cita os *Cachipoux*, localizados na região do baixo Oiapoque. Barrère (1743) e Lescallier (1797; 1798) mencionam os *Calipourns*. No século XIX, na mesma região, Léprier (1834) encontra famílias *Garipons* e Devilly (1850), e comenta sobre os *Calipournes* (VIDAL; GIANNINI, 2005, p. 48).

Gradativamente, percebe-se que o uso do termo *Karipuna* passa a ser empregado durante os séculos XVII, XVIII e XIX, com certas variações na grafia (*Caripous*, *Caripounes*, *Garipons*, *Cachipoux*, *Calipourns*, etc.). Sobre essa variação do etnônimo, Röntgen (1998) comenta:

Para uma primeira aproximação dessa situação tão complicada, parece-nos indispensável de início supor que lidamos, no caso das diversas grafias, somente com variantes de um mesmo nome: *Caripou(s)*, *Garipons(s) /-pous*, *Caripo(u)nes*, *Calipourn(s)*, *Cachipou(x)*, *C-/Karipuna*. Sem querer entrar nos detalhes fonéticos, permitimo-nos, no entanto, assinalar que as causas desta variação são fenômenos seguintes [...]: a instabilidade a alternância das líquidas /l/ e /r/, v. *Palikur/Parikur*; também no crioulo ‘moderno’ a articulação do /r/ é bastante uvular e fricativa, semelhante ao ‘j’ espanhol [...]. Isso também poderia explicar a grafia ‘*Cachipoux*’, à primeira vista um pouco estranha. Frente a esta multiplicidade de variantes gráficas, não se pode esquecer que os autores, por exemplo, das narrativas de viagem, devem ter ouvido os nomes de certas tribos somente da boca de terceiros e que eles se viam confrontados com dificuldades de notação, por exemplo, para

²² *Apud* Tassinari (2003, p. 113-116).

representar a nasalidade. Assim, deve-se ler p. ex. [kari'pu] ou [karu'p~u)]. As vogais átonas também devem ser consideradas com pouco estáveis, p.ex. Curipi, Curupi [...], Coripi ou mesmo Caripi (RÖNTGEN, 1998, p. 41).

Com base em fontes históricas, Tassinari (2003) constata um quadro bastante complexo sobre a origem do povo *Karipuna*, pois, para alguns estudiosos, essa população se formou a partir dos refugiados da Cabanagem²³, conforme defendem Coudreau (1893) e Arnaud (1969; 1966; 1996). Já em outras fontes essa influência é negada, a exemplo de Röntgen (1998).

Tassinari (2003, p. 112) assume uma abordagem distinta, calcada em pesquisa que remonta à síntese historiográfica dos séculos XIX e XX, associando os dados anteriores à genealogia da história oral. Ela defende que a gênese do povo *Karipuna* não se deu de forma homogênea, como antes se cogitou, mas que ocorreu mediante princípios heterogêneos, que estão ligados à história de povos autóctones, e não somente à história dos refugiados da Cabanagem, falantes de língua geral. Para Tassinari (2003), essa hipótese, em parte, está presente no trabalho do linguista Karl-Heinz Röntgen, publicado em 1998, no texto “L'origine contestée d'une communauté créolophone: les Karipuna au Brésil”. No corpo do referido trabalho, o autor analisa a origem da população *Karipuna* e *Galibi-Marworno*.

Röntgen (1998), ao contrário o que defende Tassinari (2003), considera insustentável a existência de antepassados falantes da língua geral. Para ele, a atual população *Karipuna* tem sua “comunidade étnica-base” pertencente ao grupo creolófono, outrora citado no século XIX.

No século XX, o uso do nome *Karipuna* aparece nos textos de Nimuendaju (1926), nos relatórios de Expedições de Fronteiras – nesse caso, citam-se o Ministério de Guerra (1927) e Reis (1936) – e, por último, Malcher (1953). Nesse contexto, o termo passa a ser usado para diferenciar os povos nativos, bem como para expressar o sinônimo de uma língua geral usada na região ou, até mesmo, para designar “os brasileiros”. Essas diferentes acepções tratadas nas fontes históricas do século passado são importantes para a compreensão da atual configuração identitária dos *Karipuna*.

²³ Ao longo do século XIX termos correlatos ao etnônimo *Karipuna* passam a designar uma população migrante falante da língua geral do Brasil (nheengatu). Coudreau (1893) encontra no vale do rio Uaçá famílias e indivíduos *Caripounes*, bem como uma população que define como “escravos brasileiros refugiados”. Viajantes e missionários que percorreram a costa do Amapá e o baixo Oiapoque ao longo do século utilizavam um outro termo para designar os brasileiros refugiados: *Tapuyes*. Dados de arquivos dos jesuítas e dos missionários do Espírito Santo informam sobre um processo migratório de algumas famílias *Tapuyes*, da costa amapaense, aos rios Cassiporé e Curipi (VIDAL; GIANNINI, 2005, p. 48-49).

Referente a um povo Karíb, outro Aruák e ainda outro de língua tupi, os desdobramentos do significado do termo Karipuna, ao longo dos séculos, mantiveram presente a associação com estrangeiros ou brasileiros, e essa característica não pode deixar de ser considerada para a compreensão da identidade dos atuais Karipuna do Curipi. Associação que foi reiterada a partir da experiência de ensino escolar por meio da categoria de ‘índio avançado’, que passa a caracterizar por várias décadas a identidade do grupo. Uma identidade étnica que é capaz de englobar termos como ‘índio’ e ‘brasileiro’ na sua própria constituição, sem conferir a nenhum pólo um caráter de anterioridade ou predominância (TASSINARI, 2003, p. 145).

No sentido de contemplar a diversidade cultural dos atuais *Karipuna do Amapá*, a menção feita à chegada das primeiras famílias à região do Rio Curipi, em fins do século XIX, cumpre com a intenção de identificar a heterogeneidade originária do povo *Karipuna*. Com o passar dos séculos, famílias bastante heterogêneas começaram a se fixar na região. São pessoas de procedência indígena e não-indígena que, no decorrer da primeira metade do século XX, começaram a ser identificadas como integrantes do grupo *Karipuna*²⁴. É a partir dessa hipótese que Gallois (2009, p. 12) afirma que “os descendentes daquelas famílias passaram a assumir-se, diferenciando-se dos demais povos que habitam a região do Uaçá, com quem compartilham relações em comum, porém de quem se diferencia enquanto grupo étnico”.

Conforme mencionado durante a análise do subcapítulo anterior (cf. seção 2.1), a população indígena *Karipuna do Amapá* atualmente dispõe de um total de 2.991 indígenas, distribuídos em 22 aldeias, estando a maioria delas localizada na TI Uaçá, ao longo Rio Curipi. Há também cinco aldeias fixadas na BR-156, que liga a cidade de Macapá ao município de Oiapoque, além de uma aldeia no Rio Oiapoque, TI Galibi, e outra no Igarapé Juminã²⁵, na TI Juminã.

As aldeias *Karipuna* são nomeadas da seguinte forma: Manga, Espírito Santo, Santa Isabel, Açaizal, Kunanã, Ariramba, Taminã, Estrela, Ahumã, Cutiti/Jõdef, Curipi, Japiim, Piquiá, Kariá, Txibidon, Paxiubal, Benoá, Zacarias, Bastion, Encruzo, Pakapuá e Igarapé da Onça. As aldeias Manga, Espírito Santo e Santa Isabel concentram o maior número de famílias, com destaque a primeira que registra mais de 1.000 indígenas com residência fixa. Abaixo o Quadro 07 apresenta as informações supracitadas.

²⁴ Como consta nos relatórios da Comissão de Inspeção de Fronteiras do Ministério de Guerra (CIFMG), comanda pelo General Rondon (1927b).

²⁵ Afluente do rio Oiapoque.

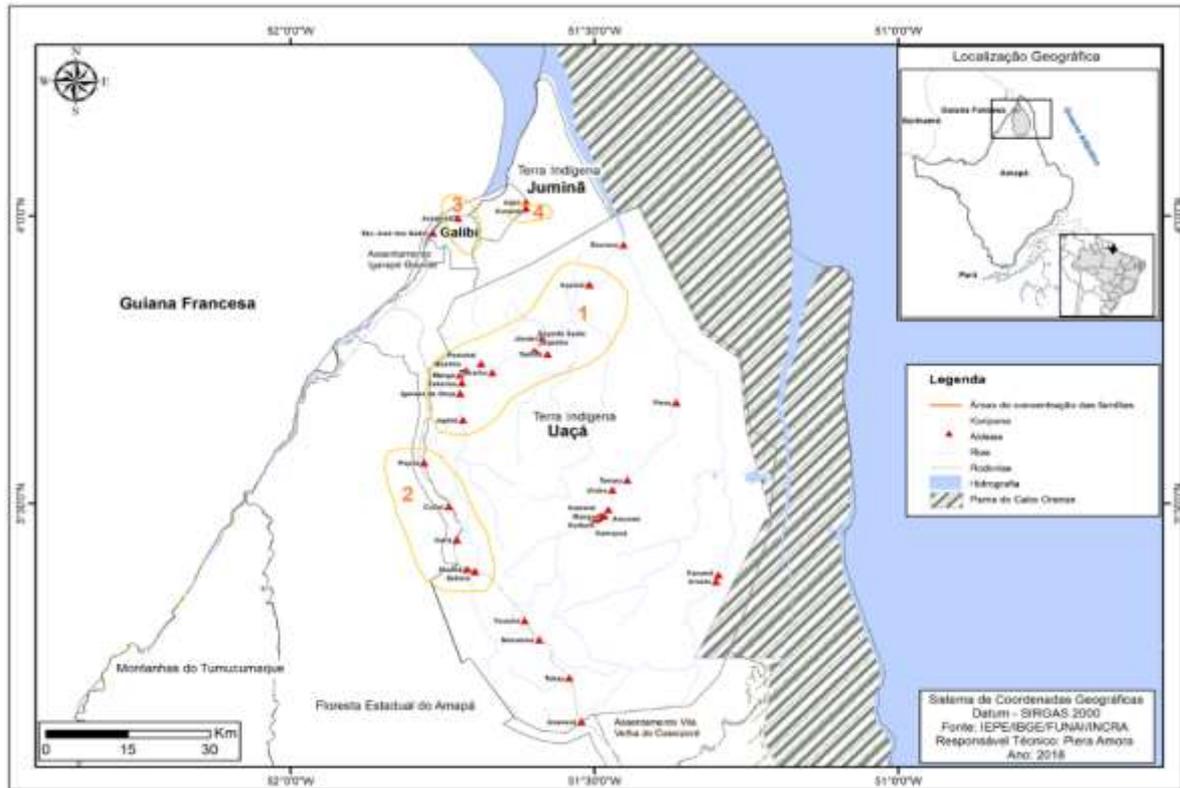
Quadro 07 – População indígena *Karipuna do Amapá*

ALDEIA	LOCALIZAÇÃO	TERRA INDÍGENA	POPULAÇÃO
1. Manga	Rio Curipi	Uaçá	1014
2. Espírito Santo	Rio Curipi	Uaçá	602
3. Santa Isabel	Rio Curipi	Uaçá	371
4. Açaizal	Rio Curipi	Uaçá	118
5. Kunanã	Igarapé Juminã	Juminã	96
6. Ariramba	Rio Oiapoque	Galibi	88
7. Taminã	Rio Curipi	Uaçá	87
8. Estrela	BR 156	Uaçá	80
9. Ahumã	BR 156	Uaçá	78
10. Cutiti/Jôdef	Rio Curipi	Uaçá	65
11. Curipi	BR 156	Uaçá	64
12. Japiim	Rio Curipi	Uaçá	60
13. Piquiá	BR 156	Uaçá	48
14. Kariá	BR 156	Uaçá	47
15. Txibidon	Rio Curipi	Uaçá	43
16. Paxiubal	Rio Curipi	Uaçá	39
17. Benoá	Rio Curipi	Uaçá	30
18. Zacarias	Rio Curipi	Uaçá	21
19. Bastion	Rio Curipi	Uaçá	12
20. Encruzo	Rio Curipi	Uaçá	12
21. Pakapuá	Rio Curipi	Uaçá	10
22. Igarapé da Onça	Rio Curipi	Uaçá	6
TOTAL			2.991

Fonte: Banco de dados da CRANP - FUNAI/Macapá (2017).

Para ilustrar a localização das aldeias *Karipuna*, tem-se na Figura 04, a representação de dados que correspondem às quatro áreas de concentração das famílias *Karipuna*. A primeira (1) está localizada na TI Uaçá, no Rio Curipi, somando 15 aldeias. A segunda (2), também na TI Uaçá, perfaz a BR-156, totalizando cinco aldeias. A terceira (3) diz respeito à TI Galibi, no Rio Oiapoque, com uma aldeia. E, a última (4), localizada na TI Juminã, no Igarapé Juminã, com uma aldeia.

Figura 04 – População *Karipuna* dividida por áreas



Fonte: Elaboração do autor.

Em relação à formação dessas aldeias, Vidal e Giannini (2005) afirmam que, originalmente prevalecia o aspecto endogâmico dos *Karipuna*, justificado pela convivência entre parentes, e de grupos de irmãos que constituíam novas aldeias em lugares mais afastados da região. Foi assim que nos anos de 1940 as aldeias Açaizal e Santa Isabel foram criadas e, mais tarde, nos anos 1970, a aldeia Manga.

De modo recente, tem-se a fundação de aldeias localizadas na BR-156, bem como, fixadas ao longo do Rio Curipi. De acordo com Vidal e Giannini (2005), a tendência é de que novas aldeias recebam cônjuges provenientes de grupos locais, atraindo as famílias de origem para a nova aldeia; do contrário, essas pequenas comunidades desaparecerão. Normalmente, o chefe da aldeia delimita um número de moradores para manter o controle demográfico do local, como no caso da aldeia Manga, que hoje conta com 1014 moradores indígenas.

Sobre as relações de parentesco dos *Karipuna*, em face das alianças endogâmicas, atualmente essas não são as únicas medidas para incentivar a formação de novas famílias. Os *Karipuna* entendem que é preciso estabelecer alianças externas, fato que impulsionou os casamentos com pessoas provenientes de outros grupos étnicos: indígenas e negros da região, além de pessoas não-indígenas, moradores do Oiapoque, ou de cidades vizinhas. O casamento com pessoas externas é regido pelo princípio de “viver como *Karipuna*”, caso o cônjuge

venha a se estabelecer em área indígena. Vidal e Giannini (2005) explicam que nas uniões endogâmicas o casal tem de residir na aldeia, já nas uniões exogâmicas, com o não-indígena, há duas possibilidades:

[...] o cônjuge Karipuna sai das aldeias para habitar a aldeia ou cidade do(a) esposo (a), mas mantém laços de cooperação com a família de origem (laços que podem ser acionados por ocasião das festas nas aldeias *Karipuna*, de tratamentos de saúde em aldeias não-*Karipuna* ou cidades vizinhas, de venda de produtos e comércio, etc...); ou o cônjuge “de fora” passa a residir nas aldeias *Karipuna*. Nesse último caso, algumas estratégias são desenvolvidas para ‘consanguinizar’ o cônjuge ‘de fora’: rememoração de alianças anteriores realizadas por antepassados de ambas as famílias (estratégia geralmente usada em casamentos entre *Karipuna* e *Galibi-Marworno*): realização de novas alianças com familiares do cônjuge, que são atraídos para a nova aldeia; inclusão do cônjuge em redes de trabalho e cooperação, que o tornam ‘*Karipuna*’ (VIDAL; GIANNINI, 2005, p. 50).

Sobre a vida política dos *Karipuna*, é comum perceber que esse tipo de atividade está destinado aos homens, embora se observe lideranças indígenas do sexo feminino. O casal responsável pela fundação da aldeia detém o reconhecimento e o respeito dos demais integrantes. Todas as aldeias *Karipuna* são lideradas por um(a) Cacique. No caso dos *Karipuna*, os caciques não são os líderes apenas de um grupo familiar, mas de toda a aldeia a qual pertence. Vale notar que até o ano de 2017, as aldeias Ahumã e Curipi eram lideradas por Caciques mulheres.

Há também o Conselho Indígena dos *Karipuna*, a partir do qual se determina que cada Cacique exerça a função de “conselheiro”. As reuniões acontecem periodicamente para a deliberação de assuntos internos e externos às aldeias²⁶. Vidal e Giannini (2005, p. 51) apontam que desde os anos de 1970, os indígenas *Karipuna* vêm se destacando na busca de espaços para participação política na cidade de Oiapoque, e citam a figura de Manuel Primo dos Santos, conhecido como Sr. Côco:

O fundador da aldeia Santa Isabel, Manuel Primo dos Santos, conhecido como Côco, foi o primeiro vereador indígena do município de Oiapoque e, atualmente, a Câmara de Vereadores da cidade tem o seu nome. Desde então, as aldeias *Karipuna* têm sempre representantes na disputa por cargos de vereador e em composições de chapas para a Prefeitura do Município de Oiapoque (VIDAL; GIANNINI, 2005, p. 51).

O envolvimento de lideranças *Karipuna* na vida política passa a ser notado nos anos de 1990, seja com a participação ativa em partidos políticos, seja com a criação das primeiras associações, como a Associação dos Povos Indígenas do Oiapoque e a Associação dos

²⁶ Neste caso, para realizar esta pesquisa, meu projeto de Tese foi ponto de pauta em umas das reuniões do Conselho, tendo sido aprovado e registrado sob o ofício de número 074/2017.

professores Indígenas do Oiapoque. Atualmente, os *Karipuna* já dispõem de outras associações, como a Associação das Mulheres Indígenas do Município em Mutirão (AMIM).

A maioria das aldeias possui água encanada, saneamento básico e energia elétrica condicionada por geradores (motores a base de óleo diesel e de gasolina) doados pela FUNAI, ou adquiridos pela comunidade com recurso próprio. Com isso, o uso de televisores, de geladeiras e de eletrodomésticos passa ser mais frequente nas aldeias.

A agricultura consiste como base econômica das famílias *Karipuna*, sendo a técnica de coivara bastante comum nas aldeias. Cada família tem sua roça, onde se dá o processo de plantio e colheita de alimentos orgânicos. Verifica-se a ação de mutirões realizados a partir do convite feito pelos donos das roças às demais famílias que habitam a aldeia, a fim de que todos ajudem na produção agrícola. Nessas roças são cultivadas macaxeira, mandioca, cará, batata-doce, abacaxi, cupuaçu, caju, banana, cana, etc. É comum também a produção de derivados da mandioca, em função desse produto ser parte importante da base alimentar dos *Karipuna*.

No caso de produção excedente de mandioca, os indígenas buscam comercializar o produto nas cidades vizinhas. Além da farinha de mandioca, a alimentação dos *Karipuna* é feita à base de carne de peixe, de jacaré de tracajá, e de carne de caça (tatu, paca, veado, porco do mato, cutia, etc.). É possível notar que a floresta no entorno das aldeias fornece frutas diversas, como: manga, açaí, laranja, tangerina, banana, cacau, caju, ingá, jambo, etc.

Além da prática da agricultura, observa-se entre os indígenas *Karipuna* o desempenho de outras atividades, seja na própria aldeia, seja na cidade de Oiapoque. Alguns exercem ofício de professor, de técnico em enfermagem, taxista, vigilante, além de diversos cargos conferidos pela FUNAI/Oiapoque.

Sobre a espiritualidade dos *Karipuna*, é possível verificar a prática de ritos católicos e xamânicos. A maior parte dos *Karipuna* identifica-se como católico, mas há também uma pequena parcela que já aderiu ao pentecostalismo. O xamanismo, por sua vez, já demonstra sinais de fragilidade nas aldeias, mas, ainda assim, há alguns pajés que praticam rituais xamânicos. Há também outras pessoas especialistas em técnicas terapêuticas conhecidos como “sopradores, rezadores e benzedores”. Ao conjunto dessas práticas os *Karipuna* chamam de “nosso sistema”.

O conjunto de festas dos *Karipuna* também é heterogêneo. Têm-se os “Turés” e as “festas católicas”. O “Turé” é uma festa tradicional que acontece entre os meses de outubro a novembro, quando a lua está cheia. A festa é destinada aos *Karuãna* (seres sobrenaturais),

como um ritual de agradecimento pela cura obtida por intervenção do Pajé, figura que comanda a festa com seus cantos.

Turé é uma festa de agradecimento às pessoas invisíveis que vivem no Outro Mundo, chamadas Karuãna, pelas curas que elas propiciaram por meio das práticas xamânicas dos pajés. Os pajés dançam, cantam e bebem muito caxixi com os Karuãna que vêm ouvi-los cantar várias vezes sem repetir o canto. [...] Ele canta para chamar os karuãna, que somente ele pode ver, e usa o maracá e os cigarros de tawari para viajar ao Outro Mundo. Os homens se vestem com um pedaço de pano vermelho preso à cintura e chamado de *kalembê*. Usam *butxiê*, *kuhun* de penas de arara e *plimaj* na cabeça. As mulheres enfeitam o corpo com *kuhun*, colares de miçangas e *butxiê*, além de pintarem o rosto, braços e barriga com marcas diferentes. Usam também saia de buriti ou de panos nas cores vermelha ou verde e as blusas podem ser também de buriti ou pano e às vezes vestem sutiã feito de cuias. A festa dura até o caxixi terminar, uma duas ou três noites, parando no início da manhã e retornando no final da tarde. No intervalo da dança toca-se *cuti* (buzina) (SANTOS, 2009, p. 11).

As “festas católicas” são destinadas aos santos-padroeiros das aldeias. A maior delas é a Festa do Divino Espírito Santo, que acontece no mês de maio, na aldeia Espírito Santo. É o momento no qual as comunidades indígenas reencontram com familiares dispersos, moradores de outras aldeias, ou fora da área indígena. O objetivo dessas festas é o de retribuir aos santos as graças alcançadas por meio de promessas.

Apesar das festas cristãs serem diferentes das xamânicas, Tassinari (2003) afirma que elas seguem os mesmos princípios de sociabilidade e reciprocidade, pois, além das alianças com os não-indígenas, as festas envolvem alianças com seres sobrenaturais ligados ao catolicismo e ao xamanismo.

Neste subcapítulo, busquei mostrar os principais aspectos do universo *Karipuna*, com a intenção de compreender a heterogeneidade presente no modo de vida desse povo, marcado historicamente pelas relações parentais e socioculturais de rede de colaboração que se estende desde as práticas de plantio e de colheita nas roças até o conjunto de festas. Essa rede de contato construída ao longo dos anos foi aos poucos alterando as relações sociais e culturais desse povo, o que requer afirmar que a língua falada por eles também passou (e ainda passa) por mudanças, como qualquer outra língua natural.

O fato de haver documentos históricos raros sobre a origem dos *Karipuna*, bem como, a percepção de que há poucas pesquisas descritivas a nível linguístico, implicou divergências entre os estudiosos sobre a gênese da língua dos *Karipuna*, desencadeando relatos de que a atual língua falada por eles, *kheuól*, não corresponde à língua falada no século XIX, denominada de “língua *Karipuna*”. Apesar dessa imprecisão sobre a origem da língua dos *Karipuna*, atualmente já se dispõe de estudos linguísticos sobre o *kheuól*, como será exposto no subcapítulo a seguir.

2.3 VARIEDADE CRIOLA FALADA PELOS *KARIPUNA*

Este subcapítulo será dedicado aos estudos realizados sobre a variedade linguística falada pelos *Karipuna*. Assim, meu objetivo é o de apresentar os trabalhos que tratam especificamente da variedade falada pelos *Karipuna do Amapá*. No levantamento bibliográfico feito, registrei poucos trabalhos, mas fundamentais para subsidiar novos estudos na área, a fim de compreender os fenômenos e a situação linguística atual dos *Karipuna*, além da incisiva contribuição para a descrição da variação lexical do *kheuól*, que será apresentada no quinto capítulo da Tese.

Nesse levantamento bibliográfico²⁷, constatei a elaboração de duas gramáticas — Tobler (1983) e Spires (1984) —, dois dicionários — Tobler (1987) e Montejo (1988) —, um vocabulário experimental — Green e Green (2004) — e alguns textos monográficos de conclusão de curso. Acerca dos trabalhos de conclusão de curso, informo que estes foram produzidos por indígenas formados pelos cursos de Licenciatura Intercultural Indígena (CLII) e Licenciatura em Letras-Francês, do Campus Binacional, da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP).

Antes de iniciar a discussão, ratifico que minha intenção não é o de responder a problemas tipológicos, teóricos ou metodológicos dos trabalhos já realizados, haja vista as várias divergências apontadas em relação ao *kheuól*, por exemplo: se é possível considerar o *kheuól* como língua ou é mais aceito como dialeto? Caso seja uma língua, é uma língua indígena? Ou é uma língua crioula? Ou é uma língua crioula falada por indígenas? Caso seja considerado um dialeto, é um dialeto do crioulo francês? Ou um dialeto do crioulo falado em Caiena (Guiana Francesa)? Enfim, são inúmeros os questionamentos envolvendo a gênese da variedade falada pelos os *Karipuna*.

Diante da problemática apresentada e das leituras já realizadas, assumo os pressupostos da Dialetoлогия moderna e da Sociolinguística que consideram línguas e dialetos como variedades (CHAMBERS; TRUDGILL, 1994), assim, os *Karipuna* possuem uma variedade (independentemente de ser L1 ou L2) chamada de *kheuól*²⁸, falada por eles em diferentes espaços sociais, ensinada no âmbito familiar e nas escolas indígenas.

De acordo com a história, as variedades coexistentes na região do Oiapoque têm registro de aparecimento em meados do século XVII, por Mocquet (1617, p. 100). Na ocasião,

²⁷ Há também a obra de Andrade (1988) sobre cultura e língua crioula no norte do Brasil, mas esta não será explorada neste capítulo por não tratar do crioulo falado por indígenas e, sim, por imigrantes de colônias francesas, holandesas e inglesas.

²⁸ Também reconhecida pelos próprios *Karipuna* por outros termos, como: patuá ou crioulo.

o autor diferencia as variedades *caripou* e *carib*. A primeira aparenta ser particular e de difícil compreensão, mesmo existindo tão próxima à variedade *carib*.

No século XVIII, Röntgen (1998) registra outras duas fontes, P. Barrère (1743) e D. Lescallier (1797-1778), que mencionam, naquele período, a língua dos *Karipuna*: “esta nação fala uma língua, que chamamos pelo mesmo nome, e que é praticamente geral em todo o Brasil, e na maior parte da América meridional” (BARRÈRE, 1743, p. 239 *apud* RÖNTGEN, 1998, p. 42).

Passado mais um século, os textos de Coudreau (1883; 1887) apontam para uma série de viagens feitas por ele à Guiana Francesa. Ele relata como são os indígenas que habitam os rios Couripi (Curipi), Ouassa (Uaçá), Rocaoua (Urukawá) e suas respectivas línguas.

As três capitâneas do Ouassa são povoadas de Índios (*Palicours*, *Arouas*, etc.), restos de antigas tribos. Esses Índios são de raça pura no Ouassa, muito pouco misturados no Rocaoua, e ligeiramente cruzados de Europeus, de negros e mulatos, no Couripi. [...] A língua das três capitâneas litorais e das duas colônias brasileiras é o português, língua materna ou habitual dos refugiados que povoam essas regiões. Os poucos Franceses estabelecidos no país aprenderam a língua da maioria. A língua das duas capitâneas indígenas interiores é derivada do tupi-caraiibe, com um dialeto para o ouassa e outro para o rocaoua. Aproximadamente por toda a parte, o francês, ou melhor, o crioulo de Caiena, é compreendido (COUDREAU, 1887, p. XXXIII).

Coudreau (1883), em uma de suas excursões, comenta sobre o surgimento de um “novo elemento étnico”: o índio mestiço ou civilizado. Com os “índios civilizados do Oiapoque”, o autor identifica cerca de vinte pessoas falantes de uma língua da família *Oyampi*, o *Caripoune*.

Na casa de Régis mora um de seus homens, chamado Louis Baptiste, que fala não apenas o Aroua, mas ainda o Caripoune e o Maraone. Este último dialeto é também falado por um outro *Aroua*, chamado Narcisse. O capitão Régis e outro chamado Henri Caïman são conhecidos por falar o Aroua mais puro, assim com uma senhora Laze, habitante do Curipi. [...] Há uma vintena de Caripounes entre os Índios civilizados do baixo Oiapoque. O dialeto Caripoune é da família *Oyampi*. Agoustine, do Couripi, comandante do barco que me levou a Caiena, é Caripoune. Ele fala muito bem esse dialeto. O capitão Régis, do Ouassa, capitão do Arouas, é também Caripoune. São Agoustine e Régis os que melhor conhecem esse dialeto. [...] Caripounes e Arouas falam geralmente o crioulo de Caiena. Os *Palicours*, menos. Todavia, *Palicours* e *Arouas*, entre si, falam apenas o próprio dialeto (COUDREAU, 1893, p. 378-379 *apud* TASSINARI, 2003, p. 131).

Com base na descrição acima, constatou-se que a população da região do baixo Oiapoque, no final do século XIX, foi formada por índios civilizados²⁹ e brasileiros refugiados. Aqueles, com os mesmos costumes da população crioula de Caiena, e estes,

²⁹ *Palicours*, os *Arouas* e os *Caripounes*.

conforme Coudreau³⁰ (1887), tendo o português como “língua materna ou habitual dos refugiados que povoam estas regiões” (COUDREAU, 1887, p. XXXVII).

No século XX, os documentos que dizem respeito à língua dos *Karipuna* são, em sua maioria, documentos oficiais do governo brasileiro, isto é, os relatórios da Comissão de Inspeção de Fronteiras do Ministério da Guerra - CIFMG, publicados no ano de 1927. Os registros mencionam a língua usada nas atividades comerciais da região: “a língua falada pelos índios nas suas relações com os civilizados é o patuá do crioulo francês, que se infiltrou naquele meio. A moeda que recebiam por pagamento do seu trabalho ou venda dos seus produtos era francesa”. (MINISTÉRIO DA GUERRA, 1927a, p. 21).

A memória dos *Karipuna* menciona uma “língua dos antigos” falada por seus antepassados até o início do século XX. As poucas palavras lembradas e coletadas na década de 1990 remetem ao nheengatu ou língua geral amazônica. Essa hipótese pode ser reforçada por meio de notícias de viajantes e missionários que estiveram na região durante o século XIX (VIDAL; GIANNINI, 2005, p. 49).

O *kheuól* falado hoje é considerado como L1 dos *Karipuna* e *Galibi-Marworno*, em aldeias como Espírito Santo e Kumarumã. Nas demais é visível o seu uso como L2³¹, e o Português como L1. Segundo os próprios falantes das duas etnias, há diferenças fonéticas e lexicais em relação ao uso do *kheuól* falado pelos *Karipuna* e *Galibi-Marworno*. Além da diferença de traços linguísticos entre a variedade falada pelo povo *Karipuna* e *Galibi-Marworno*, Barros da Silva (2016, p. 83) aponta semelhanças entre o *kheuól* e o crioulo falado na Guiana Francesa: “há na formação do léxico do *kheuól* uma significativa contribuição das línguas caribe, principalmente do galibi antigo, como os *Galibi-Marworno* se referem à sua língua originária”.

Tassinari (2016) considera o *kheuól* como língua franca da região, com variações do patuá falado por outros povos indígenas e, principalmente, do patuá de Caiena. Já para Couto³² (2010), Moore³³ (2011) e Campetela *et al.* (2017), trata-se de um crioulo de base francesa, falado por indígenas do Norte do Brasil. A meu ver, essa última concepção vai de

³⁰ Coudreau (1893) menciona a existência de dois falantes que não se diferenciam como membros de uma etnia específica. Ambos utilizam a língua maraone (TASSINARI, 2003, p. 134).

³¹ O uso do *kheuól*, menos recorrente nas aldeias *Karipuna*, ou dada como L2, deve-se a alguns fatores históricos impostos pelo governo brasileiro e pelos líderes indígenas no século XX, em que pese a proibição do uso do *kheuól* na educação escolar implantada nas aldeias *Karipuna*, em 1934, pelo Serviço de Proteção aos Índios (SPI), além de o governo incentivar as famílias a usar apenas o português.

³² O autor não considera como língua étnica.

³³ Há dois grupos indígenas no norte do Amapá, o *Galibi-Marworno* e o *Karipuna do Norte*, que viveram por muito tempo na Guiana Francesa e falam línguas crioulas grandemente influenciadas pelo crioulo baseado no francês desse país (MOORE, 2011, p. 228).

encontro à classificação dada por Alleyne e Ferreira (2007), que concebem o *kheuól* como uma variedade do *Amazonian French Creole*³⁴, interligado, em termos sócio-históricos e linguísticos, ao crioulo francês falado na Guiana Francesa.

O certo é que o *kheuól* é a única variedade crioula de base francesa falada por indígenas no Brasil, por esse motivo, justifico que ela deva ser estudada por linguistas brasileiros e/ou pelos próprios falantes indígenas, tendo em vista que a maior parte dos trabalhos sobre essa variedade é de autoria estrangeira. Couto (2010) corrobora, avaliando que ainda não foi feito nenhum estudo sobre contato de línguas na região do Oiapoque:

[...] até onde pude averiguar, a questão ainda não foi investigada da perspectiva do contato de línguas, a fim de aferir as influências linguísticas nos dois sentidos. Só agora está começando um projeto nesse sentido, envolvendo pessoas do Rio de Janeiro e o linguista francês Louis-Jean Calvet. Aparentemente, nem a língua dos *karipuna*, dos *galibi-marworno* e dos *palikur*, que se localizam no interior do território brasileiro, foi estudada sistematicamente por linguistas brasileiros. O que temos até agora são trabalhos provisórios de missionários (COUTO, 2010, p. 114).

A discussão sobre o incentivo de trabalhos brasileiros, no âmbito do contato de línguas, torna-se imprescindível por vários motivos, citarei dois: o primeiro diz respeito ao lugar fronteiriço que ocupa a cidade de Oiapoque; e, o segundo, pela constante interação linguística observada na região, com o uso do português amazônico, de variedades crioulas e indígenas. Couto (2010) mostra que essa relação de contato, tanto do lado brasileiro, quanto do lado francês, provoca desdobramentos.

Quando se fala em contatos entre português e francês, não se pode deixar de mencionar a intensa interação entre o primeiro e variedades do segundo dentro da própria Guiana Francesa há contato entre português e crioulo francês (*créole*) devido à grande imigração de brasileiros, muitos deles vivendo ilegalmente no país. Por esse motivo, há uma presença relativamente forte do português em solo guianense. [...] O fato é que nas duas cidades (Oiapoque e Saint-Georges de l'Oyapock) há uma interinfluência muito grande entre variedades de francês e português, embora com certa predominância do português, sobretudo em Oiapoque mas, e em grau menor, também em Saint-Georges (COUTO, 2010, p. 113).

É importante ressaltar a existência de uma Tese³⁵ de Doutorado sobre contato de línguas na região do Oiapoque, produzida por Celeste Maria da Rocha Ribeiro, professora da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), defendida³⁶ em 2018, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), assim como, a Dissertação de Mestrado sobre a situação sociolinguística da fronteira franco-brasileira, produzida por Kelly Cristina Nascimento Day,

³⁴ crioulo francês amazônico (tradução minha).

³⁵ Título: “Contato Linguístico e a concordância de número no sintagma nominal no português do Oiapoque/AP”.

³⁶ Título: “A situação sociolinguística da fronteira franco-brasileira: Oiapoque e Saint-Georges”.

professora da Universidade do Estado do Amapá (UEAP), defendida em 2005, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ).

Mesmo que em número reduzido, os projetos ou trabalhos linguísticos recentes sobre a região do Oiapoque precisam ser fomentados e divulgados. Em relação ao kheuól, cabe mencionar dois projetos de documentação linguística que estão sendo desenvolvidos no âmbito do CLII da UNIFAP: “Valorização das línguas crioulas do norte do Amapá” e “Língua kheuól na Universidade”. O primeiro visa produzir e promover conhecimentos sobre as línguas e culturas crioulas dos povos indígenas *Karipuna* e *Galibi-Marworno*, além de formar pesquisadores indígenas que possam fomentar a elaboração de materiais didáticos e paradidáticos³⁷, na intenção de fortalecer o uso das variedades crioulas nas aldeias e na escola indígena. O segundo é um projeto de extensão que objetiva oferecer o ensino do kheuól para indígenas que têm o português como primeira língua:

Esta iniciativa visa a prestigiar o kheuól e, por consequência, fortalecer a identidade étnica dos povos que a têm como língua materna para o enfrentamento do preconceito, da discriminação étnica e do viés ‘exótico’ com que são tratadas as culturas indígenas no universo de Oiapoque. As aulas são ministradas por professores indígenas formados pelo CLII, que já atuam nas escolas de suas comunidades (CAMPETELA *et al.* 2017, p. 158).

Diante do cenário apontado por Campetela *et al.* (2017), é possível visualizar práticas de valorização e de revitalização da variedade crioula falada na região do Oiapoque. A respeito do que já foi produzido sobre o kheuól, irei apresentar, de forma sucinta, as gramáticas, os dicionários e o vocabulário experimental.

Como mencionado nos subcapítulos anteriores, durante a década de 1980 houve uma grande investida de pesquisadores e de missionários na área indígena do Oiapoque, contando com a presença de linguistas estrangeiros do SIL e de missionários do CIMI. Isso permitiu a elaboração e a publicação das primeiras gramáticas sobre kheuól. A gramática intitulada *The Grammar of Karipuna Creole* foi publicada em 1983, pela Sociedade Internacional de Linguística, de autoria de S. Joy Tobler. O autor, em sua apresentação, considera a variedade *Karipuna* como um dialeto do crioulo guianês e frisa a permanência de algumas palavras, respectivamente sobre a fauna e a flora, da língua original (língua geral), além de observar a incorporação de algumas palavras do português.

A gramática de Tobler (1983) segue a abordagem dada por Hale (1973), que diz respeito à correlação de papéis semânticos com *slots* de estrutura superficial nas orações e à

³⁷ Em 2019 foram publicados livros didáticos e paradidáticos em kheuól *Karipuna* e em kheuól *Galibi-Marworno*, são eles: *Xime dji konetmã* e *No Lang No Mias* (FORTE, *et al.*, 2019); e *No Liv dji Ixtwa Galibi-Marworno* e *Nate Konétmã dji Thavai* (SILVA, *et al.*, 2019).

definição de um sistema de transitividade em termos de regra estrutural. Tobler (1983) divide sua gramática em seis partes: 1) A sentença; 2) A oração; 3) A frase; 4) A palavra; 5) O morfema; 6) Comentários gerais; além de partes destinadas a notas de rodapé, apêndices contendo uma breve descrição dos aspectos fonêmicos e uma lista de palavras sobre o kheuól. Em relação aos fonemas, o autor registra vinte e duas consoantes, sete vogais orais e três vogais nasais, como ilustram abaixo o Quadro 08 e 09.

Quadro 08 – Consoantes do kheuól

Articulação		Labial	Apical	Laminal	Dorsal
maneira	lugar				
Plosivas	desvozeada	p	t	č	k
	vozeada	b	d	j̃	g
Fricativas	desvozeada	f	s	š	h
	vozeada	v	z	ž	-
Líquidas	-	w	l	r	y
Nasais	-	m	n	-	ŋ

Fonte: Tobler (1983, p. 87).

Quadro 09 – Vogais do kheuól

		Anterior	central	posterior
oral	alta	i	-	u
	média	e	-	o
	baixa	ɛ	a	ɔ
nasal	-	ẽ	ã	õ

Fonte: Tobler (1983, p. 87).

Este trabalho, para Couto (2010), embora pioneiro, deve ser visto com cautela, no que tange à veracidade dos dados, pois, Tobler tentou manter a “pureza” da língua. Apesar das críticas ao trabalho de Tobler, sua gramática continua relevante diante da carência de estudos dessa natureza.

Em 1984, após a publicação da gramática de Tobler (1983), tem-se a segunda gramática sobre o kheuól, editada em português, de autoria da missionária do CIMI, Rebecca Spires. O livro intitulado *Gramática Kheuól* começou a ser elaborado em meados de 1980, a partir de um curso básico sobre o kheuól, ministrado por Ruth Monserrat, linguista da Universidade Federal do Rio de Janeiro. A obra também conta com a colaboração de indígenas *Karipuna* e *Galibi-Marworno*. Em depoimento dado por Spires (2013) à revista do CIMI Regional Norte II, a missionária relata sua experiência com os indígenas *Karipuna* nos anos de 1980 e 1981, período em que morou na aldeia Espírito Santo. Na ocasião, sua tarefa consistia em, a partir do curso básico assistido, aprender a língua, elaborar uma gramática e

compartilhar com a comunidade. No fim de todo esse processo, a gramática foi publicada de forma artesanal com a utilização de um mimeógrafo.

A obra de Spires (1984) está dividida em duas partes: 1) Morfologia e 2) Sintaxe. A primeira diz respeito à classificação e à exemplificação das palavras: substantivos, pronomes, adjetivos, advérbios e verbos. Na segunda, a autora apresenta a ordem das palavras nas frases e os processos de subordinação e de coordenação em kheuól. Além desses aspectos morfossintáticos, a gramática dispõe de comentário acerca do alfabeto, bem como de informações sobre os aspectos fonológicos da língua. No que tange à elaboração do alfabeto, este foi pensado pelos falantes de kheuól, os quais sugeriram, por exemplo, a substituição de alguns símbolos do alfabeto, como w e y para u e i. Segue abaixo (cf. Quadro 10) o alfabeto elaborado que serviu de subsídio para o entendimento da gramática de Spires (1984) e, também, auxiliou na descrição dos itens lexicais da presente Tese.

Quadro 10 – Alfabeto do kheuól

	Alfabeto Kheuól	Som	Exemplo em português	Exemplos em Kheuól	Tradução
CONSOANTES	B	b	bola	bakóv	banana
	D	d	data	duhi	arroz
	F	f	faca	fomi	formiga
	g	g	gato	gu	sabor
	H	h	rato	hóx	pedra
	J	ž	junto	jam	perna
	K	k	casa, quem	kanũ	canoa
	L	l	liso	lapo	pele, casca
	M	m	mata	maxe	andar
	P	p	para	pagai	remo
	R	r	cera	turé	dança
	S	s	saia	solei	sol
	T	t	tempo	tauahu	tracajá
	V	v	venda	vihe	virar
	X	š	rixa, chá	xat	gato
	Z	z	zero, casa	zét	asa
	Dj	dž	nadia	sodje	panela
ng	ŋ	manga	zeng	zinco	
Tx	č	tchau	txig	onça	
VOGAIS	A	a	papai	aha	arara
	Ā	ã	maçã	vã	vento
	E	e	pera	sekle	capinar
	É	é	mel	bét	bicho
	Ě	ě - ě	benta	txěbe	pegar
	I	i	rio	batxi	roça
	O	o	boa	zohe	orelha

	Ó	o	bola	txó	coração
	Õ	õ - õ	bom	puasõ	peixe
	U	u	tudo	suk	açúcar
SEMI-VOGAIS	U	w	quase, pau	tauahu	tracajá
	I	y	pai, saia	ie, uasei	eles, açai

Fonte: Spires (1984, p. 06).

Outros dois trabalhos desenvolvidos com base no estudo da variedade crioula são os dicionários de Alfred W. Tobler, publicado em 1987, e o dicionário de Francisca Picanço Montejo, publicado em 1988. O dicionário de Tobler tem como título *Dicionário crioulo Karipúna/Português Português/Crioulo Karipúna*. Neste volume o autor denomina o kheuól como *Crioulo Karipuna*, por entender que seja a única variedade falada pelo povo *Karipuna*, por isso o uso do termo “Karipuna” como adjetivo.

A obra de Tobler (1987) está distribuída da seguinte forma: introdução; guia de pronúncia; dicionário Crioulo Karipuna - Português; apêndice; dicionário Português-Crioulo-Karipuna. O dicionário em si contém cerca de dois mil vocábulos e uma lista de palavras (situada no apêndice do dicionário) em que o autor incluiu os seguintes fatores: uso incomum, origem estrangeira, uso restrito ou não confirmado, além da impressão semântica e ortográfica. O dicionário é uma espécie de complemento à gramática de Tobler (1983), tendo sido publicado também pelo SIL.

O segundo dicionário confeccionado parece complementar à gramática de Spires (1984), foi o *Dicionário Kheuól - Português/Português-Kheuól*, de Francisca Picanço Montejo, publicado em 1988, pelo CIMI (Edições Mensageiro), com o objetivo de preservar a língua e de auxiliar o ensino do kheuól e do português. Montejo (1988) explica que a elaboração dessa obra teve início em 1983, ano em que trabalhou como voluntária do CIMI Regional Norte II, na aldeia Espírito Santo. A autora contou com a colaboração de indígenas *Karipuna* e *Galibi-Marworno*.

No dicionário de Montejo (1988), há uma parte introdutória que dispõe de apresentação da obra, do período histórico e da metodologia, contemplando a abordagem de informações sobre a localização e a língua, além de nota sobre aspectos fonéticos, fonológicos e ortográficos. O alfabeto do kheuól e as representações fonéticas dispostas na obra são as mesmas encontradas na gramática de Spires (1984). Na segunda parte do livro, tem-se o dicionário, que registra cerca de três mil vocábulos inventariados e uma pequena seção ao final do livro, por sua vez destinada à catalogação de nomes próprios e topônimos, no total de 200 vocábulos.

Friso que, no decorrer da obra, há ilustrações, no sentido de facilitar o entendimento do leitor. Com isso, considero o dicionário em questão uma boa ferramenta para o ensino do kheuól, tendo em vista que muitos professores indígenas e não-indígenas o usam em suas aulas de língua materna. No entanto, ressalto que durante minha pesquisa de campo pude verificar a obsolescência de muitas palavras e de palavras não dicionarizadas. Isso requer certa urgência na atualização do documento, reconhecendo que já se passaram quase 40 anos desde a sua primeira publicação.

O último trabalho encontrado foi o *Vocabulário Português-Palikir-Kheuol*, publicado em 2004, sob a edição do SIL e de autoria do casal Diana Green e Harold Green. Trata-se de um pequeno vocabulário das três línguas mais faladas na região do Oiapoque (português, parikwaki³⁸ e kheuól). Segundo Green e Green (2004, p. I), o livro foi “destinado aos falantes dessas línguas, que desejam aprender a falar e a escrever as outras (português, kheuól e parilwaki)”. Esta obra foi organizada a partir da coleta de material sobre a língua parikwaki, por meio da qual os autores a confeccionaram com a colaboração de vários indígenas *Palikir*. Em seguida, para construção do vocabulário em kheuól, os autores retiraram vocábulos dos dicionários já publicados, identificando palavras comuns e usuais que pudessem ser correspondidas entre o português, o kheuól e o parikwaki. O livro reúne cerca de três mil vocábulos, organizados em três colunas, na qual cada coluna corresponde a uma língua: português, parikwaki e kheuól.

A história apresentada aqui sobre o povo *Karipuna*, por meio dos relatos de viajantes do século XVII, e dos documentos oficiais do Governo, revela o percurso linguístico dessa população que, por vezes, conduz o leitor à interpretação múltipla, sem saber ao certo a origem da variedade *Karipuna*. No entanto, há relativo consenso entre os estudiosos no que tange à ideia de que a variedade falada pelos *Karipuna do Amapá* expressa uma ressonância crioula, resultante do contato entre francês guianês, o português amazônico e demais línguas de/em contato na região do Oiapoque.

Entender o kheuól registrado pelas gramáticas e pelos dicionários publicados nos anos de 1980 permite compreender as influências e as mudanças linguísticas presentes no estágio atual desta variedade, tendo em vista o tempo de publicação dessas gramáticas e dicionários. Atualmente, grupos de pesquisa da Universidade Federal do Amapá têm se dedicada à produção de dicionários e materiais didáticos em kheuól, tanto para a etnia *Karipuna* como para os *Galibi-Marworno*.

³⁸ A língua da etnia Palikir chamada de Parikwaki também é reconhecida pelo próprio nome da etnia.

3 CONTATO LINGUÍSTICO E DIALETOLOGIA

Este capítulo está organizado em quatro subcapítulos. No primeiro, apresento os principais conceitos do campo de Contato Linguístico. No segundo, fomento discussões acerca dos rumos da pesquisa dialetológica no Brasil, buscando traçar os principais atlas linguísticos da área. No terceiro, apresento uma vertente da Dialetologia Geral que tem sido desenvolvida a partir da interface com outras áreas do conhecimento, como a chamada Dialetologia Estrutural, Gerativa, Social Perceptual e Contatual. Por último, pontuo trabalhos de natureza dialetal e geolinguística produzidos no Brasil, dentre os quais destaco os que estão inseridos numa abordagem da Dialetologia Contatual.

3.1 CONTATO LINGUÍSTICO E EMPRÉSTIMO LEXICAL

O contato de línguas apresenta inúmeros processos e/ou fenômenos linguísticos que ora podem resultar apenas em empréstimos lexicais, ora na criação de novas palavras ou, até mesmo, de novas variedades linguísticas. Os estudos atuais sobre línguas em contato demonstram que há diferentes resultados envolvendo graus de influência de uma variedade sobre a outra.

O termo “Contato Linguístico” pode ser compreendido da seguinte forma:

[...] término empleado para aquellas situaciones en las que grupos de dos o más hablantes que no tienen la misma lengua materna em común están o entran em contacto social. Si bien a corto plazo la comunicación entre ambos grupos puede ser difícil, a largo plazo puede hacer que ambas lenguas se influyan mutuamente como consecuencia del bilingüismo de parte de los hablantes involucrados. El contacto de lenguas puede dar lugar o implicar fenómenos tales como el préstamo, cambio de código, cambio de lengua, línguas francas, multilingüismo o pidginización (TRUDGILL; CAMPOY, 2007, p 75)³⁹.

Em uma perspectiva sociopolítica de língua, Sankoff (2003) assevera que o contato linguístico não pode ser concebido como uma mera atividade individual, mas deve ser compreendido como um produto histórico de forças sociais.

Para Calvet (2002), os fenômenos derivados do contato linguístico constituem-se em objeto indispensável da Sociolinguística. Como um dos primeiros estudiosos citados, tem-se o

³⁹ [...] termo usado para situações em que grupos de dois ou mais falantes que não têm a mesma língua materna em comum estão ou entram em contato social. Embora, em curto prazo, a comunicação entre os dois grupos possa ser difícil, em longo prazo pode fazer com que ambas as línguas influenciem umas às outras como consequência do bilinguismo por parte dos falantes envolvidos. O contato de línguas pode dar origem ou implicar fenômenos como o empréstimo, mudança de código, mudança de língua, língua franca, multilinguismo ou pidginização (tradução minha).

linguista polaco-americano Uriel Weinreich, autor do livro “*Languages in contact: findings and problems*”, publicado em 1953. Nesta obra, o autor afirma que o contato linguístico acontece quando duas ou mais línguas são usadas alternadamente pela mesma pessoa. Deste modo, os indivíduos que as usam são, portanto, o *locus* do contato⁴⁰. Acerca do uso alternado de duas ou mais línguas, Weinreich (1953) classifica esta prática como *bilinguismo*⁴¹, denominando as pessoas envolvidas no processo como indivíduos bilíngues.

Vale aprofundar a classificação proposta por Weinreich (1953), uma vez que a complexidade em definir a situação de bilinguismo traz à tona novas formulações, como forma de aprimorar o campo de investigação. Hamers e Blanc (1983), por exemplo, propõem os termos “bilinguismo” e “bilinguagem” como fenômenos distintos, sendo o primeiro, de caráter coletivo, ao passo que, o segundo, é percebido como ato individual. Para eles, o *bilinguismo*, enquanto fenômeno complexo deve ser estudado levando em consideração variados níveis de análise como o individual, o interpessoal, o intergrupar e o social.

Mackey (1976) já havia apontado para necessidade de uma concepção mais abrangente de *bilinguismo*, contrariando a definição restrita de Bloomfield (1933) que chamava de *bilinguismo* a situação de falantes que têm uma competência equivalente nas duas línguas. Para Mackey (1976), *bilíngue* diz respeito a toda situação em que “duas línguas se encontram”, enquanto o *bilinguismo* é percebido como processo no qual o falante é levado a usar outra língua diferente da sua independente do nível de competência linguística.

Outros conceitos que merecem destaque são de *diglossia*, *interferência linguística* e *empréstimo linguístico*, fenômenos de fala que atraem, em sua maioria, o interesse dos linguistas, e que poderão ser observados à luz dos resultados obtidos no curso desta pesquisa. A noção de *diglossia* foi sugerida por Ferguson, em 1959, a fim de nomear a coexistência de duas formas linguísticas (variedade baixa e variedade alta) em uma mesma comunidade de fala.

Diglossia is a relatively stable language situation in which, in addition to the primary dialects of the language (which may include a standard or regional standards), there is a very divergent, highly codified (often grammatically more complex) superposed variety, the vehicle of a large and respected body of written literature, either of an earlier period or in another speech community, which is learned largely by formal education and is used for most written and formal spoken purposes but is not used by any section of the community for ordinary conversation (FERGUSON, 1972 [1959], p. 244-245)⁴².

⁴⁰ Calvet (2002) acrescenta que o lugar desses contatos pode ser além do indivíduo bilíngue ou em aquisição a comunidade na qual o falante se insere.

⁴¹ Para Weinreich (1953), todas as observações apontadas por ele sobre bilinguismo também se aplicam ao *multilinguismo*, termo que pode ser usado como sinônimo.

⁴² *Diglossia* é uma situação linguística relativamente estável em que, além dos dialetos primários da língua (que podem incluir um padrão ou padrões regionais), há uma variedade sobreposta, muito divergente, altamente

Weinreich (1953) denomina de *interferência* os casos de desvio de norma⁴³, de qualquer língua, presente na produção linguística de indivíduos bilíngues. Esse “desvio” pode ocorrer em três níveis ou tipos de interferência: fônico, sintático e lexical. É importante ressaltar que a interferência deve ser compreendida como um fenômeno individual, já o empréstimo linguístico, como um fenômeno social.

No que tange ao *empréstimo linguístico*, Weinreich (1953) trata de como um fenômeno coletivo e natural pode derivar do contato ou da mistura de línguas. Acredita-se, assim, que dificilmente existirá uma língua natural no mundo que não tenha palavras emprestadas de outras línguas em seu vocabulário.

Winford (2003) defende a ideia de um contínuo de empréstimo que se estende desde o empréstimo lexical simples — como um contato causal — ao empréstimo estrutural muito forte, induzido por contato. Desta forma, o autor apoia-se no contínuo de empréstimo, elaborado por Thomason e Kaufman (1988), a fim de sustentar o referido argumento. Trata-se de uma escala com cinco estágios ou níveis de empréstimos, representando o aumento de intensidade do contato e o aumento de distância tipológica das línguas. Segue abaixo o referido contínuo.

Quadro 11 - Escala de empréstimos de Thomason e Kaufman (1988)

Estágios	Características
1. Contato casual	1. Somente empréstimos lexicais;
2. Contato levemente intenso	2. Empréstimo estrutural leve; conjunções e partículas adverbiais;
3. Contato mais intenso	3. Um pouco mais de empréstimo estrutural; (com o uso de apositivos, afixos derivacionais);
4. Pressão cultural forte	4. Empréstimo estrutural moderado (apresentam características estruturais que causam, relativamente, pequenas mudanças tipológicas);
5. Pressão cultural muito forte	5. Empréstimo estrutural forte (apresentam características estruturais que causam uma interrupção tipológica significativa).

Fonte: Extraído de Winford (2003, p.30), adaptado pelo autor.

Seguindo as ideias de Haugen (1950), Winford (2003) classifica os fenômenos de contato lexical em duas grandes categorias: i) *empréstimos lexicais*, que envolvem a

codificada (amiúde gramaticalmente mais complexa), veículo de uma grande e respeitada parcela da literatura escrita, quer de um período anterior quer de outra comunidade de fala, e que é aprendida essencialmente pela educação formal e usada para a maioria dos propósitos escritos e formais, mas não é usada por nenhum segmento da comunidade para a conversação ordinária (FERGUSON, 1972 [1959], p. 244-245, tradução minha).

⁴³ O termo *norma* deve ser entendido aqui, para além daquela que procede das instituições que criam regras sobre a língua, mas também como o uso habitual que o falante faz desta.

reprodução de palavras da língua dominante e as ii) *criações lexicais*, que são criações de palavras nativas para expressar conceitos de uma língua estrangeira ou dominante.

Nesta primeira categoria, os *empréstimos lexicais* podem ser subdivididos em duas subcategorias: a) palavras emprestadas (*loanwords*), na qual a totalidade ou parte da composição morfológica do empréstimo deriva da língua-fonte externa; b) empréstimos por substituição (*loanshifts*), em que a composição do item emprestado é totalmente nativa e o seu significado deriva, em partes, da língua doadora. Cada uma dessas subcategorias pode ser ainda dividida de acordo com os tipos de *importação* e *substituição* envolvidos.

No caso das palavras emprestadas (*loanwords*), essas são divididas em: estrangeirismos puros (*pure loanwords*) e misturas de empréstimos (*loanblends*). Os estrangeirismos puros (*pure loanwords*) consistem em palavras simples ou compostas que, às vezes, sofrem modificações semânticas. As misturas de empréstimos (*loanblends*), por sua vez, envolvem a transferência de partes do sistema da língua estrangeira, em ação simultânea a reprodução de estruturas linguísticas que “sobram” da língua nativa (importação de um morfema estrangeiro combinado a um morfema nativo).

Já no caso dos empréstimos por substituição (*loanshifts*), ou empréstimos de significados, a palavra nativa sofre extensão do seu significado a partir do modelo da língua doadora. Este tipo de processo envolve uma composição lexical que permite ampla variedade de resultados, como os *calques* que são as traduções literais (imitações) que se efetuam na transposição de uma língua-fonte para uma língua-alvo.

Na segunda categoria, a formação de novas palavras envolve a *importação de palavras*, sendo esta, um subproduto do empréstimo lexical. Para Winford (2003), novas composições podem ser construídas de materiais nativos para expressar novos conceitos, além de ser possível encontrar novas composições que estão sendo criadas de materiais estrangeiros. Trata-se de inovações com base em padrões nativos ou extensões criativas de um padrão estrangeiro que não tem correspondência com a língua-alvo. A seguir, apresenta-se a classificação dos fenômenos de contato lexical mencionada.

Quadro 12 - Classificação do fenômeno de contato lexical

TIPOS	PROCESSOS ENVOLVIDOS
I - EMPRÉSTIMOS (modelado na língua doadora)	
A - estrangeirismos (<i>loanwords</i>): 1. palavras “puras” emprestadas (<i>loanwords pure</i>)	- importação morfológica total de palavras simples ou compostas; - variação dos níveis de substituição fonológica;
2. misturas de empréstimos (<i>loanblends</i>)	- possível mudança semântica; - combinação de morfemas importados e nativos;

2a. mistura por derivação 2b. mistura por combinação	- raiz importado + afixo nativo; - raiz nativo + afixo importado - raiz importado + Raiz nativo;
B - palavras emprestadas (significado emprestado) (<i>loanshifts</i>) 1. “extensões” (empréstimos semânticos)	substituição semântica de uma palavra nativa sob influência de uma palavra estrangeira; a. semelhança fonológica; b. semelhança semântica parcial;
2. empréstimos por tradução literal (calques)	combinação de morfemas nativos na imitação do padrão estrangeiro;
II - CRIAÇÕES NATIVAS	
1. criações puramente nativas;	uso inovador de palavras nativas para expressar conceitos estrangeiros;
2. criações híbridas;	misturas de morfemas nativos e estrangeiros para expressar conceitos estrangeiros;
3. criações usando apenas morfemas estrangeiros.	combinações de morfemas estrangeiros para novos conceitos.

Fonte: Extraído de Winford (2003, p.45), adaptado pelo autor.

A presente discussão amplia o entendimento de que o contato linguístico pode resultar em diferentes fenômenos, seja em decorrência do alto grau de contato, seja em função do baixo grau de contato, como a *intereferência linguística*, a *diglossia*, o *empréstimo linguístico*, a *mudança de código*, a *existência de línguas francas ou línguas crioulas*, o *bi/multilinguismo*, a *pidginização* e entre outros.

Assim, pode-se inferir que os fenômenos linguísticos derivados do contato linguístico, ou do contato entre línguas, não se restringem a uma análise puramente linguística, uma vez que devem ser entendidos numa perspectiva sócio-histórica e sociopolítica da língua, pois, quanto mais intenso o contato entre os povos falantes de línguas diferentes, mais elementos linguísticos serão transferidos de uma língua-fonte (dominante) para uma língua-alvo (minoritária).

3.2 RUMOS DA DIALETOLOGIA NO BRASIL

No que se refere ao campo da Dialetologia no Brasil, é possível observar o estabelecimento de uma Dialetologia genuinamente nacional, no sentido *latu*, de uma Dialetologia com o rigor metodológico aprimorado da Geolinguística, aplicada por pesquisadores brasileiros em diferentes regiões do país.

Até a segunda metade do século XX, falava-se em uma Dialetologia portuguesa ligada à linguística românica, como no texto de Castilho (1972/1973). O autor apresenta informações gerais sobre a Dialetologia românica e os caminhos trilhados em Portugal e no Brasil. Sobre os rumos da Dialetologia no Brasil, Castilho (1972/1973) comenta a respeito de estudos realizados na área rural e urbana, situando diversos trabalhos publicados⁴⁴ à época, como fez Nascentes (1952).

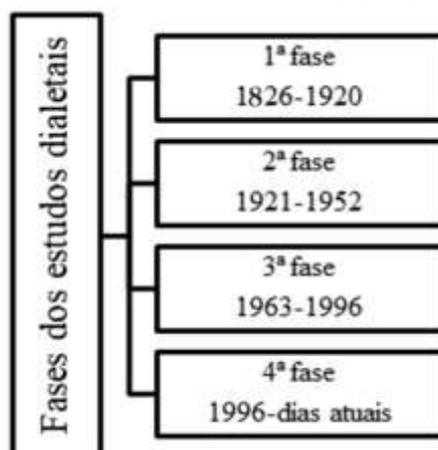
Nascentes (1952) foi o primeiro a propor uma divisão dos estudos dialetais no Brasil⁴⁵. Durante a década de 1990 essa proposta foi aprimorada por Ferreira e Cardoso (1994), e, posteriormente, complementada por Mota e Cardoso (2006; 2013). Ressalto que as propostas aqui suscitadas não fazem distinção entre os trabalhos de natureza dialetal e os trabalhos de natureza geolinguística (que trazem, em sua essência, mapas/cartas linguísticas). As propostas em destaque erguem possibilidades de assimilação dos fenômenos dialetais, desde a criação de inventários sobre os falares regionais até a elaboração de atlas linguísticos.

A proposta de Mota e Cardoso (2006; 2013) não difere tanto das divisões que foram sugeridas em 1994⁴⁶. Nesse novo panorama, apresentado pelas autoras, há quatro fases que descrevem a história dos estudos dialetais no contexto brasileiro. A primeira fase corresponde ao período de 1826 a 1920; a segunda vai de 1921 a 1952; a terceira segue de 1963 a 1996; e a última, quarta fase, inicia em 1996 e segue até os dias atuais. Em resumo, cada fase caracteriza-se por um aspecto específico de estudo ou evento. Abaixo (cf. Figura 05) mostra um esquema dessa divisão.

⁴⁴ Consultar em Castilho (1972, p. 126).

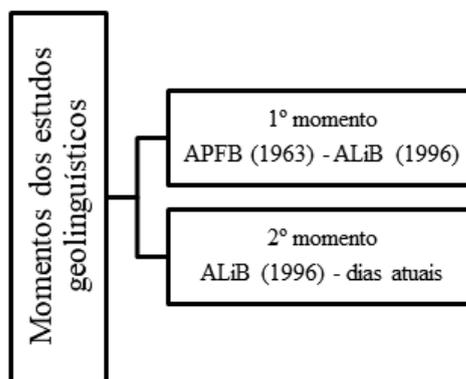
⁴⁵ Pode-se dividir a história dos estudos dialectológicos no Brasil em duas fases: a primeira, de 1826, ano no qual o brasileiro Borges de Barros publicou um estudo no livro de Adrian Balbi, até 1920, ano de publicação do livro *O dialeto caipira* de Amadeu Amaral; a segunda, de 1920 aos nossos dias (NASCENTES, 1952, p. 181).

⁴⁶ Ver Ferreira e Cardoso (1994).

Figura 05 – Fases dos estudos dialetais no Brasil

Fonte: Esquema elaborado pelo autor.

Em relação à divisão dos estudos geolinguísticos no Brasil⁴⁷, corroboro com a proposta de Romano (2013), que sugere a organização desses estudos a partir de dois momentos, adotando como ponto divisor o Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). Para o autor, a Geolinguística brasileira divide-se com base em estudos realizados antes e depois do Projeto ALiB, como mostra a Figura 06.

Figura 06 – Momentos dos estudos geolinguísticos no Brasil

Fonte: Esquema elaborado pelo autor.

De acordo com Romano (2013), o primeiro momento corresponde aos trabalhos de caráter geolinguístico, marcados pela elaboração de atlas linguísticos estaduais. O autor destaca a metodologia empregada nos atlas, identificando que não há uma uniformidade metodológica. Um dos primeiros trabalhos de atlas produzidos no Brasil foi o *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (ROSSI, et al. 1963); seguido do *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais* (ZÁGARI, et al. 1977); *Atlas Linguístico da Paraíba* (ARAGÃO; MENEZES,

⁴⁷ Separo a divisão de estudos dialetais da divisão de estudos geolinguísticos por razões teórico-metodológicas, uma delas é a confusão terminológica entre os termos Dialetoлогия e Geolinguística. Para mais detalhes ver Sanches (2015).

1984); *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil* (KOCH, et al. 2002; 2011); *Atlas Linguístico de Sergipe* (FERREIRA, et al. 1987); e o *Atlas Linguístico do Paraná* (AGUILERA, 1994).

O segundo momento corresponde aos trabalhos desenvolvidos a partir dos postulados metodológicos do ALiB, que se estendeu de 1996 até os dias atuais. Esses trabalhos são caracterizados pela abordagem moderna da variação e pelo incentivo à criação de projetos de atlas linguísticos orientados pelos diretores científicos do ALiB. Acerca disso, pode-se mencionar o *Atlas Linguístico Sonoro do Pará* (RAZKY, 2004); *Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul* (OLIVEIRA, et al. 2007); *Atlas Linguístico do Amazonas* (CRUZ, 2004); *Micro Atlas Fonético do Estado do Rio de Janeiro* (ALMEIDA, 2008); *Atlas Linguístico de Pernambuco* (SÁ, 2013); *Atlas Linguístico de Goiás* (MILANI; REZENDE; CRUZ; SILVA, 2015); o *Atlas Linguístico do Amapá* (RAZKY, RIBEIRO e SANCHES, 2017); o *Atlas etnolinguístico do Acre* (KARLBERG, 2018), dentre outros que se encontram em andamento.

É evidente que todos os trabalhos apresentados, sob os respectivos momentos da Geolinguística brasileira, são dotados de aspectos em comum, a exemplo da aplicação do método geolinguístico, da elaboração de mapas linguísticos e da realização de atlas linguísticos, seja de pequeno domínio, seja de grande domínio.

Com base nesse panorama, destaco um dos maiores projetos já firmados no Brasil, dentro desse campo de pesquisa, trata-se do *Atlas Linguístico do Brasil*. Desde o ano de 1996, o Projeto ALiB tem contribuído para a formação de novos pesquisadores na área da Dialetoлогия e da Sociolinguística, trazendo uma gama de conhecimentos científicos sobre o português brasileiro em seus diversos níveis: lexical, semântico, fonológico, fonético, morfológico, sintático, discursivo e pragmático.

São inúmeros os trabalhos já desenvolvidos por pesquisadores, orientados ou coordenados pelos diretores científicos do Projeto ALiB. Entre esses trabalhos, há um número considerável de atlas linguísticos, como explicitado anteriormente, além de monografias, artigos científicos, dissertações e teses (cf. PAIM, 2012; MOTA, 2015).

Vale ressaltar que não se trata apenas de estudos voltados à variação linguística, restritos à área da Dialetoлогия, mas, sim, de trabalhos que buscam explicar os fenômenos linguísticos a partir de outras teorias e/ou métodos científicos. Dessa forma, considero relevante o grande acervo intelectual de obras publicadas no âmbito da Dialetoлогия, associadas à linguística e às ciências em geral. A meu ver, não se pode, nem se deve exigir uma área autônoma que independa de outros campos do conhecimento. Ao contrário, friso que a Dialetoлогия tornou-se tão interdisciplinar quanto à linguística, tendo em vista que, ao

longo da história desenvolveu várias vertentes, a exemplo da Dialetologia Estrutural, Gerativa, Social, Perceptual e Contatual.

Chambers e Trudgill (1994) e Menéndez (1990) apresentam três desdobramentos da Dialetologia tradicional: a Estrutural, a Gerativa e a Social. Preston (1989; 1999; 2002), por sua vez, torna-se o principal nome da chamada Dialetologia Perceptual. Altenhofen e Thun (2016) mencionam ainda a existência de uma Dialetologia Contatual, com base no modelo de Dialetologia Pluridimensional e Relacional. Essas abordagens são discutidas adiante, a fim de situar os rumos traçados pela Dialetologia.

a) Dialetologia Estrutural

No que concerne à Dialetologia Estrutural, Chambers e Trudgill (1994, p. 62) afirmam que essa perspectiva foi influenciada pela linguística moderna, que apontava constantes críticas à Dialetologia tradicional, tratando da forma linguística como prática isolada, ao invés de pensá-la como parte do sistema ou da estrutura da língua.

Menéndez (1990) aponta o texto Trubetzkoy (1931) como um dos primeiros estudiosos a esboçar a aplicação do método estrutural à Dialetologia, responsável por propor estudo sobre a pronúncia de palavras e de fonemas iguais, com a finalidade de estabelecer diferenças etimológicas, verificando ainda limites e realizações fonéticas, bem como, divergências fonológicas entre variedades linguísticas.

O termo “Dialetologia Estrutural” foi empregado pela primeira vez no artigo intitulado “Is a Structural Dialectology Possible?⁴⁸”, de Uriel Weinreich (1954). Este estudo se deu pelo fato de que os linguistas, à época, tendiam a considerar que o sistema linguístico deveria ser estudado em si mesmo, sem referência a outros sistemas. A propósito, pode-se considerar, a título de exemplo, a possibilidade de encarar o sistema fonêmico de uma variedade em particular como modelo elaborado a partir do *sistema de distribuição*, que complementaria os sons, a similaridade fonética e a existência de pares mínimos dentro dessa variedade. Com isso, não seria viável comparar um fonema de uma variedade específica com outra, pelo fato de não haver contraste entre os fonemas, já que a função de um fonema era ser diferente de outros, logo, cada fonema seria visto como uma unidade contrastiva. Daí a forte tendência entre os linguistas de ignorar a Dialetologia, já que esta se baseava na comparação, conforme Menéndez (1990, p. 177):

⁴⁸ É possível uma Dialetologia Estrutural? (tradução minha).

La principal objeción que los estructuralistas formulaban a los dialectólogos era la ignorancia de la estructura de los geolectos y la comparación de elementos pertenecientes a diferentes sistemas, sin tomar en consideración las relaciones de cada elemento con los otros de su sistema. Por su lado, los dialectólogos pensaban que el interés de los estructuralistas por las oposiciones y funciones lingüísticas era complicado e innecesario, cuando no deformaban los hechos reales en favor de una excesiva abstracción.⁴⁹

Weinreich (1954), por sua vez, tenta unir as duas áreas (Linguística e Dialetologia), mostrando que a comparação seria possível a partir de um *diassistema*, um modelo que seria capaz de incorporar dois ou mais sistemas dialetais. A partir dessa perspectiva, seria possível observar diferenças e semelhanças parciais entre as variedades relacionadas, evidenciando a natureza sistemática das correspondências.

Para Chambers e Trudgil (1994), a Dialetologia Estrutural teve a intenção de aplicar alguns construtos da linguística moderna à Dialetologia tradicional, no entanto, com certas ressalvas, principalmente no que diz respeito aos aspectos fonológicos da língua (inventário, distribuição e incidência).

b) Dialetologia Gerativa

Na tentativa de resolver as limitações da Dialetologia Estrutural, surge uma nova perspectiva, a chamada Dialetologia Gerativa. Esta se mostrou uma alternativa viável, aplicando conceitos e construtos da fonologia gerativa à descrição e comparação de dialetos diferentes. Chambers e Trudgil (1994, p. 71) consideram que a fonologia gerativa parte da aproximação de níveis da fonologia, postulando a existência de “formas subjacentes, que são as formas fonológicas e que estão listadas nas unidades lexicais” e “regras fonológicas que transformam estas pronúncias reais”. Em síntese, a Dialetologia Gerativa constitui-se a partir da contribuição da fonologia gerativa, buscando tratar diferenças entre os dialetos, bem como, alternâncias fonológicas e morfológicas.

c) Dialetologia social

A Dialetologia social⁵⁰ surgiu, assim como as demais, diante dos novos rumos da linguística moderna. À medida que a Dialetologia tradicional sofria com a influência direta do pensamento funcionalista adotado pela linguística, influenciado também pelas ciências

⁴⁹ A principal objeção que os estruturalistas formularam aos dialetólogos diz respeito à ignorância da estrutura de variedades e à comparação de elementos pertencentes a sistemas diferentes, sem levar em conta as relações de cada elemento com os outros em seu sistema. Por outro lado, os dialetólogos pensavam que o interesse dos estruturalistas pelas oposições e as funções linguísticas era complicado e desnecessário e que às vezes distorcia os fatos reais a favor da abstração excessiva (MENENDÉZ, 1990, p. 177) (tradução minha).

⁵⁰ Também é conhecida por *Dialetologia urbana ou diastrática*.

sociais, os dialetólogos começaram a perceber que a dimensão espacial da variação linguística era excessivamente estudada, falando-se pouco sobre a dimensão social. Nos anos de 1930, os primeiros estudos dialetais buscaram superar esta carência⁵¹, agregando fatores sociais. Trata-se, em termos de publicação, do lançamento do *Atlas lingüísticos dos Estados Unidos e Canadá*. Apesar de o atlas estar inserido na Dialetologia tradicional, verificou-se em seu escopo metodológico a presença de informantes socialmente distintos, de modo que apontava indícios para a socialidade da variação.

Os primeiros estudos publicados sobre os dialetos urbanos, baseados na Dialetologia tradicional, em sua maioria, excluíram a dimensão social e selecionaram apenas os informantes que estavam acessíveis, como constam nas obras de David De Camp (1958), Eva Sivertsen (1960) e Wolfgang Viereck (1966).

Menéndez (1990) cita García de Diego (1978 [1926]) como o primeiro estudioso a utilizar o termo “dialeto social”. García de Diego (1978 [1926]) compreendia que a língua era composta por uma gama de dialetos complexos e geográficos, mutuamente influenciáveis, o que indicava uma superposição de dialetos sociais. Posteriormente, Alvar (1962) e Rona (1976) insistem na necessidade do reconhecimento das diferenças sociais dentro da diversidade dialetal, ressaltando que o fenômeno deveria ser estudado pela Dialetologia diastrática ou social.

As mudanças sociais do século XX, principalmente em relação à paisagem urbana dada pelo contingente populacional na Europa, mostram que os países estavam bastante urbanizados. Chambers e Trudgil (1994) citam como exemplo o caso da Inglaterra, onde se estimava que 90% da população residia nos centros urbanos. Isso permitiu que a Dialetologia pudesse considerar os espaços urbanos, tendo em vista a grande quantidade de falantes. Outros aspectos são considerados importantes para a mudança na orientação metodológica da Dialetologia, como o surgimento da Sociolinguística, por meio dos trabalhos de William Labov (1963; 1966; 1972). Esses estudos passaram a controlar os fatores sociais, no sentido de explicar os fenômenos linguísticos, sendo a Dialetologia social entendida a partir do contexto sócio-histórico dos falantes.

Para Menéndez (1990), a Dialetologia Social configura-se como uma prolongação da geografia linguística dos níveis sociais, ou de uma nova forma de Dialetologia. Rona (1976) acrescenta que o aspecto social na Dialetologia figura como uma superposição interdisciplinar

⁵¹ Não se pode falar em exclusão dos fatores extralinguísticos na Dialetologia tradicional no século XX, até porque não era o objetivo da disciplina, conseqüentemente a preocupação com a dimensão diastrática ficaria em segundo plano.

da Sociolinguística e da própria Dialetoлогия, podendo ser denominada de “Sociodialetoлогия⁵²” ou uma nova forma de fazer pesquisa dialetal que incorpora precisamente a dimensão social. Vale ressaltar a ocorrência de outras nomenclaturas, as quais também fazem parte da Dialetoлогия Social: a geossociolinguística (RAZKY, 2004; 2010), a Geolinguística pluridimensional (CARDOSO, 2010) e Sociogeolinguística⁵³ (SANTOS; CRISTIANINI, 2012).

É importante destacar o uso da terminologia “geossociolinguística”, sendo uma abordagem adotada por Abdelhak Razky. O termo foi empregado pela primeira vez no ano de 1997, dando nome ao *Projeto Atlas Geossociolinguístico do Pará* (ALiPA), que posteriormente, em 2004, resultou na publicação do primeiro atlas falante brasileiro: o *Atlas Linguístico Sonoro do Pará* (ALiSPA). O objetivo principal desta abordagem é compensar os aspectos sociais isentos da geolinguística tradicional, isto é, unir o aparato metodológico da Sociolinguística com o da Geolinguística.

Para Razky e Guedes (2015), a geossociolinguística possibilitou observar uma imagem mais autêntica da variabilidade linguística do português brasileiro e permitiu compreender melhor os problemas concernentes à homogeneidade dialetal presentes nos mapas linguísticos de atlas monodimensionais. Em suma, a geossociolinguística pode ser esquematizada da seguinte forma:

Figura 07 - Esquema de configuração da geossociolinguística



Fonte: Elaboração do autor.

⁵² Termo também empregado por Gregory Guy (2012).

⁵³ Santos e Cristianini (2012) buscam a interface da Geolinguística com outras áreas do saber linguístico, como a Sociolinguística e a Análise do discurso.

A Figura 07 indica que, a exemplo da Dialetologia Social, a geossociolinguística também busca controlar o aspecto geográfico e social da variação linguística. Em relação ao primeiro aspecto, o foco está na caracterização de áreas dialetais ou agrupamentos linguísticos (lexicais, fônicas, etc.); e o segundo concentra-se no reconhecimento das influências das variáveis sociais (como idade, sexo e nível de escolaridade) nas escolhas linguísticas dos informantes.

Com base nisso, Razky (2013) formula o conceito de agrupamentos⁵⁴ lexicais para descrever a coexistência de variantes lexicais em uma mesma demarcação territorial. Posteriormente, o uso do termo “agrupamentos” adquire a seguinte classificação: a) macroagrupamentos lexicais, b) microagrupamentos lexicais e c) nanoagrupamentos lexicais. O conceito de macroagrupamento segue o mesmo pensamento utilizado para avaliar os agrupamentos lexicais, considerando que num mesmo espaço geográfico, tido como amplo, pode haver presença de variantes lexicais coexistentes e concorrentes.

No caso dos microagrupamentos, Razky e Guedes (2015) acreditam na possibilidade de delimitar áreas dialetais a partir do registro de variantes lexicais coexistentes em um espaço geográfico, no entanto, de forma mais restrita, isto é, em micro-espacos. Já os nanoagrupamentos são assim classificados, quando há o registro de variantes lexicais com baixa frequência e ocorrem de forma esporádica em espaços geográficos que não correspondem a sua área dialetal, ou seja, distanciam-se do espaço geográfico de atuação predominante.

Conforme Razky e Guedes (2015), esse controle social nos dados geolinguísticos contribuiu para o mapeamento geossociolinguístico. Razky e Sanches (2016) comentam a possibilidade de analisar mapas sob uma perspectiva *geossocial*, isto é, uma análise que contemple o espaço geográfico (variação geográfica ou diatópica) e os fatores sociais da variação linguística (variação diassexual, diageracional e diastrática, etc.).

d) Dialetologia Perceptual

A Dialetologia Perceptual tem início em meados de 1940, com a necessidade de se conhecer como os falantes de uma determinada variedade conseguiam identificar, de modo perceptivo, as outras variedades faladas em localidades diferentes. O objetivo desse tipo de pesquisa consiste em usar esta base teórica como critério para delimitar áreas dialetais,

⁵⁴ Convém relacionar o conceito de *agrupamentos* adotado por Razky (2013) com o conceito de *arealização* adotado por Gunter Bellmann (1999).

fazendo com que os próprios informantes apontem semelhanças linguísticas em diferentes áreas geográficas de uma região ou país.

A ideia de uma Dialetoologia Perceptual emergiu durante a realização de simpósio, no ano de 1944. Na ocasião, Antonius Weijnen apresentou um modelo para o estudo das percepções dialetais, conhecido como “little arrow method (Pfeilchenmethode)”. O modelo passou pelo aprimoramento e ampliação de seu objeto de estudo. Segundo Ferreira (2009), em 1955, W. G. Rensink optou por aplicar a técnica “little arrow”, na Holanda e, posteriormente, Willem Grootaers, no Japão, passou a utilizar uma escala gradual para representar as diferenças entre os dialetos. Esses trabalhos identificaram traços linguísticos específicos de cada área pesquisada, principalmente aspectos lexicais e fonéticos.

Somente na década de 1980, a Dialetoologia Perceptual ganhou força com os experimentos de Dennis Preston (1989), atualmente um dos principais representantes dessa abordagem. O autor aprimorou algumas das técnicas anteriormente utilizadas, sendo ainda o responsável pela elaboração de novas técnicas concebidas a partir de métodos não-linguísticos, o que favoreceu o tratamento estatístico dos dados, bem como, a criação de uma cartografia dialetal mais objetiva.

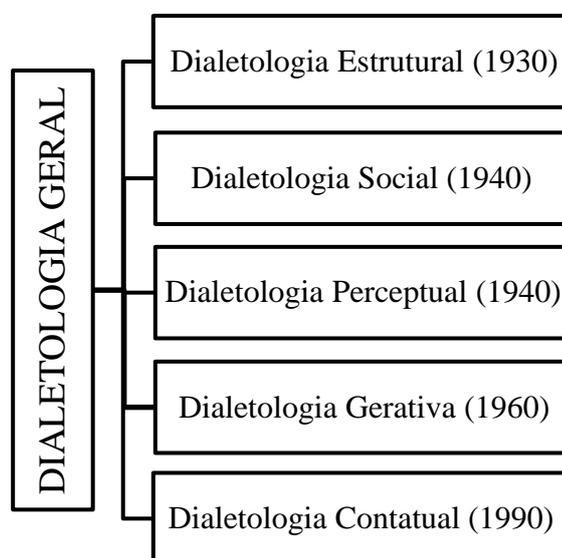
Em relação ao tópico sobre Dialetoologia Contatual, ressalto que essa vertente será explorada no próximo subcapítulo, tendo em vista a prolongação da discussão e a base teórico-metodológica desta pesquisa.

Assim, as perspectivas teóricas e metodológicas desenvolvidas dentro da Dialetoologia, ora tecendo críticas ao modelo tradicional, ora atestando a necessidade de aprimorar os métodos e as técnicas da área, demonstram como as abordagens dialetológicas estão interrelacionadas às múltiplas áreas do conhecimento.

Os trabalhos dialetais desenvolvidos no Brasil, à luz das diferentes perspectivas, evidenciam um número elevado de pesquisas voltadas para a perspectiva da Dialetoologia Social, de modo a relacionar aspectos da Sociolinguística e da Dialetoologia tradicional. Em número menor, têm-se os trabalhos envolvendo contato de línguas, apresentados em detalhe no subcapítulo seguinte. Os estudos sobre Dialetoologia Gerativa, entretanto, possuem uma baixa produção, sendo possível constatar, no momento, apenas um trabalho dessa natureza, concebido por Araújo (2018). Sobre a Dialetoologia Perceptual e Estrutural, também se constata o registro de poucos trabalhos. Na primeira perspectiva, estão situados os estudos envolvendo atitudes linguísticas, no caso de Ferreira (2009), Amaral (2014) e Lopes (2017); já na segunda, registra-se somente a publicação de um texto sobre a abordagem dialetológica estruturalista do latim vulgar, de Jesus (2007).

O fato é que no Brasil as pesquisas dialetológicas estão concentradas na perspectiva social, ora geradas pelo clima harmonioso, até certo ponto, entre sociolinguistas e dialetólogos, ora pela necessidade de responder as diversas críticas lançadas contra a Dialetologia. A “crise da dialetologia” conclamada no século XX, de uma disciplina que não se sustentaria por muito tempo, perdendo seu espaço para Sociolinguística, foi enfraquecida, tendo em vista a configuração de uma *Dialetologia Geral*. Este termo foi usado por Nelson Rossi, em 1967, e também por Montes, em 1987, para situar os estudos já publicados. Aqui, retomo o uso do termo com a intenção de compreender os enfoques sinalizados na Dialetologia. Por isso, propus abaixo um esquema (cf. Figura 08) que contempla possíveis vertentes.

Figura 08 – Esquema de Dialetologia Geral



Fonte: Esquema elaborado pelo autor.

O esquema apresentado pela Figura 08 ilustra o amadurecimento das discussões dialetológicas, bem como, situa desdobramentos epistemológicos da Dialetologia para se estudar as variedades linguísticas, e conseqüentemente as variações linguísticas. A ideia de uma Dialetologia Geral (DG) e suas vertentes implica em considerar a DG uma ciência moderna, capaz de estudar a variação linguística de forma sistemática, em diferentes áreas geográficas, e sob diferentes enfoques (Estrutural, Gerativa, Social, Perceptual e Contatual)⁵⁵, assim subsidiados pelo método Geolinguístico.

⁵⁵ Esta definição tem como base o conceito dado por Radtke e Thun (1996) e Thun (1998) ao programa de Dialetologia Pluridimensional e Relacional.

Não se trata aqui de propor uma nova ciência, mas, sim, de situar teórico e metodologicamente os rumos que a Dialetoologia vem alcançando, sobretudo a Dialetoologia no Brasil. Em síntese, toma-se a Dialetoologia Geral como um campo que engloba todos os trabalhos dessa área, abrangendo perspectivas diferentes. Isso mostra como a Dialetoologia tradicional conseguiu aderir a novas abordagens teóricas e metodológicas, algumas com sucesso, outras, nem tanto. De qualquer modo, a Dialetoologia tem sido aprimorada, e isso não se restringe ao uso do método geolinguístico, mas ao olhar interdisciplinar dado pelo pesquisador às variedades complexas que, por vezes, parecem incompreensíveis.

Com base nos avanços da Dialetoologia no Brasil, nota-se a existência de um acervo considerável voltado aos estudos dialetológicos e geolinguísticos, sobretudo, dentro da perspectiva da Dialetoologia Social, como mencionado. Os subcapítulos seguintes apresentam os pressupostos de uma Dialetoologia Contatual e sua propagação no Brasil.

3.3 DIALETOLOGIA CONTATUAL

As mudanças sociais e geográficas ocorridas nos últimos séculos, além de propiciarem o aparecimento de novas perspectivas científicas (linguísticas ou não), possibilitaram que a Dialetoologia tradicional experimentasse abordagens (teórica e metodológica) até então desconhecidas. A Dialetoologia Geral, dessa forma denominada no subcapítulo anterior, suscita novas perspectivas para que se proceda ao estudo da complexidade das variedades linguísticas. Com base nisso, pode-se falar, por exemplo, em uma Dialetoologia Estrutural, Gerativa, Social, Perceptual ou Contatual. No que diz respeito à Dialetoologia Contatual, tento demonstrar a seguir como esta vem se configurando no cenário brasileiro.

A Dialetoologia Contatual (DC), tratada por Altenhofen (2013) e Altenhofen e Thun (2016), como parte integrante da Dialetoologia Pluridimensional e Contatual, baseia-se no modelo de Dialetoologia Pluridimensional e Relacional (DPR) (THUN, 1998). Para se compreender o que seria essa Dialetoologia Contatual, é necessário retomar o modelo postulado pelo dialetólogo alemão Harald Thun em meados da década de 1990. A DPR, modelo de pesquisa passível de adaptações, busca relacionar o espaço monodimensional da variação diatópica e seu espaço pluridimensional (mais de uma dimensão variacional), unindo o eixo vertical da variação (viés sociolinguístico) com o eixo horizontal (viés da dialetoologia tradicional), sistematizando em dimensões e parâmetros linguísticos/extralinguísticos (cf. Quadro 13).

A DPR pode ser percebida à luz da perspectiva da Dialetoologia Social, devido ao fato de que contempla fatores extralinguísticos, observados em boa parte dos trabalhos incluídos nessa vertente. Acredito que o modelo de DPR arrole diferentes dimensões linguísticas e não-linguísticas, além de fatores sociais comuns na pesquisa dialetal (idade, faixa etária, escolaridade e classe sociocultural). O princípio da *pluridimensionalidade* presente na DPR, fundamenta-se num conjunto de dimensões e parâmetros proposto por Thun (2000; 2005; 2010), sendo essas: diatópica, diatópica-cinética, diastrática, diageracional, diassexual, diafásica, diarreferencial, diarreligiosa, diamésica e dialingual, conforme se sugere no Quadro 13.

Quadro 13 – Dimensões e parâmetros da Dialetoologia Pluridimensional e Relacional

Dimensão	Parâmetro
Diatópica	Topostático (informantes em residência fixa)

Diatópica-cinética	Contraste entre informantes topostáticos e topodinâmicos (informantes migrantes ou que se deslocam com frequência por motivos diversos)
Diastrática	Classe sociocultural
Diageracional	Faixa etária
Diassexual	Homem ou mulher
Dialingual	Duas ou mais línguas faladas por grupos étnicos diferentes
Diafásica	Estilo (resposta espontânea, leitura e conversa livre)
Diarreferencial	Diferenças entre a fala objetiva, a forma e a metalinguagem.
Diarreligiosa	Religião do informante
Diamésica	Contraste entre a língua escrita e a língua falada

Fonte: Thun (2010, p. 514), adaptado pelo autor.

No Quadro 13, verifica-se que em cada dimensão há parâmetros ou critérios para situar o andamento da pesquisa dialetal, alguns deles, adaptados ao objetivo do estudo. Por exemplo, na dimensão diatópica, tem-se o parâmetro topostático, isto é, informantes com residência fixa. Na dimensão diatópica-cinética, o parâmetro consiste em contrastar informantes topostático (informantes fixos) e topodinâmicos (informantes migrantes ou que se deslocam com frequência por motivos diversos). Na dimensão diastrática, tem-se a classe sociocultural, ou seja, o nível de escolaridade do informante ou a condição econômica, classe baixa ou classe alta. E assim por diante, cada dimensão e parâmetro dependerá do objetivo traçado pelo pesquisador.

Thun (2005) explica o modelo de Dialetoлогия Pluridimensional e Relacional (DPR) com base em projeto de atlas contatual, asseverando que seu postulado tem como propósito combinar a Dialetoлогия tradicional com a Sociolinguística. Ele também comenta sobre a complexidade de se estudar a variação no espaço pluridimensional utilizando o método geolinguístico, além dos aspectos metodológicos da DPR e a sua finalidade.

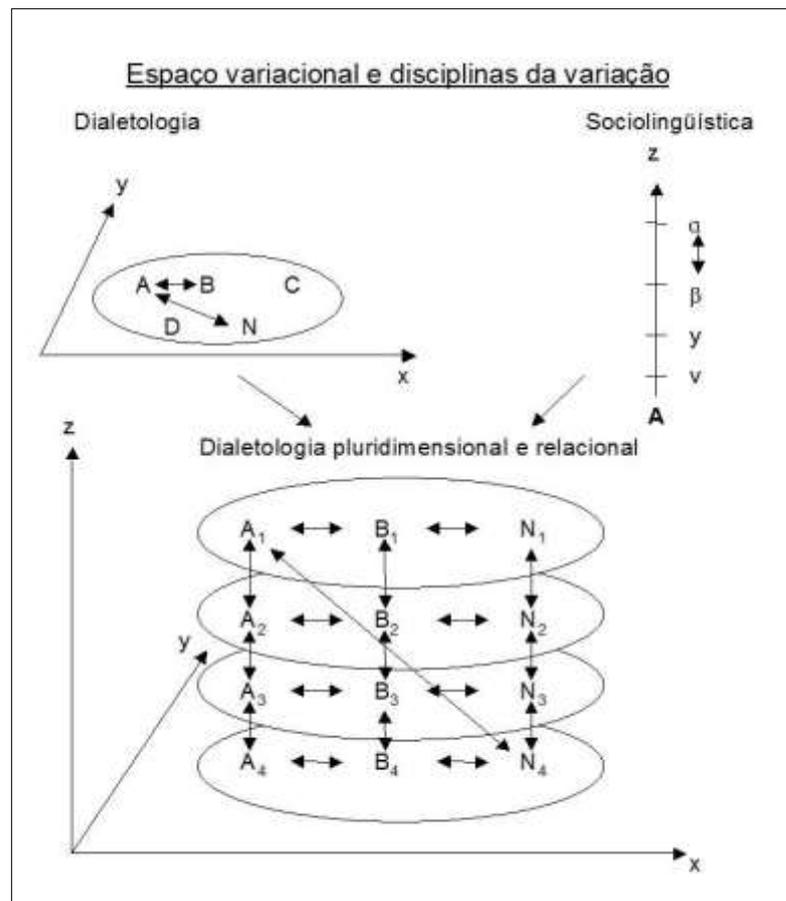
- a) Combinar a dialetoлогия areal com a sociolinguística (e a pragmática) para converter o estudo tradicional da superfície bidimensional em estudo do espaço tridimensional da variação linguística (mostrar o esquema).
- b) Com essa ampliação, a geolinguística, considerada como aquela seção da linguística variacionista geral que proporciona macrossínteses, focaliza as inter-relações no espaço. Essa geolinguística do espaço deve responder a perguntas como: até que zona chega um fenômeno constatado em uma ou várias camadas sociais que vivem num mesmo lugar?
- c) A geolinguística pluridimensional é, também, relacional. Analisa relações de todos os tipos, não só as que unem os pontos da mesma superfície ($A \longleftrightarrow B$) ou os que ligam os grupos de um mesmo eixo ($\alpha \longleftrightarrow \beta$), mas estuda também os vínculos entre os pontos de uma superfície ($A_1 \longleftrightarrow B_1$ e $A_1 \longleftrightarrow B_1$) e as relações entre pontos diagonais ($A_1 \longleftrightarrow B_2$). É assim que se podem focalizar grupos que mantêm redes de comunicação e outros que se comparam só tipologicamente [...].

d) Metodologicamente, a geolinguística pluridimensional e relacional pertence àquelas ciências que partem do mesocosmo (dos fatos da linguagem acessíveis aos falantes), passam pelo microcosmo (analisando, por exemplo, sons, sentidos de palavras ou estruturas sintáticas que os locutores costumam empregar no sentido da *tekné*, mas sem possuírem, destes elementos, uma consciência clara que lhes permitiria formular as regras do uso) e chegam até o macrocosmo. Essa última fase é de particular importância. A dialetologia pluridimensional e relacional, quando trabalha como geolinguística, não pode cumprir sua missão sem fornecer visualizações adequadas das macroestruturas do espaço variacional [...].

e) A solução metodológica que decorre da natureza meso-, micro- e macrocós mica da geolinguística pluridimensional e relacional é, no caso de nosso projeto, a colaboração de um atlas explicativo (ou interpretativo) que tenciona dar mapas claros dispostos em séries hierarquizadas (THUN, 2005, p. 67-69).

O autor considera a DPR como uma ciência geral da variação linguística, partindo do princípio de que o estudo variacionista monodimensional ou bidimensional deve ser estendido ao espaço tridimensional, isto é, a partir do eixo horizontal da dialetologia ao eixo vertical da sociolinguística. Dessa forma, Thun (2005) propõe a formação do espaço tridimensional da variação, como está demonstrado na Figura 09.

Figura 09 – Esquema de Dialetologia Pluridimensional e Relacional



Fonte: Thun (1998, p. 705).

De acordo com o esquema presente na Figura 09, percebe-se a integração da perspectiva diatópica da Dialetologia – que busca mapear variedades linguísticas em diferentes espaços geográficos – à perspectiva social da Sociolinguística, que trata dos fenômenos variacionistas a partir do conjunto de fatores extralinguísticos, controlados em um mesmo espaço geográfico. É importante frisar que não se trata apenas de unir as bases metodológicas da Dialetologia com as da Sociolinguística, mas sim, de integrá-las a um modelo de pesquisa variacionista.

Altenhofen e Thun (2016) sustentam ainda a ideia de que o termo *Dialetologia* é o mais adequado a ser utilizado quando se trata de pesquisas dialetais que tem como objetivo estudar a espacialidade, socialidade e temporalidade da variação:

Vale ressaltar que ambos os planos, da socialidade e da espacialidade, aos quais se inclui ainda o plano da temporalidade (dimensão diacrônica, cf. THUN, 2009b), não se excluem mutuamente, pela razão simples de que não existe espaço sem sociedade, como também não existe sociedade sem espaço. O que deve ser resultado, portanto, é que o termo Geolinguística implica tanto a noção de sociedade, quanto o termo Sociolinguística pressupõe determinado recorte do espaço geográfico. Parece-nos, porém, que o termo Dialetologia se oferece como um termo mais conciliador do que Sociolinguística ou Geolinguística [Pluridimensional], no sentido geral de que busca descrever e compreender a variação linguística na sociedade com a observação do espaço geográfico sem primazia de um ou outro eixo, mas de forma equânime e integrada (ALTENHOFEN; THUN, 2016, p. 375-376).

As bases metodológicas e a intersecção epistemológica dessas duas disciplinas (Dialetologia e Sociolinguística) favoreceram a construção do modelo de DPR e, posteriormente, da Dialetologia Pluridimensional e Contatual (DPC), que busca, segundo Altenhofen e Thun (2016), combinar espacialidade e socialidade. Essa postulação implica em mudanças no saber/fazer dialetológico, pois parte do princípio de que, havendo uma nova configuração geográfica e social no mundo, não se pode aplicar um modelo de Dialetologia tradicional que não atente para as novas necessidades da pesquisa e da realidade linguística. Não obstante, isso não quer dizer que o método e a técnica usados pela Dialetologia tradicional estejam obsoletos, mas que requer do pesquisador reflexão sobre a espacialidade e socialidade de seu objeto de estudo.

Deve-se perguntar até que ponto a aplicação do método geolinguístico, sob uma perspectiva monodimensional ou bidimensional, cumprirá com os objetivos da pesquisa, e se tal aplicação dará conta de explicar os fenômenos variacionistas de um determinado grupo social que ocupa espaço geográfico específico. Com base nas mudanças observadas na sociedade contemporânea e na necessidade de adaptação da Dialetologia, Altenhofen e Thun

(2016) assumem premissas para conceber uma pesquisa dialetológica que contemple essa nova configuração geográfica e social.

No total, são sete as premissas que, em suma, dizem respeito à mobilidade espacial e social do falante; o constante contato com outras variedades; e, ao processo de urbanização relacionado à migração e aos contatos linguísticos.

Quadro 14 – Premissas para uma Dialectologia Contatual

1ª Premissa	Nos dias atuais, não é mais o falante estável, topostático, portanto fixo à localidade (onde nasce, vive e morre), que representa o grupo mais comum, e sim o falante móvel, topodinâmico, que por razões diversas, migra ou muda de lugar na sua vida [...]; Portanto uma dialetologia Moderna que não queira fechar os olhos a essa nova constelação social tem de incluir, em sua descrição, essa oposição entre o comportamento linguístico de um falante (+/- fixo/topostático), supostamente mais conservador, e de outro (+/- móvel/topodinâmico), supostamente mais inovador ou sujeito a mudança linguística.
2ª Premissa	Ao lado da mobilidade espacial, favorecida pela melhoria das vias de comunicação e dos meios de transporte, a mobilidade social sofreu um incremento substancial na nova conjuntura, o que se deve, em parte, a ampliação do acesso à educação e às inovações tecnológicas e, ainda, aos capitais culturais, que antes permaneciam restritos a determinada classe social.
3ª Premissa	O estado normal de uma língua ou variedade é estar em contato com outras línguas ou variedades. O isolamento absoluto configura antes a exceção.
4ª Premissa	O dialeto-base puro, original e isento de influências alóctones, outrora associado a um falante topostático, muitas vezes isolado e distante dos centros urbanos, não representa mais o alvo principal da Dialectologia. Em seu lugar, o mais comum é defrontar-se com uma fala complexa e instável, internamente variável conforme a situação e a intenção comunicativa, que dificulta a identificação de tendências mais coletivas [...].
5ª Premissa	Do mesmo modo, a Dialectologia não está mais restrita ao dialeto-base, ou ao nível mais “popular”, desviante da norma, e sim inclui a variação da norma standard entre suas tarefas de descrição [...].
6ª Premissa	Do mesmo modo, cabe incluir no escopo das tarefas da Dialectologia Moderna, a descrição de variedades minoritárias [...].
7ª Premissa	Considerando que a urbanização, tal como as migrações e os contatos linguísticos, avança de forma vertiginosa, também essas mudanças têm reclamado da pesquisa dialetológica respostas mais contundentes, tanto empíricas com metodológicas, para incorporar ao espaço tradicional rural a variação em contextos urbanos e rurbanos.

Fonte: extraído de Altenhofen e Thun (2016, p. 372-374) (adaptado).

Conforme as premissas levantadas pelos autores, ratifica-se a necessidade de uma abordagem dialetológica voltada para os contatos linguísticos, sobretudo, para as variedades minoritárias em contato com o português. Considero, em face do modelo de DPR, as dimensões diatópica-cinética e dialingual como essenciais e circunscritas em uma Dialectologia Contatual.

Assim, é preciso criar uma mentalidade dialetológica, no sentido *strictu*, entre os pesquisadores da área, isto é, além de conceber a importância de descrever e de mapear as variedades linguísticas e suas variantes faladas no Brasil, é necessário conscientização e acompanhamento das mudanças sociais e geográficas no país.

Conforme orientação teórica e metodológica da Dialectologia Contatual, o que deve prevalecer é o estudo da variedade falada em/de contato com outras variedades, tanto em

contextos monolíngues quanto em contextos plurilíngues, levando em consideração a complexidade das sociedades modernas, no que diz respeito à mobilidade dos falantes, aos possíveis contextos de interação, à variação em espaços rurbanos, além da correlação dos fenômenos variacionais com a realidade geográfica, histórica e sociocultural do falante.

A pesquisa dialetal deve reconhecer e inserir em sua base metodológica a forte influência dos movimentos (i)migratórios que ocorreram/ocorrem nas diversas regiões do Brasil, fator que, conseqüentemente, está associado aos contatos linguísticos e socioculturais de grupos étnicos diferentes.

Sobre esses movimentos, cito como exemplo, o caso do estado do Amapá, que na década de 1950, e na de 1990, recebeu um grande número de migrantes da Região Nordeste e de cidades interioranas do estado do Pará. Nesses dois períodos, a população migrante foi atraída pela oferta de empregos oferecida pelas mineradoras e pelas fábricas de celulose instaladas no Amapá. Outra situação que reflete esse processo migratório diz respeito à região do Oiapoque que recebeu, durante a década de 1940, pessoas da Guiana Francesa e de cidades adjacentes, além dos migrantes do estado do Maranhão.

Com isso, a exemplo do que será mostrado no capítulo 5, é comum observar falantes de línguas crioulas, de base francesa, no Oiapoque, convivendo com as variedades do português e das línguas indígenas que ali coexistem. Em cidades como Tartarugalzinho e Pedra Branca do Amapari, por exemplo, concentram muitos nordestinos e, além desses, há, nesta área um grande fluxo de indígenas da etnia *Wajãpi*, devido à proximidade da Terra Indígena desse grupo com a cidade de Pedra Branca do Amapari. Por outro lado, na cidade de Santana, a procedência da população remete ao fluxo de pessoas advindas das ilhas paraenses, sendo comum encontrar pessoas das cidades de Afuá, Breves, Chaves, Almeirim, Gurupá, etc.

O cenário histórico e social do Amapá, percebido à luz da Dialectologia tradicional, poderia conduzir a uma leitura inapropriada, por pressupor que naquela região não seria possível encontrar informantes nativos, ou que não tivessem sofrido algum tipo de contato, no que concerne à delimitação de áreas dialetais⁵⁶. Contudo, para a Dialectologia Contatual é o cenário ideal por fornecer aspectos dessa nova configuração do espaço social e geográfico. Por isso, ratifico que a Dialectologia moderna não pode descrever ou mapear as variedades linguísticas sem considerar as mudanças sociopolíticas do espaço físico ocupado pelo falante que também é atingido por essas transformações.

⁵⁶ Essa hipótese pode ser confirmada a partir dos dados do Atlas Linguístico do Amapá (RAZKY; RIBEIRO; SANCHES, 2017).

Uma vez concebida a espacialidade e a socialidade como aspectos fundamentais para uma Dialetoologia Contatual, é preciso entender de que modo os processos (i)migratórios e os contatos linguísticos figuram como fenômenos indissociáveis, bem como, de que forma esses fatores não devem ser usados pela Dialetoologia Contatual apenas como pretexto, a fim de justificar os avanços da área. Altenhofen e Thun (2016) sugerem quatro procedimentos de pesquisa, identificados a partir de estudos macroanalíticos:

a) a *condição de migração* (estado migratório, inerente a línguas/complexos variacionais em contato e em movimento; b) as características do *espaço migratório*; c) os fatores que determinam sua *direcionalidade e percurso*, ou que moldam o caminho ou trajetória migratória; assim como também d) aspectos ligados à *temporalidade* do fluxo migratório, representam um passo importante nesse sentido (ALTENHOFEN; THUN, 2016, p. 392, grifo do autor).

Os autores concluem que o pesquisador precisa verificar a condição de migração, as características do espaço migratório, o percurso feito pelo movimento migratório e o tempo correspondente a esse movimento. Esses procedimentos, segundo eles, poderão ajudar a caracterizar a espacialidade, a socialidade e a temporalidade das variedades linguísticas complexas em contato e de contato.

Diante dessas discussões, apresentarei a seguir estudos que trazem em seus aparatos teórico-metodológicos pressupostos de uma Dialetoologia Contatual, na intenção de sustentar a ideia de que há uma nova vertente da Dialetoologia Geral e que está sendo aplicada no Brasil.

3.4 ESTUDOS EM DIALETOLOGIA CONTATUAL NO BRASIL

Com base nos pressupostos da Dialetoologia Contatual (cf. subcapítulo 3.3), apresento aqui pesquisas geolinguísticas publicados no Brasil, ou melhor, as bases teóricas que considero inseridas nessa perspectiva, composta por trabalhos que contemplam em sua abordagem metodológica as dimensões diatópica-cinética e dialingual. Esses estudos estão materializados por meio de teses, dissertações e projetos de atlas linguísticos.

Os estudos geolinguísticos, em face de seus aspectos contatuais e de migração, ganharam impulso no Brasil a partir da contribuição de quatro projetos de atlas linguísticos. Três atlas abrangendo a área fronteiriça e um atlas regional brasileiro. No caso dos três primeiros estão: o Atlas Linguístico Diatópico y Diastrático del Uruguay (ADDU-Norte), o Atlas Linguístico Guaraní-Românico (ALGR) e o Atlas Linguístico-Contatual das minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsrückisch (ALMA-H), conhecidos como “trilogia rio-platense”. Já sobre o atlas regional, cita-se o Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS).

Sobre a “trilogia rio-platense”, cada um desses atlas ocupa-se de verificar um tipo específico de contato linguístico. Por exemplo, o ALMA-H trata do contato entre uma língua minoritária de imigração alemã (hunsriqueano) e as línguas oficiais românicas (português e espanhol). O ADDU-Norte visa estudar o contato entre duas línguas oficiais românicas (português e espanhol). E o ALGR contempla o contato entre uma língua minoritária autóctone (guaraní) e as línguas oficiais românicas (espanhol e português). Ressalto ainda que a base metodológica desses atlas corresponde ao modelo da Dialetoologia Pluridimensional e Relacional (ALTENHOFEN; THUN, 2016). Atualmente, os primeiros volumes do ADDU-Norte e do ALGR já se encontram publicados, apenas o ALMA-H está em fase de elaboração.

O Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS), projeto idealizado por Walter Koch e colaboradores, na década de 1980, é considerado o primeiro e único atlas brasileiro que contempla toda uma região, neste caso a Região Sul, formada pelos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. O ALERS teve sua primeira publicação em 2002, e uma segunda em 2011. Os pontos de inquérito compreendem a zona urbana e rural dos três estados da região, totalizando 294 localidades, onde foram entrevistados um homem e uma mulher, analfabetos ou de pouca escolaridade.

Vale ressaltar que a informante do sexo feminino não se constituía em informante principal. A princípio, o ALERS parece não caracterizar nenhum aspecto referente a um atlas contatual, contudo, traz em sua metodologia, como ressaltam Altenhofen e Thun (2016, p.

371, grifo do autor), “uma orientação dialingual, na medida em que distingue o português falado pela população rural menos escolarizada de localidades monolíngues e bilíngues, com presença, sobretudo, de falantes do alemão, italiano e polonês, onde se configura um “português de contato”.

Esses quatro atlas linguísticos são um marco na história da Dialetoologia Latino-Americana, por acrescentarem à Geolinguística dimensões até então não exploradas pela Dialetoologia moderna. São traços que correspondem à dinâmica social e geográfica das sociedades contemporâneas, e que exploram variedades faladas para além da área rural, explorando assim, áreas urbanas, de fronteiras, indígenas, quilombolas e de migração. Em suma, essas áreas de contato caracterizam o espaço pluridimensional da variação, sendo exploradas como material de teses, dissertações e projetos de atlas linguísticos.

A seguir, mostrarei os estudos geolinguísticos que, de alguma forma, exploram em sua base metodológica aspectos da Dialetoologia Contatual. Deste modo, reuni no total de 17 trabalhos de autores responsáveis por desenvolver este tipo de pesquisa. O quadro abaixo mostra o título do trabalho, a variedade linguística estudada, a natureza e o ano de defesa/publicação (ou se ainda está em andamento).

Quadro 15 – Principais trabalhos em Dialetoologia Contatual

TÍTULO	VARIEDADE	NATUREZA	ANO
1. A variação do português em contato com o Italiano na comunidade bilíngue de São Marcos – RS	Português - Italiano	Dissertação	2003
2. Difusão Socio-geográfica do Português em contato com o Italiano no Sul do Brasil	Português - Italiano	Tese	2004
3. Atlas Linguístico do município de Ponta Porã – MS: um registro das línguas em contato na fronteira do Brasil com o Paraguai	Português – Espanhol – Guaraní	Dissertação	2006
4. Vitalidade linguística do Plautdietsch em contato com variedades standard faladas em comunidades menonitas no Brasil	Alemão – Português – Inglês	Tese	2011
5. Variação Linguística do Português em contato com o Espanhol e o Guaraní na perspectiva do Atlas Linguístico-Contatual da fronteira entre o Brasil e o Paraguai	Português – Espanhol – Guaraní	Tese	2013
6. “Tu dampém fala assim?”: macroanálises pluridimensionais da variação de sonorização e dessonorização das oclusivas do português de falantes bilíngues Hunsriqueano-Português	Português - Hunsriqueano	Tese	2014
7. Variação e contatos linguísticos do	Português – Alemão	Dissertação	2014

vestfaliano rio-grandense falado no Vale do Taquari			
8. O Português de cá e de lá: variedades em contato na fronteira entre Brasil e Paraguai	Português – Espanhol – Guaraní	Tese	2015
9. Standard e substandard do Alemão em contato com o Português: variação na competência de fala em Hochdeutsch de falantes de Hunsrückisch	Hunsriqueano – Português - Espanhol	Dissertação	2016
10. Perfil geossociolinguístico do Português em contato com línguas Tupi-Guaraní em áreas indígenas dos estados do Pará e Maranhão	Português de contato em comunidades bilíngues	Tese	2017
11. Mapeamento lexical do português falado pelos Wajãpi no Estado do Amapá: uma abordagem geossociolinguística	Português de contato em comunidades bilíngues	Dissertação	2017
12. Estudo geossociolinguístico do léxico do Português falado em áreas indígenas de Língua Tupi-Guarani nos Estados do Pará e Maranhão	Português de contato em comunidades bilíngues	Tese	2018
13. Estudo geossociolinguístico do português em contato com as línguas Asuriní do Xingu e Araweté	Português de contato em comunidades bilíngues	Dissertação	2018
14. Estudo geossociolinguístico do léxico do Português falado pelos Baré (Nheengatu), Tukano e Baniwa em São Gabriel da Cachoeira (AM)	Português de contato em comunidades bilíngues	Tese	2019
15. Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata	Português – Alemão	Atlas	Andamento
16. Atlas Linguístico Sonoro das Línguas Indígenas do Brasil (ASLIB)	Línguas da família Tupi-Guaraní brasileiras	Atlas	Andamento
17. Atlas Linguístico do Português falado em Área Indígena	Português de contato com Línguas da família Tupi-Guaraní brasileiras	Atlas	Andamento

Fonte: Elaborado pelo autor.

O primeiro trabalho indicado pelo Quadro 15 tem como título “A variação do Português em contato com o Italiano na comunidade bilíngue de São Marcos – RS”, de Letícia Cao Ponso. Trata-se de uma Dissertação de Mestrado defendida no ano de 2003, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). A autora investigou o contato entre o português e o italiano em uma comunidade bilíngue, localizada no nordeste do estado do Rio Grande do Sul. Ponso (2003) explica que a análise linguística foi realizada por meio da Dialetoлогия Pluridimensional e Relacional, controlando várias dimensões como: diafásica, diageracional, diassexual, diatópica, dialingual e diarreferencial. Ao fim, ela conclui que vem ocorrendo a substituição do italiano pelo português, mas que ainda é possível perceber traços

da língua substituída exercendo papéis sociais relevantes na interação entre os falantes, principalmente no que concerne ao objetivo de marcar a identidade cultural do falante.

O segundo trabalho elencado constitui-se em Tese de Doutorado, de autoria de Felício Wessling Margotti, defendida em 2004, também na UFRGS, com o título “Difusão Socio-geográfica do Português em contato com o Italiano no Sul do Brasil”. Margotti (2004) explicita a dinâmica de difusão do português no espaço pluridimensional de contato com o italiano em oito localidades dos estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. O autor também segue a orientação da Dialetoлогия Pluridimensional e Relacional. Na Tese em destaque, observa-se a confecção de mapas linguísticos sobre a difusão do português e de suas dimensões.

Como resultado da pesquisa, Margotti (2004) evidencia a ocorrência de variação no modo e na intensidade correspondente à difusão de traços associados ao português, sendo possível notar, em vista da dimensão diatópica, uma difusão mais intensa nas localidades de Orleans (SC) e Caxias do Sul (RS). O autor também constata que há uma maior resistência à inovação linguística na cidade de Rodeio (SC) e Sananduva (RS). Sobre as dimensões de idade, de sexo e de escolaridade, há certa tendência ao uso de variantes sem interferência do italiano, especialmente na fala de informantes urbanos, jovens e escolarizados.

Exemplo de estudo de base contatual, o “Atlas Linguístico do município de Ponta Porã – MS: um registro das línguas em contato na fronteira do Brasil com o Paraguai”, Dissertação de Mestrado, de Regiane Coelho Pereira Reis, defendida em 2006, na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), traça como objetivo principal a descrição da variação de língua portuguesa falada no município de Ponta Porã (MS). Reis (2006) registra marcas de conservadorismo e de bilinguismo nas línguas em contato (português, espanhol e guarani), em ambiente de fronteira.

A metodologia de Reis (2006) está embasada na Dialetoлогия moderna, utilizando o modelo de DPR. A autora controlou as dimensões diatópica, diasssexual e dialingual. Para a escolha dos informantes, ela optou por uma orientação da Dialetoлогия tradicional. Em relação aos resultados, Reis (2006) apresenta quadros e cartas linguísticas, dispostos em dois volumes. A pesquisadora registra forte influência do guarani como língua nativa usada na fronteira, e que se sobrepõe ao uso do espanhol, observando ainda a influência do português sobre as variedades de fronteira, o que incide na origem de termos híbridos, de base portuguesa, guarani e espanhola.

Em seguida, tem-se a Tese de Doutorado de Elvine Siemens Dück, defendida em 2011, na UFRGS, intitulada “Vitalidade linguística do Plautdietsch em contato com

variedades standard faladas em comunidades menonitas no Brasil”. Dück (2011) analisa o contato linguístico alemão-português em três comunidades menonitas, no Sul do Brasil, bem como o contato alemão-português-ínglês em uma comunidade menonita, localizada no estado de Goiás (GO). Segundo a autora, essas comunidades são de origem anabastista, o que a leva a considerar a dimensão étnico-religiosa. Dück (2011) traz em sua metodologia aspectos da Dialetologia Pluridimensional e Relacional, chamada também de Contatual. A autora contempla a aborgagem das dimensões: diatópica, diageracional, dialingual, diagenérica, diastrática, diafásica e diarreferencial, evidenciado a existência de diferentes fatores que contribuem para a manutenção ou a perda da variedade plautdietsch. Dück (2011) conclui que nas comunidades menonitas da Região Sul do Brasil e na comunidade rural de Rio Verde (GO), o português vem atuando como variedade dominante.

Regiane Coelho Pereira Reis, além da Dissertação anteriormente mencionada, elabora a Tese denomina “Variação Linguística do Português em Contato com o Espanhol e o Guarani na Perspectiva do Atlas Linguístico-Contatual da Fronteira entre o Brasil e o Paraguai”, defendida em 2013, na Universidade Estadual de Londrina (UEL), Paraná. Seu trabalho tem como objetivo principal descrever a variação do português em contato com o espanhol e o guarani. Para isso, a autora investiga 10 localidades fronteiriças (entre Brasil e Paraguai), utilizando os procedimentos metodológicos da Dialetologia e da Geolinguística Pluridimensional, controlando as dimensões diatópica, dialingual, diageracional e diassexual. A Tese está dividida em dois volumes. O primeiro contém as bases teórico-metodológicas e a apresentação dos resultados. E o segundo diz respeito ao conjunto de mapas linguísticos que compõe o atlas linguístico-contatual.

A Tese de Doutorado de Sabrina Gewehr-Borella, “*Tu dampém fala assim?* macroanálises pluridimensionais da variação de sonorização e dessonorização das oclusivas do Português de falantes bilíngues Hunsriqueano-Português”, defendida em 2014, na UFRGS, descreve a variação de sonorização e dessonorização das oclusivas /p, b/, /t,d/ e /k, g/ do português falado em contato com hunsriqueano, como língua de imigração alemã. A autora adota os princípios metodológicos da dialetologia pluridimensional. A partir de perspectiva macroanalítica, Gewehr-Borella (2014) utiliza como *corpus* o projeto ALMA-H. Diante disso, ela toma para análise as seguintes dimensões: diatópica, diatópico-cinética, diastrática, diageracional, diassexual, dialingual, diafásica, diarreferencial e diarreligiosa.

Gewehr-Borella (2014) constata em seus resultados que há um número bastante reduzido de transferências interlinguísticas; um maior número de dessonorizações do que sonorizações de oclusivas; a predominância de dessonorizações em sílabas pretônica e tônica

e de sonorizações em sílaba postônica; e um número elevado de dessonorizações em posição inicial de palavra. Essa pesquisadora também observa a ocorrência de maior número de dessonorizações/sonorizações em informantes mais velhos do que nos mais jovens (análise mesocronológica); um crescente aumento no número de dessonorizações e uma queda no número das sonorizações (análise macrocronológica); um maior número de transferências nos informantes de classe baixa e um predomínio de padrões distintos do português em informantes pertencentes às colônias velhas e com baixo índice populacional.

O trabalho de Aline Horst, intitulado “Variação e contatos linguísticos do vestfaliano rio-grandense falado no Vale do Taquari”, corresponde a uma Dissertação de Mestrado, defendida em 2014, na UFRGS. A autora busca descrever o processo de variação e de constituição da variedade vestfaliano, na intenção de identificar os aspectos da configuração linguística e as territorialidades de uso e de manutenção dessa língua em contexto plurilíngue e de contato com variedades do Português e do Alemão, no Vale do Taquari, no estado do Rio Grande do Sul. A pesquisa segue a metodologia do projeto ALMA-H, selecionando, assim, falantes bilíngues.

Horst (2014) adota as seguintes dimensões do modelo de DPR: diatópica, diatópica-cinética, diastrática, diageracional, diagenérica, diafásica, diarreferencial e diarreligiosa. No caso das dimensões diatópica-cinética, diagenérica, diafásica e diarreligiosa, a autora analisa de forma qualitativa. Sobre a cartografia linguística, contatou-se a elaboração de cerca de 50 cartas linguísticas que retratam os diferentes aspectos da variação e do contato linguístico.

Os resultados de Horst (2014) confirmam uma redução de marcas do vestfaliano na fala de informantes jovens, em localidades como Teutônia e Colinas. Para a autora, essa tendência não está relacionada ao nível sociocultural, mas aos contatos e à mobilidade dos informantes. Ela também constatou uma substituição gradativa da variedade vestfaliano pelo português, sendo influenciada principalmente pela escola. Outro resultado importante foi observar a influência da religião na propagação de traços do alemão, uma tendência influenciada pelos informantes mais velhos.

A Tese intitulada “O Português de cá e de lá: variedades em contato na fronteira entre Brasil e Paraguai”, de Valeska Gracioso Carlos, defendida em 2015, na Universidade Estadual de Londrina (UEL), tem como objetivo descrever a língua portuguesa falada na região da fronteira do Brasil com o Paraguai. Carlos (2015) verifica o contato entre grupos sociais localizados na fronteira e a interinfluência da variedade linguística de migrantes do Sul do Brasil com as variedades das Regiões Sudeste e Nordeste. A autora segue os pressupostos da DPR, contemplando as dimensões diassexual, diastrática, diageracional, diatópica-cinética,

dialingual, diafásica, diarreferencial. Em sua metodologia, são considerados informantes brasileiros e paraguaios. Também é possível perceber a elaboração de cartas fonéticas, semântico-lexicais e morfossintáticas.

Como resultados, Carlos (2015) demonstra que não há interinfluências das línguas espanhola e guarani na fala dos brasileiros. Constata também que a língua portuguesa falada pelos paraguaios é influenciada pelas relações contatuais e midiáticas. Sobre a interinfluência nas variedades sulistas, a autora percebe certa manutenção dos traços linguísticos sulistas na fala de informantes mais velhos e topodinâmicos, já os jovens apresentam uma preferência pelo uso de variantes nortistas.

Defendida durante o ano de 2016, na UFGRS, a Dissertação de Mestrado de Lucas Löff Machado, intitulada “Standard e substandard do Alemão em contato com o Português: variação na competência de fala em Hochdeutsch de falantes de Hunsrückisch”. O autor analisa como o hochdeutsch se apresenta na competência oral de falantes hunsrückisch em comunidades bilíngues. Machado (2016) também seguiu os princípios da Dialectologia Pluridimensional e Relacional e utilizou o banco de dados do projeto ALMA-H. As dimensões contempladas em seu trabalho são: diatópica, diageracional, diastrática, diarreligiosa e diarreferencial. O trabalho apresenta aproximadamente 50 cartas linguísticas do projeto ALMA-H.

Diante dos resultados, Machado (2016) chega à conclusão de que há maior competência oral no nível fonético em subáreas de imigração, principalmente na fala de informantes mais velhos, indicando uma perda da competência em hochdeutsch. Entre falantes luteranos, o autor constatou uma presença maior de traços em hochdeutsch; e também um contato considerável entre variedades standard e substandard do alemão na competência linguística dos informantes.

Na Região Norte e Nordeste, tem-se a Tese de Doutorado de Regis José da Cunha Guedes, intitulada “Perfil geossociolinguístico do Português em contato com línguas Tupí-Guaraní em áreas indígenas dos estados do Pará e Maranhão”, defendida em 2017 na Universidade Federal do Pará (UFPA). Guedes (2017) mapeia o perfil geossociolinguístico do português em contato com línguas pertencentes à família Tupí-Guaraní (Suruí Aikewára, Asuriní do Tocantins, Tembé, Guajajara e Guaraní Mbyá), em áreas indígenas dos estados do Pará e Maranhão. Ele adota como foco o estudo do comportamento linguístico dos falantes, assim como a variação fonética do português em contato com as variedades supracitadas. Sua metodologia segue a Dialectologia Pluridimensional, controlando variáveis como: sexo, faixa etária e escolaridade.

Os resultados encontrados por Guedes (2017) mostram que o português falado pelos indígenas apresenta influência das variedades da família tupí-guaraní, principalmente na fala de informantes mais velhos. Já sobre o perfil sociolinguístico dos falantes, o autor constata forte influência da língua portuguesa, além de baixo grau de competência linguística em língua indígena entre os informantes mais jovens. As dimensões dialingual e contatual não são inseridas nos aspectos metodológico do trabalho, contudo, é possível observar nos resultados marcas correspondentes a essas dimensões.

Ainda no ano de 2017, foi defendida na Universidade Federal do Pará a Dissertação de Mestrado de Maria Doraci Guedes Rodrigues, intitulada “Mapeamento lexical do português falado pelos Wajãpi no Estado do Amapá: uma abordagem Geossociolinguística”. Este trabalho mapeia e descreve a variação lexical do português falado em Terra Indígena (TI), especificamente na TI Wajãpi, no Estado do Amapá. O estudo adota o modelo e os procedimentos de análise da Geolinguística e da Dialetoлогия Pluridimensional.

A autora cartografou 20 itens lexicais do português falado em cinco comunidades da etnia *Wajãpi*. Para cada ponto, foram entrevistados quatro informantes indígenas bilíngues: dois homens e duas mulheres, com faixa etária distinta. Os resultados apontam que o português local, no nível lexical, é produtivo na fala de indígenas, em especial, de homens idosos, indicando ainda a ocorrência de um baixo processo de transmissão desta língua entre falantes jovens, sobretudo, mulheres.

No ano de 2018, tem-se a Tese de Doutorado de Eliane Oliveira da Costa, intitulada “Estudo geossociolinguístico do léxico do português falado em áreas indígenas de língua tupi-guarani nos estados do Pará e Maranhão”, defendida na Universidade Federal do Pará. A autora investiga a variação lexical do português falado em áreas indígenas de língua Tupí-Guaraní, nos estados do Pará e Maranhão, à luz da Dialetoлогия Pluridimensional e Relacional. Assim, Oliveira (2018) seleciona quatro Terras Indígenas, a saber: TI Trocará (etnia Asuriní do Tocantins/PA), TI Nova Jacundá (etnia Guarani Mbyá/PA), TI Sororó (etnia Suruí Aikewára/PA) e TI Cana Brava (etnia Guajajara/MA), controlando as dimensões diatópica, diageracional, diastrática, diagenérica e dialingual. Oliveira (2018) mapeou cerca de 50 itens lexicais do português falado de contato com línguas tupi-guarani. Como resultado, constatou que o português falado nas terras indígenas supracitadas tende a refletir um contínuo lexical regional em relação ao português falado por não-indígenas de áreas onde as TI's se localizam.

Ainda no ano de 2018, tem-se também a Dissertação de Mestrado de Fábio Luidy de Oliveira Alves, intitulada “Estudo geossociolinguístico do português em contato com as

línguas Asuriní do Xingu e Araweté”, defendida na Universidade Federal do Pará. O autor descreve os aspectos semântico-lexicais da variedade do português falada em Terras Indígenas (TI) do estado Pará, a saber: TI Asuriní do Xingu e TI Araweté. O estudo conta com quatro pontos de inquérito, sendo entrevistados quatro informantes em cada ponto, totalizando 16 indígenas. O trabalho também adota a Dialectologia Pluridimensional e Relacional, levando em consideração as dimensões: diatópica, diageracional e diassexual.

O trabalho mais recente, defendido no ano de 2019, na Universidade Federal do Pará, foi a Tese de Doutorado de autoria de Maria Ivanete de Santana Felix, intitulada “Estudo geossociolinguístico do léxico do Português falado pelos Baré (Nheengatu), Tukano e Baniwa em São Gabriel da Cachoeira (AM)”. A autora investigou a variação lexical do português falado pelos indígenas que utilizam as línguas nheengatu, tukano e baniwa. Felix (2019) adotou o modelo de Dialectologia Pluridimensional, controlando as dimensões: diatópica, diageracional, diassexual e diastrática. Ao fim, elaborou 160 mapas linguísticos, de modo a evidenciar aspectos lexicais da língua geral amazônica presentes no português falado por indígenas de São Grabiél da Cachoeira, no Amazonas.

Para encerrar o levantamento bibliográfico de trabalhos que adotam a perspectiva da Dialectologia Contatual, citarei três macroprojetos em andamento que marcam os novos rumos da Dialectologia no Brasil, são eles: o Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata (ALMA-H), o Atlas Linguístico Sonoro das Línguas Indígenas do Brasil (ALSLIB) e o Atlas Linguístico do Português falado em Área Indígena (ALiPAI).

O ALMA-H, coordenado pelos professores Cléo Altenhofen (UFRGS) e Harald Thun (Universität de Kiel), vem sendo desenvolvido por meio da cooperação entre a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no Brasil, e a Universidade de Kiel, na Alemanha, tendo como objetivo a criação de um banco de dados etnolinguísticos da variedade hunsrückisch em contato com o português e o espanhol. Para execução do ALMA-H, foram selecionadas 41 localidades na Bacia do Prata, abrangendo o Paraguai, a Argentina e o Sul do Brasil (Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná). O projeto segue o modelo da Dialectologia Pluridimensional e Contatual (DPC), controlando nove dimensões (diatópica, diatópico-cinética, diastrática, diageracional, diassexual, dialingual, diafásica, diarreferencial, diarreligioso) e seus respectivos parâmetros.

O ALSLIB, por sua vez, tem como coordenadora geral a professora Ana Suelly Arruda Câmara Cabral (Universidade de Brasília). O projeto conta com a colaboração de pesquisadores de várias universidades brasileiras, principalmente vinculados à Universidade Federal do Pará (UFPA), sendo o professor Abdelhak Razky o vice-coordenador do projeto.

De acordo com Cabral *et al.* (2015), o projeto assume como pressuposto metodológico a Dialetoлогия Pluridimensional, responsável pelo controle das dimensões diatópicas, diagenéricas, diageracionais, diastráticas, diafásicas e diarreferenciais. O ALSLIB também busca explorar um parâmetro novo para o modelo de DPR, o parâmetro genético ou tipológico, utilizando o Questionário Fonético-Fonológico (QFF) do Projeto ALiB, com adaptações. Os informantes estão estratificados socioculturalmente (bilíngues, faixa etária, sexo e escolaridade; esta última se possível) em diferentes áreas indígenas brasileiras pertencentes à família linguística tupi-guarani. Inicialmente, foram selecionadas as seguintes línguas indígenas: Tembé e Guajajára, Asuriní do Tocantins, Suruí do Tocantins, Tuparí, Xokleng, Awetí e Kaxinawá, posteriormente outras línguas poderão ser incluídas.

O ALiPAI, coordenado pelo professor Abdelhak Razky (UFPA/UnB), deriva do Projeto ALSLIB. O objetivo inicial deste projeto consiste em mapear e descrever a variação fonético-lexical do português falado em áreas indígenas nos estados do Pará e Maranhão. Neste sentido, a rede de pontos considera as línguas indígenas definidas no plano de pesquisa do Projeto ALSLIB. Os informantes devem ser qualificados como nativos da localidade, sendo falantes de português e da língua indígena. Para coleta dos dados, o projeto utiliza os questionários do Projeto ALiB, Questionário Fonético-Fonológico (QFF) e Semântico-Lexical (QSL).

Esses três macroprojetos e os diversos trabalhos contatuais mencionados aqui comprovam os novos rumos que a Dialetoлогия vem alcançando no Brasil, principalmente na perspectiva da Dialetoлогия Contatual. Nota-se, em função desta síntese, a forte presença do modelo de Dialetoлогия Pluridimensional e Relacional/Contatual nas bases metodológicas de inúmeros trabalhos/projetos. Alguns, expressamente marcados pela macroanálise da variação, outros, contendo, de forma incipiente, características de uma Dialetoлогия Contatual. O contexto plurilíngue e as novas configurações geográficas e sociais do Brasil, de certo modo, vêm contribuindo e influenciando a formação de uma Dialetoлогия genuinamente moderna, que busca acompanhar as mudanças sociolinguísticas e socioculturais dos falantes.

4 METODOLOGIA

Apresento neste capítulo as orientações metodológicas adotadas para a elaboração do Microatlas Linguístico (português-kheuól) da área indígena dos *Karipuna do Amapá*. A pesquisa está inserida no escopo da Dialectologia Geral, vinculada à vertente da Dialectologia Contatual. Assim, a aplicação do método geolinguístico, neste trabalho, deve ser compreendida, sobretudo, a partir dos modelos de Dialectologia Pluridimensional e Contatual (DPC), que buscam relacionar espacialidade, socialidade e temporalidade ao estudo da variação linguística.

Deste modo, busco contemplar quatro dimensões do modelo DPC, além de seus respectivos parâmetros, conforme a realidade linguística estudada. As dimensões selecionadas são: *diatópica*, *diageracional*, *diassexual* e *dialingual*. Para cada dimensão, abalizei os seguintes parâmetros: a *diatópica* corresponde às aldeias pesquisadas; a *diageracional* busca informantes com faixas etárias distintas; a *diassexual* prevê contrastar a fala dos informantes a partir do fator biológico: homem *versus* mulher; e a *dialingual* refere-se aos informantes nativos bilíngues falantes de português e kheuól. No Quadro 16, notam-se as dimensões e os parâmetros.

Quadro 16 – Dimensões e parâmetros da pesquisa

Dimensão	Parâmetro
Diatópica	Aldeias indígenas pesquisadas (Manga, Santa Isabel, Espírito Santo, Açaizal, Curipi, Kariá, Ahumã, Ariramba e Kunanã).
Diageracional	Faixa etária I (18-30 anos) e faixa etária II (acima de 50 anos)
Diassexual	Homens e mulheres
Dialingual	Português e kheuól

Fonte: Elaborado pelo autor.

Em seguida, descrevo alguns dos procedimentos metodológicos adotados neste trabalho, relatando a experiência da pesquisa de campo, os critérios para seleção dos pontos de inquérito, os questionários aplicados, a seleção dos informantes, o tratamento e a delimitação dos dados coletados; e, por último, o processo de elaboração das cartas linguísticas que compõem o microatlas linguístico supracitado.

4.1 NOTAS SOBRE A PESQUISA DE CAMPO

Este subcapítulo relata a experiência resultante da atividade de campo, realizada por mim, em visita às Terras Indígenas da região do Oiapoque-AP. Devo ressaltar que meu projeto de pesquisa inicial passou por adaptações, pois percebi que a realidade pesquisada (dimensão ontológica) não correspondia à metodologia sugerida para o projeto (dimensão epistemológica). Após as adaptações, busquei viabilizar os trâmites burocráticos, no que diz respeito ao acesso às Terras Indígenas do Oiapoque.

O processo de autorização, por intermédio da FUNAI, exige trâmite burocrático bastante moroso, o que poderia implicar na inviabilização da atividade de campo, uma vez que a pesquisa possui duração delimitada para cumprimento das atividades de coleta de dados e escrita da Tese. Outro fator importante consistiu na autorização documental dos Caciques, exigida pela FUNAI. Essa autorização foi feita mediante realização de assembleia dos povos indígenas do Oiapoque. Na ocasião, o conselheiro presidente da APIO (Associação dos Povos Indígenas do Oiapoque) apresentou meu projeto de pesquisa e solicitou um parecer dos demais Caciques presentes.

Após a autorização dos Caciques, pude programar as viagens que seriam realizadas a nove aldeias *Karipuna*. Para ter acesso a essas localidades, comuniquei previamente aos Caciques a respeito do período de minha visita. Apesar do cuidado, no sentido de evitar imprevistos, a ida ao município de Oiapoque, no período chuvoso, é bastante conturbada. A população sofre com os atoleiros na BR-156⁵⁷. Normalmente, os ônibus fazem o trajeto Macapá-Oiapoque em 12 horas de viagem, mas, no período chuvoso, o percurso pode custar alguns dias de espera (e aflição).

As visitas à cidade de Oiapoque foram feitas nos meses de maio, junho, julho e outubro de 2017 e outubro de 2018. Na primeira visita, fiz contato com indígenas e não-indígenas, que me aconselharam qual seria o melhor caminho para a concretização da pesquisa. No Oiapoque, fui apresentado aos Caciques de algumas aldeias *Karipuna*. Na ocasião, tive a oportunidade de conversar sobre minha pesquisa, verificando os meios legais para execução do projeto. Nesse sentido, posso citar, por exemplo, a solicitação que empreendi, via ofício submetido à FUNAI, para autorização da pesquisa.

No primeiro contato, conheci indígenas *Karipuna* que moram no município há bastante tempo, e que constantemente retornam à aldeia de origem para visitar os familiares

⁵⁷ O trecho da BR-156, entre os municípios de Calçoene e Oiapoque, deveria ter sido pavimentado desde a década de 1990, mas até o momento a obra não foi concluída.

durante os finais de semana. O trânsito de indígenas na cidade é constante. Muitos estudam ou trabalham no Oiapoque, buscando voltar para casa ao fim do expediente. Isso configura a realidade cotidiana dos indígenas que moram na aldeia Manga, que devido à localização da aldeia, favorece esse fluxo diário.

Ainda durante minha primeira visita ao município, pude aplicar o “questionário piloto” a uma indígena bilíngue, de aproximadamente 50 anos. Expliquei qual seria o objetivo da pesquisa, e como funcionaria a atividade, combinando o dia, a hora e o local para a conversa. A indígena se mostrou interessada e bastante empolgada. Conversamos por várias horas sobre a realidade linguística e cultural do povo *Karipuna*. Dessa forma, busquei tirar as minhas dúvidas sobre esse grupo étnico. No dia marcado para a aplicação do questionário piloto, a indígena estava disposta a colaborar.

Marquei a conversa em uma escola da cidade. A entrevista durou cerca de duas horas, não sendo possível finalizá-la, pois a colaboradora teria um compromisso relacionado aos afazeres domésticos. Então, definimos a continuidade da entrevista para o dia seguinte. Finalizada a entrevista, percebi que, no questionário inicial, contendo 250 perguntas, 203 questões se mostraram produtivas, isto é, de conhecimento dos indígenas e aplicáveis à realidade linguística e sociocultural dos *Karipuna*.

Na segunda visita ao Oiapoque, realizada no mês de julho, tive que me deslocar várias vezes até a aldeia Manga, na tentativa de verificar se minha proposta de pesquisa tinha sido aceita pelos Caciques. A solicitação foi discutida em reunião da APIO, e teve confirmação positiva. Recebi do Cacique, representante da APIO, o Ofício nº 074/2017 (em anexo), informando que os Caciques *Karipuna* autorizavam minha entrada nas aldeias. O próximo passo foi obter a autorização da FUNAI, que apesar da morosidade, emitiu o documento, expedindo o Ofício nº 26/2018/AAEP-FUNAI (em anexo).

De posse das autorizações, informei⁵⁸ aos Caciques *Karipuna* que havia selecionado suas respectivas aldeias como ponto de inquérito da pesquisa e decidimos qual seria o período de minha estadia, esclarecendo que minha presença na região duraria aproximadamente duas semanas em cada aldeia. A experiência de campo já adquirida, no Atlas Linguístico do Amapá (ALAP)⁵⁹, foi fundamental para o prosseguimento das atividades de minha pesquisa de doutoramento, pois me forneceu bases sólidas para a realização, *in loco*, de estudo geolinguístico, em comunidade indígena.

⁵⁸ Nas aldeias localizadas na BR-156 busquei informar pessoalmente os caciques sobre a minha pesquisa e apresentar as autorizações. No caso das aldeias mais afastadas, solicitei aos indígenas que estavam me auxiliando que passassem a mensagem via rádio.

⁵⁹ Dos dez municípios pesquisados para o atlas tive a oportunidade de percorrer sete deles.

De fato, a pesquisa geolinguística em área urbana e rural possui diferenças da pesquisa em área indígena. Esta requer do pesquisador um contato prévio com pesquisas etnográficas, a fim de auxiliar o andamento das atividades de campo. Minha formação inicial em Ciências Sociais, somada à experiência de ter ajudado a conceber o ALAP, contribuíram para minha expedição em Terras Indígenas.

Na área indígena da região do Oiapoque, notei a ocorrência de práticas sociais e culturais diferentes daquelas vivenciadas em centros urbanos, mas não tão distantes das vivenciadas por ribeirinhos amazônicos. Constatei a existência de variedades linguísticas faladas por diferentes etnias que estão em contato com o português. Trata-se de um espaço geográfico e social compartilhado por etnias plurilíngues.

As primeiras aldeias visitadas para a coleta dos dados foram: Manga, Santa Isabel, Espírito Santo e Açaizal, todas localizadas ao longo do Rio Curipi. O deslocamento em direção à aldeia Manga é possível por meio de transporte terrestre, pois há uma cooperativa de motoristas autônomos, a COOMACAF⁶⁰, que faz o transporte coletivo para as aldeias localizadas na BR-156. Já para chegar até as aldeias localizadas no Rio Curipi (Santa Isabel, Espírito Santo e Açaizal) é preciso contar com o auxílio de barcos (voadeira)⁶¹, e arcar com as despesas de óleo diesel e de gasolina, bem como, do pagamento de diárias ao guia que o acompanhará durante a pesquisa. Após a pesquisa nas aldeias do Rio Curipi, visitei as aldeias Curipi, Kariá e Ahumã, localizadas na BR-156, utilizando também os serviços da COOMACAF. Na visita realizada em outubro de 2017, visitei as aldeias: Ariramba (no Rio Oiapoque) e Kunanã, (no Igarapé Juminã). Nestas, realizei o mesmo procedimento das aldeias do Rio Curipi, com o auxílio de uma voadeira e um guia.

No mês de outubro de 2018, tive que retornar a aldeia Manga, a fim de validar os dados coletados em visitas anteriores. Nesse momento, conversei com dois professores indígenas que ensinam o *kheuól*, o professor Odilton Felipe da Paixão e a professora Edilena dos Santos. Durante a conversa, ambos sinalizaram a adoção de escrita adequada, assim como, de algumas lexias registradas de forma equivocada no protótipo de atlas, confeccionado por mim.

A pesquisa de campo me possibilitou perceber que cada aldeia tem sua particularidade. Apesar de ocuparem a mesma TI, e de pertencerem a mesma etnia, os *Karipuna* do Rio Curipi, assim como aqueles que vivem às margens do Rio Oiapoque e na

⁶⁰ Cooperativa de Motoristas Autônomos de Carros de Frete (COOMACAF).

⁶¹ Tipo de embarcação com estrutura e casco de metal, geralmente alumínio. A maioria é movida a motor localizado na popa do barco.

BR-156, possuem hábitos ora semelhantes, ora distintos. Na aldeia Manga, por exemplo, o número populacional ultrapassa mil indígenas; por isso, essa aldeia é considerada uma das maiores da etnia *Karipuna*. A configuração desse espaço se confunde com a de um bairro do Oiapoque, pela disposição das casas e pela forma como a população *Karipuna* se relaciona. Durante visita às aldeias de Santa Isabel, de Espírito Santo e de Açaizal, tive a impressão de estar em uma comunidade ribeirinha, como as que estão localizadas nas ilhas dos estados do Pará e do Amapá. Em todas as aldeias visitadas enfatizo ter sido bem recebido pelos Caciques e pela comunidade em geral.

Um dos grandes desafios da pesquisa geolinguística, sem dúvida, consiste na realização de pesquisa de campo. Os critérios que adotei para a escolha dos informantes tiveram de ser adaptados conforme a realidade linguística e cultural. Na aldeia Santa Isabel, demorei a encontrar falantes jovens, bilíngues e *Karipuna*, pois os poucos que tinham se mostravam envergonhados ou indispostos. Precisei ficar um pouco mais nessa aldeia para passar confiança e convencê-los sobre a importância da pesquisa para a comunidade.

As crianças, contudo, demonstraram curiosidade e aproximavam-se timidamente para saber quem eu era e o que estava fazendo ali. Os aparelhos eletrônicos chamavam a atenção delas, revelando o pouco contato que possuíam com *notebooks* e celulares, por exemplo. As crianças estavam sempre interagindo, inclusive durante as entrevistas, nas quais respondiam por impulso, quando a mãe ou o pai não sabiam ou esqueciam dos nomes de frutas, de animais, etc. Os informantes jovens mostravam-se desconfiados e tímidos, com exceção daqueles que sempre me convidavam para pescar, tirar açaí ou jogar futebol no final da tarde. Busquei interagir e participar da rotina da comunidade, sempre de forma respeitosa, isto é, quando minha participação era solicitada.

Os informantes mais velhos aparentavam contentamento diante da minha presença na aldeia. Com eles, pude conversar no final da tarde, em frente às suas casas. Mesmo após as entrevistas, conversava deliberadamente com os mais velhos, e algumas palavras, esquecidas durante as entrevistas eram lembradas. Eles falavam sobre os “antigos” e como eram as aldeias, quando jovens. Comentavam sobre a fartura de peixe nos rios, dos encantamentos de seres sobrenaturais que vivem na mata, dos vários tipos de remédios caseiros, sobre as festividades, entre outros assuntos. Com certeza os saberes que obtive por meio desses relatos de experiência de vida dificilmente seriam adquiridos em uma sala de aula. São saberes que versam sobre o homem, a terra, a água, o cosmo etc. Saberes que dizem respeito à dignidade humana e, sobretudo, à condição do indígena brasileiro.

4.2 PONTOS DE INQUÉRITO

A seleção dos pontos de pesquisa foi feita a partir de três critérios: (i) o contingente populacional da aldeia, (ii) o aspecto sócio-histórico e geográfico e (iii) a existência de falantes bilíngues. Preliminarmente, foram selecionadas nove aldeias indígenas *Karipuna*: Açaizal, Ahumã, Ariramba, Curipi, Espírito Santo, Kariá, Kunanã, Manga e Santa Isabel. Localizadas em três TI's, Uaçá, Juminã e Galibi do Oiapoque. A maioria das aldeias está concentrada na TI Uaçá. O quadro a seguir mostra o nome das localidades, o número de falantes e a TI habitada.

Quadro 17 – Aldeias selecionadas

ALDEIA	LOCALIZAÇÃO	TERRA INDÍGENA	POPULAÇÃO
1. Manga	Rio Curipi	Uaçá	1.014
2. Espírito Santo	Rio Curipi	Uaçá	602
3. Santa Isabel	Rio Curipi	Uaçá	371
4. Açaizal	Rio Curipi	Uaçá	118
5. Kunanã	Igarapé Juminã	Juminã	96
6. Ariramba	Rio Oiapoque	Galibi	88
7. Ahumã	BR 156	Uaçá	78
8. Curipi	BR 156	Uaçá	64
9. Kariá	BR 156	Uaçá	47

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dados da FUNA/Macapá (2017).

É importante ressaltar que, no projeto inicial, a aldeia Ahumã não estava prescrita como ponto de inquérito e sim a aldeia Estrela, que está localizada também na BR-156, a 70 km do Oiapoque. A substituição desse ponto de pesquisa se deu em decorrência da dificuldade de encontrar falantes bilíngues na aldeia Estrela. Nos demais pontos, só foi possível realizar a coleta de dados com adaptações metodológicas, como será exposto no subcapítulo a seguir, que trata da seleção dos informantes.

Apresento aqui um breve histórico das aldeias selecionadas mediante os relatos (história oral) fornecidos por indígenas de cada localidade, complementando os dados anteriormente expressos com levantamento historiográfico, assim registrado por Tassinari (2003).

A aldeia Manga, formada na década de 1970 (cf. TASSINARI, 2003, p. 187), tem sua origem contada a partir do ingresso da família do Sr. Florêncio Primo dos Santos na região do Oiapoque. Nos relatos de FA01, FB01, MB01⁶², as aldeias Santa Isabel e Espírito Santo são descritas como as mais povoadas. O inchaço populacional das referidas aldeias forçou a família do Sr. Florêncio a deixar a aldeia Santa Isabel em busca de um novo local. Assim, ele

⁶² As convenções dizem respeito ao perfil dos informantes que relataram sobre a história da aldeia: F = feminino; M = masculino; B = acima de 50 anos; A = 18-30 anos; 01 = localidade 01 (aldeia Manga).

abriu uma roça no local onde se situa a atual aldeia Manga e com ele vieram outras famílias, como a do Sr. Henrique, que logo se fixou, abrindo roças e construindo os *kahbês*, espécie de casa coberta de palha onde se produz farinha de mandioca. O nome da aldeia foi dado devido à quantidade de mangueiras que existiam no local, por isso, aldeia Manga.

A aldeia Santa Isabel, antes conhecida pelo nome de *capoeira* ou *barracão*⁶³, tem sua fundação em meados da década de 1940, por Manuel Primos dos Santos, conhecido como Sr. Côco, responsável por construir uma casa para sua família de dois andares, uma parte feita de madeira e outra de tijolos. A criação de gado e a abertura de um comércio na aldeia atraíram novas famílias, iniciando o povoamento. Sobre o nome dado ao local, Dona Alexandrina⁶⁴ conta que isso se deu como uma forma de pagar uma promessa feita pelo Sr. Côco ao Divino Espírito Santo e à Santa Isabel (padroeira da comunidade). Dona Alexandrina relata que quando Sr. Côco chegou ao local, ele não tinha condições financeiras de criar os filhos, de modo que os dois primeiros morreram. Então, o Sr. Côco fez uma promessa à Santa Isabel, pedindo pela vida de seus próximos filhos. E isso aconteceu, a terceira filha nasceu em uma ocasião na qual o Sr. Côco já tinha certa estabilidade financeira, o suficiente para criar a filha sem que ela viesse a óbito. Diante do fato, ele batizou a filha de Isabel, e a comunidade de Santa Isabel, como forma de agradecimento pela graça alcançada.

A aldeia Espírito Santo teve sua formação com a presença da família de João Teodoro Forte e, posteriormente, com os irmãos Firmino dos Santos e Cassiano dos Santos, ambos naturais da região de Vigia (PA), especificamente das cidades de São Caetano de Odivelas e de Mujuim. Tassinari (2003) afirma que esse período de ocupação da região do Rio Curipi transcorre durante o período de 1870 a 1920. Mediante entrevista feita aos informantes da aldeia Espírito Santo, FA03 e MB03 comentam que a primeira aldeia fundada naquela região foi a aldeia Jõdef, conhecida como Cutiti. Segundo as informantes, devido a uma epidemia de febre amarela na comunidade, os moradores foram obrigados a se mudar para a aldeia do Espírito Santo⁶⁵.

A aldeia do Espírito Santo, inicialmente habitada por apenas um senhor, de descendência francesa, ficou marcada pelo cultivo de laranja. Em função da grande quantidade de laranjeiras presentes no sítio deste senhor, a aldeia passou a ser conhecida como Laranjal. O nome atual, Espírito Santo, deu-se em decorrência da chegada de um padre que se instalou na comunidade para evangelizar. O padre carregava em mãos uma imagem do

⁶³ Segundo Tassinari (2003, p. 180) *barracão* era uma velha habitação de um garimpeiro crioulo.

⁶⁴ Dona Alexandrina foi a segunda esposa do Sr. Côco.

⁶⁵ Há outras versões para a origem da aldeia Espírito Santo, como relatado por Tassinari (2003).

Divino Espírito Santo, que foi adotado como santo padroeiro do local, dando nome à comunidade.

A aldeia Açaizal foi aberta em 1940, pelo Sr. Sebastião (Sabá) e sua esposa, Maria Frozina, segundo consta nos relatos de MB04 e FB04. O Sr. Sebastião, que morava no Karipurá, ao transitar pela aldeia Açaizal, durante atividade de caça e pesca, deparou-se com um espaço agradável e resolveu abrir uma roça no local, em seguida, resolveu morar ali. Aos poucos, novas famílias passam a povoar a aldeia, cujo nome faz jus à árvore frutífera muito comum no local, o açazeiro.

A história da aldeia Curipi está relacionada à abertura e à pavimentação da BR-156. De acordo com os relatos de MA05, MB05 e FB05, a FUNAI convidou a família de Dona Verônica, que morava na aldeia Manga, para ocupar a região da BR-156, pois era necessário resguardar o local contra a caça e a pesca irregular, além da retirada ilegal de madeira. A família de D. Verônica mudou-se então para a localidade, próxima à atual aldeia Curipi. Os integrantes de sua família abriram um roçado e construíram um *karbé*⁶⁶. Com o passar do tempo, os filhos de D. Verônica cresceram e constituíram famílias, construindo novas casas e abrindo seus roçados. Foi dessa forma que a aldeia passou a ser ocupada. Em 2005, a FUNAI informou que a aldeia não podia ficar próxima à rodovia, recomendando que a comunidade que ali vivia migrasse para um local mais afastado. Esse remanejamento ficou sob a responsabilidade do Governo Federal. O deslocamento levou em torno de 12 anos, até que as novas casas fossem construídas. Sobre o nome Curipi, MB05 relata que o “verdadeiro” nome da aldeia é Estrela, devido ao nome da montanha e do igarapé existentes nesta localidade. No entanto, o Sr. Henrique, à época, chefe de posto da FUNAI, já havia dado o mesmo nome, Estrela, à outra aldeia, fundada no ano de 1981, localizada a 70 km do Oiapoque. Então, optou-se pelo nome Curipi, fazendo referência ao rio que passa próximo a aldeia Estrela, no quilômetro 70.

A aldeia Kariá também segue o mesmo processo de ocupação da aldeia Curipi. Conforme relato de MB06 e FA06, os primeiros moradores do Kariá eram provenientes da aldeia Manga. Em convite feito pela FUNAI, os senhores Manuel João dos Santos e Henrique dos Santos passaram a ocupar a BR-156, exercendo cargos da FUNAI no posto de vigilância da aldeia Estrela. Com o passar dos anos, João dos Santos passou a morar na aldeia Piquiá, aberta em 1990, pela família do Pajé Raimundo e de Dona Filomena Fortes, e decidiu fundar sua própria aldeia, a fim de abrigar seus filhos e parentes. O Sr. João dos Santos, então, abriu

⁶⁶ Pequeno casebre normalmente usado para produção de farinha de mandioca.

um roçado que começou a ser ocupado pelos seus filhos. O nome da aldeia menção à grande quantidade de espécie de cerrado de nome Kariá.

A criação da aldeia Ahumã tem sua origem atrelada às realizações pessoais da Cacique Creuza Maria dos Santos. Os filhos da Cacique, MA07 e FA07, relatam a história da mãe, destacando a figura de uma mulher guerreira, de personalidade forte que serve de inspiração para os demais membros da família. A Cacique Creuza morava na aldeia Estrela, mas os conflitos familiares fizeram com que ela buscasse um novo local. A aldeia tem cerca de 20 anos de criação. A atual área onde se estabeleceu a família de D. Creuza fica localizada na BR-156, a 60 km de Oiapoque. No início, a Cacique e seus filhos tinham apenas uma roça e um *karbê* no local, abrigando todos os membros da família. À medida que os filhos se casam, novas casas foram construídas, e as roças se multiplicaram. O nome Ahumã faz menção a um tipo de planta comum na área ocupada.

A aldeia Ariramba tem sua data de fundação em meados de 1940, sob a responsabilidade do Sr. Filinto, ex-funcionário do Serviço de Proteção ao Índio (SPI) que trabalhava no posto da FUNAI na aldeia Galibi, casado com Dona Trindade Fortes. Os relatos de FA08, FB08 e MB08 constataram que antes de habitar a aldeia Ariramba, o Sr. Filinto e sua família buscavam abrigo na vila Taparabô. Em uma das viagens pelo Rio Oiapoque, ele se agradou da atual área onde está fixada a aldeia e, em seguida, decidiu mudar-se para lá com a sua esposa e os seus filhos. Eles abriram roças e plantaram laranjas, tangerinas, bananas, etc. A exemplo das demais aldeias aqui mencionadas, os filhos de Sr. Felinto constituíram famílias, cada um tornando-se responsável pela construção de suas casas e, assim, a aldeia ganhava novos moradores. FB08 relata que, quando chegou ao local, a área era frequentada por um tipo de pássaro pescador, conhecido como Ariramba, por este motivo a aldeia passou a se chamar Ariramba.

A aldeia Kunanã foi fundada por Gabriel dos Anjos⁶⁷. Segundo o relato de FA09, seus avós contam que o Sr. Gabriel morava sozinho com a sua esposa. Dono de roça, o Sr. Gabriel criava galinhas e outros animais. Alguns amigos e familiares do Sr. Gabriel sempre vinham da aldeia Espírito Santo visitá-lo. Com o tempo, ele adoeceu, ficando sob os cuidados de amigos e parentes de outras aldeias que ali se fixaram. Com o falecimento do Sr. Gabriel dos Anjos, outras famílias foram chegando e habitando o local. O primeiro nome da aldeia foi Juminã⁶⁸, mas como a FUNAI usou o mesmo nome para oficializar a Terra Indígena, a comunidade

⁶⁷ Não há uma data precisa de fundação, mas cogita-se que a aldeia deva ter mais de 40 anos.

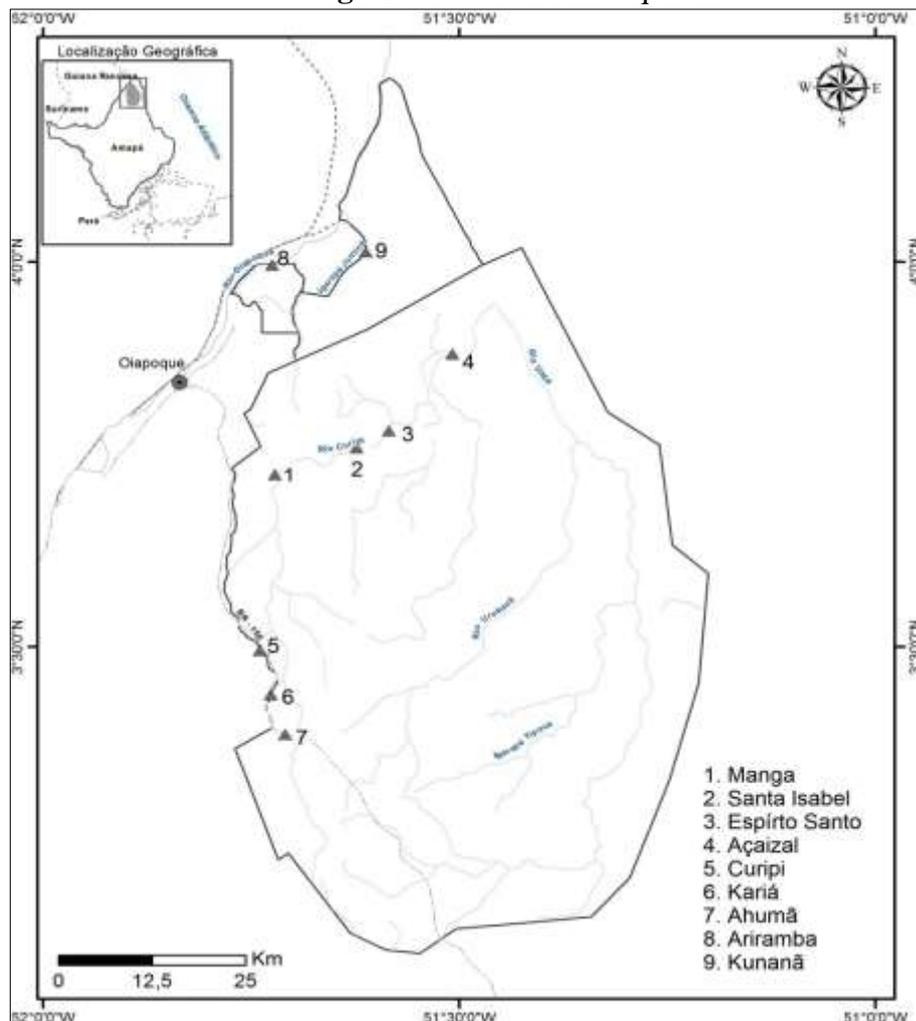
⁶⁸ O mesmo nome do Igarapé Juminã, afluente do Rio Oiapoque.

escolheu o nome Kunanã, em decorrência da existência de uma fruta silvestre cultivada naquela região.

Diante desse levantamento histórico sobre a criação das aldeias pesquisadas, percebo dois fatores preponderantes que motivaram o surgimento das aldeias. O primeiro, o desejo pessoal dos próprios indígenas em ter a sua própria aldeia, evitando conflitos entre familiares. O segundo, motivado pelo convite feito aos indígenas por parte da FUNAI, no sentido de ocupar áreas desprotegidas nos arredores dos postos de vigilância da área indígena, a exemplo do que se atesta no caso das aldeias criadas ao longo da BR-156, e das que estão localizadas à margem do Rio Oiapoque. Mediante tal síntese, verifico que o nome dado às aldeias está relacionado aos aspectos da fauna e da flora característicos de cada localidade.

Para ilustrar as aldeias selecionadas, segue a Figura 10 que destaca a localização de cada uma. Ressalto que a organização e ordem dos pontos fixados se dão conforme o número populacional apresentado no subcapítulo 2.2 (cf. Quadro 07).

Figura 10 – Pontos de inquérito



Fonte: Elaborado pelo autor.

4.3 INSTRUMENTOS DE PESQUISA

Para a coleta dos dados, utilizei os seguintes instrumentos de pesquisa: a Ficha do Informante (FI); o Questionário Sociolinguístico (Qsócio); o Questionário Semântico-Lexical (QSL); e os Relatos de Experiência (RE)⁶⁹. Vale frisar que a coleta foi feita por um único inquiridor.

a) **Ficha do Informante (FI)**

A Ficha do Informante (FI) buscou levantar informações que serviram de apoio para a descrição dos resultados. Por meio desse instrumento foi possível identificar o perfil do informante, controlando variáveis extralinguísticas, como idade, sexo, escolaridade, profissão, religião, tempo de migração, local de origem do informante, etc. Ressalto que a ficha elaborada para esta Tese tem como base a ficha do informante utilizada pelo projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) (COMITÊ, 2001).

b) **Questionário sociolinguístico (Qsócio)**

Sobre o Questionário Sociolinguístico (Qsócio), destaco que segui o modelo utilizado pelo projeto Atlas Linguístico do Português falado em Áreas Indígenas (ALiPAI), cujo objetivo principal foi o de descrever o grau de bilinguismo dos falantes. O questionário foi adaptado, trazendo questões que dizem respeito à aquisição do português e do *kheuól*, além de permitir identificar como os falantes aprenderam essas línguas e em quais situações comunicativas eles as utilizam. Ao final do questionário, há perguntas metalinguísticas sobre como os indígenas *Karipuna* percebem a utilização das duas variedades em suas comunidades.

c) **Questionário Semântico-Lexical (QSL)**

O Questionário Semântico-Lexical (QSL) foi elaborado a partir dos questionários do Projeto ALiB e do Projeto Atlas Gessociolinguístico do Pará (ALiPA). Inicialmente, a Tese contemplaria o Questionário Fonético-Fonológico e Semântico-Lexical, mas em decorrência da dimensão do trabalho, do tempo e dos gastos com a pesquisa de campo, a metodologia foi redirecionada, focalizando somente o uso do QSL.

A primeira versão do questionário, elaborada para a coleta dos dados, contemplava 250 questões. Com a aplicação do questionário piloto, houve uma redução de 47 itens

⁶⁹ Os instrumentos usados para a pesquisa encontram-se disponíveis como apêndice ou anexo.

lexicais, que não foram considerados produtivos, ou seja, perguntas que não fazem parte do repertório ou conhecimento linguístico dos informantes. Com isso, a versão final do QSL habilitou o uso de 203 questões, distribuídas em 14 campos semânticos. Como forma de complementar e de auxiliar a aplicação do QSL, foi elaborado um portfólio contendo ilustrações de 78 itens lexicais. As figuras foram apresentadas para reforçar a pergunta do questionário.

Vale destacar que, para a aplicação do QSL, foi adotada a “técnica em três tempos” da Dialetologia Pluridimensional e Relacional. Nessa técnica, o inquiridor deve perguntar, insistir e sugerir. No momento em que a pergunta é feita e o informante tem dificuldade para responder, o inquiridor apresenta a ilustração⁷⁰ ou, então, reformula a pergunta. Caso o informante não consiga responder, o inquiridor pode sugerir possíveis variantes lexicais, conforme as respostas já obtidas em aplicações anteriores.

d) Relatos de Experiência (RE)

Após a aplicação do Qsocio e do QSL, foram coletados dois tipos de relatos: Relato da Aldeia (RA) e Relato Pessoal (RP). O primeiro, diz respeito à história do povo *Karipuna* e à origem das aldeias pesquisadas. Antecipo que nem todos os informantes, a exemplo dos mais jovens, conheciam a história de seu povo ou de sua aldeia. Em sua maioria, as narrativas eram contadas por informantes acima de 50 anos, que relatavam as histórias que “os antigos contavam”. O objetivo era descrever brevemente como se deu a origem das aldeias, quem foi o fundador de cada uma e como se deu a escolha dos nomes dados ao povoado.

No segundo tipo (RP), registrei narrativas orais tanto em português como em *kheuól*. No primeiro momento, o informante escolhia uma história de sua preferência, podendo relatar sobre a vida pessoal ou de histórias compartilhadas pela comunidade. Nesta ocasião, a narrativa deveria ser feita em *kheuól*. No segundo momento, o mesmo relato, que havia sido contado em *kheuól* deveria ser reproduzido em português. Essa técnica de pesquisa se justifica pela importância de verificar o grau de bilinguismo dos falantes. Assim, percebi também que alguns se sentiam mais à vontade ao iniciar o relato usando o *kheuól*.

⁷⁰ As ilustrações eram apresentadas somente quando havia necessidade, desde que estivessem contempladas pelo portfólio.

4.4 SELEÇÃO DOS INFORMANTES

De acordo com Moore (2011, p. 237) e Rodrigues (2013, p. 06), há aproximadamente 2.235 indígenas falantes do kheuól. Entretanto, esse levantamento de falantes do kheuól entre o povo *Karipuna* precisa ser atualizado. Durante o período que empreendi atividade de pesquisa de campo, no ano de 2017, visitei nove aldeias *Karipuna*. Na ocasião, verifiquei que, nas maiores comunidades (Manga, Santa Isabel e Açaizal), não se percebe o uso constante do kheuól, exceto entre alguns falantes, idosos ou jovens, que ainda costumam conversar com os pais ou professores indígenas responsáveis pelo ensino bilíngue.

A única aldeia que se destaca pelo uso constante do kheuól é a aldeia do Espírito Santo, onde é possível perceber o uso dessa variedade como primeira língua (L1), usada em diferentes espaços sociais, seja no âmbito familiar, seja na convivência em comunidade. A partir dessas observações etnográficas, e com base na análise do perfil sociolinguístico dos *Karipuna*, acredito que o número de falantes do kheuól da etnia *Karipuna* não corresponde ao total estimado por Moore (2011) e Rodrigues (2013), de 2.235 falantes. Para o levantamento preciso do número de falantes do kheuól, faz-se necessário inventigar *in loco* as demais aldeias *Karipuna* que juntas somam 22 aldeias.

A priori, a Tese contemplaria 72 falantes indígenas, estratificados socialmente. Em cada localidade seriam selecionados oito informantes: dois homens e duas mulheres, de 18 a 30 anos; e dois homens e duas mulheres, de 40 a 70 anos. Assim, os participantes da pesquisa formariam dois grupos, divididos pelas categorias sexo (homens e mulheres) e idade (os de primeira faixa etária, entre 18 a 30 anos; e os de segunda faixa etária, entre 40 a 70 anos). Para a seleção dos informantes, o projeto previa os seguintes critérios: a) ter nascido na região; b) ser filho de pais nascidos na região; c) não ter se afastado por um terço da vida da localidade de origem; d) ser bilíngue (língua indígena e língua portuguesa) e d) possuir boas condições de saúde e de fonação. No entanto, essas orientações tiveram de ser modificadas a fim de atender à realidade sociocultural dos *Karipuna*.

A realidade da pesquisa *in loco* possibilitou a execução de adaptações metodológicas, ocasionadas por diversos fatores. O primeiro, relacionado ao fato de não conseguir localizar oito indígenas bilíngues, em nove aldeias, como previsto no projeto. De forma parcial, encontrei informantes mais velhos, muito embora, nem sempre com a idade pré-fixada. Em função disso, passei a selecionar falantes indígenas acima de 50 anos. Em relação aos mais jovens, o problema se acentuou na medida em que considerei o uso do

kheuól, pois muitos apenas compreendiam a variedade, mas não possuíam a competência oral. Logo, em vez de oito falantes, selecionei apenas quatro informantes por localidade.

Outros critérios que tive de adaptar dizem respeito aos informantes afastados do local de origem por um terço de vida, bem como, aos de boa condição de fonação. Por se tratarem de comunidades indígenas *Karipuna*, o casamento interétnico torna-se frequente, e a necessidade dos *Karipuna* de se fixarem em outras aldeias também é notada com naturalidade. Isso fez com que não fossem considerados somente os informantes fixos (topostáticos), mas, também, os informantes com maior grau de mobilidade geográfica (topodinâmicos). Como não se trata de uma pesquisa fonético-fonológica, e em decorrência da dificuldade de encontrar informantes bilíngues, ou sem nenhum problema de fonação, o critério referente às boas condições de fonação foi excluído, uma vez que não interferiu nos resultados da pesquisa. Não obstante, o quadro a seguir abrange o perfil adotado para a seleção dos informantes após as adaptações.

Quadro 18 – Perfil dos informantes

INFORMANTES	IDADE	SEXO
01 indígena bilíngue	18-30 anos	MASCULINO
01 indígena bilíngue	18-30 anos	FEMININO
01 indígena bilíngue	Acima de 50 anos	MASCULINO
01 indígena bilíngue	Acima de 50 anos	FEMININO

Fonte: Elaborado pelo autor.

A partir do Quadro 18, indica-se que, para cada localidade, foram selecionados quatro indígenas *Karipuna* bilíngues (português-kheuól), sendo um homem, com idade entre 18 a 30 anos, um homem, acima de 50 anos, uma mulher, com idade entre 18 a 30 anos, e uma mulher, acima de 50 anos. Assim, o total de 72 informantes pensado inicialmente foi reduzido para 36 falantes indígenas, distribuídos de modo equitativo entre as nove aldeias *Karipuna*. Neste sentido, foi possível controlar as dimensões *diatópica*, *diageracional*, *diassexual e dialingual*.

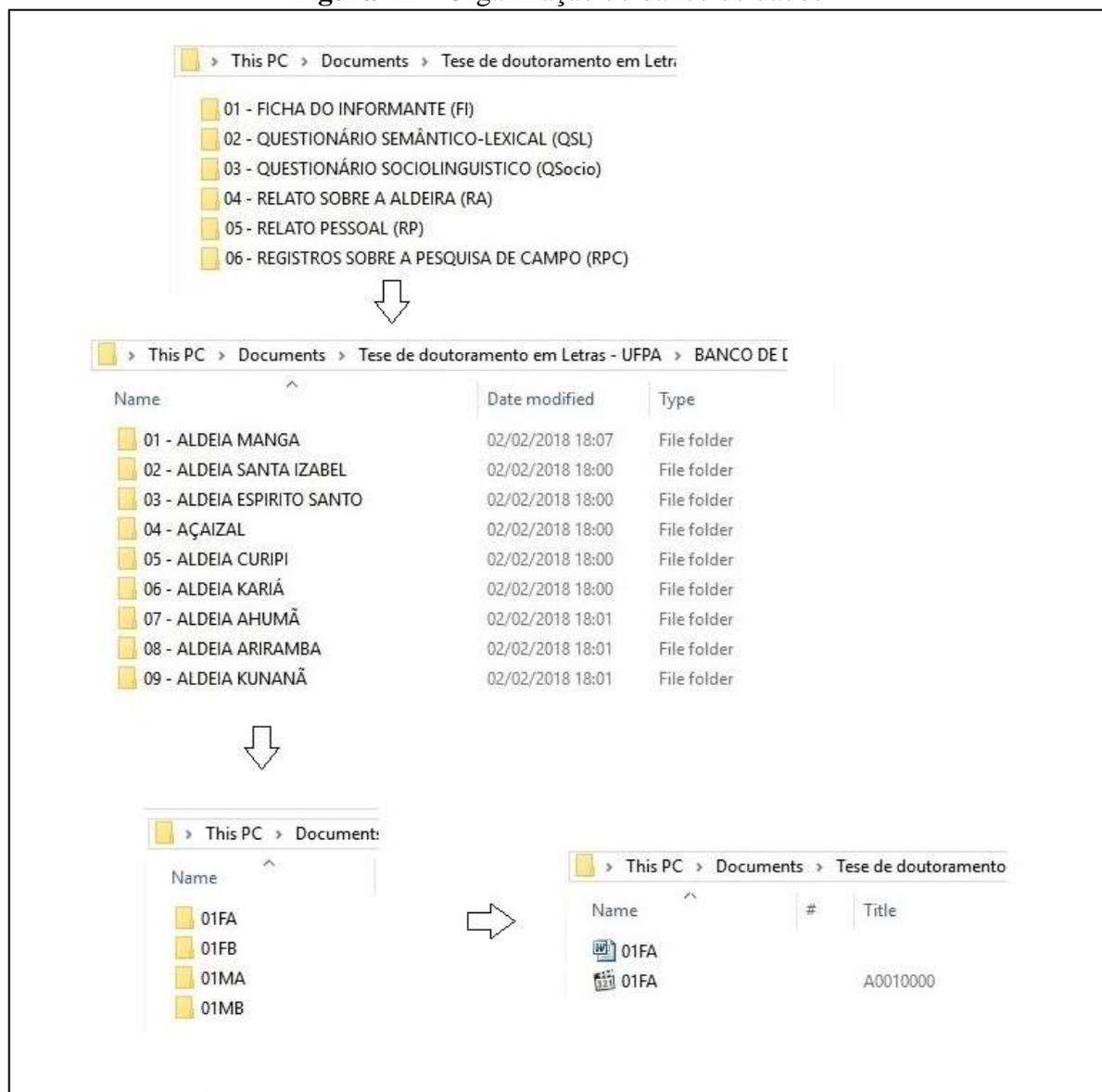
É importante ressaltar que a dimensão *diatrática*, no que diz respeito à escolaridade, tinha sido pensada para o projeto, mas não foi controlada pela dificuldade de encontrar um número razoável de informantes bilíngues, não-escolarizados ou de nível superior. Antes de finalizar esse subcapítulo, gostaria de me posicionar acerca do uso do termo *informante*, por mim adotado. Considero este termo ainda como sendo o mais adequado às pesquisas geolinguísticas e não o vejo como uma terminologia obsoleta ou de uso pejorativo. Trata-se de uma nomenclatura usada pela Dialetoлогия tradicional e que agregou novos valores com o advento da Dialetoлогия moderna. Friso que, quando se fala em *informante*, não está se

subestimando o participante da pesquisa ou tratando-o como uma mera *fonte de informação*. Deve-se entender o termo *informante* aqui como correlato de *sujeito*, *participante*, *colaborador* e, sobretudo, de *ser ativo* e *responsável* pelo saber geolinguístico. Além disso, cabe destacar que o mais importante não consiste na escolha de nomenclatura, mas sim na mudança da forma como o pesquisador pensa e aplica o método geolinguístico. Uma vez que é muito difícil, ainda não presenciei, o inquiridor chamar o inquirido no ato da pesquisa de informante, normalmente chama-se pelo nome e não por classificadores de cunho metodológico.

4.5 TRATAMENTO E DELIMITAÇÃO DOS DADOS

Os dados da pesquisa foram coletados por mim, a partir de gravador portátil, por meio do qual se tornou possível a compactação de áudio em formato MP3 (*MPEG Layer 3*). Com o auxílio do *software Audacity*, recortei e organizei os áudios em arquivos, com indicação de seus respectivos nomes. O banco de dados contém seis tipos de arquivos: Ficha do Informante (FI); Questionário Semântico-Lexical (QSL); Questionário Sociolinguístico (Qsocio); Relato sobre a Aldeia (RA); Relato Pessoal (RP) e Registros da Pesquisa de Campo (RPC). Cada arquivo contém nove subpastas que correspondem aos pontos de inquérito pesquisados.

Figura 11 – Organização do banco de dados

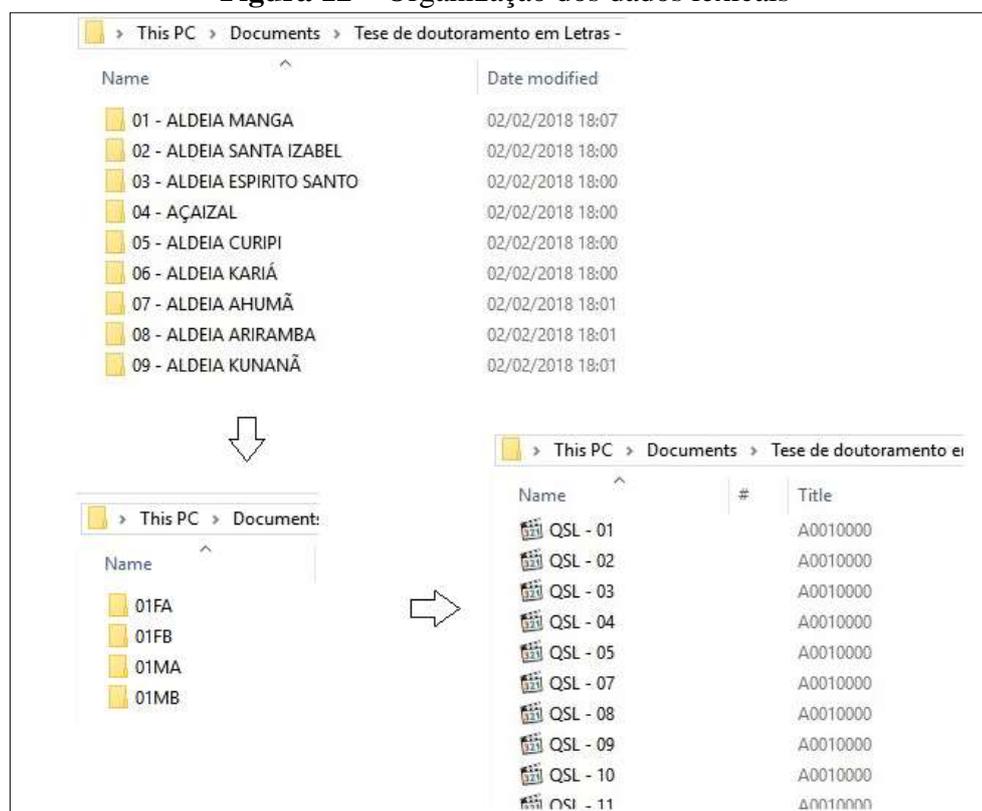


Fonte: Elaborado pelo autor.

A Figura 11 ilustra como os dados estão organizados. Há seis arquivos principais, que correspondem a um tipo específico de informação. No arquivo “01 – FICHA DO INFORMANTE (FI)”, há nove subpastas que assinalam a ordem dos pontos de inquérito. Na subpasta “01 – ALDEIA MANGA”, estão organizadas as fichas preenchidas e os áudios dos quatro informantes entrevistados. Nomeei esses arquivos com sua respectiva convenção: 01 = Aldeia Manga; F = Feminino; M = Masculino; A = Faixa Etária I (entre 18-30 anos); B = Faixa Etária II (acima de 50 anos).

Essa mesma orientação foi seguida para os demais arquivos de áudio. A Figura 12 (abaixo) mostra como os dados das entrevistas do Questionário Semântico-Lexical foram organizados. O arquivo principal “02 – QUESTIONÁRIO SEMÂNTICO-LEXICAL” contém nove subpastas. Na subpasta “01 – ALDEIA MANGA”, há quatro arquivos, identificando cada informante. No arquivo “01FA”, estão organizados todos os recortes referentes às questões do QSL, considerando o início da pergunta até o final da resposta dada pelo informante. Cada questão foi nomeada pela convenção dada ao tipo de questionário (QSL) e pelo número da pergunta, por exemplo, “QSL – 01” indica a primeira questão do QSL.

Figura 12 – Organização dos dados lexicais



Fonte: Elaborado pelo autor.

Após a organização e o arquivamento dos dados coletados, o passo seguinte foi o de ouvir os questionários e os relatos, a fim de dar início ao procedimento de transcrição grafemática e fonética. Transcrevi apenas o item lexical do Questionário Semântico-Lexical. Para os demais questionários, usei a transcrição grafemática.

Para a codificação dos símbolos fonéticos, usei o Alfabeto Fonético Internacional (IPA), utilizando a fonte *Times New Roman* em documento *word*. Com o uso da *técnica em três tempos*, mencionada no subcapítulo 4.3, criei uma convenção de cores, a fim de identificar: a) *as respostas espontâneas* (as palavras transcritas foram grafadas pela cor preta); b) caso o informante tenha *aceito a resposta sugerida* (marcada na cor verde); c) *as lexias sugeridas em que o informante a reconhece, mas não a utiliza* (destacada na cor azul); d) e, nos casos em que o informante, além de responder, *oferece uma explicação etnográfica* sobre a lexia (marcada na cor roxa).

Quadro 19 – Convenção de cores para transcrição

COR	LEGENDA
●	Resposta espontânea
●	Aceitou a resposta sugerida
●	Reconhece a lexia, mas não usa
●	Explicação etnográfica para a lexia

Fonte: Elaborado pelo autor.

Considerando que as transcrições fonéticas, por mim realizadas, foram feitas para a variedade do português e do kheuól, elaborei um quadro no documento *word* contendo informações básicas sobre o *tipo de questionário*, *ponto de inquérito*, *campos semânticos*, *número da questão* e *resposta esperada*. Ao lado dessas informações, criei colunas a fim de indicar as respostas obtidas em português e em kheuól, advertindo sobre o dado fornecido por cada informante. Deste modo, elaborei nove quadros para as transcrições fonéticas, cada quadro correspondendo a uma das aldeias investigadas. Para exemplificar a organização das transcrições, tem-se a Figura 13, ilustrando o modo como as informações foram distribuídas.

Figura 13 – Organização das transcrições fonéticas

RESPOSTAS DO QUESTIONÁRIO SEMÂNTICO LEXICAL PONTO DE INQUÉRITO: 01 – ALDEIA MANGA						
CAMPOS SEMÂNTICOS	Nº	RESPOSTAS ESPERADAS	01FA		01MA	
			Português	Khasó	Português	Khasó
ACIDENTES GEOGRÁFICOS	1	IGARAPÉ	[ɨgapa pe]	['kik]	[gapa pe]	['kik]
	2	PONTE	[pōtō]	[pō]	[pōtō]	[pō]
	3	FOZ	[boke do hio]	[boʃi lahi ve]	[kabi seradu hin]	[se lahi ve]
	4	REDEMOINHO (DE ÁGUA)	[hedemuho]	[ku fiadu bbe]	[hedemuho]	[ku fiadu ble]
	5	ONDA DE MAR	[zōda]	[dád lo]	[kohé teze]	[ku fiadu ble]
	6	ONDA DE RIO	[óde]	[dád lo]	[mar zee]	[diady lo]
FENÓMENOS ATMOSFÉRICOS	7	REDEMOINHO (DO VENTO)	[vētu] [vétu nre]	[vō]	[hedemuho]	[ku fiadu ble]
	8	RELÂMPAGO	[re lâpago]	[ze kle]	[re lâpago]	[ze kle]
	9	RAIO	[haju]	[ze kle] [bo/lo haqi]	[haju]	[ze kle]
	10	TROVÃO	[tro vão]	[lo haqi] [gādady]	[tro vão]	[lo haqi]
	11	TEMPORAL/TEMPESTADE	[juve]	[la pi]	[juve gōidy]	[la pi gōh]
	12	TROMBA D'ÁGUA	[gevu ejre]	-	[seʃis trein]	[la posti e]
	13	ARCO-ÍRIS	[aiku iri]	[lakú e]	[aiku iris]	[lakú e]

Fonte: Elaborado pelo autor.

Para elaboração das cartas lexicais, selecionei 106 questões do QSL, conforme o grau de variabilidade, ora evidenciado pelo polimorfismo dos itens lexicais, ora pela relevância das dimensões linguísticas e extralinguísticas contidas nos dados. A seguir, o Quadro 20 reúne as perguntas selecionadas do QSL, identificando-as pelo número da questão, o item lexical e o campo semântico.

Quadro 20 – Itens lexicais selecionados

Nº	ITEM LEXICAL	CAMPO SEMÂNTICO
01	igarapé	ACIDENTES GEOGRÁFICOS
02	ponte	
03	foz	
04	redemoinho (de água)	
05	onda de mar	
06	onda de rio	
07	redemoinho (do vento)	FENOMENOS ATMOSFÉRICOS
08	raio	
09	temporal	
10	tromba d'água	
11	garoa	
12	sereno	
13	neblina	
14	nascer do sol	ASTROS E TEMPO
15	anoitecer	
16	estrela-d'alva	
17	estrela cadente	
18	via láctea	
19	tangerina	ATIVIDADES AGROPASTORIS
20	flor da bananeira	
21	carrinho de mão	
22	cesto	

23	caminho	FAUNA
24	calango	
25	osga	
26	embuá	
27	casa do cupim	
28	formiga tucandeira	
29	gafanhoto	
30	louva-a-deus	
31	mutum	
32	poraquê	
33	papagaio	
34	pulga	
35	arapuca	
36	galinha-d'angola	
37	esporão	
38	sura	
39	cotó	
40	boi sem chifre	
41	úbere	
42	mosca varejeira	
43	libélula	
44	pernilongo	
45	cisco	
46	terçol	
47	conjuntivite	
48	dentes caninos	
49	dentes do siso	
50	desdentado	
51	fanhoso	
52	meleca	
53	nuca	
54	axila	
55	cheiro nas axilas	
56	seios	CICLOS DA VIDA
57	vomitare	
58	útero	
59	manco	
60	perna torta	
61	rótula	
62	cócegas	CICLOS DA VIDA
63	nádegas	
64	menstruação	
65	grávida	
66	parteira	
67	dar à luz	
68	aborto	
69	filho adotivo	
70	caçula	

71	madrasta	
72	tagarela	
73	pessoa pouco inteligente	
74	pessoa sovina	
75	prostituta	
76	bêbado (designações)	
77	cigarro de palha	
78	toco de cigarro	
79	coador de café	
80	diabo	
81	fantasma	
82	feitiço	
83	benzedeira	
84	curandeira	
85	cambalhota	
86	bolinha de gude	
87	estilingue	
88	papagaio de papel	
89	esconde-esconde	
90	cabra-cega	
91	balanço	
92	amarelinha	
93	tramela	
94	vaso sanitário	
95	interruptor de luz	
96	jirau	
97	aguardente	
98	guloso	
99	pão bengala	
100	sutiã	
101	cueca	
102	calcinha	
103	rouge	
104	travessa/tiara	
105	semáforo	
106	bar	

Fonte: Elaborado pelo autor.

Essa triagem dos dados lexicais do QSL foi fundamental para nortear o mapeamento linguístico, já que cerca de 60% das questões do QSL apresentaram variação lexical. Os demais itens não mencionados aqui poderão ser consultados nos anexos e explorados em novas pesquisas.

4.6 CARTOGRAFIA LINGUÍSTICA

A cartografia linguística compreende o conjunto de técnicas científicas e, sobretudo, artísticas. Poderia aqui comparar o processo cartográfico ao ato de produzir um autorretrato. Este requer o uso de técnicas específicas para chegar o mais próximo possível da realidade. Da mesma forma, o cartógrafo/linguista utilizará de técnicas para reproduzir em mapas uma amostra das variedades linguísticas existentes. Trata-se de um processo árduo, delicado, e que requer do cartógrafo muita sensibilidade, posto que é preciso planejar e organizar os dados linguísticos em mapas predeterminados.

O objetivo final do trabalho cartográfico consiste em oferecer uma leitura satisfatória sobre informações geolinguísticas ao público em geral. Esse tipo de cartografia pode ser feito manualmente, ou por meio de programas computacionais. No Brasil, há programas que buscam suprir as necessidades de elaboração da cartografia linguística, como o *GeoLing* (RAZKY; CRUZ, 2014) e o *[GVCLin]* (ROMANO; SEABRA, 2014). Além desses, Guedes (2017, p. 71) indica a existência de *softwares* específicos da área de georreferenciamento e de geoprocessamento, como *ArcGIS* e *QGIS*, que ajudam na elaboração de bases cartográficas. Há também a possibilidade de uso de editores profissionais de imagens, como *CorelDraw*, *Photoshop*, *Paint*, *Photoscape*, entre outros.

Para a cartografia linguística deste trabalho, optei pelo uso do *CorelDRAWX8*. A escolha por esse *soft* se deu em função das diversas ferramentas disponibilizadas pelo programa que ajudam a planejar e a sistematizar a complexidade dos dados linguísticos. A organização desses dados em mapas exige do cartógrafo um olhar prospectivo, tanto em relação aos fenômenos linguísticos que se quer mapear, quanto ao objetivo final do trabalho.

Vale ressaltar que os mapas ou cartas linguísticas⁷¹ não podem ser vistos apenas como mero instrumento expositivo do método geolinguístico, devendo ser entendidos como produto científico que registra as variedades linguísticas usadas por falantes pertencentes a grupos socioculturais distintos, localizados em diferentes espaços geográficos e caracterizados por um período sócio-histórico e cultural da vida humana. Esses mapas podem revelar o estado sincrônico e diacrônico da língua, possibilitando o surgimento de novas descobertas para as pesquisas linguísticas.

Conforme Chambers e Trudgill (1994, p. 51-52), há dois tipos de mapas geolinguísticos, o expositivo e o interpretativo. O primeiro busca evidenciar a partir da

⁷¹ Os termos “mapa linguístico” e “carta linguística” serão usados aqui como sinônimos conforme as orientações de Teles e Ribeiro (2014).

cartografia do mapa as respostas obtidas em função de determinado fenômeno linguístico. O segundo mostra a predominância de variantes linguísticas em uma área geográfica, na medida em que se efetua a comparação com outras. Com o advento da Dialectologia moderna, a tipologia cartográfica, definida por Chambers e Trudgill (1994), amplia-se significativamente. Hoje, é possível vislumbrar outros tipos de mapas⁷², como os mapas pluridimensionais sonoro, sintético, com traçado de isoglossas, poligônico, de arealidade (com gradação de cores), em série, entre outros.

A cartografia linguística utilizada neste trabalho parte da elaboração de mapas expositivos. Estes mapas são concebidos sob a perspectiva da Dialectologia Pluridimensional, a partir da qual se consolida o mapeamento das variantes lexicais, considerando o aspecto polimórfico⁷³ e as dimensões *diatópica*, *diagerancional*, *diassexual* e *dialigual*. A produção de cartas linguísticas para o microatlas realiza-se, assim, por etapas. Na primeira, organizei os dados em quadros, utilizando o *software Excel*. Mediante consulta feita aos itens lexicais já transcritos e revisados, disponibilizo as variantes lexicais em português e kheuól, conforme ilustrado pela a figura abaixo:

Figura 14 – Organização dos dados lexicais em quadros

	A	B	C	D	E	F	G	H
1	PORTUGUÊS							
2	QUESTÃO 02 - PONTE							
3	PONTOS DE INQUÉRITOS	FA	MA	FB	MB		variantes	ocorrências
4	01 - MANGA	[ˈpõtʃi]	[ˈpõtʃi]	[miriˈtʃi]	[ˈpaw]		ponte	29
5	02 - SANTA ISABEL	[ˈpõʃi]	[põʃi]	[ˈpaw]			pau	5
6	03 - ESPÍRITO SANTO	[ˈpõtʃi] [ˈpaw]	[ˈpõtʃi] [paw]	[ˈpaw]	[ˈtraˈpiʃi]		miriti	2
7	04 - AÇAIZAL	[ˈpõtʃi]	[buriˈtʃi]	[ˈpõtʃi]	[meriˈtʃi] [ˈpõtʃi]		buriti	1
8	05 - CURUPI	[ˈpõʃi]	[ˈpõʃi]	[ˈpõʃi]	[ˈpõʃi]		madera	1
9	06 - KARIÁ	[ˈpõʃi]	[ˈpõʃi]	[ˈpõʃi]	[ˈpõʃi]		trapiche	1
10	07 - AHUMÁ	[ˈpõʃi]	[ˈpõʃi]	[ˈpõtʃi]	[ˈpõtʃi]		Sem resposta	1
11	08 - ARIRAMBA	[ˈpõtʃi]	[ˈpõtʃi]	[ˈpõtʃi]	[ˈpõtʃi]			
12	09 - KUNANÁ	[ˈpõtʃi]	[ˈpõtʃi]	[ˈpõtʃi]	[ˈpõtʃi]			
13								
14								
15	KHEUOL							
16	QUESTÃO 02 - PONTE							
17	PONTOS DE INQUÉRITOS	FA	MA	FB	MB		variantes	ocorrências
18	01 - MANGA	[ˈpõ]	[ˈpõ]	[baˈtʃi]	[bwˈa]		põ	29
19	02 - SANTA ISABEL	[põʃi]	[põʃi]	[ˈʒãbeˈkik]			ponte	2
20	03 - ESPÍRITO SANTO	[ˈpõ] [buˈa]	[ˈpõ]	[ˈpõ]	[ˈpõ]		baxxi	1
21	04 - AÇAIZAL	[ˈpõ]	[ˈpõ]	[ˈpõ]	[ˈpõ]		bu	2
22	05 - CURUPI	[põ]	[põ]	[põ]	[põ]		jãbe khik	1
23	06 - KARIÁ	[põ]	[põ]	[põ]	[põ]		Sem resposta	2
24	07 - AHUMÁ		[ˈpõ]	[ˈpõ]	[ˈpõ]			
25	08 - ARIRAMBA	[ˈpõ]	[ˈpõ]	[ˈpõ]	[ˈpõ]			
26	09 - KUNANÁ	[ˈpõ]	[ˈpõ]	[ˈpõ]	[ˈpõ]			
27								

Fonte: Elaborada pelo autor.

⁷² Para conhecer melhor os novos modelos de cartografia linguística consultar o texto *Pluridimensional Cartography* (THUN, 2010).

⁷³ O uso de várias formas lexicais faladas para designar o mesmo referente.

A Figura 14 exemplifica o modo como os dados estão organizados nas planilhas *Excel*. Nesse caso, mostro como foi feita a organização da *questão 02*, para o item *ponte*. Observa-se na figura acima a indicação de dois quadros para a variedade falada (português e kheuól), além dos pontos de inquérito, constando de seus respectivos nomes. Há também no mesmo quadro a disposição de sigla convencional, assim dada, a fim de identificar os informantes (FA, FB, MA, MB). As respostas obtidas para cada informante e localidade foram reproduzidas a partir da transcrição fonética organizada no documento *Word*. Ao lado desses quadros, sistematizei as respostas dos informantes, apresentando a transcrição grafemática das variantes lexicais e o número de ocorrências. Essas informações servem de base para elaboração das cartas lexicais, em português e em kheuól.

Para seleção das variantes lexicais cartografadas, obtive respostas que apresentaram variações fonéticas/fonêmicas. Deste modo, para dinamizar a organização dos dados lexicais e da cartografia linguística, optei por agrupar as respostas que considero pertencer a uma mesma lexia. Por exemplo, no caso das respostas para o item lexical *redemoinho do vento*, obtive como respostas: *remoinho* e *redemoinho*, neste caso, o primeiro vocábulo sofre a ação do processo de epêntese⁷⁴, *remoinho* > *redemoinho*. Logo, essas variantes apresentam-se como unidade lexical⁷⁵.

Para a produção dos mapas ou cartas linguísticas que compõem o microatlas bilíngue, elaborei uma base cartográfica com a colaboração de uma especialista da área. Em um primeiro momento, foi feito um *layout* da carta-base, indicando a posição de cada elemento que será inserido na carta lexical. Como se trata de cartas com variantes lexicais em português e em kheuól, foram elaboradas duas bases cartográficas para a mesma carta (cf. volume 2 desta Tese). Ressalto que o mapeamento lexical para as ocorrências das variantes em português e em kheuól foram produzidas somente quando o item apresentava variabilidade léxica. Nos casos de itens lexicais de uma variedade (português ou kheuól), em que as respostas são categóricas, o mapeamento foi feito somente na área onde se verifica a ocorrência de variação lexical.

Outra etapa do mapeamento, diz respeito à seleção e validação das respostas como variante lexical. Neste caso, para a seleção das respostas com variantes do kheuól, contei com

⁷⁴ Fenômeno fonético-fonológico que consiste na inserção de segmento no interior da palavra.

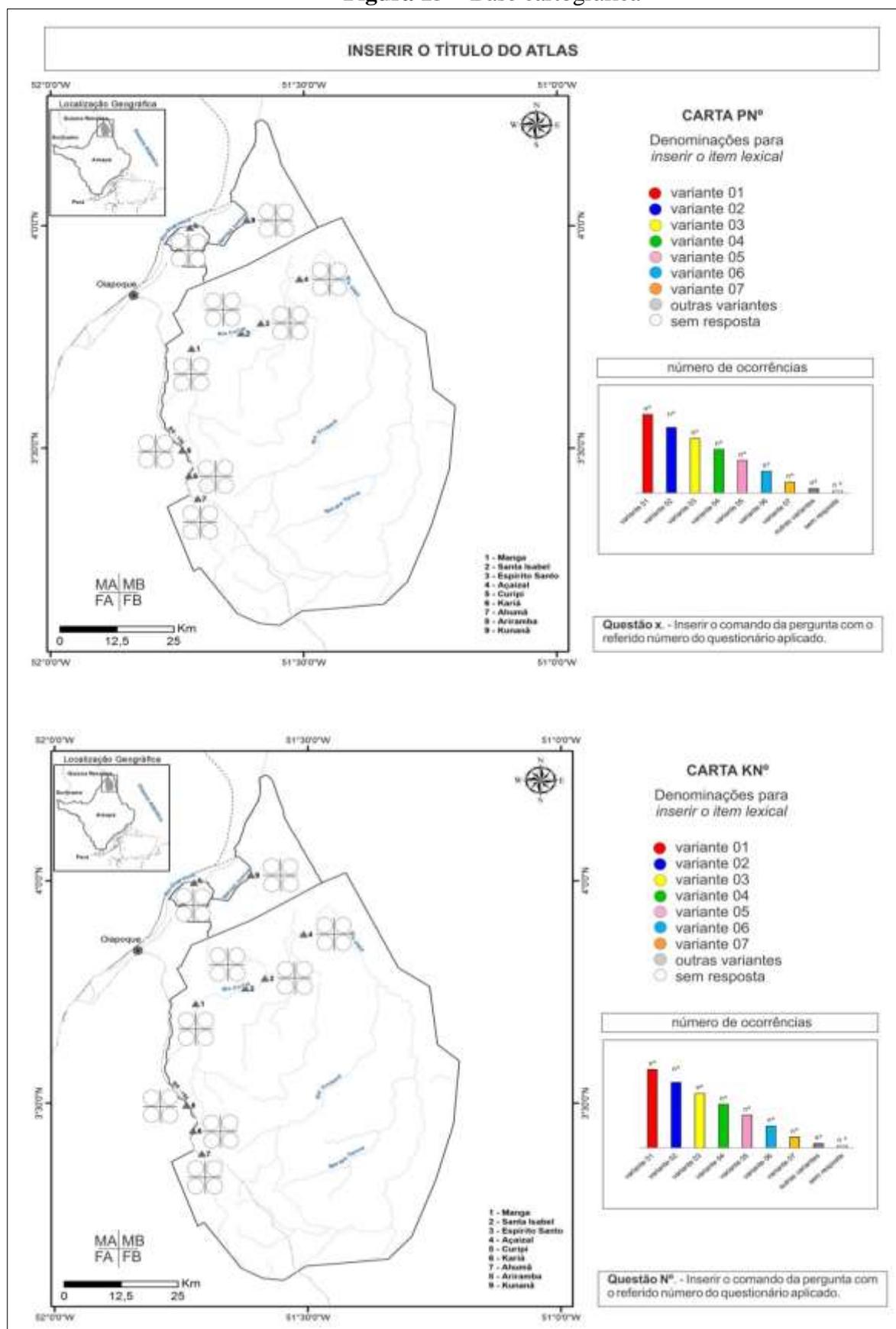
⁷⁵ Destaco que o agrupamento das respostas foi feito na intenção de dinamizar a organização dos dados e a cartografia linguística, mesmo sabendo que esse tipo de agrupamento pode implicar numa falsa realidade dos usos lexicais, pois, se para o pesquisador parece óbvio que se trata de variantes fonéticas correspondentes a uma mesma unidade lexical, para o falante nem sempre essas formas lexicais representam um mesmo referente. Tendo em vista esses problemas no processo de agrupamento, decidi acrescentar no verso das cartas lexicais quadros com as transcrições grafemáticas das respostas, possibilitando ao leitor identificar quais variantes lexicais foram agrupadas.

o auxílio de duas gramáticas — Tobler (1983) e Spires (1984) —, dois dicionários — Tobler (1987) e Montejo (1988) —, e um vocabulário experimental — Green e Green (2004). As gramáticas sobre o kheuól foram fundamentais para entender o funcionamento da estrutura da língua e de seus aspectos fonéticos e fonológicos. Neste caso, os dicionários e o reconhecimento de vocabulário, auxiliaram na identificação e na escrita das variantes lexicais do kheuól.

Além da consulta a estes materiais, para avaliação das variantes lexicais, também contei com o auxílio de dois professores indígenas que lecionam a variedade kheuól nas comunidades indígena, foram eles: o professor Odilton Felipe da Paixão, que trabalha na escola Jorge Iaparra, na aldeia Manga, e a professora Edilena dos Santos, que atua como educadora modular nas aldeias *Karipuna*.

A seguir, apresento a base cartográfica, expressa pela Figura 15. Trata-se de uma carta explicativa que pode ser utilizada para a leitura das cartas lexicais apresentadas no próximo capítulo e no volume 2 da Tese.

Figura 15 – Base cartográfica



Fonte: Elaborada pelo autor.

Conforme consta na Figura 15, em voga da leitura das cartas lexicais, fica evidente a adoção do seguinte esquema de convenções:

1. Na parte superior, centralizado, está disposto o título do atlas;
2. Do lado direito, abaixo do título, indico o tipo, variedade e número da carta. Por exemplo, *CARTA P01*, a letra P indica que se trata de uma carta lexical que apresenta variantes do português, e 01, faz referência à primeira carta do atlas. O mesmo acontece para o caso da *CARTA K01*, com a letra K indicando as variantes lexicais do kheuól;
3. Do lado superior, à direita, abaixo do tipo e sequência da carta, elenco as variantes lexicais de acordo com a frequência, seguido do número de ocorrências para cada variante. Para simplificação da leitura dos dados, o mapeamento contempla até sete variantes mais recorrentes, com suas respectivas cores, em forma de círculo, sendo a ordem das cores a das ocorrências (da variante mais frequente a menos frequente). Vale destacar que as variantes lexicais do português que se apresentam em kheuól, ou vice-versa, serão distinguidas por uso de um asterisco, ao lado da resposta (*). E, em caso de variantes lexicais complexas, será indicado o sinal de reticências (...);

As cores foram selecionadas em acordo com o sistema de cores RGB⁷⁶, com base nas convenções adotadas para o Atlas Linguístico do Amapá (ALAP), conforme a tabela abaixo.

Tabela 01 – Representação por cores para respostas e não-respostas

CORES	R	G	B
variante 01	255	0	0
variante 02	0	0	255
variante 03	255	255	0
variante 04	0	200	0
variante 05	248	150	201
variante 06	0	176	240
variante 07	255	192	0
outras variantes	204	204	204
sem resposta	255	255	255

Fonte: Razky, Ribeiro e Sanches (2017) (adaptado pelo autor).

⁷⁶RGB é um sistema de cores aditivo que representa a mistura de luz, em oposição ao subtrativo CMYK, que representa mistura de pigmentos. No sistema RGB, cada cor é definida pela quantidade de vermelho, verde e azul que a compõem.

4. Do lado direito, abaixo da convenção de cores para as variantes, apresento o número de ocorrências em forma de gráfico, representando as variantes lexicais, outras variantes (se houver), e sem resposta (se houver);
5. Abaixo do gráfico constam as respectivas perguntas enumeradas, referentes ao questionário aplicado;
6. Na parte central, apresento a base cartográfica com os nove pontos de inquérito, numerados e com os respectivos nomes, localizados na parte inferior, do lado direito;
7. Do lado esquerdo, na parte inferior, consta a cruz de estratificação que identifica o perfil do informante, bem como: MA = Homem de 18-30 anos; MB = Homem acima de 50 anos; FA = Mulher de 18-30 anos; FB = Mulher acima de 50 anos;
8. Ao lado dos pontos de inquérito, fixei as cruzeiras de estratificação com os símbolos em forma de círculo, preenchidas com cores e assinalando a variante lexical mencionada pelo informante.

Por fim, o produto final desse processo cartográfico foi pensado e elaborado de forma clara e objetiva, a fim de tornar compreensível a leitura das cartas lexicais, sobretudo a identificação das interinfluências lexicais entre o português e o kheuól. As cartas também podem ser intercomparáveis à variação lexical do português e do kheuól, facilitando a verificação do grau de bilinguismo dos informantes, como será apresentado no capítulo a seguir.

5 RESULTADOS DA PESQUISA

Este capítulo apresenta a análise dos resultados da pesquisa mediante a organização de três subcapítulos. O primeiro (5.1), expõe o perfil social dos informantes entrevistados, evidenciando aspectos gerais como: naturalidade, escolaridade, profissão, religião e tipos de contato com os meios de comunicação. O segundo subcapítulo (5.2), descreve o perfil sociolinguístico dos informantes, identificando seu grau de bilinguismo em relação ao português e ao kheuól. O último subcapítulo (5.3) trata da exposição das cartas lexicais e análise da configuração da variação lexical em português e em kheuól. Vale ressaltar que serão usadas as seguintes abreviações: *PT* como indicativo de português e *KH* como sigla que faz referência ao kheuól.

5.1 ANÁLISE DO PERFIL SOCIAL DOS *KARIPUNA*

Para o levantamento do perfil social dos entrevistados, apliquei a Ficha do Informante (FI), visando registrar informações pessoais (idade, escolaridade, profissão, naturalidade, etc.), tipos de contato com os meios de comunicação (acesso à televisão, ao rádio, aos jornais e às revistas) e participação em eventos da comunidade (práticas esportivas, religiosas e festivas). Esses dados ajudam a entender a situação sociolinguística e geolinguística dos *Karipuna do Amapá*.

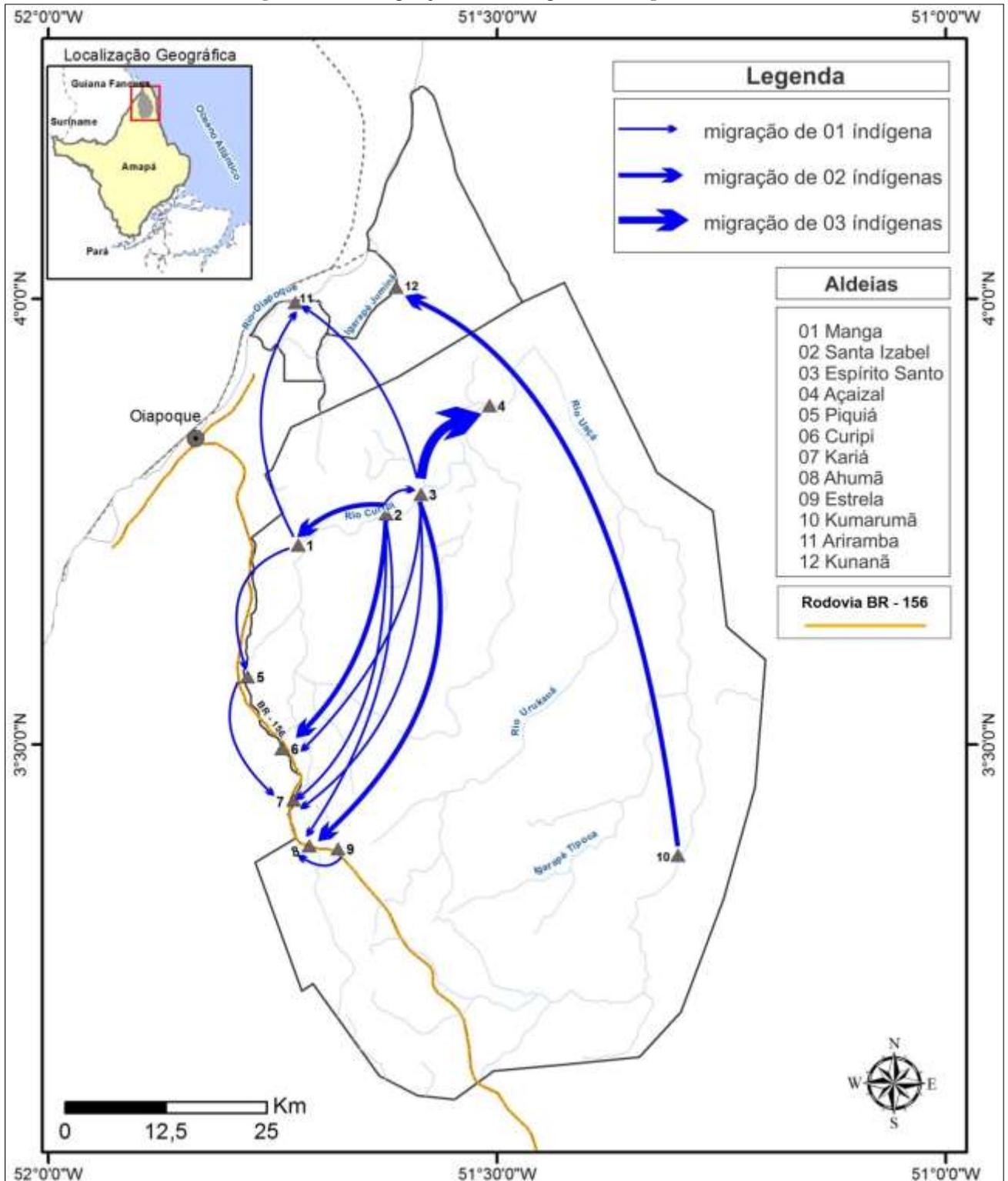
Em relação à naturalidade dos entrevistados, os dados revelam que, do total de 36 informantes, 21 deles são nativos de outras localidades e 15⁷⁷ são naturais da aldeia onde atualmente residem. Essa informação coaduna com o que Tassinari (2003) já apontava sobre o povo *Karipuna*, uma vez que esta pesquisadora esclarece que a rede de relacionamentos entre os *Karipuna* se dá de forma fluida, dinâmica e aberta, permitindo a inserção de pessoas não-indígenas e de indígenas de outras etnias.

A Figura 16 ilustra a migração de 21 informantes procedentes de outras localidades indígenas. Observa-se que do ponto 01 (Manga) migram 2 indígenas, um para o ponto 11 (Ariramba) e outro para o ponto 05 (Curipi); do ponto 02 (Santa Isabel) migram 7 indígenas, dois para o ponto 01 (Manga), um para o ponto 03 (Espírito Santo), dois para o ponto 05 (Piquiá), um para os pontos 06 (Curipi), 07 (Kariá) e 08 (Ahumã); do ponto 03 (Espírito Santo) migram 8 indígenas, três para o ponto 04 (Açaizal), um para os pontos 06 (Curipi) e 07 (Kariá), dois para o ponto 08 (Ahumã) e um para o ponto 11 (Ariramba); do ponto 05

⁷⁷ É importante frisar que do total de quinze (15) informantes dez (10) são jovens e apenas cinco (05) são idosos.

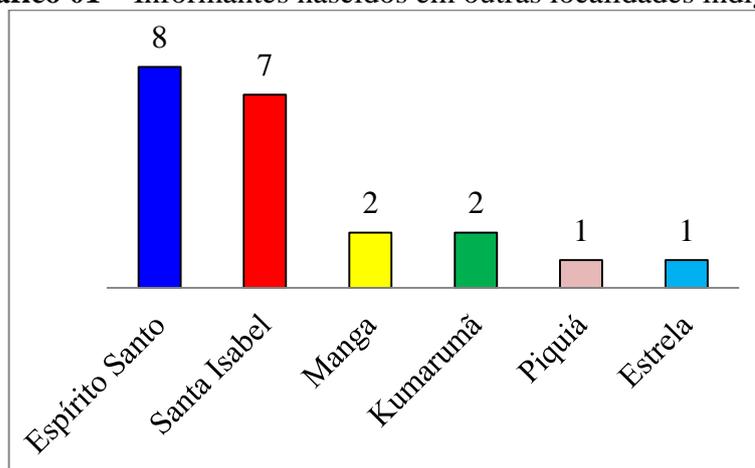
(Piquiá) migra apenas 1 indígena para o ponto 07 (Kariá); do ponto 09 (Estrela) também houve a migração de 1 indígena, entretanto, este foi para o ponto 08 (Ahumã); e, por fim, do ponto 10 (Kumarumã) migram 2 indígenas para o ponto 12 (Kunanã).

Figura 16 – Migração dos indígenas *Karipuna*



Sobre a naturalidade dos informantes nascidos em outras localidades indígenas, pode constatar que 15 deles nasceram nas aldeias localizadas no Rio Curipi, sendo 8 na aldeia Espírito Santo e 7 na aldeia Santa Isabel. Os demais (21 informantes) são procedentes das aldeias Manga, Kumarumã, Piquiá e Estrela, como aponta o Gráfico 01.

Gráfico 01 – Informantes nascidos em outras localidades indígenas



Fonte: Elaborado pelo autor.

Das aldeias citadas acima, apenas a aldeia Kumarumã não corresponde à etnia *Karipuna*, pertencendo a etnia *Galibi-Marworno*. No caso dos dois informantes que nasceram na aldeia Kumarumã e moram em aldeias da etnia *Karipuna*, estes se autodenominam *Karipuna*, devido às práticas socioculturais cultivadas pelo grupo, fato que gera o reconhecimento de uma identidade mista, como corrobora o trecho da entrevista de 09FB:

INQ. – A senhora é de onde?

INF. – Sou do Kumarumã.

INQ. – A senhora sempre morou aqui ou cresceu lá?

INF. – Eu cresci lá... Fiquei moça lá... Aí o homem (marido) foi daqui... foi passar uma festa lá ... Aí foi quando nós se amigamo... Depois nós viemo pra cá.

INQ. – Quantos anos a senhora tinha?

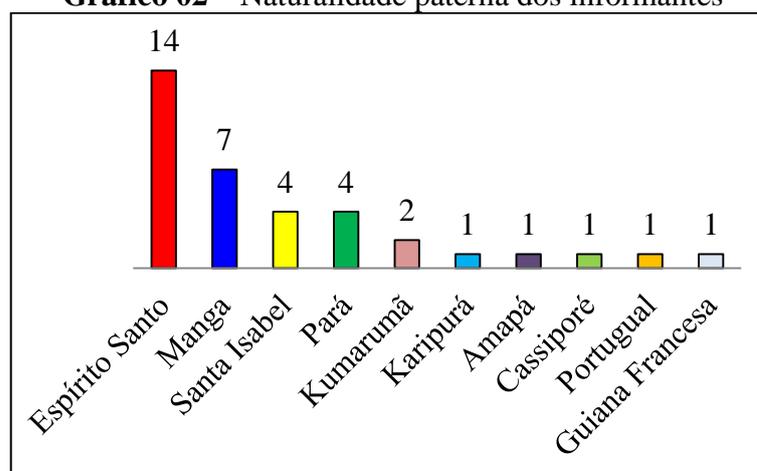
INF. – Eu tava com uns 14 anos por aí, 14... 15.

INQ. – Mas a senhora se considera o quê? *Karipuna*?

INF. Sim. Eu sou misturada, né... Sou *Karipuna* e sou *Galibi-Marworno* também.

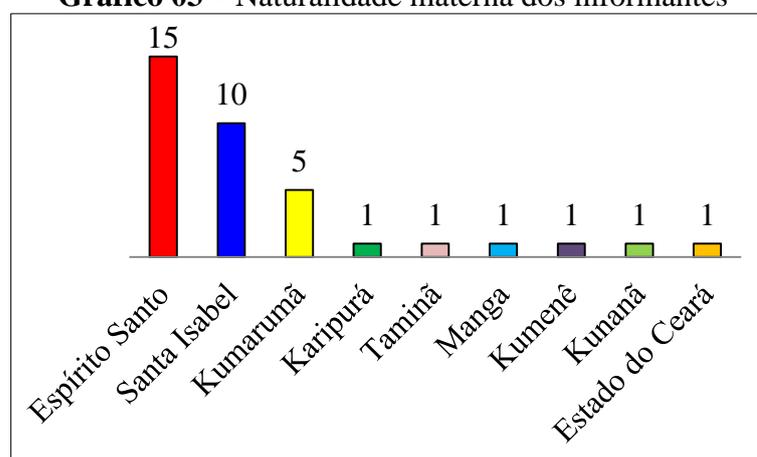
INQ. – Ah sim.

Em relação à naturalidade dos pais dos informantes, no Gráfico 02, tem-se a existência de 28 pais indígenas, sendo 14 da aldeia Espírito Santo, 7 da aldeia Manga, 4 da aldeia Santa Isabel, 2 da aldeia Kumarumã e 1 da aldeia *Karipurá*. No caso de pais não-indígenas, constatei que 4 deles são paraenses, 2 amapaenses (do município de Amapá e Vila do Cassiporé), 1 português e 1 da Guiana Francesa.

Gráfico 02 – Naturalidade paterna dos informantes

Fonte: Elaborado pelo autor.

Quando se trata da naturalidade das mães dos informantes, os dados mostram a presença de apenas uma mãe não-indígena, sendo ela natural do estado do Ceará (CE). No caso das mães indígenas dos informantes, o Gráfico 03 apresenta que 15 delas são procedentes do Espírito Santo, 10 de Santa Isabel, 5 do Kumarumã, 1 do Karipurá, 1 do Taminã, 1 do Manga, 1 do Kumenê, 1 do Kumanã e 1 do Kunanã.

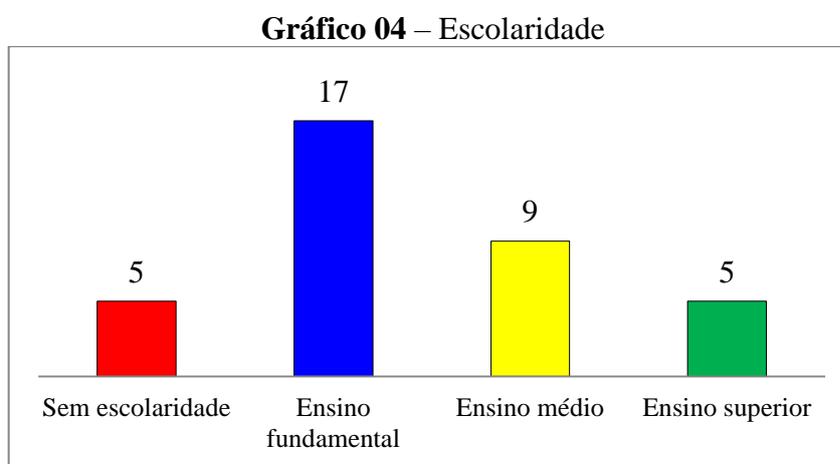
Gráfico 03 – Naturalidade materna dos informantes

Fonte: Elaborado pelo autor.

Em sua maioria, os pais e as mães dos informantes são de origem indígena. Vale ressaltar a grande presença de homens não-indígenas que se relacionam com mulheres indígenas, contudo, são poucos os casos de mulheres não-indígenas que se relacionam com homens indígenas. Essa situação pode ser explicada mediante o fluxo de homens não-indígenas atuando em área indígena, seja na área da educação, seja na área da saúde. Outro fator importante diz respeito às relações de parentescos externas dos *Karipuna*, apresentadas

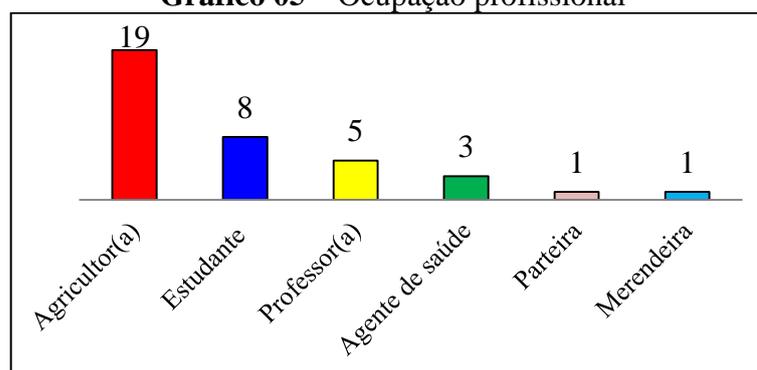
no subcapítulo 2.2, situação que impulsiona o casamento de pessoas indígenas com pessoas provenientes de outros grupos étnicos.

Sobre a escolaridade dos informantes, o Gráfico 04 evidencia que 5 deles não tiveram acesso à escola; 17 cursaram o Ensino Fundamental, 5 o Ensino Médio e 5 ingressaram ao Ensino Superior. Em relação aos informantes sem escolaridade e os informantes que possuem curso de ensino superior, é possível notar que o primeiro grupo compõe-se, em sua maioria, de indígenas idosos; já o segundo, compreende os indígenas jovens. Esse resultado incide nos dados lexicais sobre a variação diageracional exposta no subcapítulo 5.3.3.



Fonte: Elaborado pelo autor.

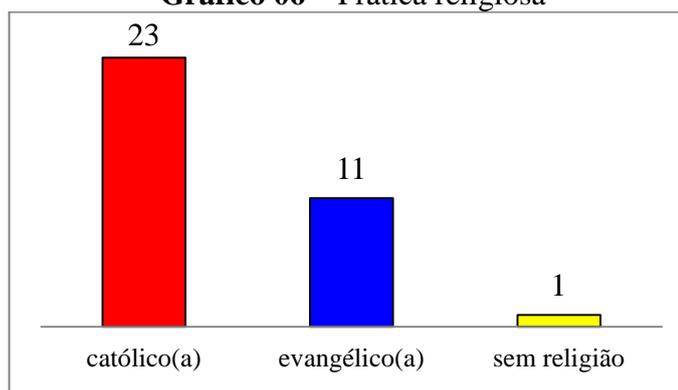
Sobre as profissões desempenhadas pelos informantes indígenas, constatei o desempenho das seguintes funções: agricultor, estudante, professor, agente de saúde, parteira e merendeira. A profissão mais frequente entre os informantes diz respeito à agricultura familiar, praticada, em especial, por indígenas acima de 50 anos. Já a função de estudante e de professor é exercida por indígenas entre 18 a 30 anos. Isso significa afirmar que a relação com espaço rural é muito frequente entre os indígenas idosos, o que facilita o conhecimento de questões do campo agropastoril, da fauna, da flora, etc., já que eles mantêm uma relação intrínseca com a terra. Os jovens circulam com maior frequência em espaços urbanos, uma vez que necessitam concluir os estudos na cidade de Oiapoque. A partir desse cenário, deve-se reconhecer a validade da hipótese sobre a possibilidade dos jovens em adquirir novas formas linguísticas faladas na zona urbana, levando esse acervo para as aldeias. O Gráfico 05 confirma a distribuição das profissões desempenhadas entre os *Karipuna do Amapá*.

Gráfico 05 – Ocupação profissional

Fonte: Elaborado pelo autor.

O Gráfico 06 apresenta a prática religiosa dos informantes entrevistados. Com isso, verifiquei a ocorrência de 23 indígenas que se consideram católicos, 11 evangélicos e apenas 1 informante disse não praticar religião alguma.

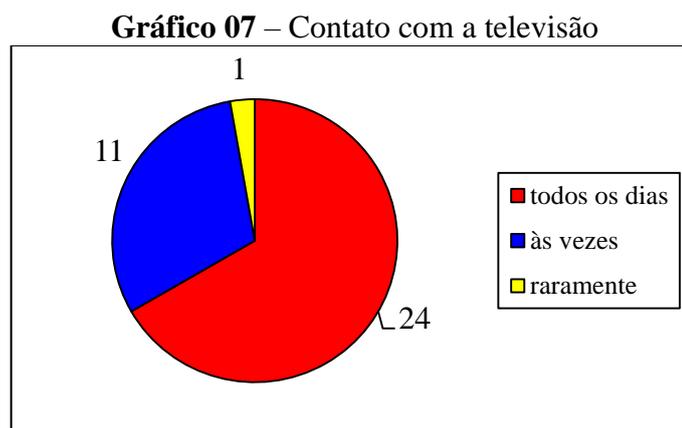
A presença do catolicismo na área indígena da região do Oiapoque acompanha a história dos *Karipuna* desde o século XVII que foi marcada pela presença das missões jesuíticas e da criação de aldeias batizadas com nomes de Santos, a exemplo da aldeia Santa Isabel. Já a conversão de indígenas ao protestantismo pode ter se disseminado em função da presença de evangélicos de diferentes vertentes, da Igreja Batista, da Assembleia de Deus, ou por meio da influência de missionários de organizações não-governamentais, como o CIMI e SIL⁷⁸.

Gráfico 06 – Prática religiosa

Fonte: Elaborado pelo autor.

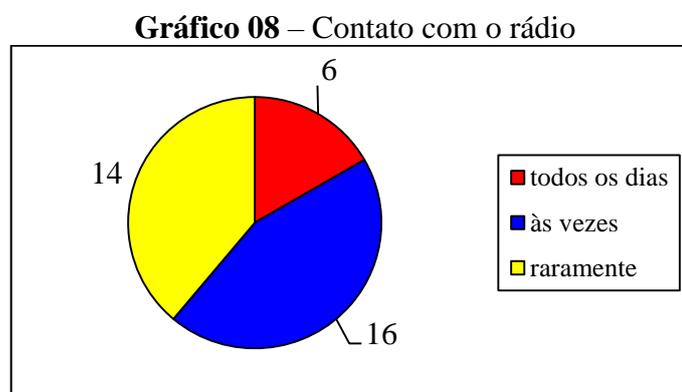
⁷⁸ No caso dos *Palikur*, estes se converteram ao Pentecostalismo após a presença dos missionários do Summer Institute of Linguistic - SIL que se estabeleceram entre eles desde a década de 1950 e passaram a se ocupar do ensino escolar. As famílias *Galibi Kali'nã*, por sua vez, emigraram da Guiana Francesa, na década de 1950, tendo conhecido naquela colônia o ensino escolar oferecido por instituições religiosas e pelo governo francês. Somente na década de 1970, o Conselho Indigenista Missionário - CIMI começou a atuar entre os povos do Oiapoque, tanto no processo de evangelização, quanto no processo escolar (cf. TASSINARI, 2001).

No que diz respeito à frequência com que os informantes usam os meios de comunicação, o Gráfico 07 mostra que 24 deles, em sua maioria jovem e do sexo feminino, utilizam a televisão “todos os dias”, 11 disseram que “às vezes” costumam ligar o aparelho, e apenas 1 informante idoso disse que o contato com esse meio de comunicação acontece “raramente”.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Quando perguntado sobre o uso do rádio nas aldeias, verifiquei que 16 entrevistados informaram que escutam rádio “às vezes”, 14 disseram não ter o hábito de ouvir rádio e que possuem contato “raramente”, e apenas 6 dos informantes afirmaram ouvir rádio “todos os dias”, conforme o Gráfico 08. Sobre os que não têm hábito de ouvir rádio, essa atitude concentra-se no perfil dos informantes jovens. Entre os que dizem ouvir o rádio “todos os dias”, concentra-se no perfil dos informantes idosos.

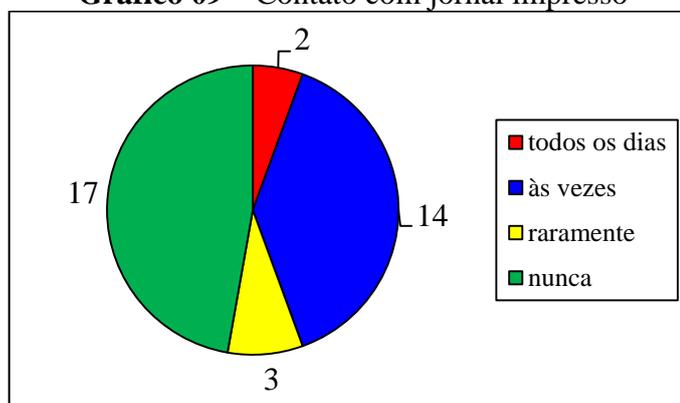


Fonte: Elaborado pelo autor.

Sobre a prática de leitura e de contato com jornais e revistas impressos, percebi que a maioria dos informantes não tem contato com esses instrumentos de comunicação. No caso do

jornal impresso, 17 entrevistados disseram “nunca” terem lido jornal, 14 afirmaram que “às vezes” conseguem ter acesso aos jornais do CIMI e da Assembleia de Deus, 3 disseram que possuem contato “raramente” e apenas 2 afirmaram ler jornais “todos os dias”, como mostra o gráfico abaixo.

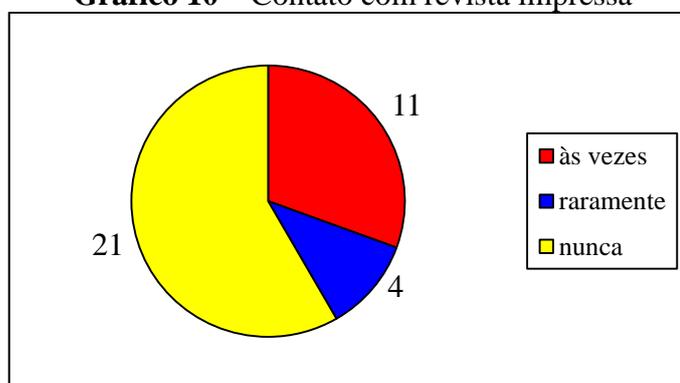
Gráfico 09 – Contato com jornal impresso



Fonte: Elaborado pelo autor.

Em relação ao contato com revistas impressas, constatei que 21 informantes afirmaram “nunca” terem lido uma revista, 11 disseram ter acesso “às vezes” e 4 informantes disseram que “raramente” têm acesso às revistas, conforme o Gráfico 10.

Gráfico 10 – Contato com revista impressa



Fonte: Elaborado pelo autor.

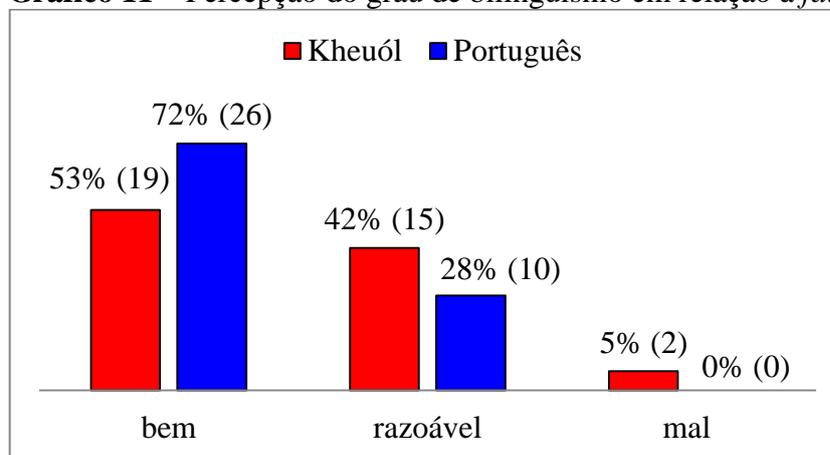
Com base nas informações sobre o perfil social dos informantes, chego à conclusão de que a maioria deles ainda reside na aldeia de origem, mas no que se refere à naturalidade dos pais, nota-se que estes são procedentes das aldeias de Santa Isabel e do Espírito Santo. Sobre o grau de escolaridade dos informantes, quase 50% dos entrevistados possuem o Ensino Fundamental, completo ou incompleto e mais da metade atua na agricultura, tendo como prática religiosa os fundamentos do catolicismo. No que tange ao contato com as mídias de comunicação, boa parte dos informantes assistem à televisão “todos os dias”, ouvem rádio “às vezes” e “nunca” tiveram acesso ao jornal e/ou à revista impressa.

5.2 ANÁLISE DO PERFIL SOCIOLINGUÍSTICO DOS *KARIPUNA*

O levantamento do perfil sociolinguístico dos informantes foi feito a partir da aplicação do Questionário Sociolinguístico (Qsócio), no qual busquei verificar o grau de bilinguismo entre os indígenas falantes do português (PT) e do kheuól (KH), com base em suas percepções. Por meio do Qsócio, obtive uma amostra sobre o nível de bilinguismo dos participantes em suas respectivas aldeias. Neste primeiro momento, apresento a situação de bilinguismo dos falantes do português e do kheuól em relação à fala, à leitura, à compreensão e à escrita. Para cada competência, foram elaboradas cartas linguísticas com o objetivo de mostrar como se configura o grau de bilinguismo em cada comunidade. No segundo momento, mostro os resultados sobre a situação de bilinguismo nas comunidades com base na percepção linguística dos informantes.

Em relação à fala, o Gráfico 11 mostra que 72% (26 informantes), do total de 36, consideram que falam *bem* o PT, e 42% (19) falam *bem* o KH; 28% (10) falam *razoavelmente* o PT e 42% (15) disseram que falam *razoavelmente* o KH; apenas 5% (2) dos informantes disseram que falam *mal* o KH.

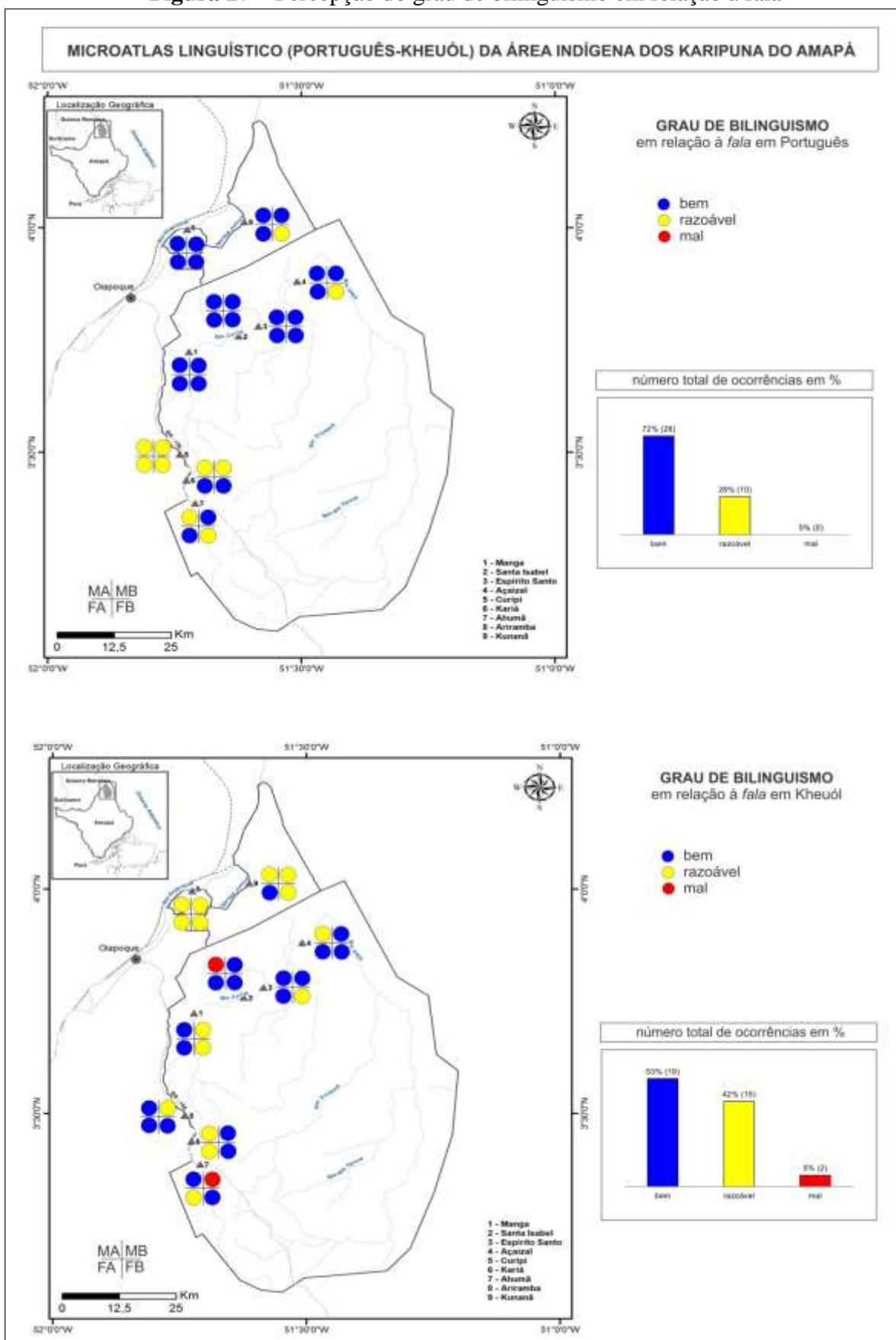
Gráfico 11 – Percepção do grau de bilinguismo em relação à *fala*



Fonte: Elaborado pelo autor.

A Figura 17 mostra o grau de bilinguismo em relação à fala em PT, o falar *bem* foi registrado nos pontos 01- Manga, 02 - Santa Isabel, 03 - Espírito Santo, 04 - Açaizal, 08 - Ariramba e 09 - Kuananã; e o falar *razoável* nos pontos 05 - Curipi, 06 - Kariá e 07 - Ahumã. Não houve registro de indígenas que disseram falar *mal* o PT.

Figura 17 – Percepção do grau de bilinguismo em relação à fala

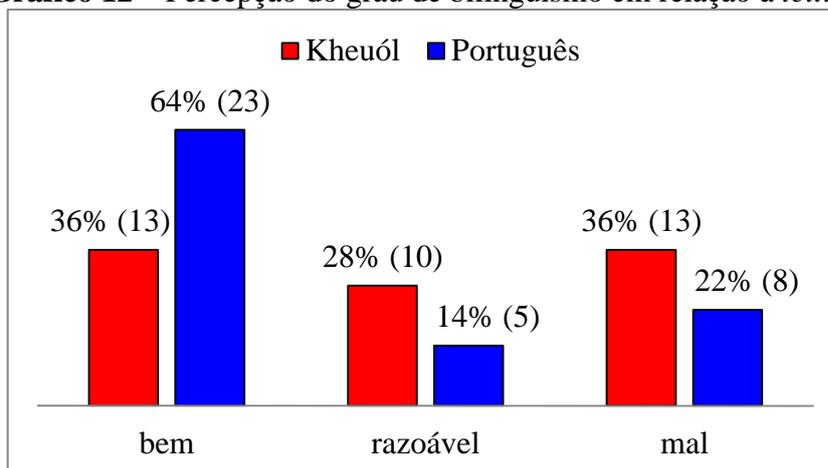


Fonte: Elaborada pelo autor.

Ainda na Figura 17, em comparação com o grau de bilinguismo constado na fala do KH, percebe-se que o nível falar *bem* foi registrado nos pontos 02 - Santa Isabel, 03 - Espírito Santo, 04 - Açaizal e 05 - Curipi, com três (03) ocorrências em cada. Já o nível *razoável* apareceu com maior frequência nos pontos 08 - Ariramba e 09 - Kunanã. O nível *mal* foi mencionado apenas uma vez nos pontos 02 - Santa Isabel e 07- Ahumã por informantes do sexo masculino.

Sobre a prática de leitura em PT e em KH, o Gráfico 12 aponta que 64% (23) dos informantes afirmaram ler *bem* em PT e 36% (13) disseram ler *bem* em KH. Para o nível *razoável*, 28% (10) dos informantes disseram ler *razoavelmente* em KH e 14% (05) em PT. Para o nível *mal*, 36% (13) dos informantes disseram ler *mal* em KH e 22% (08) apontaram ler *mal* em PT.

Gráfico 12 – Percepção do grau de bilinguismo em relação à *leitura*

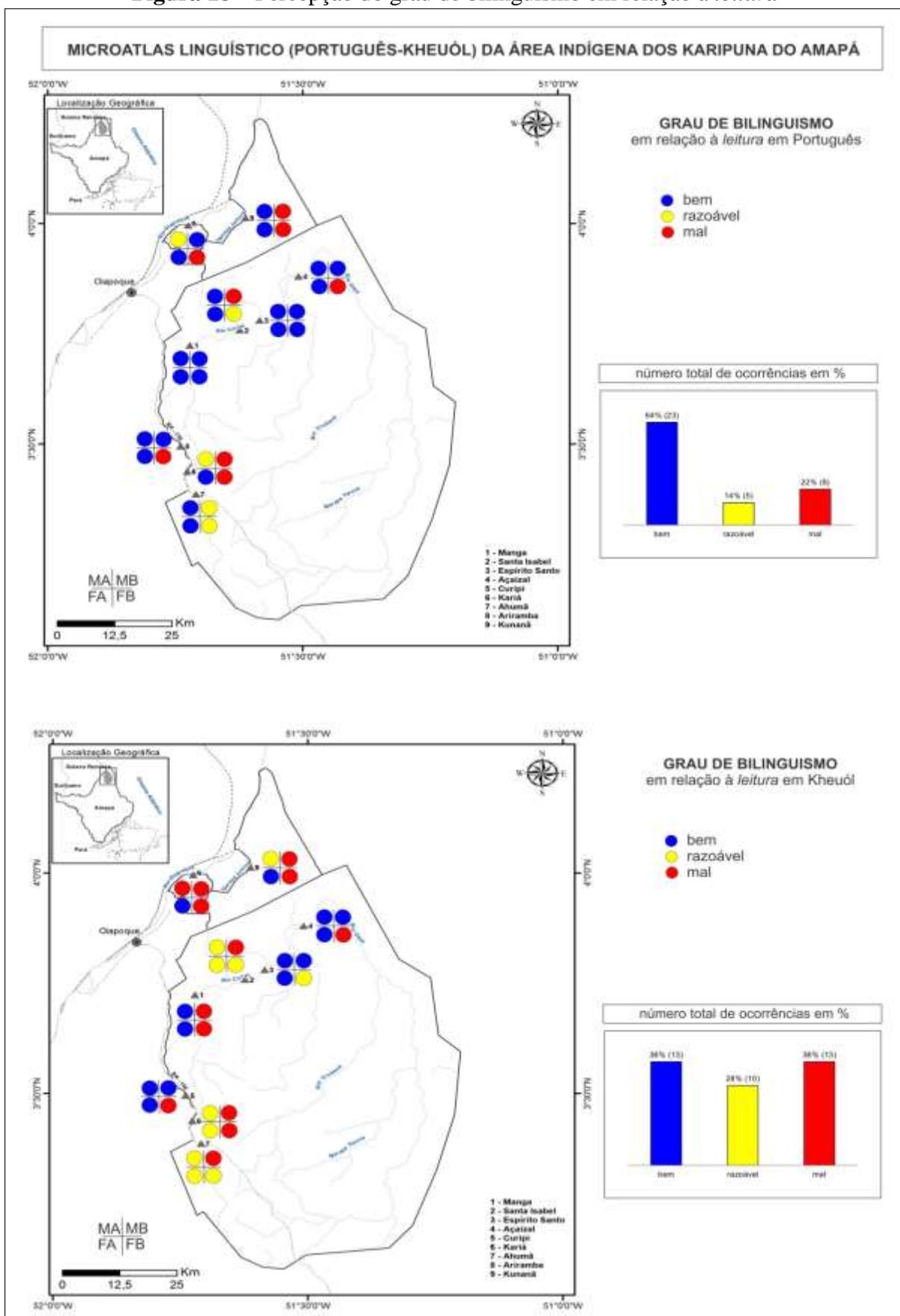


Fonte: Elaborado pelo autor.

A Figura 18 mostra que a percepção sobre o ato de ler *bem* em PT acentuou-se nos pontos 01 - Manga, 03 - Espírito Santo, 04 - Açaizal e 05 - Curipi; já para o nível *razoável* foi mencionado uma vez por informantes das localidades 02 - Santa Isabel, 06 - Kariá e 08 - Ariramba, e duas vezes por indígenas idosos da localidade 07 - Ahumã. Para o nível *mal*, esta percepção apareceu somente na fala de indígenas idosos nos pontos 02 - Santa Isabel, 04 - Açaizal, 05 - Curipi, 06 - Kariá, 08 - Ariramba e 09 - Kunanã.

Sobre o ato de ler *bem* em KH, foi registrado nos pontos 01- Manga, 03 - Espírito Santo, 04 - Açaizal e 05 - Curipi, sobretudo na fala dos informantes jovens, com 10 ocorrências. O nível *razoável* foi mencionado nos pontos 02 - Santa Isabel e 07 - Ahumã, e o nível *mal* se destacou no ponto 08 - Ariramba. Ressalto aqui que os informantes que disseram ler *mal* em KH, em sua maioria, são indígenas da segunda faixa etária, conforme figura abaixo.

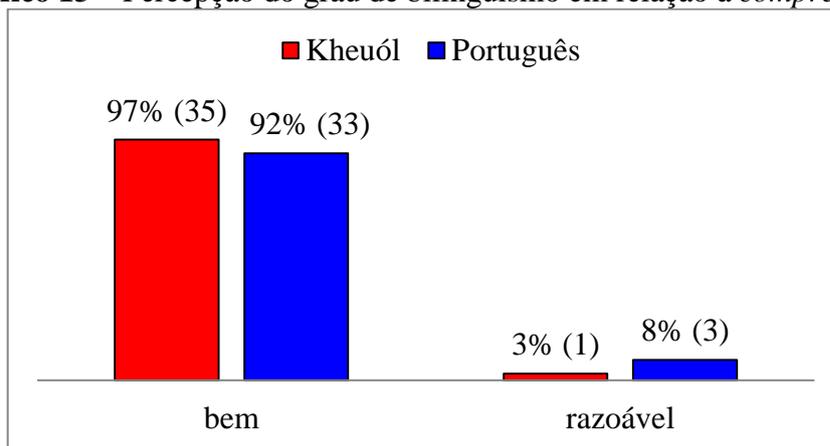
Figura 18 – Percepção do grau de bilinguismo em relação à *leitura* em Português



Fonte: Elaborada pelo autor.

Sobre o grau de bilinguismo em relação à *compreensão* oral do PT e do KH, o gráfico abaixo mostra que 92% (33) dos informantes afirmaram compreender *bem* o PT e 97% (35) compreendem *bem* o KH. Apenas 3% (01) dos informantes disseram compreender *razoavelmente* o KH e 8% (03) *razoavelmente* o PT. Nenhum deles informou compreender *mal* essas variedades.

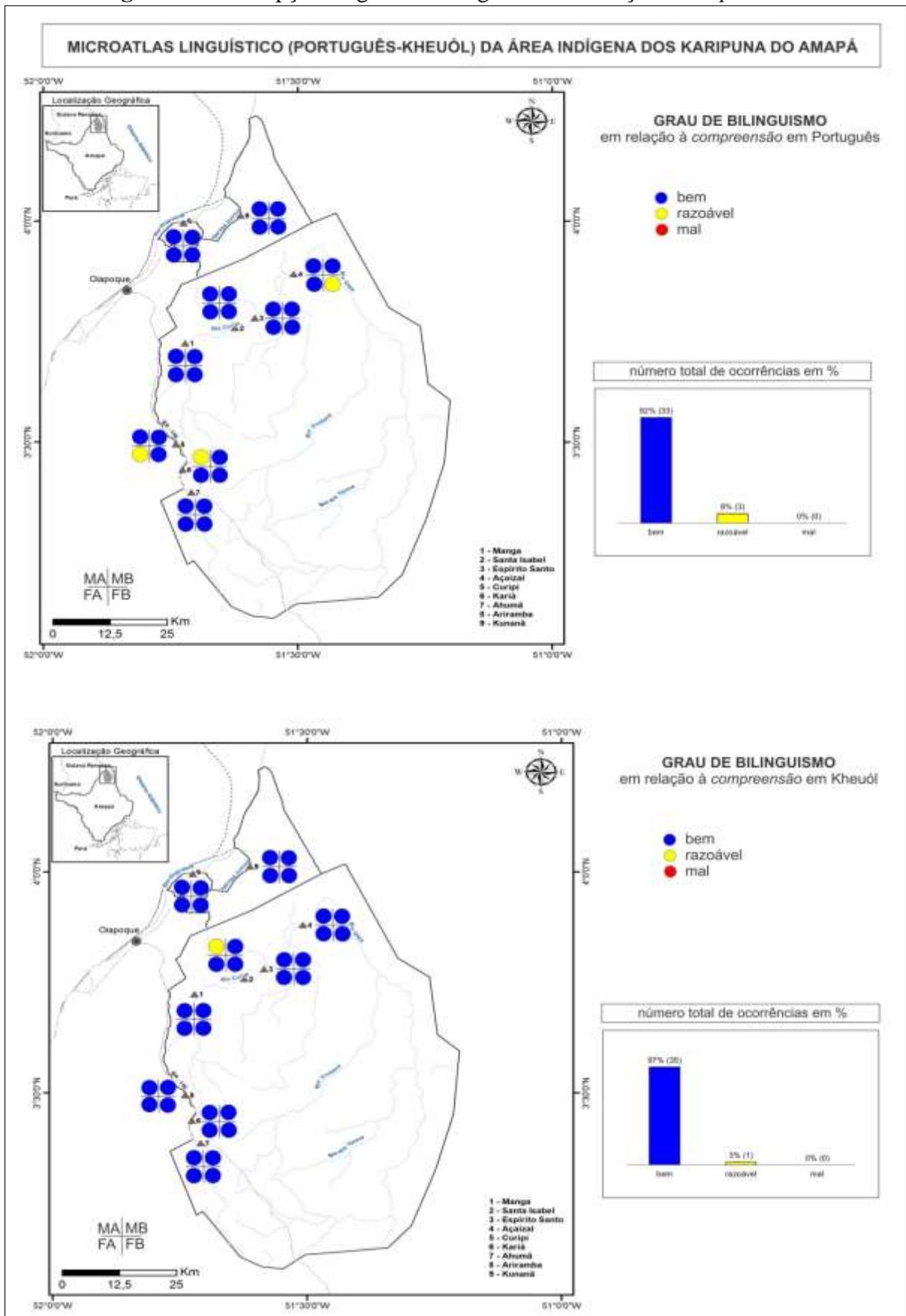
Gráfico 13 – Percepção do grau de bilinguismo em relação à *compreensão*



Fonte: Elaborado pelo autor.

A Figura 19 mostra que a percepção dos indígenas sobre a *compreensão* oral do PT e do KH não está concentrada em nenhuma localidade específica. Embora a maioria dos entrevistados julgue compreender *bem* o PT e o KH, independente da localidade pesquisada, esse resultado é interessante, pois mostra o grau de bilingualidade dos indígenas no que tange a *compreensão oral x língua falada*, evidenciando que a primeira tem maior desempenho do que a segunda, ou seja, mesmo que os *Karipuna* estejam falando com menor frequência o KH, esses mesmos falantes tendem a compreender *bem* o KH, segundo suas percepções.

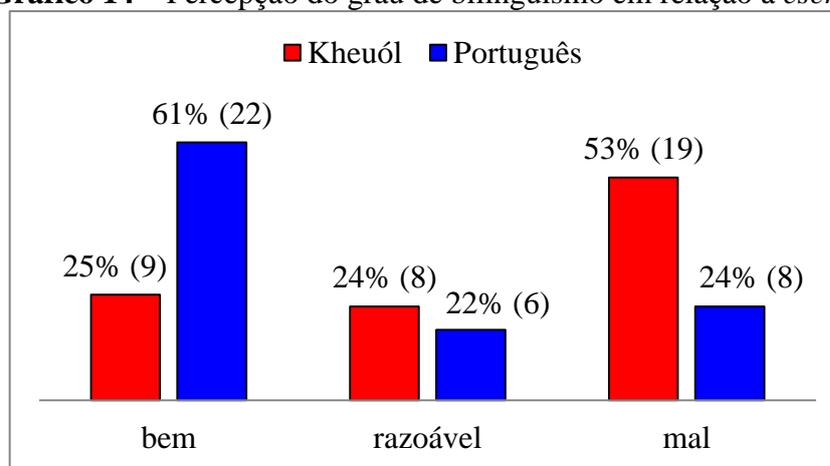
Figura 19 – Percepção do grau de bilinguismo em relação à *compreensão*



Fonte: Elaborada pelo autor.

Em relação à percepção da competência da *escrita* em PT e em KH, os dados do Gráfico 14 apontam uma maior competência em PT, pois 61% (22) dos informantes disseram escrever *bem* em PT, e 25% (09) disseram escrever *bem* em KH. O gráfico também mostra que 22% (06) dos informantes afirmaram escrever *razoavelmente* em PT, e 24% (08) disseram escrever *razoavelmente* em KH. Para o nível escrever *mal*, tem-se que 24% (08) dos informantes que disseram escrever *mal* em PT, sendo estes da segunda faixa etária; e 53% (19) dos entrevistados afirmaram escrever *mal* em KH.

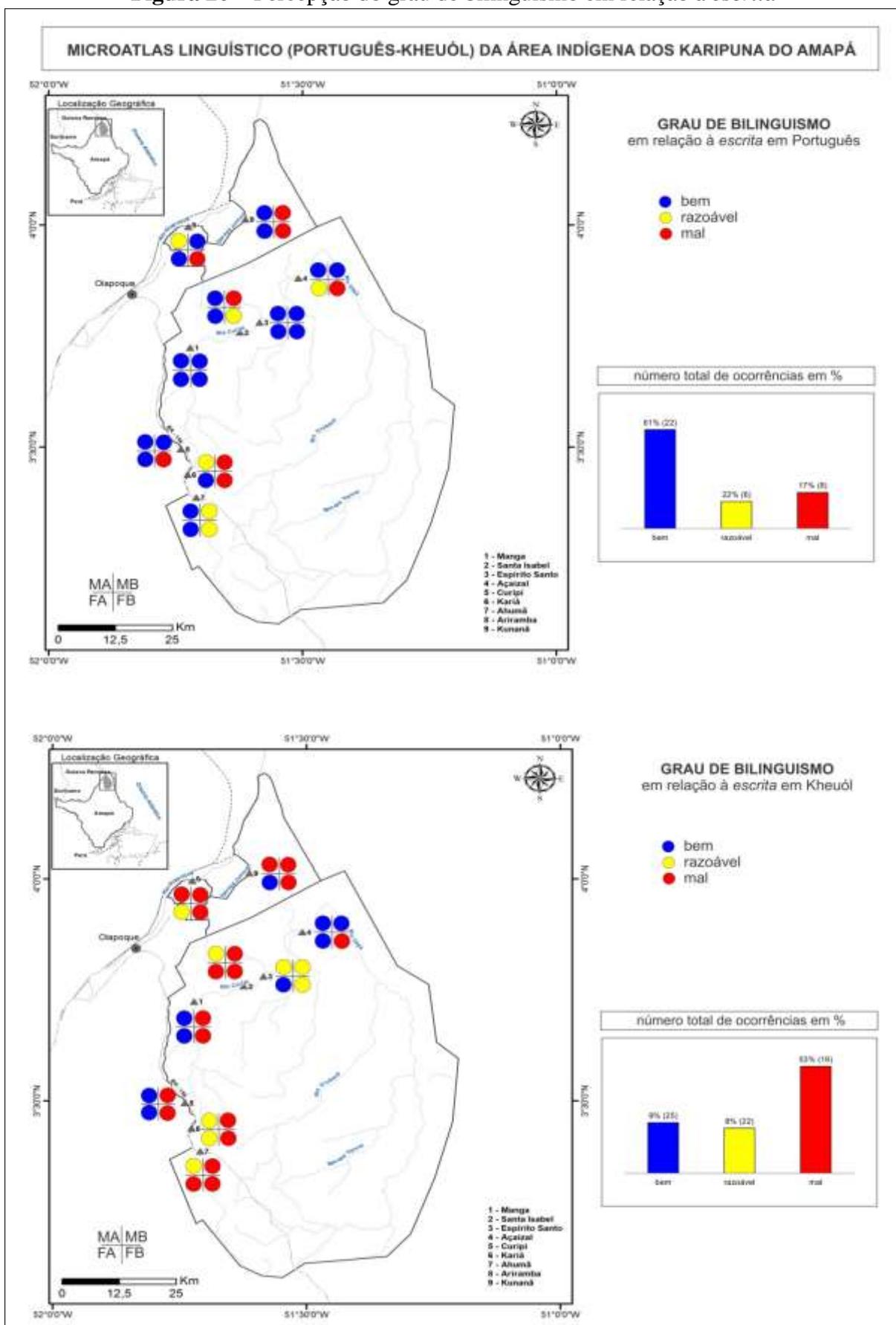
Gráfico 14 – Percepção do grau de bilinguismo em relação à *escrita*



Fonte: Elaborado pelo autor.

Em termos diatópicos, a Figura 20 ilustra o modo como o ato de escrever *bem* em PT foi registrado nos pontos 01- Manga, 03 - Espírito Santo e 05 - Curipi. O nível *razoável* foi mencionado 1 vez nos pontos 02 - Santa Isabel, 04 - Açaizal, 06 - Kariá e 08 - Ariramba, e 2 vezes no ponto 07 - Ahumã; o nível *mal* ocorre somente no perfil de informantes idosos e nos pontos 02 - Santa Isabel, 04 - Açaizal, 05 - Curipi, 06 - Kariá, 08 - Ariramba e 09 - Kunanã. Sobre o ato de escrever *bem* em KH, há maior recorrência no ponto 04 - Açaizal; já o caso do nível *razoável*, concentra-se no ponto 03 - Espírito Santo; enquanto que nível *mal* aparece com maior frequência nos pontos 02 - Santa Isabel, 07 - Ahumã, 08 - Ariramba e 09 - Kunanã.

Figura 20 – Percepção do grau de bilinguismo em relação à *escrita*

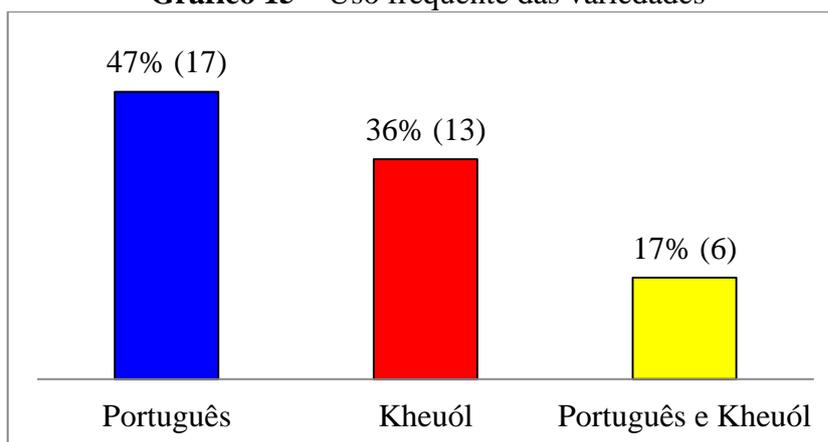


Fonte: Elaborada pelo autor.

Diante da descrição e do mapeamento sociolinguístico acima, no que se refere às competências adquiridas em relação ao português e ao kheuól, os dados mostram que o kheuól figura como uma variedade de tradição oral, a qual se introduziu há pouco tempo a prática da escrita, por meio do ensino do português⁷⁹. Talvez, por isso, o português esteja tão presente nas comunidades pesquisadas, enquanto que o uso do kheuól (tanto na modalidade oral, quanto na modalidade escrita) tem se restringido a alguns eventos comunicativos, principalmente, ao ambiente familiar.

Para mensurar a frequência de uso do PT e do KH, perguntei aos informantes quais variedades eles utilizam com mais frequência no dia a dia, o Gráfico 15 mostra que, entre os 36 informantes entrevistados, 47%, isto é, 17 deles usam mais o PT, enquanto que 36%, ou seja, 13 informantes usam com frequência o KH, e 17% (6) apontam que usam as duas variedades diariamente.

Gráfico 15 – Uso frequente das variedades



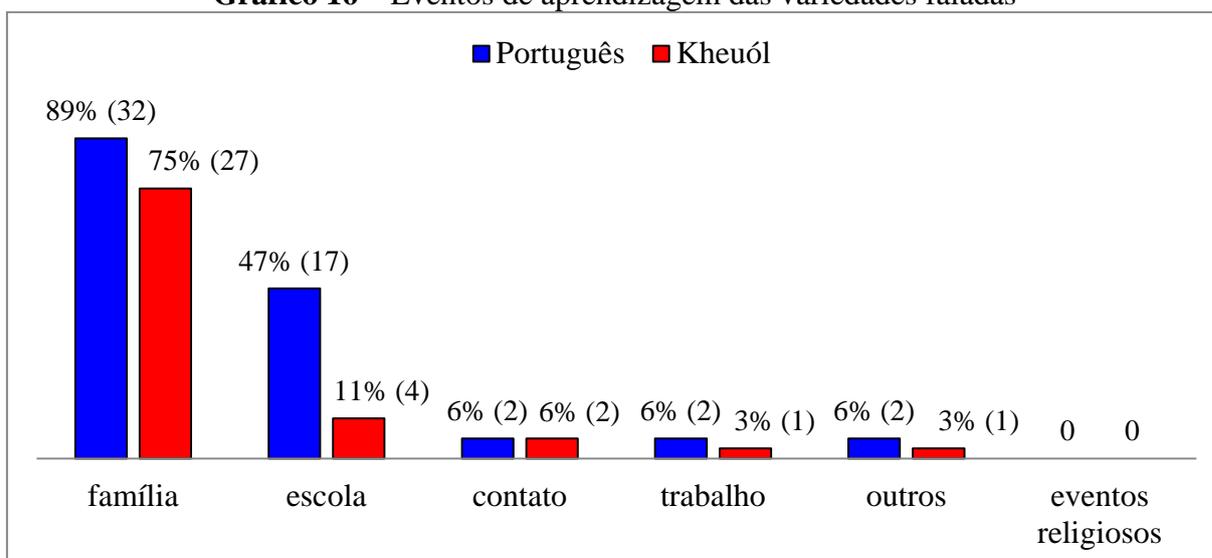
Fonte: Elaborado pelo autor.

Sobre os eventos de aprendizagem do PT e do KH, busquei saber a partir de que situação-limite os informantes foram apresentados a essas variedades. O Gráfico 16 aponta que, no âmbito familiar, 89%, isto é, 32 informantes aprenderam o PT, enquanto que 75%, o

⁷⁹ Sobre a tradição oral e tradição escrita, Calvet (2011, p. 11) busca suprir as lacunas dos termos “sociedades de tradição oral” e “sociedades de tradição escrita” e propõe a seguinte classificação: (1) *As sociedades de tradição escrita antiga*, nas quais a língua escrita é aquela que se utiliza na comunicação oral cotidiana (com as diferenças óbvias entre o oral e o escrito). É o caso da maioria das sociedades européias atuais, nas quais o analfabetismo é raro, quando não completamente extinto. (2) *As sociedades de tradição escrita antiga*, nas quais a língua escrita não é aquela que se usa na comunicação oral cotidiana. É o caso, por exemplo, dos países árabes (onde se escreve o árabe clássico, mas se fala o árabe dialetal, nas quais o analfabetismo é mais presente do que nas sociedades do primeiro tipo. (3) *As sociedades nas quais se introduziu recentemente a prática alfabética*, em geral pela via de uma língua diferente da língua local, é o caso dos países que foram colônia na África e na América Latina, aos quais se impôs uma picturalidade (o alfabeto latino) proveniente da herança cultural colonial. (4) *As sociedades de tradição oral* [...] a ausência de tradição escrita não significa, de maneira alguma, ausência de tradição gráfica. Em muitas sociedades de tradição oral, existe uma picturalidade muito viva, nas decorações de potes e cabaças, nos tecidos, nas tatuagens e nas escarificações etc., e mesmo que sua função não seja, como no caso do alfabeto, registrar a fala, ela participa da manutenção da memória social.

que corresponde ao quantitativo de 27 informantes, disseram ter aprendido o KH. Na *escola*, 47% (17) dos informantes disseram ter aprendido o PT e 11% (4) o KH. No *trabalho*, 6% (2) disseram ter aprendido o KH, enquanto que 3% (1) indicaram o PT. Em *situações de contato*, 6% (2) disseram ter aprendido tanto o KH como o PT. Em outras situações, 6% (2) disseram ter aprendido o KH e 3% (1) o PT. Em relação aos *eventos religiosos*, nenhum informante mencionou ter aprendido o PT e o KH.

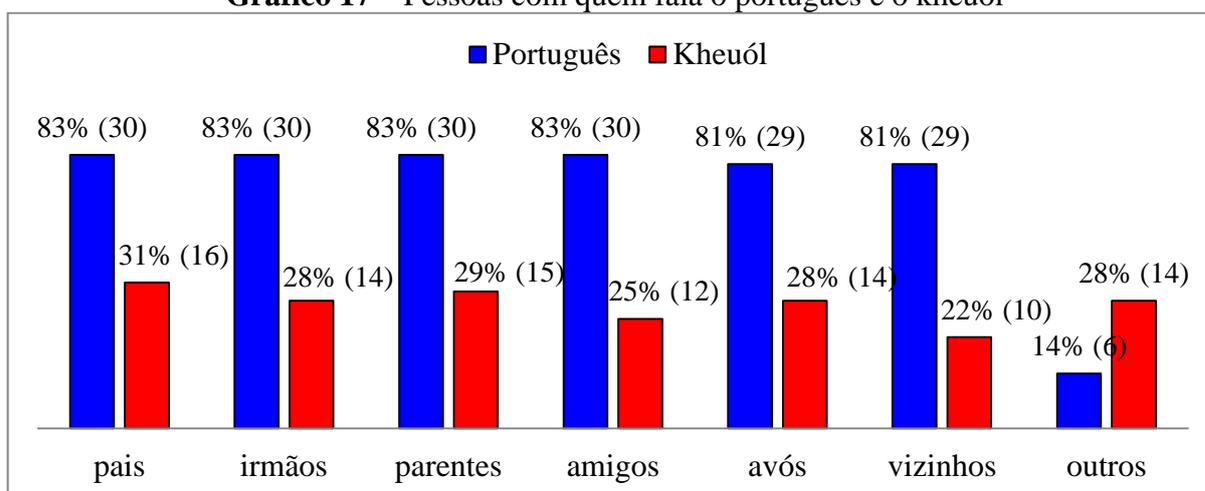
Gráfico 16 – Eventos de aprendizagem das variedades faladas



Fonte: Elaborado pelo autor.

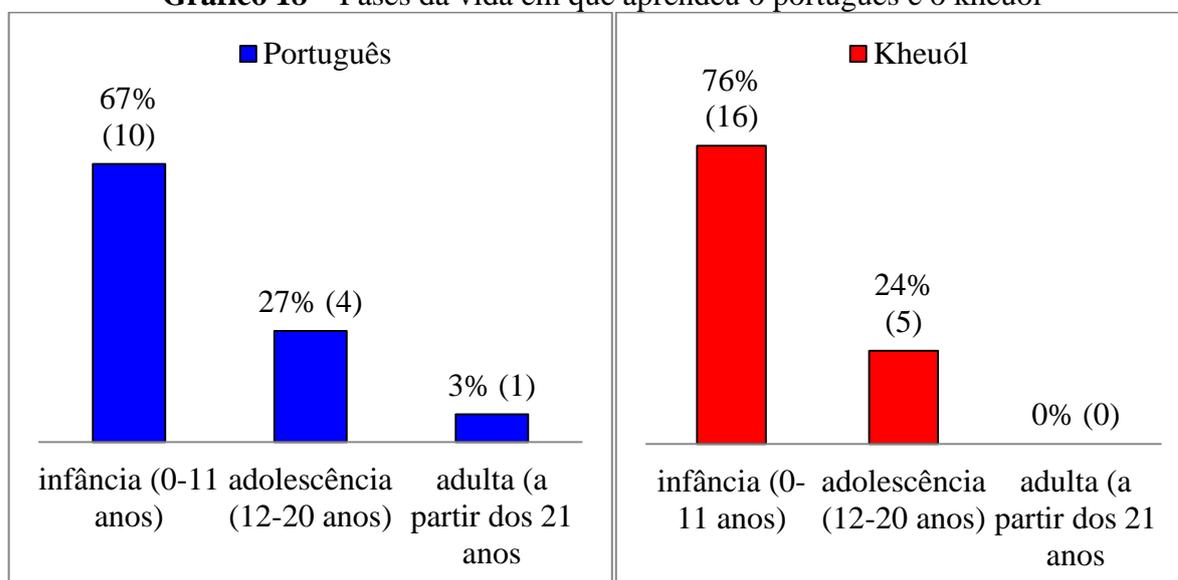
Sobre o uso do PT e do KH nas comunidades, a análise do questionário aponta que 83% (30) dos informantes disseram usar o português para se comunicar com qualquer pessoa falante dessa variedade e somente 14% (6) (sendo quatro deles residentes da aldeia Espírito Santo) afirmaram usar o PT apenas com pessoas de fora da comunidade. Na aldeia Açaizal, ponto 04, verifiquei que 2 informantes usam o PT somente quando o cônjuge está presente.

Quando perguntado sobre com quem eles costumam falar o kheuól, os dados mostram que 31% (16) falam essa língua com os pais, enquanto 28% (14) disseram usar o KH com os irmãos, avós e outros (normalmente com o cônjuge ou com pessoas de outras comunidades que falam kheuól); e 29% (15) afirmaram usar o KH com os parentes, 22% (10) com os vizinhos e 25% (12) com os amigos, como mostra o Gráfico 17.

Gráfico 17 – Pessoas com quem fala o português e o kheuól

Fonte: Elaborado pelo autor.

Outra questão disponível no Questionário Sociolinguístico diz respeito à aquisição da primeira língua. Na infância, 67% (10) disseram ter aprendido primeiro o PT e 76% (16) afirmaram ter aprendido o KH. Na adolescência, os dados levantados apontam que 27% (4) aprenderam o PT e 24% (5) disseram ter sido o KH. Na fase adulta, 3% (1) disseram ter aprendido o PT e nenhum informante disse ter aprendido o KH, como mostra o Gráfico 18.

Gráfico 18 – Fases da vida em que aprendeu o português e o kheuól

Fonte: Elaborado pelo autor.

Em suma, os resultados do Questionário Sociolinguístico revelam que o uso do PT predomina na área indígena, se comparado ao uso do KH, pois a maioria dos informantes acredita falar, escrever e ler *bem* em PT. Outro fator interessante está relacionado à aquisição dessas variedades, pois a escola prioriza o ensino do português, como mostra o Gráfico 16,

apesar de haver políticas educacionais voltadas para o ensino do *kheuól* nas séries iniciais, no que diz respeito ao âmbito local, como expressa o relato de 03FA:

Aqui [Aldeia Espírito Santo] o ensino infantil que vai até o quinto ano a gente optou por ser só na língua materna, por mais que os materiais didáticos que vem lá do MEC são na língua portuguesa, o professor só fala na língua indígena, se ele puder usar o material que ele produz ou que nós produzimos, melhor ainda, entendeu?! Aí o aluno vai ter mais contato com o português a partir do sexto ano que é com professores não indígenas que eles estudam, então a gente tem tentado fazer essas manobras, entendeu?!

Essa forte presença do português na área indígena *Karipuna* pode ser explicada com base nos fatores históricos da região do Oiapoque, a exemplo das políticas indigenistas executadas pelo Serviço de Proteção aos Índios – SPI (atual FUNAI), criado em 1910. Esse órgão do Governo passou a atuar na região do Uaçá, durante a década de 1930. Uma de suas intervenções mais efetivas junto aos *Karipuna* se deu a partir da criação da Escola Isolada Mixta da Vila do Espírito Santo, no Rio Curipi, em 1934. De acordo com Tassinari (2003), esta instituição escolar tinha como propósito “abrasileirar” os povos indígenas da região do Oiapoque. Esta escola impôs a obrigatoriedade do ensino e do uso da língua portuguesa, além da proibição do *kheuól* e dos rituais do povo *Karipuna*.

É interessante notar que, historicamente, o uso do português foi imposto na área indígena *Karipuna*. Isso teve impacto negativo em relação à vitalidade do *kheuól*, reduzindo o número de indígenas falantes dessa variedade. Sobre as nove aldeias pesquisadas, uma delas me chamou bastante atenção, pela manutenção linguística presente entre os *Karipuna*. É o caso da aldeia Espírito Santo, onde ainda há uma forte presença e resistência do *kheuól*, já que todos na comunidade⁸⁰ falam a língua em contextos variados e somente usam o PT com pessoas não-indígenas. Nas demais aldeias, é muito raro ouvir falantes de *kheuól*, o uso se dá em ambientes muito específicos, diferentemente do uso do português que está presente no dia a dia dos *Karipuna*. Esse contexto tem favorecido o fenômeno de *diglossia*, por meio do qual o português se destaca como variedade alta e o *kheuól* como variedade baixa. Vale ressaltar que cada comunidade parece apresentar um perfil diglótico diferente (bilinguismo e diglossia; bilinguismo sem diglossia; diglossia sem bilinguismo; e sem bilinguismo e sem diglossia), o que pode ser explorado posteriormente em outros estudos. A seguir, apresentarei a análise das cartas lexicais, utilizadas para dar conta da elaboração de um microatlas linguístico das variedades faladas pelos *Karipuna do Amapá*.

⁸⁰ Essa realidade foi conferida durante minha estadia na comunidade Espírito Santo, e também nos relatos dos informantes. *In loco*, pude observar que os indígenas *Karipuna* da referida aldeia usam o *kheuól* no dia a dia, entre eles, inclusive as crianças.

5.3 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DAS CARTAS LINGUÍSTICAS

Nesta subseção, apresento cartas linguísticas e suas respectivas análises, a saber: análise da dimensão *diatópica*, *diassexual*, *diageracional* e *dialingual*. Por fim, faço uma breve descrição e avaliação do repertório lexical dos informantes. A análise das dimensões supracitadas consiste na seleção de cartas lexicais específicas que retratam a configuração da variação lexical do português e do kheuól em área indígena. O objetivo é mostrar a variação por meio das variáveis correspondentes ao espaço geográfico, sexo e faixa etária dos informantes, além de apontar a interinfluência de variedades faladas por eles. Para a descrição e avaliação do repertório lexical, verifico como se configura a ausência de respostas ao QSL em português e em kheuól.

5. 3. 1 ANÁLISE DA DIMENSÃO DIATÓPICA

A análise da dimensão diatópica mostra o modo como se dá a configuração da variação lexical no espaço geográfico onde vive o povo indígena *Karipuna do Amapá*. Para efetuar esta análise, considere o conceito de agrupamento lexical (RAZKY, 2013), mediante sua classificação em: macroagrupamentos lexicais, microagrupamento lexicais e nanoagrupamentos lexicais (cf. seção 3.2).

Deste modo, as cartas lexicais que caracterizam a ideia de agrupamentos lexicais dizem respeito aos seguintes itens: *garoa*, *neblina*, *nascer do sol*, *anoitecer*, *estrela d'alva*, *estrela cadente*, *casa do cumpim*, *arapuca*, *galinha d'angola*, *esporão*, *úbere*, *libélula*, *pernilongo*, *cisco*, *desdentado*, *cheiro nas axilas*, *cigarro de palha*, *coador de café*, *feitiço*, *papagaio de papel*, *cabra-cega* e *rouge*⁸¹, conforme o quadro abaixo.

Quadro 21 – Cartas lexicais selecionadas para análise diatópica

Nº carta	Item lexical	Nº carta	Item lexical
11	garoa	43	libélula
13	neblina	44	pernilongo
14	nascer do sol	45	cisco
15	anoitecer	50	desdentado
16	estrela d'alva	55	cheiro nas axilas
17	estrela cadente	77	cigarro de palha
27	casa do cumpim	79	coador de café
35	arapuca	82	feitiço

⁸¹ Para apreciação das cartas, o leitor deve consultar o segundo volume da Tese.

36	galinha d'angola	88	papagaio de papel
37	esporão	90	cabra-cega
41	úbere	103	rouge

Fonte: Elaborado pelo autor.

Como é possível observar no Quadro 21, selecionei uma amostra de seis cartas lexicais (três em português e três em kheuól), a fim de exemplificar como se configura a dimensão diatópica a partir do conceito de agrupamentos lexicais. Assim, as cartas analisadas foram: i) CARTA P11 (garoa); ii) CARTA K11 (garoa); iii) CARTA K15 (anoitecer), iv) CARTA P43 (libélula); v) CARTA P77 (cigarro de palha); e vi) CARTA K77 (cigarro de palha).

i) Denominações para *garoa* em português

A primeira carta analisada corresponde às denominações para *garoa* na língua portuguesa. Perguntei aos informantes como eles chamam “uma chuva bem fininha”. As respostas obtidas foram: *chuvisco*, *chuva fina (fraca)*, *chuva de molhar besta*, *chuva de lakãsiel*, *chuva de preguiça* e *garoa*.

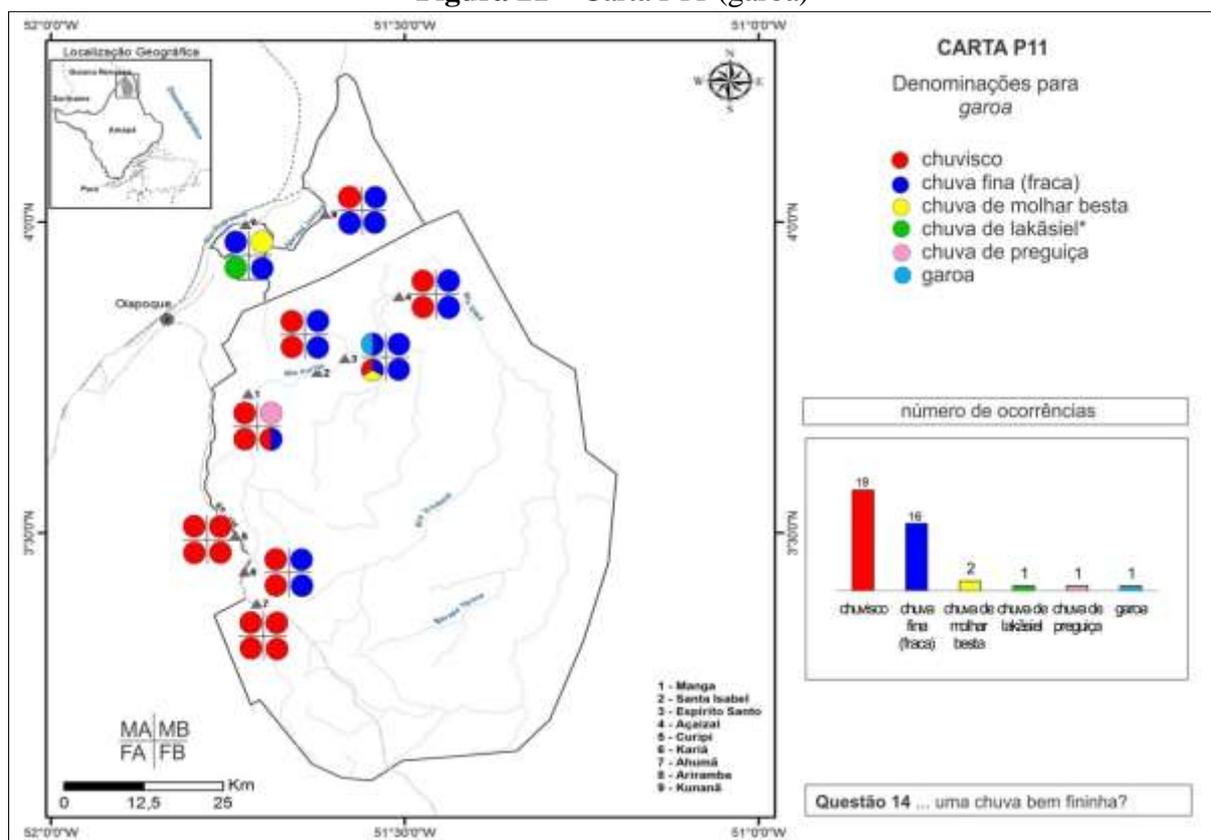
Tabela 02 – Ocorrências para o item *garoa* em português

Variantes lexicais	Ocorrências
<i>chuvisco</i>	19
<i>chuva fina (fraca)</i>	16
<i>chuva de molhar besta</i>	2
<i>chuva de lakãsiel</i>	1
<i>chuva de preguiça</i>	1
<i>garoa</i>	1

Fonte: Elaborada pelo autor.

Conforme a Tabela 02, a variante *chuvisco* foi registrada com 19 ocorrências, sendo realizada em quase todos os pontos de inquérito, com predominância nos pontos 04, 05 e 07; a variante *chuva fina (fraca)* registrou 16 ocorrências, distribuídas nos pontos 01, 02, 03, 04, 06, 08 e 09, com predominância no ponto 03; a variante *chuva de molhar besta* registrou 2 ocorrências, uma no ponto 03 e outra no ponto 08; *chuva de lakãsiel*, *chuva de preguiça* e *garoa* ocorreram 1 vez, a primeira no ponto 01, a segunda no ponto 03 e a terceira no ponto 08, conforme se atesta a partir da Figura 21.

Figura 21 – Carta P11 (garoa)



Fonte: Elaborada pelo autor.

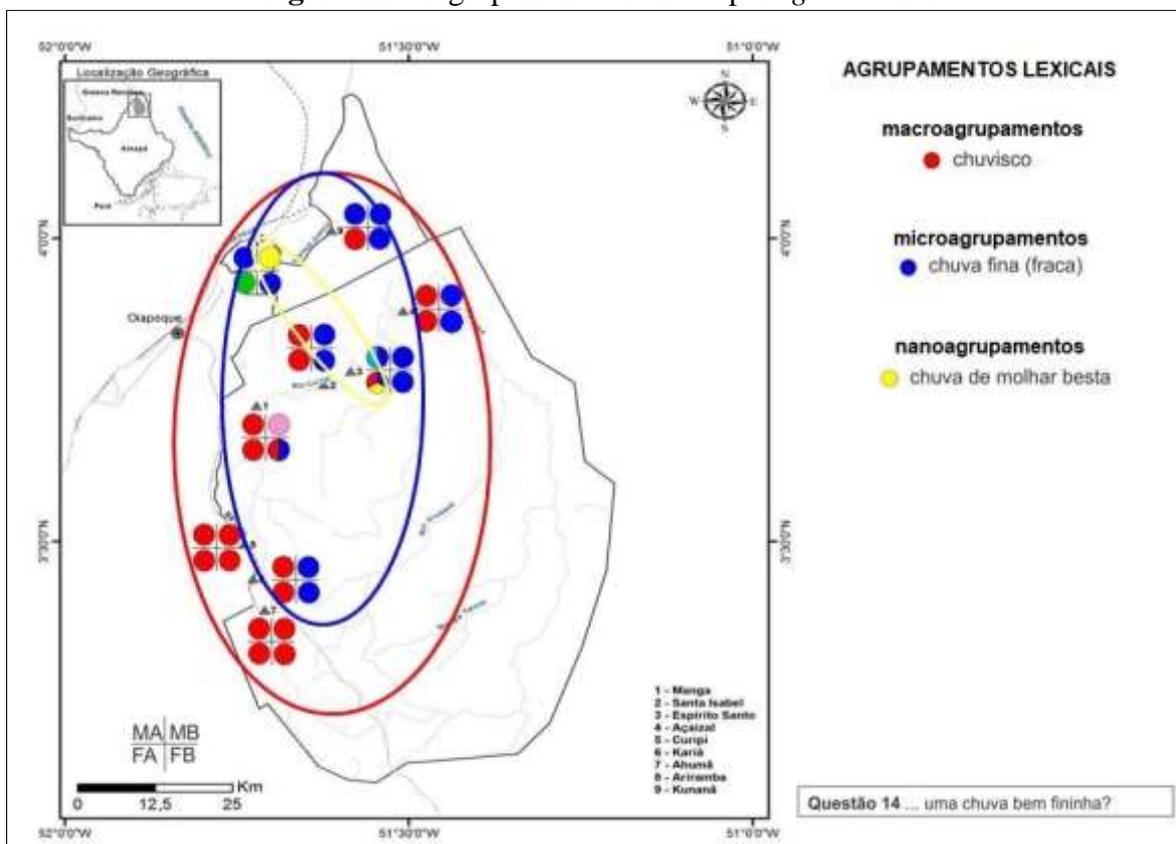
Com base na figura acima, é possível identificar os agrupamentos lexicais e classificá-los conforme a distribuição das variantes lexicais. A carta P11 apresenta três tipos de agrupamentos: o primeiro corresponde a um macroagrupamento com a presença predominante da variante *chuvisco*, que ocorre em oito pontos de inquérito; a segunda trata-se de um microagrupamento com a variante *chuva fina (fraca)*, com ocorrência em sete pontos; já a terceira consiste em um nanoagrupamento, caracterizado pela presença da variante *chuva de molhar besta*, com ocorrência menor, verificada em duas localidades diferentes (ponto 03 e 08).

Os agrupamentos lexicais apontados na Figura 22 também estão presentes na carta L08 (denominações para *garoa*) do Atlas Linguístico do Amapá (ALAP)⁸². A carta mostra que no Amapá, as variantes lexicais encontradas para *garoa* foram *chuvisco*, *garoa*, *chuva fina*, *chuva de molhar besta*, *chuva passageira* e outras. De certo modo, a carta L08, do ALAP, ratifica a ideia de agrupamentos lexicais na área indígena dos *Karipuna*, como mostra a figura abaixo. Ressalvo ainda que somente as respostas *chuva de lakãsiel* e *chuva de preguiça* não constam no ALAP, podendo ser consideradas variantes específicas da região do

⁸² Razky, Ribeiro e Sanches (2017, p. 88).

Oiapoque, ou variantes idiossincrásicas, motivadas em função do contato linguístico, como no caso de *chuva de lakãsiel*, que será explicitada no subcapítulo 5.3.4.

Figura 22 – Agrupamentos lexicais para *garoa* em PT



Fonte: Elaborada pelo autor.

ii) Denominações para *garoa* em kheuól

Ainda relacionado ao item *garoa*, procurei saber quais as denominações utilizadas para se referir a “uma chuva bem fininha” em kheuól. Neste sentido, as respostas dadas pelos informantes foram: *laplifin* (*txilaplinfin*, *pitxi lapli fin*)⁸³, *lapli* (*dji lakãsiel*, *ka ja ku*, *pasumutõ ka mãje*)⁸⁴, *fuifuiñê*⁸⁵, *parawe*, *txixuv* e *paramũ*.

⁸³ *lapli* significa chuva em português, enquanto *fin* significa fino. As partículas *pitxi* ou *txi*, em kheuól, são usadas para expressar a forma diminutiva de algumas palavras, como em *txilapli* ou *pitxi lapli*. A forma *txi* é usada como uma abreviação de *pitxi* (significa *pequeno* em português).

⁸⁴ A forma *dji* é usada na função preposição, como o *de* em português. A lexia *lakãsiel* significa arco-íris. Alguns informantes chamam *garoa* em KH de *lapli dji lakãsiel*, ou seja, *chuva de arco-íris*. Eles acreditam que a chuva fraca que cai e não molha as pessoas é decorrente do aparecimento do arco-íris no céu. Outros dizem que esta chuva está relacionada com a atividade de alimentação da preguiça. Este animal recebe o nome, em kheuól, de *pasumutõ*. Por isso alguns informantes chamam de *lapli pasumutõ ka mãje* que, numa tradução aproximada do português, quer dizer *a chuva que acontece quando a preguiça está comendo* ou *chuva de preguiça*. A partícula *ka* em kheuól é uma forma de aspecto e tempo que acompanha os verbos, dando ideia de continuidade, já a palavra *mãje* representa o verbo *comer* em português.

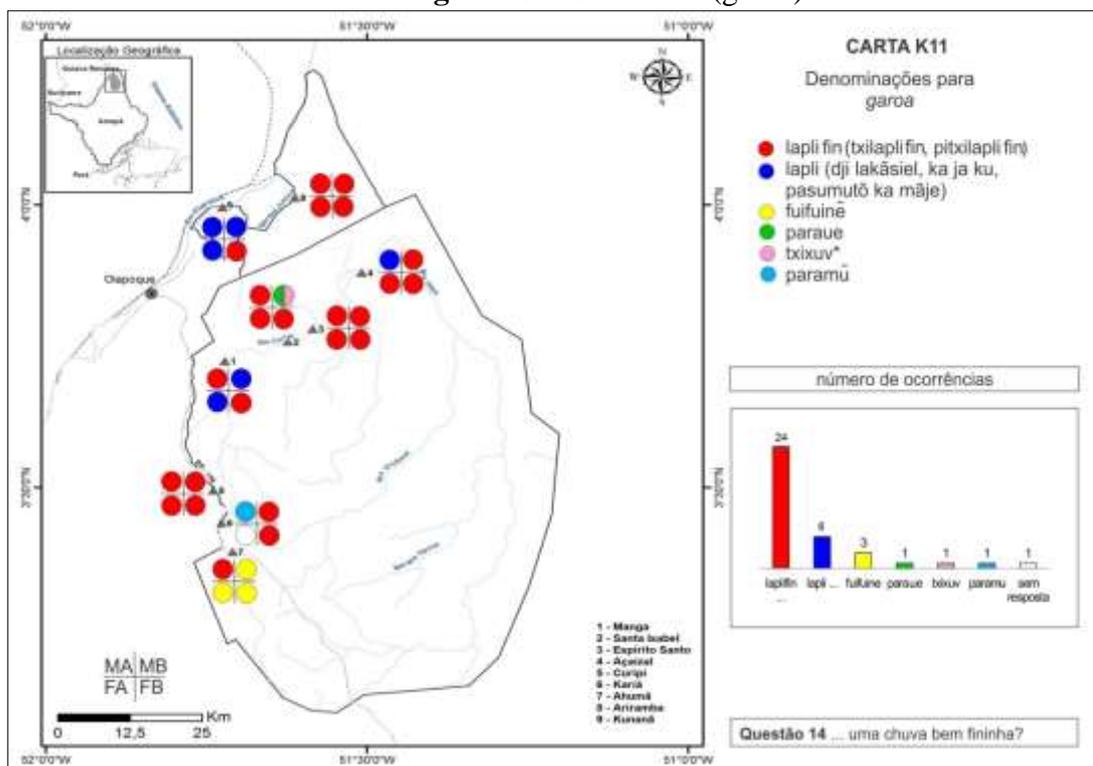
⁸⁵ A expressão *fuifui* indica algo que é muito pequeno, para além das formas *txi* ou *pitxi*.

Tabela 03 – Ocorrências para o item *garoa* em português

Variantes lexicais	Ocorrências
lapli fin (txilaplin fin, pitxi lapli fin)	24
lapli (dji lakāsiel, ka ja ku, pasumutō ka mǎje)	6
fuifuinē	3
parawe	1
txixuv	1
paramũ	1

Fonte: Elaborada pelo autor.

A Tabela 03 apresenta o número de ocorrência de seis variantes lexicais, sendo duas delas complexas, como *lapli fin* (*txilaplin fin*, *pitxi lapli fin*), com 24 ocorrências e *lapli* (*dji lakāsiel*, *ka ja ku*, *pasumutō ka mǎje*), com 6 ocorrências. A primeira variante ocorreu em todas as localidades. A segunda foi registrada somente nos pontos 01, 04 e 08. Já a variante *fuifuinē* obteve 3 registros, todos no ponto 07. Enquanto as variantes *parawe*, *txixuv* e *paramũ* obtiveram apenas 1 ocorrência. As duas primeiras foram mencionadas pelo mesmo informante, no ponto 02, e a última, é mencionada no ponto 06, como mostra a figura abaixo.

Figura 23 – Carta K11 (*garoa*)

Fonte: Elaborada pelo autor.

Algumas observações devem ser ampliadas, no que concerne à ocorrência das lexias *parawe*, *txixuv* e *paramũ*. No caso de *parawe*, não é possível confirmar seu significado ou sua relação etimológica com outras línguas. Em *txixuv*, notei a constituição de uma lexia híbrida.

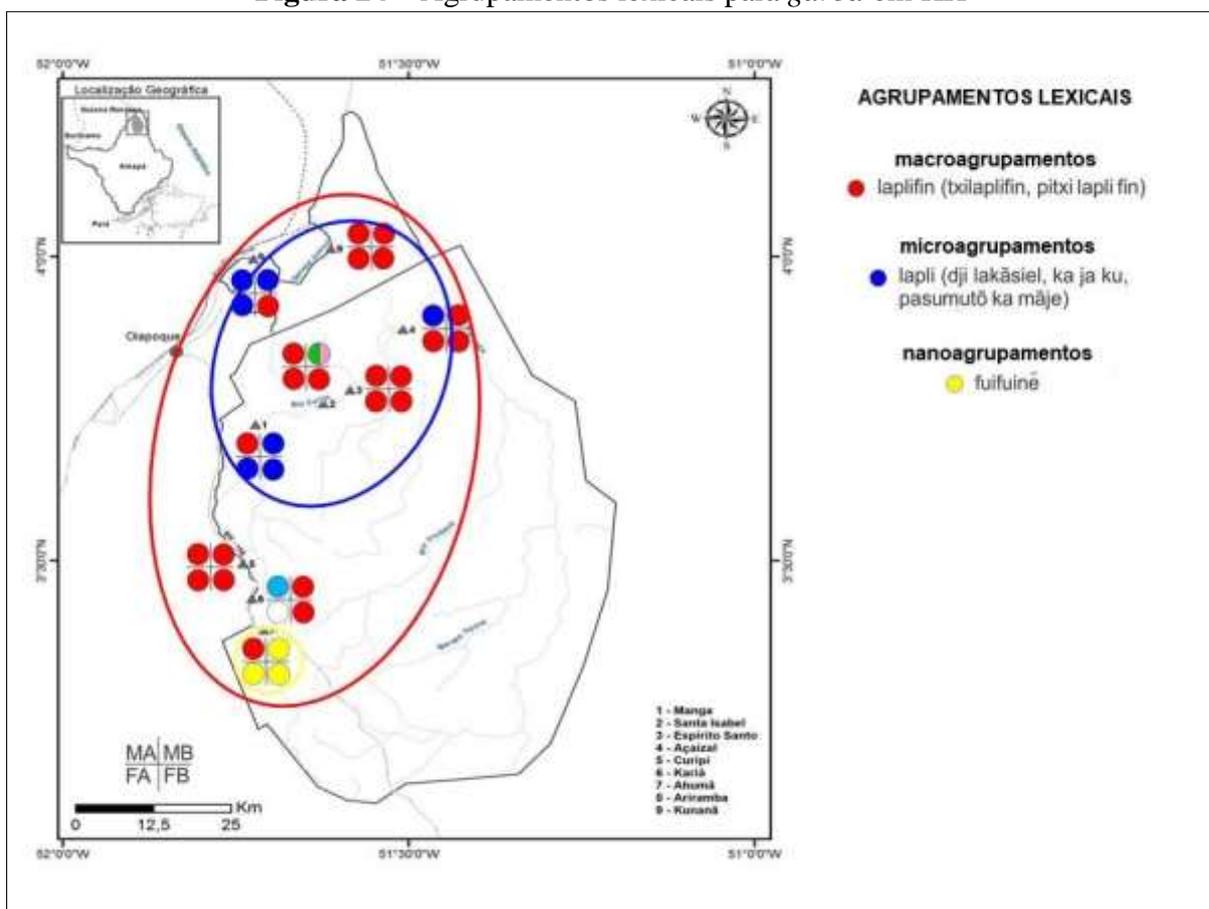
Em *paramũ*, a lexia parece pertencer à língua “Galibi antigo”, já que consta no vocabulário de *Galibi antigo* registrado por Rondon e Faria (1948), equivalente ao significado de *arco-íris*. É importante notar que, entre os *Galibi Marworno*, há o reconhecimento de que o *kheuól* falado por essa etnia seja diferente do *kheuól* falado pelos *Karipuna*, em decorrência da incorporação do *Galibi antigo* ao *kheuól*. Outra informação a se destacar tem relação com o registro da variante *paramũ* que foi mencionada uma única vez por um informante jovem da aldeia Kariá (ponto 06). Este informante se autodenomina como pertencente à etnia dos *Karipuna*, no entanto, seus pais foram criados na aldeia Kumarumã, sendo estes, considerados descendentes da etnia *Galibi Marworno*. Isso pode indicar que *paramũ* constitui-se em uma variante lexical que teve uma boa transmissão para geração seguinte e acompanhou a dinâmica migratória de seus falantes⁸⁶. Neste caso, citam-se os pais naturais da aldeia Kumarumã, da etnia *Galibi Marworno*, que foram morar na aldeia Kariá.

Historicamente, entre os *Galibi Marworno*, conta-se que seus antepassados foram falantes das línguas aruã e maraon. Nimuendaju, que esteve no Rio Uaçá em 1925, registrou mais de cem palavras na língua galibi, uma dúzia na língua aruã e apenas dois vocábulos em maraon. Atualmente, nos rituais xamânicos e no Turé, especialmente nos cantos, encontram-se palavras denominadas pelos indígenas de “Galibi antigo”. Pode-se afirmar que uma dessas palavras é a lexia *paramũ*, registrada neste trabalho como sendo do *kheuól Karipuna*, no entanto, esta lexia é bastante usada nas comunidades da etnia *Galibi Marworno*, como na aldeia Kumarumã.

Sobre os agrupamentos lexicais identificados para *garoa*, em KH, tem-se um macroagrupamento a partir da variante *lapli fin* (*txilaplin fin*, *pitxi lapli fin*), que ocorre em todas as localidades. Um microagrupamento com a variante *lapli* (*dji lakâsiel*, *ka ja ku*, *pasumutõ ka mãje*), que aparece de forma mais restrita nos pontos 01, 04 e 08. E, por último, um nanoagrupamento, provocado pela variante *fuifuinẽ*, com três ocorrências no ponto 07, conforme ilustra a Figura 24.

⁸⁶ Essa situação pode ser confirmada nos Gráficos 02 e 03, do subcapítulo (5.1) sobre o perfil social dos informantes.

Figura 24 – Agrupamentos lexicais para *garoa* em KH



Fonte: Elaborada pelo autor.

iii) Denominações para *anoitecer* em kheuól

O próximo item, que também merece destaque neste tipo de análise, corresponde às denominações para *anoitecer*. Perguntei aos informantes como eles chamam em kheuól “o começo da noite”. As respostas obtidas foram: *ka suku* (*ka suku deja, isuku deja*)⁸⁷, *asué*⁸⁸, *txisuku*⁸⁹, *suku ka hive*⁹⁰ (*ka kumase suku e txifufui nuit*).

⁸⁷ A partícula *ka*, em kheuól, consiste em uma forma que remete ao aspecto e ao tempo que acompanha os verbos, dando a ideia de continuidade, como em *ka suku*, em que o adjetivo *suku* pode ser traduzido como *escuro/noite* em português, e *ka suku*, significa *escurecendo* ou *anoitecendo*. No caso da forma *deja* ou *deha*, tem-se um advérbio de tempo que, em português, significa *já, neste momento, neste instante*, etc.

⁸⁸ *Asué* também consiste em um advérbio de tempo, que pode ser traduzido para o português como de *tardezinha* ou *final da tarde*.

⁸⁹ Cf. nota 76, utilizado para formar o diminutivo dos substantivos, em algumas palavras, usa-se o prefixo *txi*, como em *txisuku* e *txifufui nuit* (*noitezinha* ou *o começo da noite*).

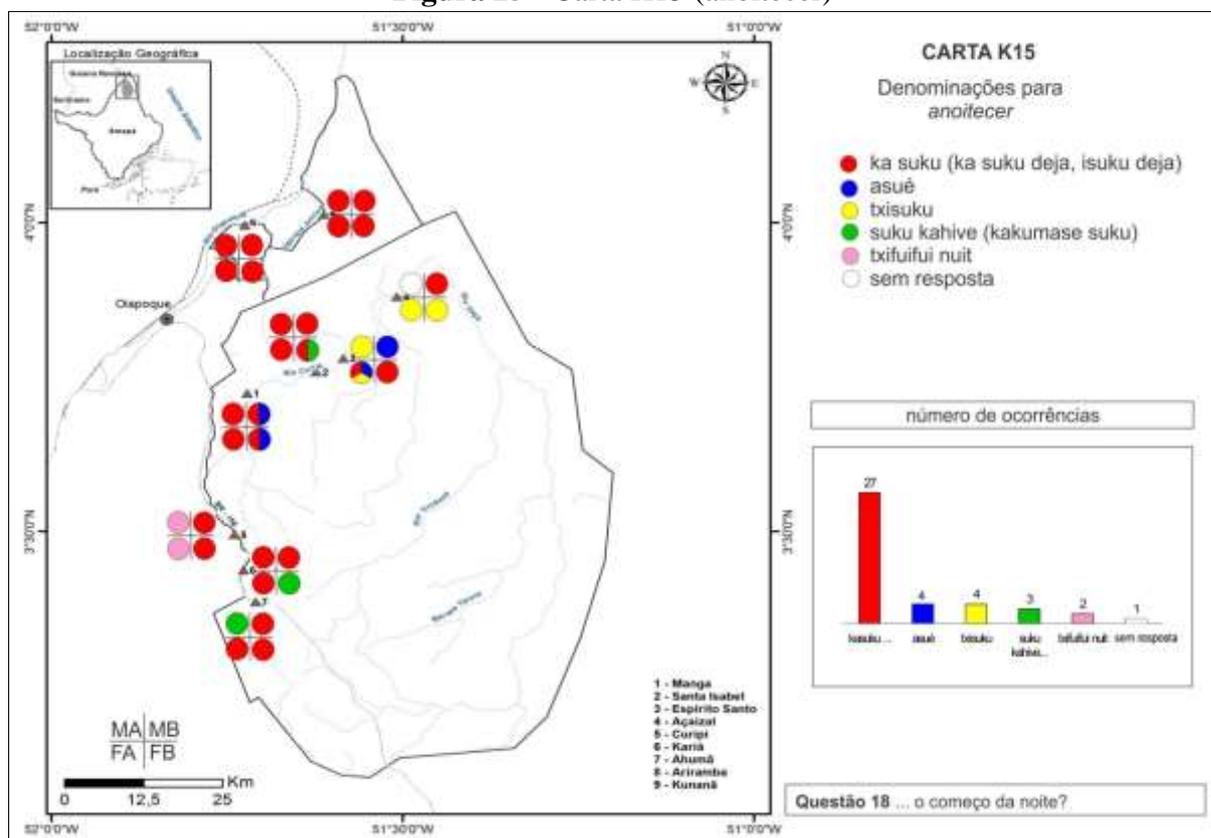
⁹⁰ As expressões *suku ka hive* e *ka kumase suku* podem ser traduzidas como *a noite que está chegando* ou *a noite que está começando*. O verbo *hive*, do kheuól, significa *chegar/retornar* em português. E o verbo *kumase* significa *começar/iniciar* em português.

Tabela 04 – Ocorrências para o item *anoitecer* em kheuól.

Variantes lexicais	Ocorrências
ka suku (ka suku deja, isuku deja)	27
asué	4
txisuku	4
suku ka hive (ka kumase suku)	3
txifuifui nuit	2

Fonte: Elaborada pelo autor.

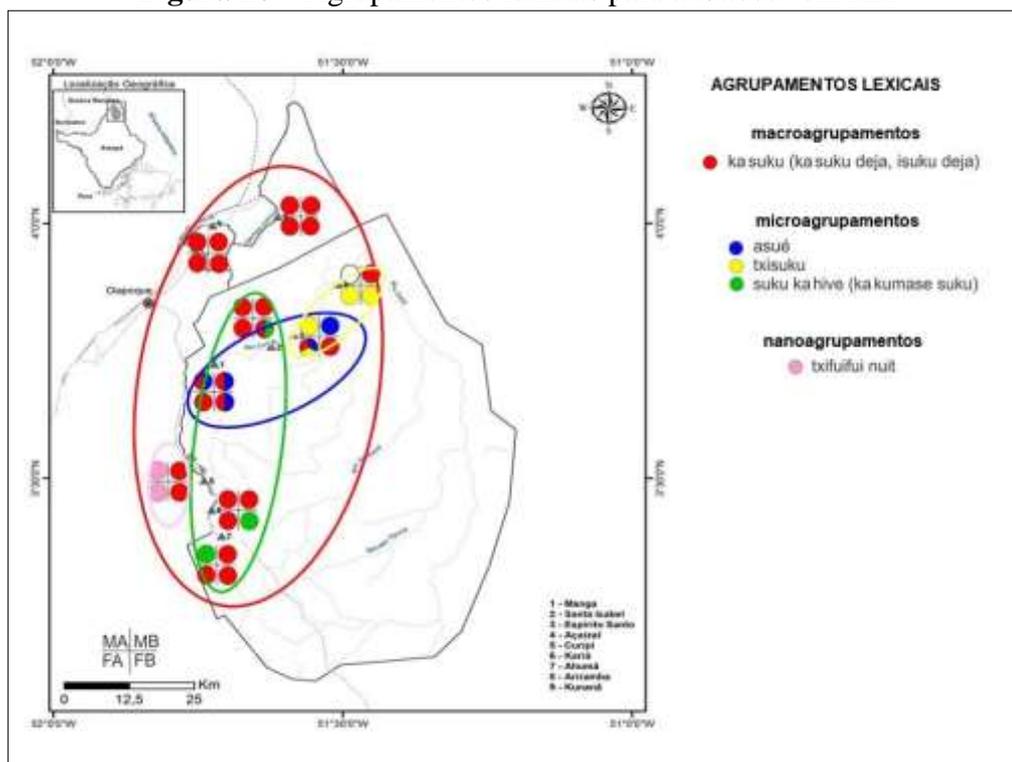
Diante da Tabela 04, a variante *ka suku (ka suku deja, isuku deja)* obteve 27 ocorrências, sendo considerada uma variante de uso predominante na área indígena *Karipuna*, sobretudo nos pontos 01, 02, 06, 07, 08 e 09; a variante *asué* obteve 4 ocorrências, duas no ponto 01 e duas no ponto 03; *txisuku* com 4 ocorrências percebidas nos pontos 03 e 04, com duas ocorrências em cada localidade; *suku ka hive (ka kumase suku)* foi registrada nos pontos 02, 06 e 07 somente com 1 ocorrência em cada ponto; e *txifuifui nuit* apareceu apenas no ponto 05, com 2 ocorrências. A Figura 25 ilustra essa distribuição geográfica das variantes lexicais para *anoitecer*.

Figura 25 - Carta K15 (anoitecer)

Fonte: Elaborada pelo autor.

Conforme se observa na Figura 25, os agrupamentos lexicais foram identificados da seguinte forma: um macroagrupamento para a variante *ka suku* (*ka suku deja*, *isuku deja*), que ocorreu em todos os pontos de inquérito; três microagrupamentos, sendo o primeiro para *asué*, o segundo para *txisuku*, e o terceiro para *suku ka hive* (*ka kumase suku*); e, por fim, um nanoagrupamento para *txifufui nuit*.

Figura 26 – Agrupamentos lexicais para *anoitecer* em KH



Fonte: Elaborada pelo autor.

iv) Denominações para *libélula* em português

O próximo item selecionado corresponde às denominações para *libélula* em português. A pergunta feita aos informantes buscou saber como eles designam o “inseto de corpo comprido e fino, com quatro asas transparentes, que voa e bate a parte traseira na água”. As respostas obtidas foram: *cigarra*, *cigana*, *jacinta*, *libélula* e *catirina*.

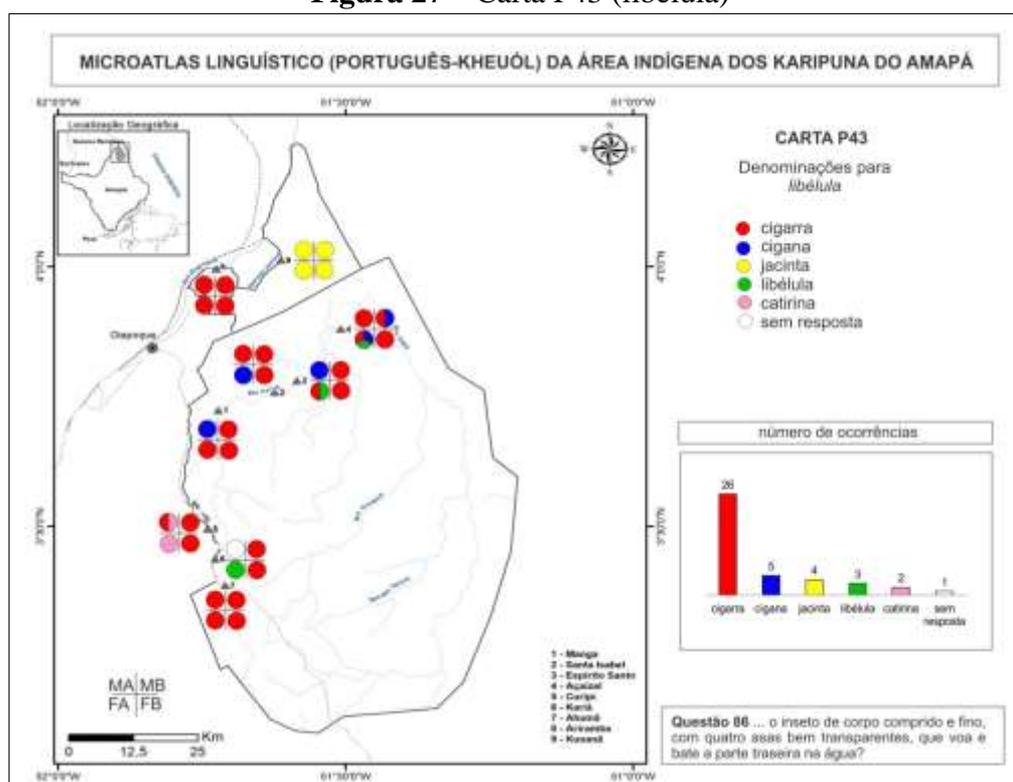
Tabela 05 – Ocorrências para o item *libélula*, em português

Variantes lexicais	Ocorrências
<i>cigarra</i>	26
<i>cigana</i>	5
<i>jacinta</i>	4
<i>libélula</i>	3
<i>catirina</i>	2

Fonte: Elaborado pelo autor.

De acordo com a Tabela 05, a variante *cigarra* obteve 26 ocorrências, com predominância nos pontos 03, 04, 07 e 08; a variante *cigana* obteve 5 ocorrências, distribuídas nas localidades ao longo do Rio Curipi (01, 02, 03 e 04); *jacinta* obteve 4 ocorrências no ponto 09; *libélula*, com 3 ocorrências, sendo realizada apenas uma vez nas localidades 03, 04 e 07; e, por último, a variante *catirina* que obteve 2 ocorrências na localidade 05.

Figura 27 – Carta P43 (libélula)



Fonte: Elaborado pelo autor.

Como se pode constatar, mediante consulta feita à figura acima, a variante *cigarra* é predominante na área indígena dos *Karipuna*, e que também aparece no ALAP⁹¹, entretanto, como a terceira variante mais mencionada. A carta L23, do ALAP, evidencia que *jacinta* é a variante mais frequente no Amapá, inclusive no município de Oiapoque. Essa informação pode explicar o motivo de todos os informantes da aldeia Kuanã enfatizarem a variante *jacinta* em vez de *cigarra*, sendo esta última a variante mais frequente na área indígena. Vale notar que, no caso da aldeia Kuanã, ponto 09, tem-se uma localidade povoada por indígenas e, sobretudo, por não-indígenas, moradores do município de Oiapoque. Outro fator que pode ter influenciado a predominância de *jacinta* na aldeia Kuanã no diz respeito ao grande fluxo

⁹¹ Razky, Ribeiro e Sanches (2017, p. 118-119).

de indígenas que fixaram moradia na cidade de Oiapoque, situação que conduz à incorporação de variantes urbanas.

A variante *cigana* também foi registrada no ALAP, sendo mencionada no município de Laranjal do Jarí, no extremo sul do Amapá. Já, na Figura 27, a variante *cigana* aparece somente ao longo do Rio Curipi, nas aldeias Manga, Santa Isabel, Espírito Santo e Açaizal. Esta situação sugere que, nas comunidades tradicionais mais afastadas dos centros urbanos dos municípios amapaenses, a tendência é de enfraquecimento de variantes lexicais urbanas, em detrimento do uso de variantes peculiares das comunidades indígenas, ou adquiridas por meio do contato, como no caso de *catirina*, registrada na aldeia Kariá.

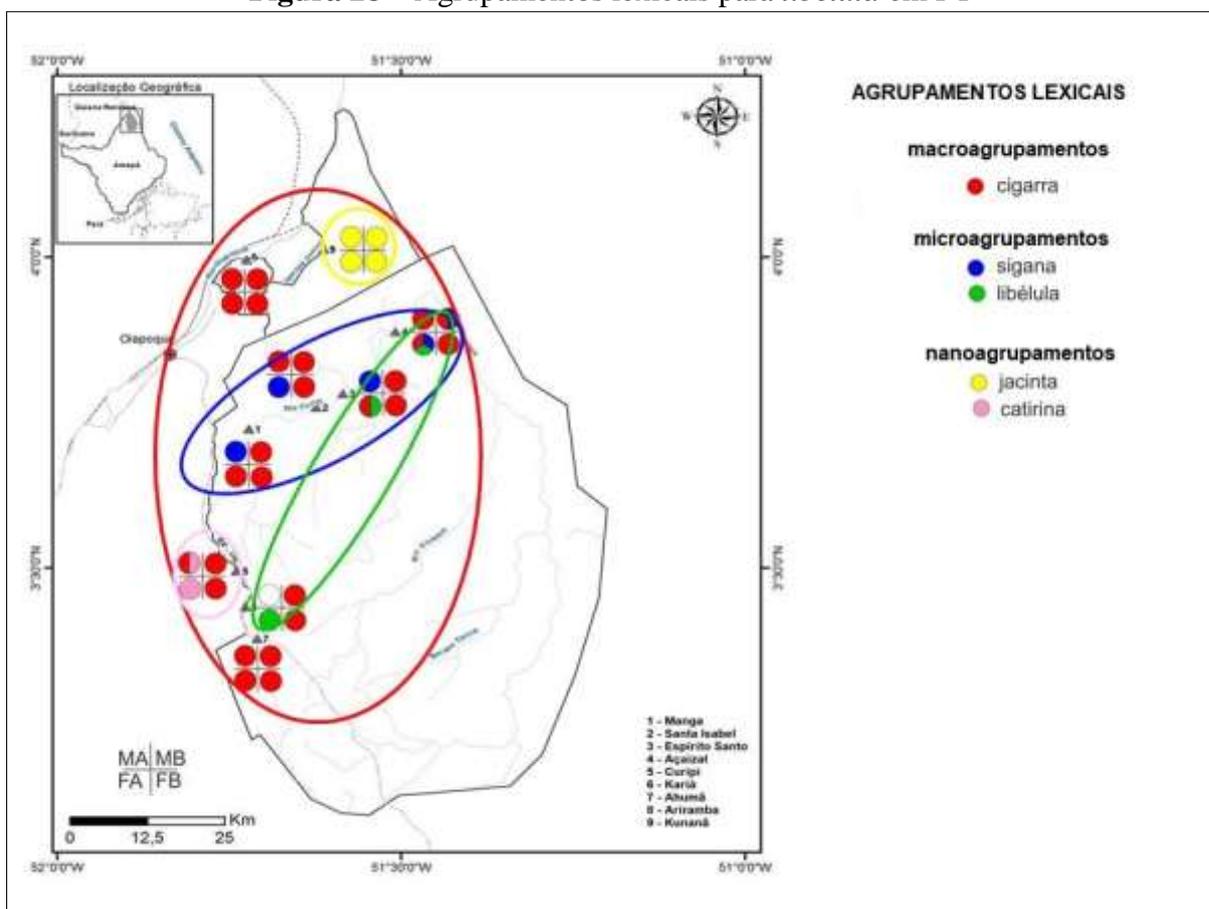
A variante *catirina* foi mapeada em estados do Nordeste brasileiro, a exemplo do Maranhão⁹² e do Piauí⁹³. Minha hipótese leva em consideração o fluxo migratório de nordestinos para a região do Oiapoque (ANDRADE, 2005, p. 94), em função das atividades de extração de ouro em áreas de garimpo. Outro aspecto que influencia o uso de certas variantes do Nordeste diz respeito ao casamento de pessoas não-indígenas com indígenas *Karipuna*, conforme se aponta no subcapítulo 5.1, que versa acerca da naturalidade (origem) materna de alguns informantes de descendência nordestina.

No que tange aos agrupamentos lexicais, constatei cinco agrupamentos: um macroagrupamento; dois microagrupamentos e dois nanoagrupamentos. O macroagrupamento corresponde à variante *cigarra* que ocorreu de forma majoritária, na área indígena dos *Karipuna*. Os dois microagrupamentos estão relacionados à variante *cigana* e à *libélula*, que ocorreram em localidades distintas: *cigana*, nos pontos 01, 02, 03 e 04; e *libélula*, nos pontos 03, 04 e 06. Já os dois nanoagrupamentos correspondem à *jacinta* e à *catirina*, ambas cujas ocorrências foram verificadas em apenas uma localidade, a primeira, no ponto 09, e a segunda, no ponto 06.

⁹² Ramos *et al.* (2012, p. 268).

⁹³ Cardoso *et al.* (2014, p. 207).

Figura 28 – Agrupamentos lexicais para *libélula* em PT



Fonte: Elaborado pelo autor.

v) Denominações para *cigarro de palha* em português

Analiso agora as variantes lexicais adotadas para se referir à *cigarro de palha* em português. Para obtenção das respostas, procurei saber dos informantes os nomes que eles dão “ao cigarro que as pessoas faziam antigamente, enrolado à mão”. As respostas registradas foram: *tauari*, *porronca*, *tabaco* (*tabacão*) e *charuto*.

Tabela 06 – Ocorrências para o item *cigarro de palha* em português

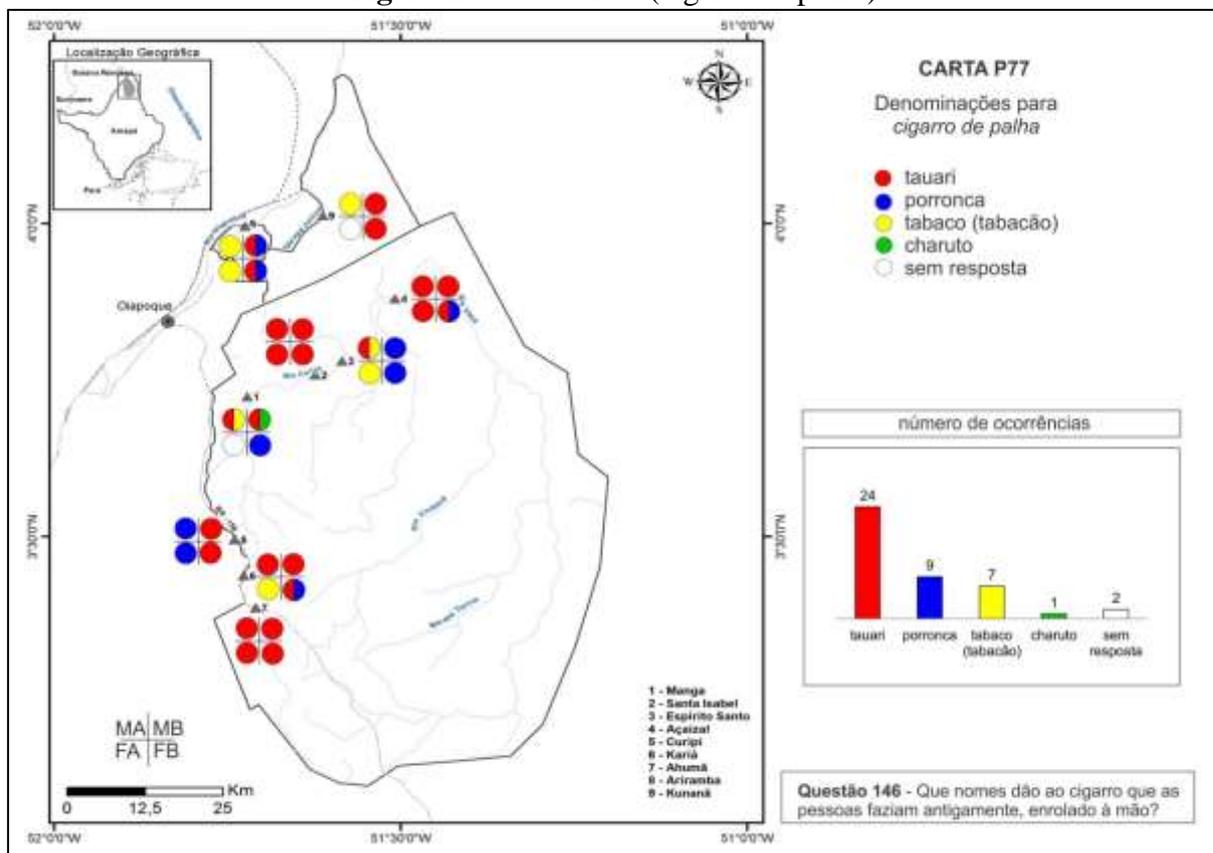
Variante lexicais	Ocorrências
tauari	24
porronca	9
tabaco (tabacão)	7
charuto	1

Fonte: Elaborado pelo autor.

A Tabela 06 aponta que o uso mais frequente para *cigarro de palha* foi a variante *tauari*, com 24 ocorrências, mencionada em todos os pontos pesquisados. A variante *porronca* apareceu com 9 ocorrências, distribuída nos pontos 01, 03, 04, 05, 06 e 08. Para a

variante *tabaco* (*tabacão*), foram registradas 7 ocorrências, mencionada nos pontos 01, 03, 06, 08 e 09. Por último, a variante *charuto* apareceu com 1 ocorrência no ponto 02.

Figura 29 – Carta P77 (cigarro de palha)



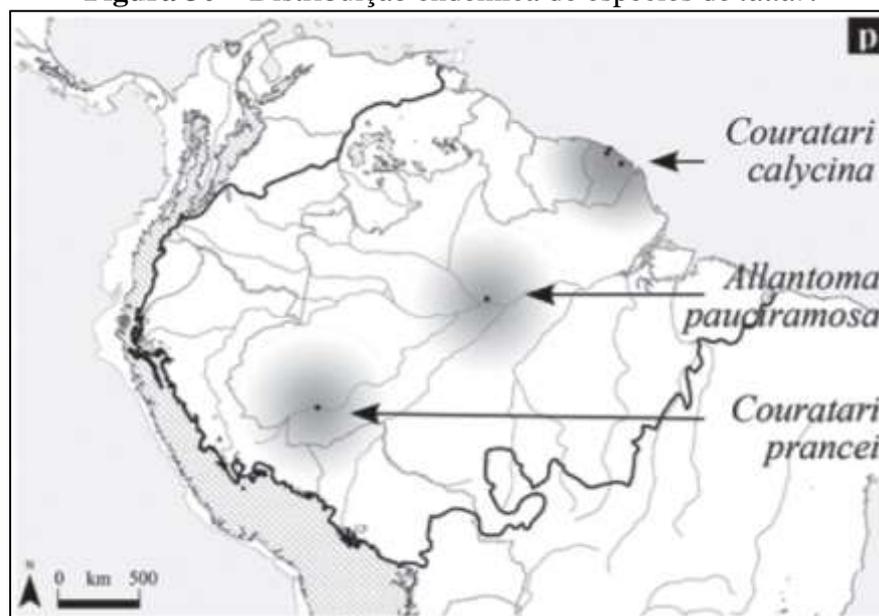
Fonte: Elaborado pelo autor.

Um resultado interessante a se destacar, tendo em vista a leitura da carta P77, é a predominância da variante *tauari*⁹⁴ na área indígena *Karipuna*, sobretudo em função desta variante não ter sido registrada nos dados do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)⁹⁵ e, tampouco, no Atlas Linguístico do Amapá (ALAP). Apesar disso, a frequência de uso da variante *tauari* no extremo norte do Brasil pode ser explicada por fatores ligados ao ecossistema no qual a população indígena *Karipuna* está inserida.

Com base no estudo botânico conduzido por Procópio *et al.* (2010), acerca da distribuição geográfica de espécies de *tauari* pela Amazônia, constatei que há uma espécie de *tauari* na Guiana Francesa, na região de divisa com ao Brasil, isto é, contemplando também a região do Oiapoque, onde estão localizadas as Terras Indígenas, conforme Figura 30.

⁹⁴ Termo dicionarizado como língua geral amazônica (nheengatu). *Tauari*: tavarí, a entrecasca de uma espécie de *Curataria* que serve para mortalha para cigarro, muito usada em todo o interior do Amazonas. Extrai-se cortando a casca do tavarizeiro da largura desejada, batendo-a depois com um macete ou coisa que o valha, até separar a parte externa do líber, e continuando para depois separar as diversas folhas do líber entre si (STRADELLI, 2014, p. 496).

⁹⁵ Referente aos dados publicados sobre as capitais brasileiras.

Figura 30 – Distribuição endêmica de espécies de *tauari*

Fonte: Procópio et al. (2010, p. 889).

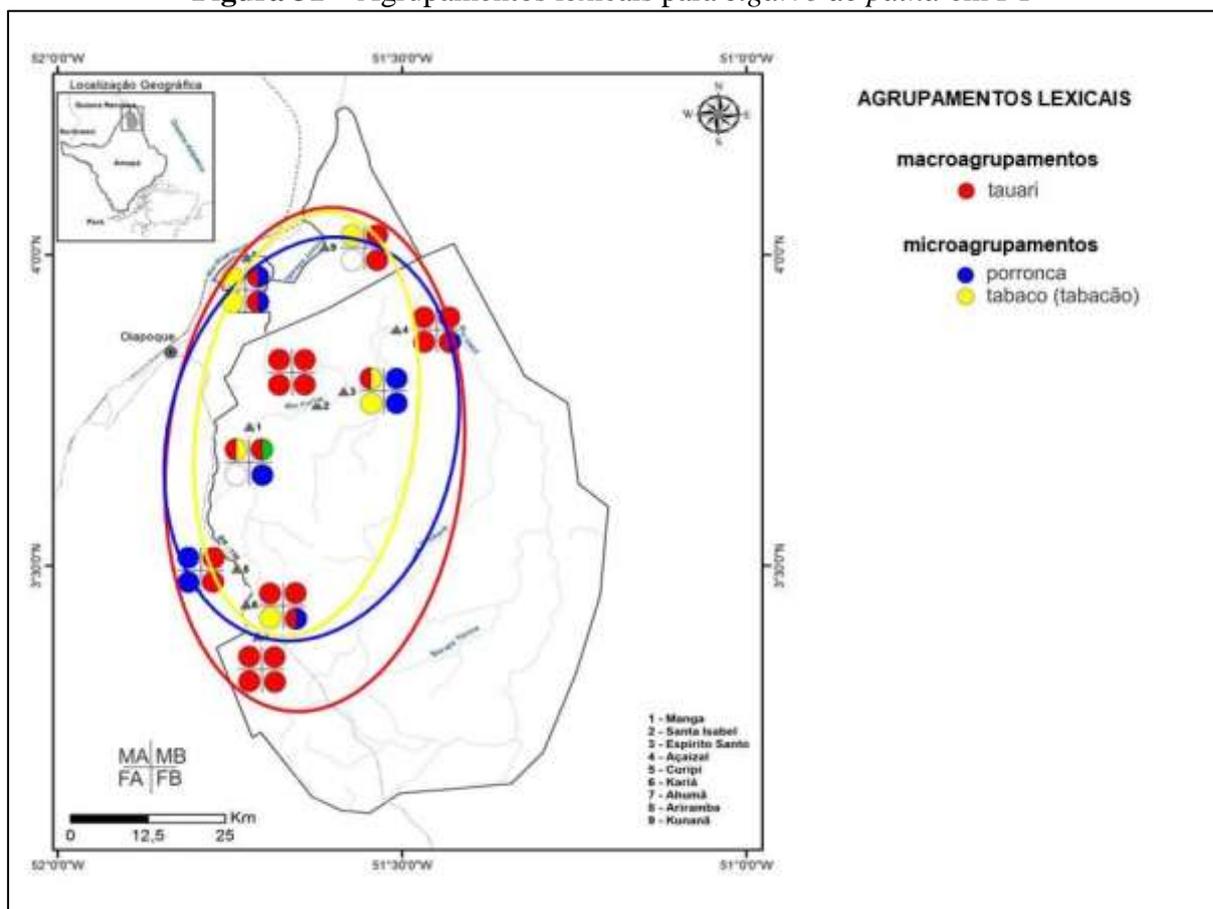
O *tauari* é uma planta lenhosa, da família *Lecythidaceae*, em sua maioria, encontrada no Estado do Amazonas. A figura acima mostra que a espécie *Couratari calycina* concentra-se na Guiana Francesa, e se dispersa pelo extremo norte do Brasil. Esse resultado é importante para esclarecer porque a lexia *tauari* foi a única que não apareceu na carta L50⁹⁶ do ALAP. A explicação para este fato pode ter relação direta com o *habitat* da espécie *tauari*, já que esta predomina na região de floresta de terra firme e isso, conseqüentemente, provoca a ausência de uso do vocábulo *tauari* nas cidades onde foram realizadas as entrevistas para o ALAP, até mesmo no município de Oiapoque.

De fato, a existência da árvore *tauari* em Terras Indígenas, além da experiência e do contato dos indígenas *Karipuna* com a planta, mediante extração de fragmentos da madeira para o preparo manual do cigarro, pode ter motivado os indígenas a designar o *cigarro enrolado à mão* pelo nome *tauari*.

As demais variantes mapeadas para *cigarro de palha* na área indígena *Karipuna*, a exemplo de *porronca*, *tabaco (tabacão)* e *charuto*, foram registradas pelo ALiB e ALAP. A carta P77, Figura 29, mostra que as variantes lexicais configuram os seguintes agrupamentos: um macroagrupamento com a variante *tauari* e dois microagrupamentos com as variantes *porronca* e *tabaco (tabacão)*, conforme ilustra a Figura 31.

⁹⁶ Razky, Ribeiro e Sanches (2017, p. 172-173).

Figura 31 – Agrupamentos lexicais para *cigarro de palha* em PT



Fonte: Elaborado pelo autor.

vi) Denominações para *cigarro de palha* em kheuól

Para finalizar a análise diatópica, selecionei a carta lexical K77, que mostra as denominações para *cigarro de palha* em kheuól. A pergunta feita aos informantes buscou saber como eles chamam em kheuól “o cigarro que as pessoas faziam antigamente, enrolado à mão”. Por meio dessa pergunta, obtive as seguintes respostas: *lapo sigal*, *sigal*, *tawari*, *tabak* e *sigahet*⁹⁷.

Tabela 07 – Ocorrências para o item *cigarro de palha* em kheuól

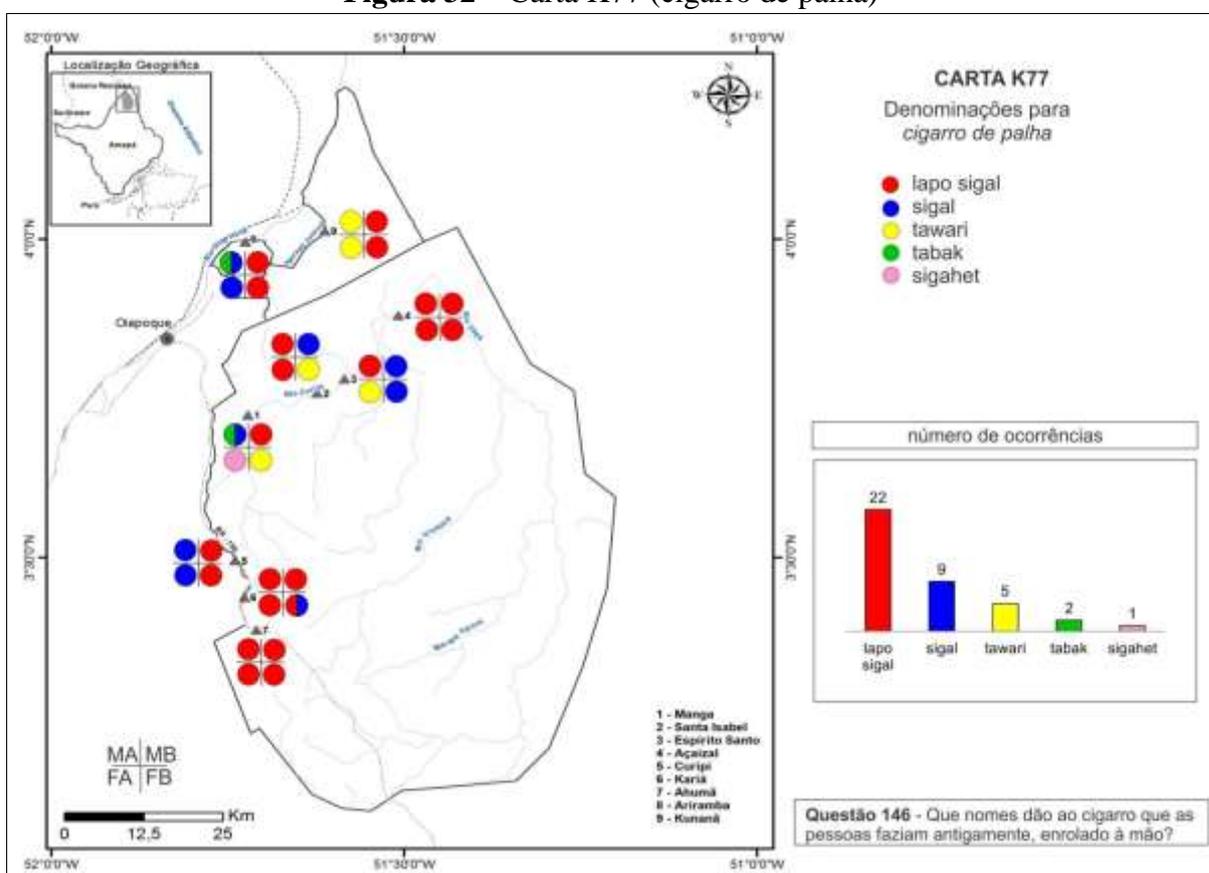
Variantes lexicais	Ocorrências
lapo sigal	22
sigal	9
tawari	5
tabak	2
sigahet	1

Fonte: Elaborado pelo autor.

⁹⁷ Em português, *lapo* pode ser traduzido como *casca*, enquanto *sigal* é entendido como cigarro, *tabak* como tabaco e *sigahet* como cigarro.

A Tabela 07 apresenta as variantes lexicais para *cigarro de palha* em kheuól e seus respectivos números de ocorrência. A variante predominante na área indígena *Karipuna* é *lapo sigal*, com 22 ocorrências, sendo mencionada em todos os pontos de inquérito. A variante *sigal* obteve 22 ocorrências, sendo mencionada em seis localidades (01,02, 03, 05, 06 e 08). A lexia *tawari* ocorreu nos pontos 01,02, 03 e 09, com o total de 5 ocorrências. Já *tabak* obteve 2 ocorrências, uma no ponto 01 e outra no ponto 08. Por último, a variante *sigahet*, com 1 ocorrência no ponto 01.

Figura 32 – Carta K77 (cigarro de palha)



Fonte: Elaborado pelo autor.

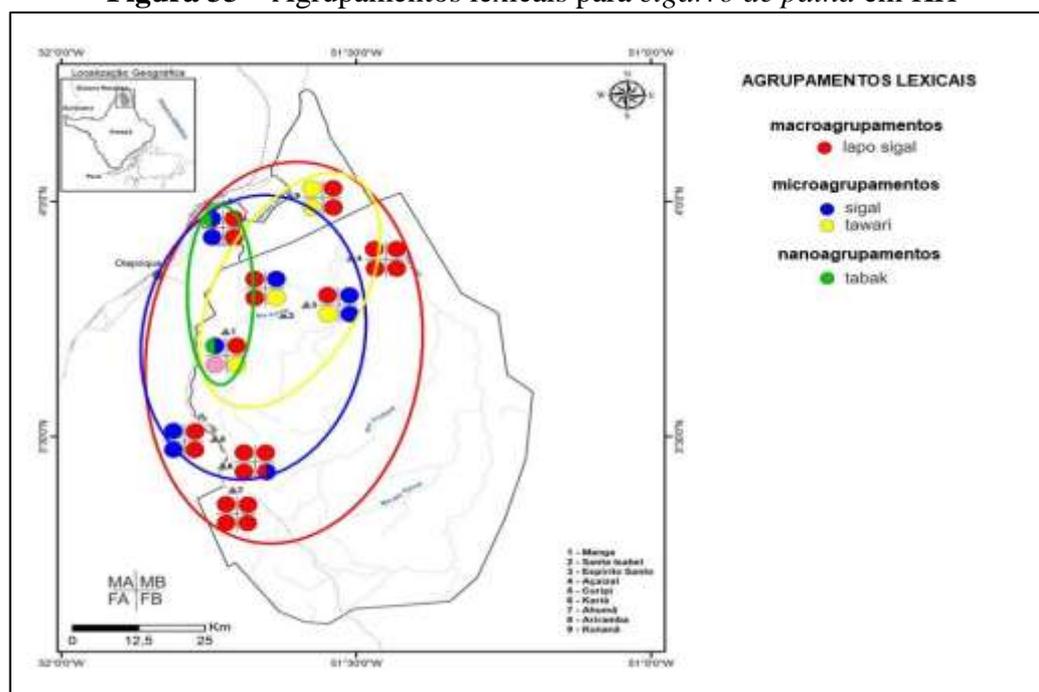
A figura acima mostra a configuração diatópica das variantes lexicais mencionadas na Tabela 07. Com base nisso, ressaltamos duas variantes lexicais: *lapo sigal* e *sigal*. A primeira é uma lexia complexa e, a segunda, uma lexia simples. Ambas foram consideradas como lexias distintas, apesar de apresentarem a mesma acepção. No caso da forma *lapo sigal*, há uma especificação do tipo de cigarro, por meio do qualificador *lapo*, fazendo referência a um tipo específico de cigarro feito de casca, que remete ao cigarro de *tauari*, explicitado no tópico

anterior. Já a lexia simples *sigal*, refere-se a um tipo qualquer de *cigarro*, seja industrializado, seja artesanal.

Outras observações importantes estão relacionadas às variantes *tawari*⁹⁸, *tabak* e *sigahet*. A primeira, cartografada em português, como consta na carta P77 (Figura 28); a segunda e a terceira, possivelmente, têm sua origem na língua francesa: *tabac* e *cigarette*. Esses casos serão discutidos na análise dialingual sobre os processos de empréstimos do português e do kheuól.

Em relação aos agrupamentos lexicais, a variação diatópica do item *cigarro de palha* apresenta um macroagrupamento para a variante *lapo sigal*; dois microagrupamentos, um para *sigal* e outro para *tawari*; e, por último, um nanoagrupamento para a variante *tabak*. A configuração dos agrupamentos pode ser visualizada na figura abaixo.

Figura 33 – Agrupamentos lexicais para *cigarro de palha* em KH



Fonte: Elaborado pelo autor.

A dimensão diatópica apresentada neste subcapítulo buscou analisar as variantes lexicais conforme sua distribuição geográfica. O objetivo principal foi demonstrar o modo como se configura esse tipo de variação na área indígena *Karipuna*, além de ratificar o conceito de agrupamentos lexicais (RAZKY, 2013).

⁹⁸ A palavra foi grafada em kheuól, com a letra “w”, a fim de representar a semivogal [w], e obedecer às regras de escrita da língua.

Os resultados relacionados à amostra das cartas linguísticas evidenciam a predominância do processo de variação lexical na área indígena *Karipuna*. Na maioria dos casos, friso a relação direta que existe entre os usos lexicais estabelecidos em áreas urbanas e rurais, configurando-se, assim, um contínuo lexical presente tanto na área urbana quanto na área rural (comunidades tradicionais). Para exemplificar esse contínuo lexical, menciono a ilustração da Figura 21, na qual consta o uso de denominações para *garoa*, a exemplo da variante *chuvisco*, cartografada como item predominante em 10 localidades urbanas do estado do Amapá, e predominante em nove aldeias da etnia *Karipuna*.

Ressalto que o contínuo lexical não se constitui em regra. Há variantes lexicais que não foram cartografadas ou registradas, mas que ocorreram como variante predominante na área indígena *Karipuna*. É o caso da variante *tauari*, Figura 29, que não foi registrada no Atlas Linguístico do Amapá, mas que, neste trabalho, apareceu como variante predominante. Nos demais casos, o aparecimento da variante lexical em português, *catirina* (Figura 27), e da variante em *kheuól*, *paramũ* (Figura 23), são explicadas a partir de fatores históricos que englobam os processos de migração e de contato linguístico/cultural entre os *Karipuna do Amapá*.

Em última instância, mas não menos importante, busquei avaliar a configuração dos agrupamentos lexicais, de modo a dar conta dos pressupostos que os sustentam. A partir da abordagem da geolinguística moderna, seja pluridimensional/contatual seja geossociolinguística, fica insustentável defender a ideia de isoglossas ou isolexias, uma vez que se deve considerar a variabilidade léxica como sendo inerente às comunidades de fala, como marcas do processo histórico, da dinâmica social, do espaço ecossistêmico, etc.

Não obstante, os pressupostos teórico-metodológicos da Dialetoлогия Contatual e da geossociolinguística serviram de base, a fim de sustentar a terminologia mais adequada, no sentido de compreender a incidência de agrupamentos lexicais e de sua classificação (macroagrupamento, microagrupamento e nanoagrupamento), e verificar a aplicação das cartas lexicais para *garoa*, *anoitecer*, *libélula* e *cigarro de palha*.

5. 3. 2 ANÁLISE DA DIMENSÃO DIASSEXUAL

Para análise da dimensão diassexual, demonstrei aqui a configuração da variação lexical em relação à variável sexo, compreendida a partir do perfil dos informantes indígenas, a exemplo da identificação de sexo biológico: masculino e feminino. Observei o comportamento das variantes lexicais na fala de informantes de ambos os sexos. Em seguida, levantei possíveis hipóteses para contemplar a abordagem do comportamento linguístico.

Analisei, a partir das cartas lexicais, que a variação diassexual pode ser investigada nos seguintes itens: *onda de mar; estrela d'alva; cesto; libélula; coador de café; estilingue; vaso sanitário; interruptor de luz; sutiã, cueca, calcinha e rouge*⁹⁹.

Quadro 22 – Cartas lexicais selecionadas para análise diassexual

Nº carta	Item lexical	Nº carta	Item lexical
05	onda de mar	94	vaso sanitário
16	estrela d'alva	95	interruptor de luz
22	cesto	100	sutiã
43	libélula	101	cueca
79	coador de café	102	calcinha
87	estilingue	103	rouge

Fonte: Elaborado pelo autor.

Com base no quadro acima, selecionei uma amostra de seis cartas lexicais (três em português e três em kheuól), a fim de exemplificar a configuração da dimensão diassexual na área indígena *Karipuna*. As cartas analisadas foram: i) CARTA K16 (estrela d'alva); ii) CARTA K87 (estilingue); iii) CARTA P95 (interruptor de luz); iv) CARTA K101 (cueca); v) CARTA P102 (calcinha); e vi) CARTA P103 (rouge).

i) Denominações para *estrela d'alva* conforme variável sexo

O primeiro item analisado corresponde às denominações para *estrela d'alva* em kheuól. A partir da questão: como se chama “aquela estrela que brilha mais, e é a última a desaparecer?”, os informantes foram estimulados a indicar, em kheuól, a variante lexical empregada para se referir ao item *estrela d'alva*. Diante dessa pergunta, obtive três respostas: *arukãmã, zetuel (ghã zetuel, zetuel da'alva)* e *zekle size (zekle dji vã ju)*¹⁰⁰.

⁹⁹ Para apreciação das cartas, o leitor deve consultar o segundo volume da Tese.

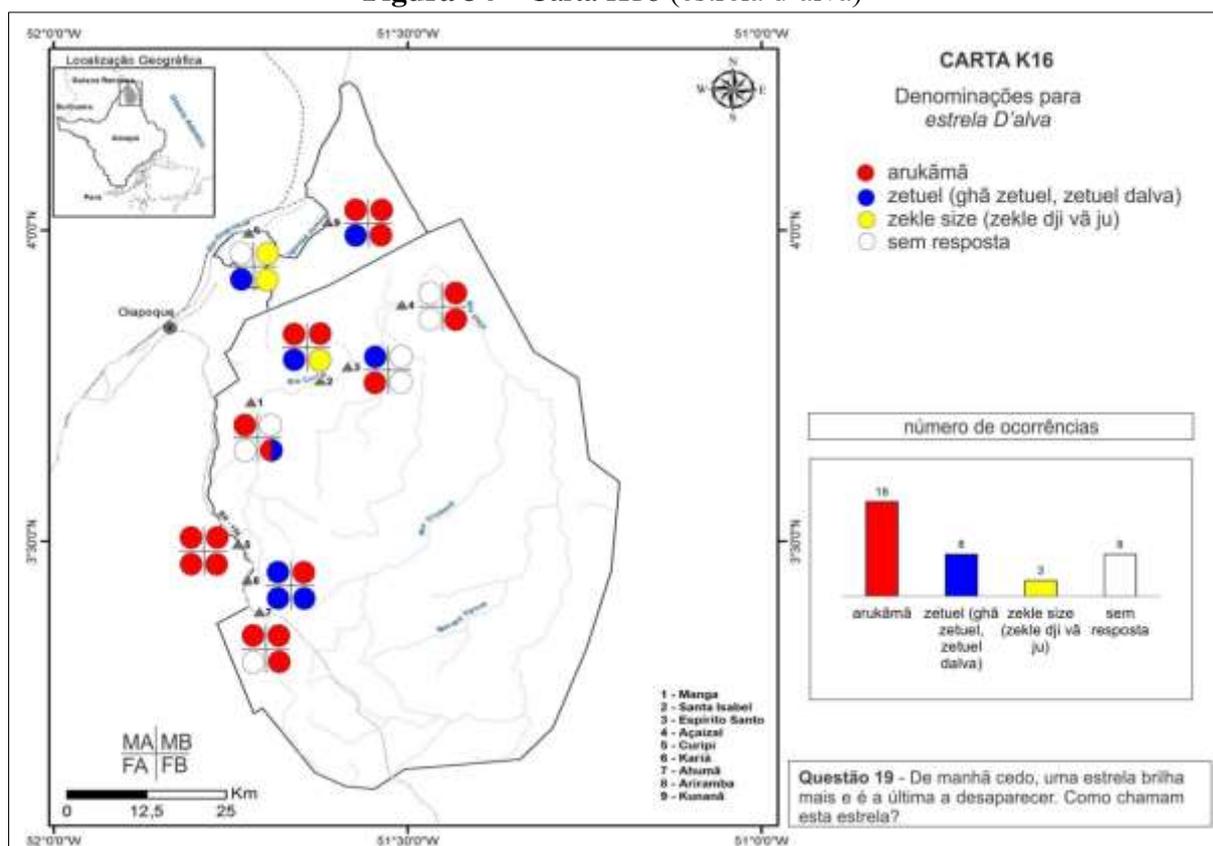
¹⁰⁰ Em kheuól, a lexia *zetuel* significa *estrela*. A forma *ghã* expressa o aumentativo dos nomes. Já a lexia complexa *zekle size* pode ser traduzida como *estrela das seis* ou *estrela do dia (zekle dji vã ju)*.

Tabela 08 – Ocorrências para *estrela d'alva* em kheuól

Variantes lexicais	Homem	Mulher
arukãmã	11	7
zetuel (ghã zetuel, zetuel da'alva)	2	6
zekle size (zekle dji vã ju)	1	2

Fonte: Elaborada pelo autor.

A Tabela 08 ilustra os dados sobre a ocorrência da variante *arukãmã*, mencionada 11 vezes por informantes do sexo masculino e 7 vezes por informantes do sexo feminino. A lexia *zetuel* (*ghã zetuel*, *zetuel da'alva*) apareceu 2 vezes na fala de informantes do sexo masculino, e 6 vezes na fala de informantes do sexo feminino. Por último, a variante *zekle size* (*zekle dji vã ju*) ocorreu 1 vez na fala de um informante masculino e 2 vezes na fala de informantes do sexo feminino. Abaixo a Figura 34 sobre a ocorrência das variantes a partir do perfil do informante.

Figura 34 – Carta K16 (estrela d'alva)

Fonte: Elaborada pelo autor.

A Figura 34 evidencia a ocorrência da variante *arukãmã*, destacada na cor vermelha. A menção ao termo *arukãmã* totaliza 18 ocorrências, com maior frequência na fala de

informantes do sexo masculino (MA e MB)¹⁰¹, enquanto a menção à variante *zetuel* (*ghã zetuel*, *zetuel da'alva*), destacada na cor azul, ocorreu 8 vezes na fala de informantes do sexo feminino (FA e FB), conforme a cruz de estratificação, localizada do lado esquerdo do mapa, na parte inferior.

O uso predominante dessas duas variantes, em perfis distintos, pode ser explicado com base no levantamento criterioso de questão etnográfica. Aqui, alerta sobre a hipótese de que a lexia *arukãmã* pode estar relacionada às práticas de caça e de pesca exercidas predominantemente por homens, durante o período noturno. Para os indígenas, a posição da estrela *arukãmã* serve para nortear a atividade de pesca e de caça, que acontece entre a madrugada e o início do dia. Em função desta atividade se constituir majoritariamente como uma prática masculina, o uso da variante *arukumã* tende a acontecer com maior frequência entre os informantes do sexo masculino. Já na fala das mulheres, tende a predominar o uso de *zetuel* que significa, segundo os informantes, qualquer tipo de *estrela*, seja *ghã zetuel* ou *zetuel d'alva*.

Outra possível explicação para o uso de *zetuel*, em face da informação sobre a fala de informantes do sexo feminino, pode estar relacionada ao prestígio linguístico do *kheuól*, uma vez que *zetuel* (*zétwel*) encontra-se registrada por Pinalie (2009) como lexia padrão, no dicionário de Francês-Créole. *Zetuel*, em francês, corresponde à *etoile*, termo cuja tradução para o português remete ao léxico “estrela”. Este prestígio, que diferencia homens e mulheres, é sustentado por Labov (2001), com base em três princípios de mudança. O primeiro está na estratificação sociolinguística estável, que indica que os homens usam com maior frequência mais formas não-padrão do que as mulheres. O segundo está pautado pela ideia de que as mulheres são favoráveis ao uso de formas que gozam de maior prestígio social. E o terceiro, o de que as mulheres tendem a inovar mais que os homens. Vale lembrar que essa situação necessita ser estudada com cautela, pois pouco se conhece a respeito dessa questão em voga na variedade *kheuól*.

ii) Denominações para *estilingue* conforme variável sexo

O segundo item analisado corresponde às denominações para *estilingue* em *kheuól*. A pergunta feita aos informantes buscou saber como eles chamam em *kheuól* “o brinquedo feito

¹⁰¹ Tem-se na parte superior da cruz de estratificação, os informantes do sexo masculino, e na parte inferior, os informantes de sexo feminino.

de uma forquilha e duas tiras de borracha, que os meninos usam para matar passarinho?”. Diante da pergunta, obtive duas respostas: *abalet*¹⁰² e *baladeira*.

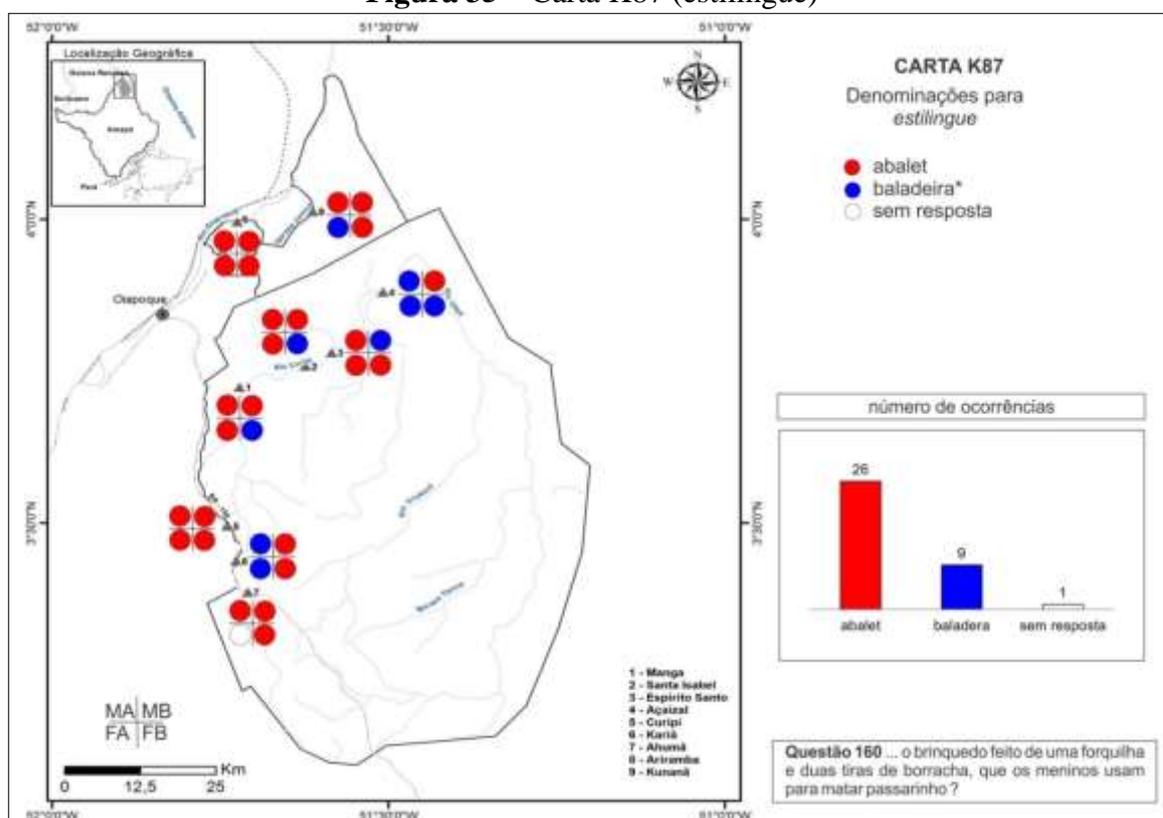
Tabela 09 – Ocorrências para *estilingue*, em Kheuól, conforme variável sexo

Variantes lexicais	Homem	Mulher
abalet	15	11
baladeira	3	6

Fonte: Elaborado pelo autor.

Com base na Tabela 09, a variante *abalet* obteve 15 ocorrências na fala de homens e 11 ocorrências na fala de mulheres. No caso de *baladeira*, esta ocorreu 3 vezes na fala de homens e 6 na fala de mulheres. Vale mencionar que a lexia *baladeira* é usada no kheuól como empréstimo lexical do português local, conforme mostrarei mais adiante (subcapítulo 5.3.4). Esse empréstimo teve maior tendência na fala de informantes do sexo feminino. Já *abalet* tende a predominar na fala dos informantes de sexo masculino. A seguir a carta K87, a título de ilustração da variação diasssexual.

Figura 35 – Carta K87 (estilingue)



¹⁰² *Labalet* e *arbalet* foram registradas por Pinalie (2009, p. 148) como créolo francês, e se referem à *fronde* (estilingue). Parece-me provável que *abalet* se trate de uma variação lexical de *labalets*.

A figura acima ratifica que o uso da variante *baladeira* (cor azul) foi realizado com maior frequência na fala de informantes do sexo feminino (FA e FB). Esse resultado pode indicar que os usos lexicais feitos por informantes indígenas estão relacionados à prática e uso recorrente do brinquedo *estilingue*, que, em sua maioria (por convenção social e cultural), é manejado por crianças do sexo masculino. Essa situação é comum em localidades não-indígenas brasileiras. Já no caso de área indígena, o uso do *estilingue* também se constitui em uma prática predominantemente masculina. Isso pode explicar a preferência lexical das informantes mulheres por *baladeira* (empréstimo do português local) e não por *abalet*. Como hipótese, os homens conhecem a lexia *abalet*, em função de se tratar de um brinquedo usual entre eles. Na ausência da lexia *abalet*, em kheuól, as mulheres tendem tomar o empréstimo do vocábulo disponível em português, isto é, da lexia *baladeira*.

iii) Denominações para *interruptor de luz* conforme variável sexo

O terceiro item lexical analisado corresponde às denominações para *interruptor de luz* em português. A partir disso, busquei saber como os informantes chamam para “o objeto que fica nas paredes e serve para acender as lâmpadas”. As respostas obtidas foram: *interruptor*, *tomada*, *teco teco* (*tec tec*) e *disjuntor*.

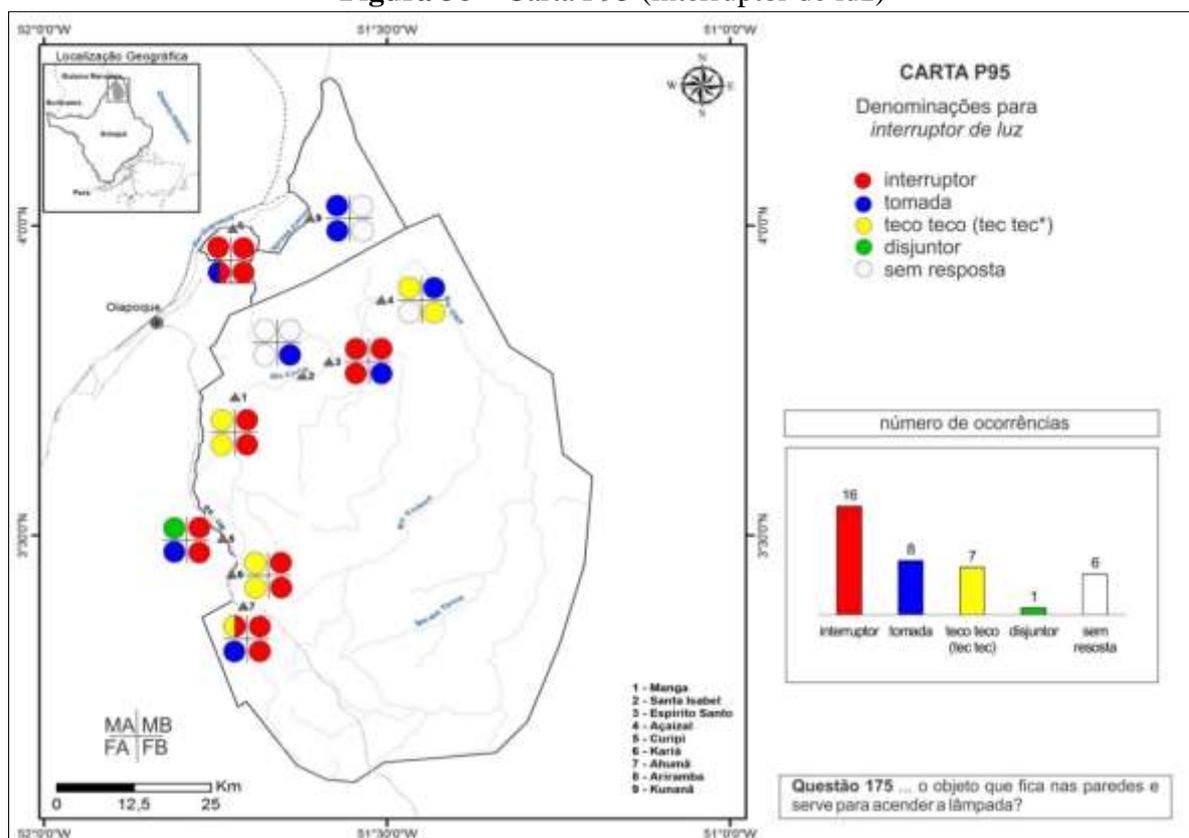
Tabela 10 – Ocorrências para *interruptor de luz*, em português, conforme variável sexo

Variantes lexicais	Homem	Mulher
interruptor	9	7
tomada	2	6
teco teco (tec tec)	4	3
disjuntor	1	0

Fonte: Elaborado pelo autor.

A Tabela 10 apresenta as variantes lexicais para *interruptor de luz* com base no perfil dos informantes do sexo masculino e feminino. Assim, identifiquei duas variantes condicionadas pela dimensão diassexual: *interruptor* e *tomada*. A primeira foi registrada com 9 ocorrências na fala dos homens e com 7 ocorrências na fala das mulheres. A segunda apareceu com 2 ocorrências na fala dos informantes do sexo masculino e 6 ocorrências na fala dos informantes de sexo feminino. Esse resultado mostra uma leve tendência de uso da variante *interruptor* por falantes do sexo masculino, bem como da incidência da variante *tomada* para falantes do sexo feminino.

Figura 36 – Carta P95 (interruptor de luz)



Fonte: Elaborado pelo autor.

Mediante a execução do mapeamento, aponto como aspecto relevante a ocorrência da variante *tomada*, mencionada como termo equivalente ao item *interruptor* na fala de informantes do sexo feminino. Conforme o uso do “português normativo¹⁰³”, os vocábulos *tomada* e *interruptor* possuem referentes distintos, embora pertençam a um mesmo campo semântico. Para Ferreira (2010) e Houaiss (2009), a lexia *tomada* apresenta a seguinte acepção: “ramificação duma instalação elétrica para ligar qualquer aparelho elétrico (ventilador, lâmpada, ferro de passar, etc.)”. Já a lexia *interruptor* diz respeito ao “dispositivo que pode interromper ou restabelecer a continuidade num circuito elétrico, ou numa parte dele (cf. disjuntor)”.

Seguindo a apresentação conceitual das lexias *tomada* e *interruptor*, tem-se definida pelo uso do “português normativo” a construção de uma imagem acústica para cada conceito, como demonstra a figura abaixo.

¹⁰³ Faraco e Zilles (2017, p. 12) concebem dois tipos de normas do português, a “norma normal” a “norma normativa”. A primeira está relacionada ao modo como se diz habitualmente numa comunidade de fala e a segunda está relacionada ao modo como se deve dizer em determinados contextos. Ou seja, a primeira acepção de norma é de cunho prescritivo e a segunda de cunho descritivo. Assim, optei por usar o termo português normativo para me referir ao português prescritivo, aquele institucionalizado que estabelece “o modo como se deve dizer”.

Figura 37 – Diferença normativa entre *tomada* e *interruptor*



Fonte: Elaborado pelo autor.

Do lado esquerdo da Figura 37, tem-se a ilustração para o signo *tomada*, enquanto do lado direito, a que faz referência ao signo *interruptor*. É possível afirmar que o vocábulo *tomada*, em português, quando falado na área indígena *Karipuna*, não condiz estritamente com o conceito estabelecido pelo “português normativo”. A fim de demonstrar essa questão, observe-se o trecho da entrevista concedida por 03FB:

INQ.: Como é o nome daquilo (apontando para o referente) que a gente aperta assim (mímica) que liga e desliga a luz?
 INF.: Tomada?
 INQ.: É tomada que tu chama?
 INF.: hum hum... é aquilo que liga e desliga?
 INQ.: Isso.
 INF.: É tomada mesmo.

A partir do trecho acima, é possível inferir que a lexia *tomada*, mencionada frequentemente na fala de informantes do sexo feminino, também assume a acepção de *interruptor*. Neste caso, a variante *tomada* é usada nas comunidades pesquisadas como “português normal” e “não-normativo”. Essa situação pode estar relacionada às atividades desempenhadas pelos informantes. Segundo Oliveira (2017), na Região Norte do Brasil, mais de 90% das profissões que envolvem manutenção elétrica são exercidas por homens. E, no caso das comunidades indígenas pesquisadas, esse índice pode aumentar para 100%, como foi evidenciado na análise de perfil dos informantes, no subcapítulo 5.1¹⁰⁴.

Deste modo, a predominância da lexia *interruptor* na fala dos informantes homens pode ser explicada com base nas atividades desempenhadas por esse grupo, que é adepto das atividades de manutenção elétrica; assim como, em função da lexia *interruptor* tratar-se de um termo técnico usado com frequência por eletricitistas, correspondendo, assim, ao uso do

¹⁰⁴ As profissões mencionadas pelas mulheres foram: agricultora, parteira, merendeira e professora.

“português normativo”. No que tange às informantes do sexo feminino, estas preferem usar a variante *tomada*, ressignificando o sentido “normativo”, e incorporando a mesma função estabelecida pela lexia *interruptor*.

iv) Denominações para *cueca* conforme variável sexo

O próximo item lexical corresponde às denominações para *cueca* em kheuól. A pergunta feita aos informantes buscou registrar como eles denominam “a roupa que homem usa debaixo da calça”. As respostas obtidas foram: *silip (silik)*, *kuek*, *txilot* e *pãtalõ*¹⁰⁵.

Tabela 11 – Ocorrências para *cueca*, em kheuól, conforme variável sexo

Variantes lexicais	Homem	Mulher
silip (silik)	11	8
kuek	7	11
txilot	1	0
pãtalõ	1	0

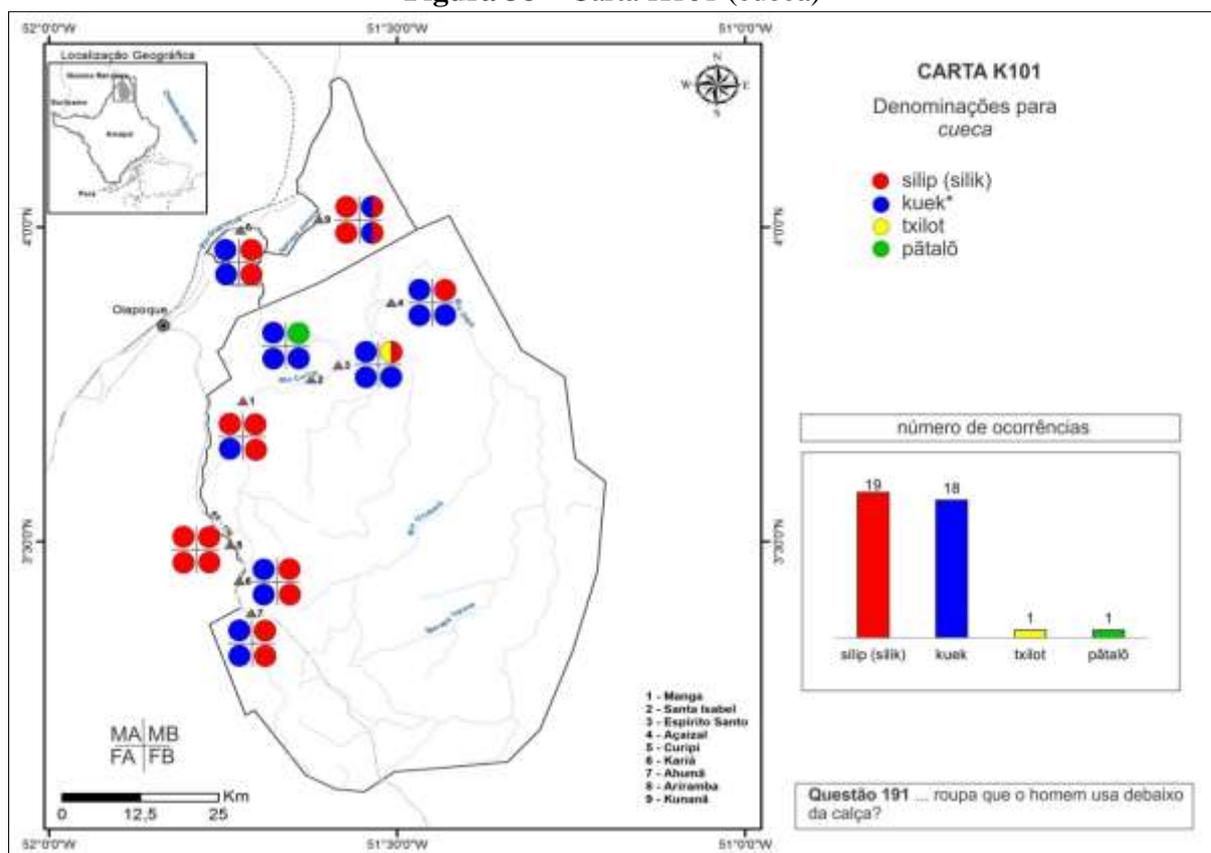
Fonte: Elaborada pelo autor.

Na Tabela 11, nota-se a ocorrência de duas variantes lexicais, recorrentes nas falas de ambos os sexos. A primeira diz respeito à variante *silip (silik)*, de origem francesa, *slip*¹⁰⁶, que obteve 11 ocorrências na fala de homens e 8 na fala de mulheres. A segunda corresponde à *kuek* que obteve 7 ocorrências na fala dos homens e 11 na fala das mulheres. A figura abaixo mostra essa distribuição diasssexual.

¹⁰⁵ Em francês, esta lexia é grafada como *pantalon*, e significa *calça*, em português. Como se trata de uma resposta dada por um informante acima de 50 anos, é preciso analisar com cautela, para não simplesmente descartar a possibilidade de considerar uma variante lexical para *cueca*, em kheuól. De forma intuitiva, acredito que *pãtalõ* pode ter uma explicação etnolinguística, como o fato de as pessoas mais idosas, sobretudo os homens, não usarem a vestimenta *cueca* como a conhecemos hoje, e sim, o *calção de dormir*, ou um calção.

¹⁰⁶ Significa *cueca*, em português.

Figura 38 – Carta K101 (cueca)



Fonte: Elaborada pelo autor.

Em suma, observa-se na Figura 38 a predominância de *silip (silik)* na fala dos homens, e *kuek* na fala das mulheres. Infere-se, portanto, com base na análise dialingual apresentada no subcapítulo 5.3.4, que a lexia *kuek* trata-se de empréstimo lexical do português, sendo usada por mulheres e por jovens, em geral¹⁰⁷. Essa tendência pode ser explicada de duas formas: em decorrência da utilização do tipo de indumento e/ou uma questão de tabu linguístico¹⁰⁸.

No primeiro caso, cita-se a peça de roupa íntima denominada de *cueca*, de uso, predominantemente, masculino, convencionado socioculturalmente. Essa experiência cultural e habitual do uso de *cuecas* por homens pode ter favorecido o uso lexical de *silip (silik)*, em *kheuól*, por indígenas do sexo masculino. A falta dessa experiência no mundo feminino indígena pode ter condicionado as mulheres indígenas a usarem o vocábulo *kuek*, sendo este, um empréstimo lexical do português, com adaptações fonológicas em *kheuól* (*cueca* > *kuekØ*).

¹⁰⁷ A dimensão diageracional será apresentada no próximo subcapítulo.

¹⁰⁸ Guérios (1979) caracteriza os tabus linguísticos como palavras que, segundo a crença popular, são carregadas de poderes sobrenaturais e, portanto, julgadas como tabus, razão por que o indivíduo falante deve abdicar de pronunciá-las, para não ser “atingido” pelas forças maléficas por elas evocadas.

No segundo caso, pode ter ocorrido uma questão tabuizada de sentimento moral, em decorrência da presença do inquiridor (masculino) frente à informante do sexo feminino, que se vê inibida a não pronunciar a lexia *silip* (*silik*), optando por *kuek*.

v) Denominações para *calcinha* conforme variável sexo

O penúltimo item analisado corresponde às denominações para *calcinha* em português. A pergunta feita aos informantes buscou registrar como eles chamam para “a roupa que a mulher usa debaixo da saia”. Como respostas obtidas, têm-se: *calcinha*, *biquíni* (*biquinho*) e *ánagua*.

Tabela 12 – Ocorrências para *calcinha*, em português, conforme variável sexo

Variantes lexicais	Homem	Mulher
calcinha	15	16
biquíni (biquinho)	3	1
ánagua	1	1

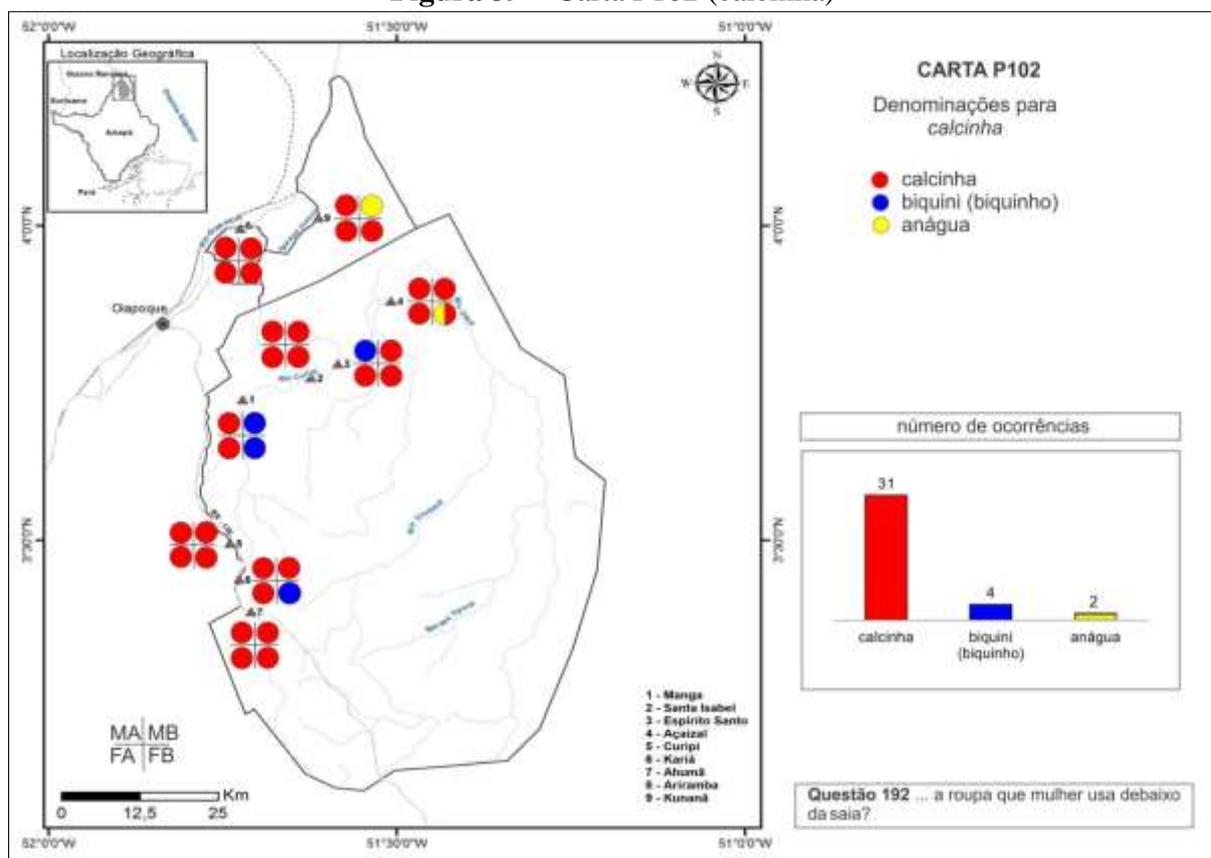
Fonte: Elaborada pelo autor.

A Tabela 12 apresenta três variantes lexicais para *calcinha* em português. A menos frequente consiste na adoção do termo *ánagua*, que ocorreu 2 vezes na fala de uma informante mulher de segunda faixa etária, e outra, na fala de um informante homem, de mesma faixa etária. De acordo com Nascentes (1955), *ánagua* é uma palavra de origem hispânica, mais precisamente, uma forma primitiva originária de Cuba (Del Castillo), ou do Haiti, podendo ser entendida como uma peça da indumentária feminina, utilizada por baixo da roupa (vestido ou saia), com o objetivo de inibir a transparência ou gerar volume. Mello (2018) afirma que até o século XIX as mulheres não usavam o que se conhece hoje como *calcinha*, sua única roupa íntima era a *ánagua*.

Com base nisso e nos dados do ALiB, infiro, como mostra Costa (2018, p. 128), que *ánagua* pode ser considerada termo-sinônimo de *calcinha*, sendo, em sua maioria, utilizado no repertório lexical de mulheres idosas. Há também outros trabalhos geolinguísticos que sustentam essa afirmação (CRISTIANINI, 2007; MILANI, REZENDE, CRUZ, SILVA, 2015; NASCIMENTO, 2016).

Das três variantes mapeadas, duas se destacam na fala de homens e mulheres. A variante *calcinha* apareceu com 15 ocorrências na fala de informantes do sexo masculino e com 16 ocorrências na fala de informantes do sexo feminino. Já a variante *biquíni* (*biquinho*) apareceu com 3 ocorrências na fala de informantes homens e 1 ocorrência na fala de uma informante mulher.

Figura 39 – Carta P102 (calcinha)



Fonte: Elaborada pelo autor.

O mapeamento apresentado acima aponta o uso predominante da variante *calcinha* na fala de informantes mulheres e homens. Todavia, vale destacar que, no caso da segunda variante, *biquíni (biquinho)*, esta ocorreu na fala de três informantes, sendo esses, do sexo masculino. O cenário pode ser explicado, a exemplo do que se verificou na análise do item anterior, a partir da constatação de que a peça de roupa íntima consiste em acessório usado majoritariamente por mulheres. No caso da menção ao termo *biquíni*¹⁰⁹, referido em maior parte por homens, friso a relação semântica com o vocábulo *calcinha*, que corresponde à peça de roupa íntima usada por mulheres. Segundo conceitua Houaiss (2009, p. 294): “1. maiô de duas peças de tamanho reduzido, que cobrem o busto e a parte inferior do tronco. 2. calcinha feminina de dimensões reduzidas”. Para os informantes do sexo masculino, *biquíni (biquinho)* tem a mesma correlação semântica com a lexia *calcinha*, por isso, a variante *biquíni (biquinho)* apareceu como segunda opção lexical na fala dos homens.

¹⁰⁹ Houaiss (2009, p. 294): “1. maiô de duas peças de tamanho reduzido, que cobrem o busto e a parte inferior do tronco. 2. Calcinha feminina de dimensões reduzidas”.

vi) Denominações para *rouge* conforme variável sexo

O último item lexical a ser analisado corresponde às denominações para *rouge* em português. Para isso, perguntei aos informantes como eles chamam “aquilo que as mulheres passam no rosto, nas bochechas, para ficarem mais rosadas”. As respostas obtidas foram: *pó compacto*, *maquiagem*, *blush* e *talco*.

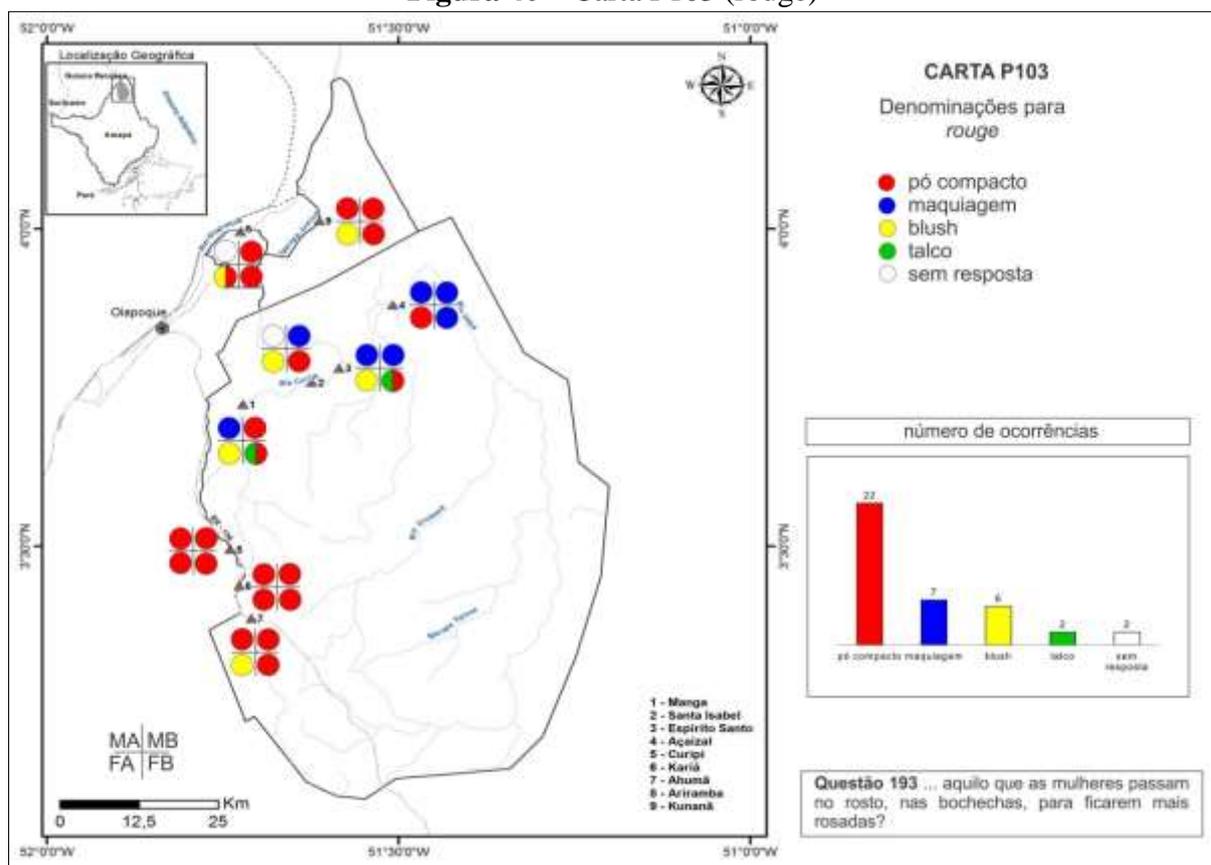
Tabela 13 – Ocorrências para *rouge* em Português

Variantes lexicais	Homem	Mulher
<i>pó compacto</i>	10	12
<i>maquiagem</i>	6	1
<i>blush</i>	0	6
<i>talco</i>	0	2

Fonte: Elaborada pelo autor.

A Tabela13 mostra que na fala de informantes de sexo masculino foram registradas as variantes *pó compacto* e *maquiagem*. Na fala de mulheres foram registradas, além daquelas mencionadas pelos homens, mais duas, *blush* e *talco*. Constatei que a menção feita à *pó compacto* ocorreu com leve tendência na fala de informantes do sexo feminino, com 12 ocorrências. No entanto, a variante *maquiagem* prevaleceu na fala de informantes de sexo masculino, com 6 ocorrências. Já as variantes *blush* e *talco* foram mencionadas somente na fala das mulheres, a primeira com 6 ocorrências e a segunda com 2 ocorrências. Essa distribuição pode ser conferida na Figura 40.

Figura 40 – Carta P103 (rouge)



Fonte: Elaborada pelo autor.

Diante das variantes lexicais registradas para o item *rouge*, é possível apontar algumas considerações a respeito dessas ocorrências na fala de homens e de mulheres. Em hipótese, infere-se que *pó compacto*, *blush* e *talco* são as variantes que predominam na fala de mulheres em decorrência do contato e da utilização do produto pelo grupo feminino. Vale ressaltar que no caso de *blush* e *talco*, outro fator social que pode condicionar o uso dessas variantes como a faixa etária¹¹⁰ dos informantes, uma vez que a variante *blush* predomina na fala de mulheres jovens, enquanto *talco* sobressai na fala de mulheres idosas.

Em relação à variante *maquiagem*, correlata à *maquilagem*¹¹¹, destacou-se na fala de informantes do sexo masculino. Segundo Houaiss (2009, p. 1240), *maquiagem* trata-se de um: “conjunto de produtos cosméticos usado para maquilar”. Conforme essa definição fica evidente que o uso da lexia *maquiagem*, em menção feita por homens, diz respeito à acepção genérica. A escolha lexical por *maquiagem*, presente na fala dos homens, certamente está associada ao pouco contato do grupo masculino com este produto, uma vez que se trata de um utensílio, majoritariamente, de uso feminino. Outra hipótese lançada a fim de explicar essa

¹¹⁰ Essa dimensão social será analisada no próximo subcapítulo.

¹¹¹ *maquiagem* é sinônimo/variante de *maquilagem*.

situação diz respeito aos tabus linguísticos¹¹². Acerca do item *rouge*, o universo masculino indica forte resistência na pronúncia de determinadas lexias, consideradas por eles do universo feminino. Como exemplo disso, tem-se a rejeição feita ao uso das variantes *blush* e *pó compacto*. Nesse sentido, é possível inferir que para o grupo masculino, especificar o nome dado a um produto de beleza usado por uma mulher enseja a possibilidade de que o homem possa ser julgado por seus pares, servindo de chacota, ou como alguém que também faz uso do produto. Essa resistência na fala dos homens torna visível a partir de entrevista concedida pelo informante 04MB, que durante o evento sugeriu que a pergunta fosse feita a sua esposa, posto que “a ela caberia dizer o nome do produto”.

INQ.: E como o senhor chama para aquilo que as mulheres passam no rosto pra ficar rosado?

INF.: ah! Isso aí eu não sei. Acho que é maquiagem.

INQ.: Mas não tem um nome específico pra isso? Ou é só maquiagem?

INF.: Só maquiagem mesmo... Pergunta pra ela aí (apontando para a esposa) que ela deve saber. Ela que usa isso.

INF.: O senhor só diz maquiagem mesmo?

INF.: Sim, só maquiagem... Isso é coisa de mulher (risos).

O trecho confirma a tabuização das variantes lexicais do item *rouge*, sobretudo, no que se refere ao da lexia *maquiagem*, considerada pelo informante 04MB como “coisa de mulher”, logo, intangível ao homem. Como forma de sintetizar a análise diasssexual até aqui apresentada, as cartas lexicais descritas acima evidenciam, em face do repertório lexical dos informantes indígenas, preferências pelo uso de determinadas variantes lexicais na fala de informantes do sexo feminino, assim como, exemplos de usos muitos específicos, presentes na fala de informantes do sexo masculino.

Uma alternativa para explicar as motivações de tais fatos, além da questão dos tabus linguísticos, condiz com a análise da variação linguística por meio das *redes de relacionamentos* ou *redes sociais*¹¹³ dos falantes. Isto é, quanto mais forte a rede de relacionamento entre os falantes, maiores são os mecanismos normativos. Assim, cheguei à conclusão de que o uso de determinadas variantes lexicais realizadas por falantes dos sexos masculino e feminino está associado à ocorrência da rede de relacionamentos e da interação

¹¹² “Há duas definições de tabu linguístico - própria e imprópria. Propriamente, o tabu linguístico é a proibição de dizer certo nome ou certa palavra, aos quais se atribui poder sobrenatural, para evitar infelicidade ou desgraça. Impropriamente, o tabu linguístico é a proibição de dizer qualquer expressão imoral ou grosseira. O primeiro é mágico-religioso ou de crença, e o segundo é moral ou de sentimento” (GUÉRIOS, 1979, p. 05).

¹¹³ Milroy (1987) estuda a variação linguística por meio da chamada *redes sociais*, que consiste numa análise dos relacionamentos informais dos indivíduos, ligados entre si, por meio de redes de relacionamentos, ou seja, quando os laços entre esses indivíduos são fortes, as redes atuam como mecanismos normativos. Em suas pesquisas sobre a comunidade de Belfast, percebeu que em um dos grupos estudados as mulheres apresentavam variáveis mais próximas do vernáculo do que os homens, o que foi explicado pelo fato dessas mulheres pertencerem a redes densas, em função de certas interações e da questão do trabalho.

dos informantes, ou seja, há variantes lexicais, a exemplo de: *pó compacto*, *blush* e *talco*, que predominaram na fala de informantes mulheres. Essas escolhas lexicais estão sujeitas, em sua maioria, às interações e experiências do grupo de informantes do sexo feminino com os produtos de beleza e vestimentas específicas, de modo que a rede de relacionamento entre elas é mais sólida do que a rede associada ao grupo masculino.

No caso de uso das variantes *abalet*, *interruptor* e *silip* (*silik*), a rede social, na qual se encontram os informantes, passa a ser fraca no grupo feminino e forte no grupo masculino, visto que a relação deste grupo com as variantes supracitadas possui correspondência direta com os espaços sociais onde eles estão inseridos, principalmente no que se refere aos papéis sociais desempenhados pelo homem. A respeito disso, tem-se o uso de *interruptor*, variante que predomina na fala de informantes homens, uma vez que evidencia a relação entre a atividade profissional de eletricista, e o sexo associado a esta profissão, a saber, majoritariamente desempenhada pelo grupo masculino.

Para finalizar, acredito que esse tipo de análise ainda careça de aprimoramento por parte dos pesquisadores interessados pelo estudo da Dialetologia, tendo em vista a complexidade dos fenômenos presentes nos dados coletados. Entendo, desta feita, que alguns processos possam ser explicados mediante a exploração da abordagem *geossociolinguística*, sem que, para isso, tenha que deixar de lado a contribuição dada por outros campos de conhecimento, considerados importantes na sustentação desta Tese, a exemplo da discussão travada neste subcapítulo, que leva em consideração questões de ordem sociológica, como os *tabus linguísticos* e as *redes sociais*.

5. 3. 3 ANÁLISE DA DIMENSÃO DIAGERACIONAL

Para análise da dimensão diageracional, demonstrarei aqui a configuração da variação lexical em relação à variável faixa etária, compreendida a partir do perfil dos informantes indígenas de 1ª faixa etária (18-30 anos) e 2ª faixa etária (acima de 50 anos). O objetivo consiste em observar as tendências de usos lexicais expressos na fala de informantes de ambas as faixas etárias, levando em consideração o auxílio de dicionários históricos e etimológicos da língua portuguesa e do kheuól.

As cartas lexicais, dentre as quais se verifica tendência de variação diageracional, correspondem aos seguintes itens: *garoa*; *neblina*; *anoitecer*; *caminho*; *mutum*; *boi sem chifre*; *úbere*; *cisco*; *fanhoso*; *vomitar*; *madrasta*; *pessoa pouco inteligente* e *coador de café*¹¹⁴. O quadro abaixo mostra o número da carta e o item lexical a ser observado.

Quadro 23 – Cartas lexicais selecionadas para análise diageracional

Nº carta	Item lexical	Nº carta	Item lexical
11	garoa	45	cisco
13	neblina	51	fanhoso
15	anoitecer	57	vomitar
23	caminho	71	madrasta
31	mutum	73	pessoa pouco inteligente
40	boi sem chifre	79	coador de café
41	úbere	-	-

Fonte: Elaborado pelo autor.

Com base no quadro acima, selecionei uma amostra de seis cartas lexicais (quatro em português e duas em kheuól), para exemplificar o modo como se configura a dimensão diageracional na área indígena *Karipuna*. Assim, foram concebidas e analisadas: i) CARTA K31 (*mutum*); ii) CARTA P40 (*boi sem chifre*); iii) CARTA P41 (*úbere*); iv) CARTA P57 (*vomitar*); v) CARTA P71 (*madrasta*); e vi) CARTA K73 (*pessoa pouco inteligente*).

i) Denominações para *mutum* conforme variável idade

O primeiro item lexical analisado corresponde às denominações para *mutum* em kheuól. Perguntei aos informantes como eles chamam “ave parecida com uma galinha, de cor preta e bico amarelo”. Com base nisso, obtive duas respostas: *oko* e *mutõ*.

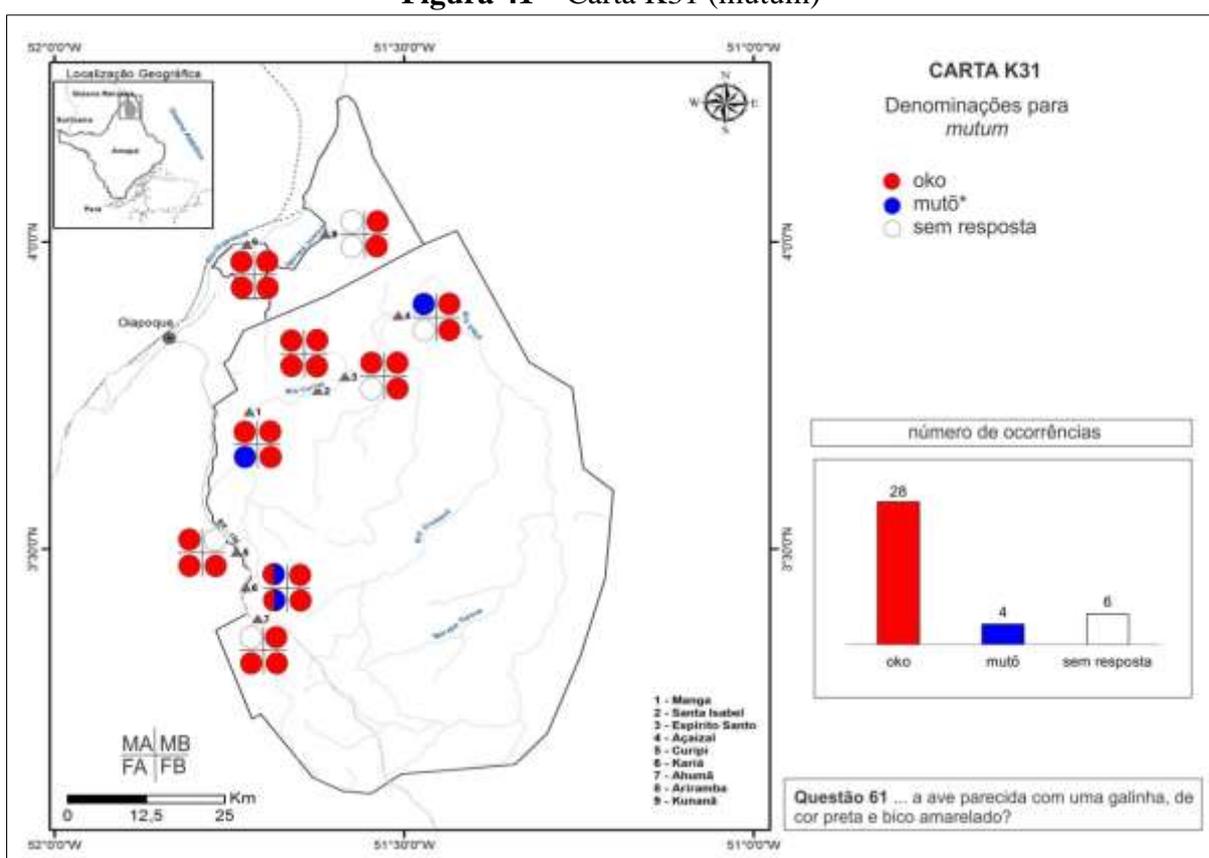
¹¹⁴ Para apreciação das cartas, o leitor deve consultar o segundo volume da Tese.

Tabela 14 – Ocorrências para *mutum* em Kheuól

Variantes lexicais	I Faixa etária	II Faixa etária
oko	11	17
mutõ	5	0

Fonte: Elaborada pelo autor.

A Tabela 14 mostra que a variante *oko* ocorreu 11 vezes na fala de informantes de 1ª faixa etária e 17 vezes na fala de informantes de 2ª faixa etária. Já a variante *mutõ* foi mencionada apenas na fala de informantes de 1ª faixa etária, com 5 ocorrências. A Figura 41 ilustra essa configuração, conforme o perfil dos informantes e as localidades que foram pesquisadas. Diante dessas informações, é possível verificar que somente do lado esquerdo da cruz de estratificação, no qual estão situados os informantes de 1ª faixa etária, houve a ocorrência de *mutõ* (cor azul), que não aparece do lado direito da cruz, no qual estão situados os informantes de 2ª faixa etária.

Figura 41 – Carta K31 (*mutum*)

Fonte: Elaborada pelo autor.

O resultado apresentado acima aponta o uso de duas denominações para a ave *mutum*, em KH, *oko* e *mutõ*. No entanto, Montejo (1988, p. 77) registra apenas a ocorrência da lexia *oko*, em kheuól, para designar *mutum*. Os dados lexicais apresentados demonstram que a

variante *mutõ* está sendo incorporada ao kheuól¹¹⁵ por meio de falantes indígenas jovens, como parte do processo de empréstimo lexical do português local, posto que essa variante não foi mencionada por informantes de 2ª faixa etária, e tampouco se encontra dicionarizada, tratando-se assim, de uma inovação lexical induzida por falantes jovens.

ii) Denominações para *boi sem chifre* conforme variável idade

O próximo item corresponde às denominações para *boi sem chifre* em português. Busquei saber como os informantes chamam “um boi que não tem chifres”. As respostas dadas por eles foram: *mocho* e *boi sem chifre*.

Tabela 15 – Ocorrências para *boi sem chifre* em português

Variantes lexicais	I Faixa etária	II Faixa etária
mocho	4	15
boi sem chifre	7	2

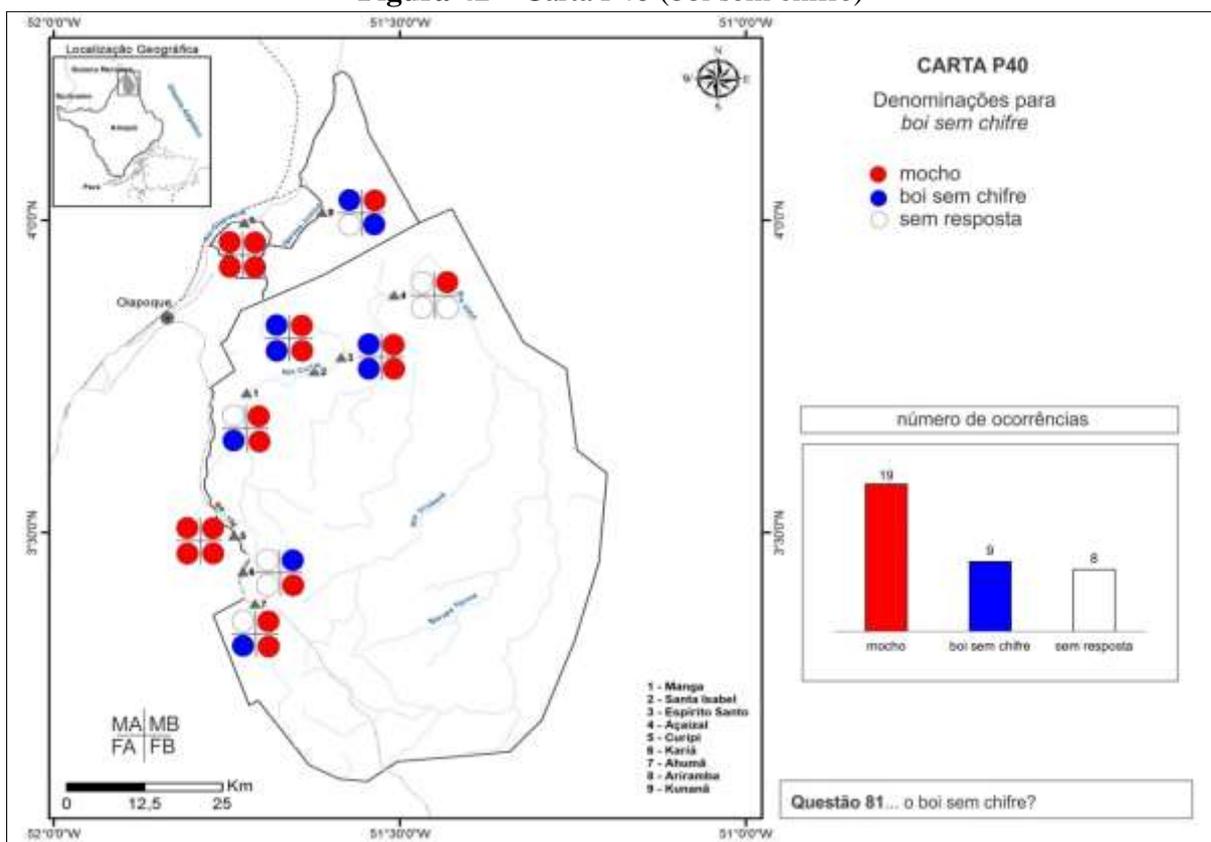
Fonte: Elaborada pelo autor.

A Tabela 15 evidencia que a variante *mocho* ocorreu 4 vezes na fala de informantes de 1ª faixa etária e 15 vezes na fala de informantes de 2ª faixa etária. Para a variante *boi sem chifre* foram registradas 7 ocorrências na fala de informantes de 1ª faixa etária e 2 na fala de informantes de 2ª faixa etária.

A Figura 42 mostra a configuração diageracional para o item lexical *boi sem chifre*, na qual a variante *mocho* (cor vermelha) predominou na fala de informantes indígenas de 2ª faixa etária, enquanto a variante *boi sem chifre*, acompanhada da ausência de respostas, foi marcada na fala de informantes de 1ª faixa etária (cor azul). Vale ressaltar que nas aldeias Curipi (05) e Ariramba (08) os informantes mencionaram somente a variante *mocho*.

¹¹⁵ Neste caso, observa-se o empréstimo lexical do português com adaptações fonológicas em kheuól, como *mutum* > *mutõ* (a vogal posterior alta nasal [ũ] é substituída pela vogal posterior média-alta nasal [õ]).

Figura 42 – Carta P40 (boi sem chifre)



Fonte: Elaborada pelo autor.

Do ponto de vista etimológico, a lexia *mocho* foi registrada nos dicionários de Silva Pinto (1832) e de Cunha (1982). Em Silva Pinto (1832), a lexia *mocho* é tratada como adjetivo que se refere à mutilação dos cornos (chifres). Em consonância com esta acepção, Cunha (1982) também apresenta *mocho* como sendo um adjetivo proveniente do castelhano, significando “sem cornos”, “que tem falta de algum membro”.

Ao consultar os demais dicionários etimológicos, a exemplo de Nascentes (1955), *mocho* tem sua origem no latim, *murculus* > *murcus*. Segundo este autor, o vocábulo foi usado por Amiano Marcelino (séc. IV), e designava “uma pessoa que tinha seu polegar amputado por não querer seguir a vida de milícia”.

Diante desses dados, é possível levantar a hipótese de que, em área indígena *Karipuna*, boa parte dos informantes de 2ª faixa etária tende a manter lexias do português usado em séculos anteriores, a exemplo do uso do vocábulo *mocho*, empregado para designar *boi sem chifre*. Já nos informantes de 1ª faixa etária, observei três cenários diferentes: 1) tendem a não conhecer nenhuma das variantes mapeadas (com 7 registros de ausência de resposta); 2) denominam de *boi sem chifre*; e/ou 3) mantém o uso de *mocho* (4 ocorrências), do modo como fazem os informantes de 2ª faixa etária. Essa situação pode ser explicada, também pelo

contato do informante com os meios rural e urbano. No caso de *mocho*, os informantes da 2ª faixa etária parecem ter mais conhecimento do universo rural, uma vez que todos são agricultores e, em sua maioria, com estudos incompletos. Já os informantes de 1ª faixa etária, que usam a lexia *boi sem chifre*, possuem maior contato com o meio urbano, provocado pela busca de trabalho na cidade de Oiapoque, assim como, pela formação escolar, já que, em boa parte das aldeias pesquisadas, as escolas indígenas só ofertam o ensino fundamental I, com exceção da aldeia Manga.

iii) Denominações para *úbere* conforme variável idade

O terceiro item corresponde às denominações para *úbere* em português. Perguntei aos informantes como eles chamam “a parte da vaca onde fica o leite”. As respostas obtidas foram: *peito*, *úbere*¹¹⁶, *teta* e *seio*.

Tabela 16 – Ocorrências para *úbere* em português

Variantes lexicais	I Faixa etária	II Faixa etária
peito	10	10
úbere	3	10
teta	4	1
seio	1	0

Fonte: Elaborado pelo autor.

A Tabela 16 apresenta dados relevantes sobre a variação diageracional, sobretudo, em relação às variantes *úbere* e *teta*. A variante *úbere* obteve 3 ocorrências na fala de informantes de 1ª faixa etária e 10 na fala de informantes de 2ª faixa etária. A variante *teta* obteve 4 ocorrências na fala de informantes de 1ª faixa etária e 1 ocorrência na fala de uma informante de 2ª faixa etária. Com isso, é possível dizer que há uma leve tendência de uso dessas variantes lexicais por informantes de faixas etárias distintas, com a predominância da variante *úbere* na fala de informantes mais idosos, e de *teta*, na fala de informantes mais jovens.

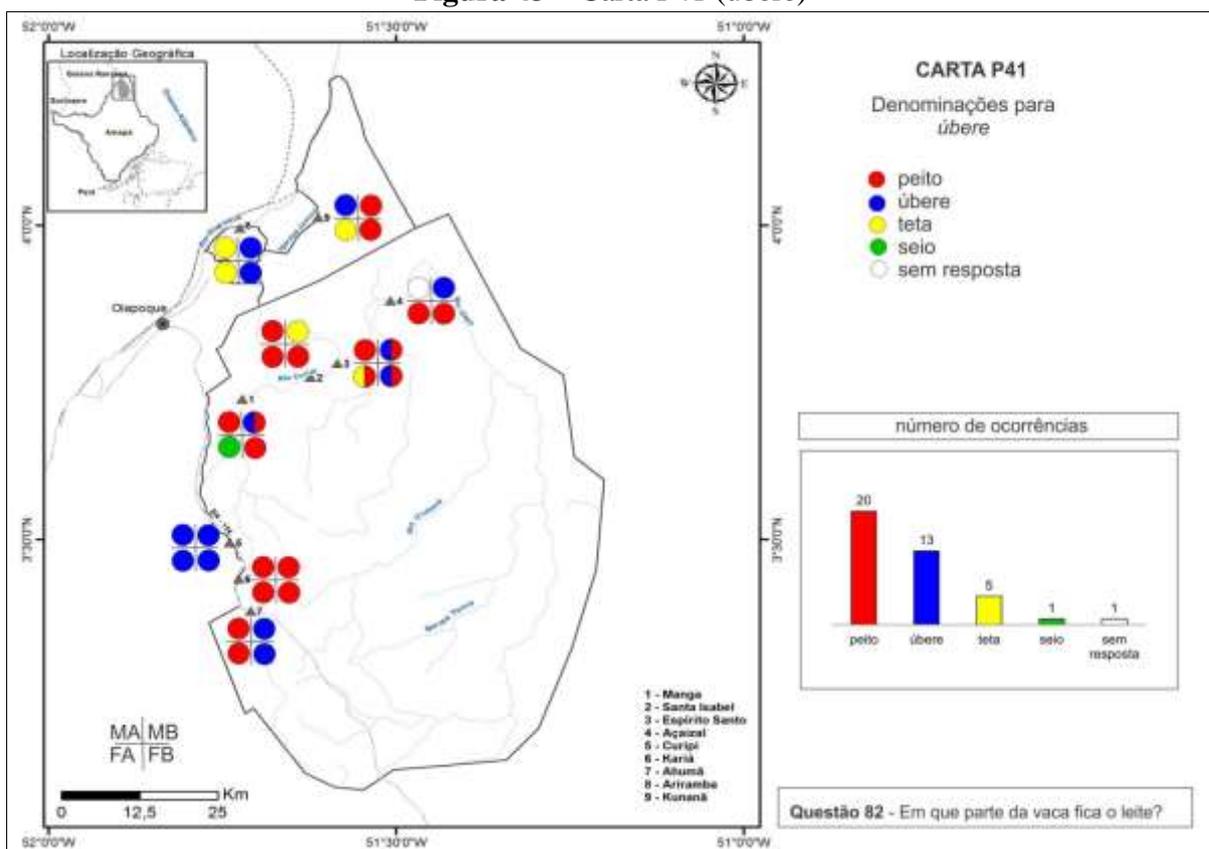
Etimologicamente, essas duas lexias têm suas origens no latim. Nascentes (1955, p. 513) apresenta *úbere* como “aquilo que é produtivo, fértil”, enquanto Silva Pinto (1832) registra os vocábulos *úbre* ou *úbere* como formas para denominar a teta do animal. No caso da lexia *teta*, Nascentes (1955) aponta como forma primária do latim, ou seja, *tetta*, usada para designar os seios das mulheres, aceção que se repete no espanhol, *teta*, e em italiano, *tetta*.

¹¹⁶ Vale lembrar que esta lexia está sendo grafada conforme a língua portuguesa “normativa”, no entanto, todos os informantes responderam “ubri”, como se observa na transcrição grafemática no volume II desta Tese (p. 89).

Para Silva Pinto (1832), *teta* é uma variante de *mama*, o reconditório do leite da fêmea do animal.

Conforme descrito acima, as variantes *úbere* e *teta* são formas antigas, provenientes do latim, e que, em vista da área indígena *Karipuna*, nota-se leve preferência de uso dessas lexias por grupos etários distintos, o primeiro grupo (1ª faixa etária) prefere o uso de *teta* e o segundo grupo (2ª faixa etária) prefere o uso de *úbere* (*ubri*).

Figura 43 – Carta P41 (úbere)



Fonte: Elaborada pelo autor.

Essa configuração da dimensão diagerancional para o item *úbere*, principalmente no que diz respeito às variantes *úbere* e *teta*, mostra que não é possível falar de inovação lexical por parte dos falantes jovens, como apontado durante análise das denominações para o item *mutum*, pois, em ambas as lexias há vinculações históricas com o latim, ao passo que também fazem parte do repertório lexical desses informantes. Todavia, é possível destacar a conservação lexical de formas antigas na fala desses informantes.

iv) Denominações para *vomitar* conforme variável idade

O quarto item corresponde às denominações para *vomitar* em português. Procurei saber como os informantes se reportam a “uma pessoa que come muito e sente que vai pôr/botar para fora o que comeu”. Por meio disso, obtive as seguintes respostas: *vomitar* (*romitar*), *baldear* e *provocar*. Como mostra a tabela a seguir.

Tabela 17 – Ocorrências para *vomitar* em português

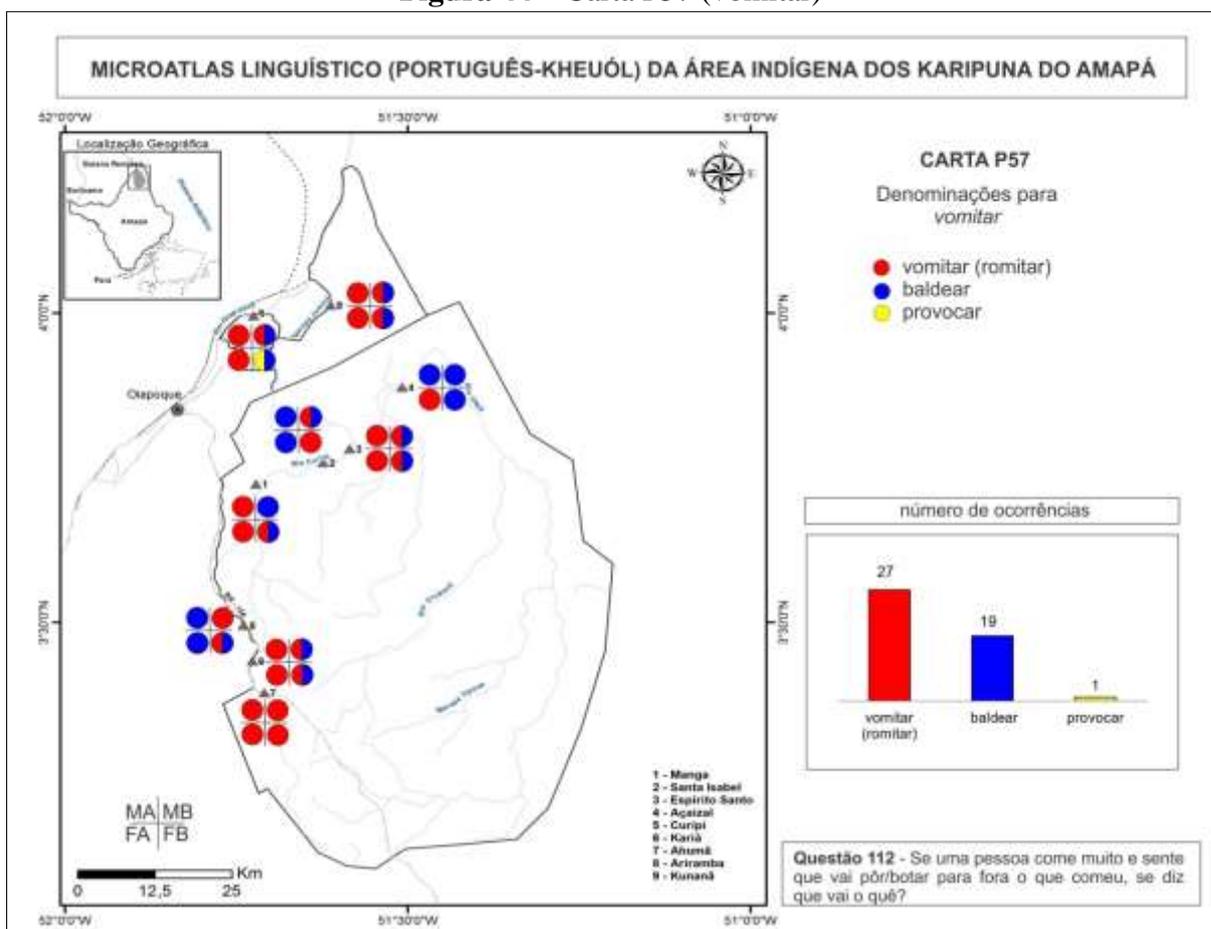
Variantes lexicais	I Faixa etária	II Faixa etária
vomitar (romitar)	13	14
baldear	3	14
provocar	0	1

Fonte: Elaborado pelo autor.

Com base na Tabela 17, constatei que a variante *vomitar* (*romitar*)¹¹⁷ obteve 13 ocorrências na fala de informantes de 1ª faixa etária e 14 na fala de informantes de 2ª faixa etária. Em seguida, *baldear* obteve 3 ocorrências na fala de informantes de 1ª faixa etária e 14 na fala de informantes de 2ª faixa etária. Por último, *provocar* ocorreu somente 1 vez na fala de um informante de 2ª faixa etária. A Figura 44 ilustra a configuração diageracional das variantes lexicais.

¹¹⁷ Esta lexia foi considerada como variante de vomitar e ocorreu apenas uma vez na fala de uma informante jovem da aldeia Açaizal, ponto 04.

Figura 44 – Carta P57 (vomitar)



Fonte: Elaborada pelo autor.

A partir da análise dos dados, constatei que a variante *vomitar* (*romitar*) ocorreu de forma equilibrada nas falas de ambas as faixas etárias, ao contrário de *baldear*, que predominou na fala de informantes de 2ª faixa etária. A respeito desta última variante, verifiquei alguns registros em dicionários do português dos séculos XIX e XX, como em Silva Pinto (1832, p. 136) que registra o vocábulo *baldear* para designar o ato de molhar ou passar de um balde para outro. E no dicionário de Figueiredo (1913, p. 246) que apresenta *baldear* como o ato de passar líquidos, de um vaso para outro, e também, como sinônimo de *vomitar*. Sobre a etimologia da lexia *baldear*, não foi possível identificar sua origem, contudo, há registros em Nascentes (1955) para a lexia *balde*, de origem do latim, *balde* > *batulo*.

No caso de *vomitar*, esta também foi registrada por Silva Pinto (1832, p. 1110), de modo a possuir como significado: “lançar pela boca com esforço o que está no estômago”. Em Nascentes (1955), *vomitar* é uma palavra que tem sua origem associada ao latim, *vomitare*. Esses dados apontam que tanto *baldear* quanto *vomitar* são lexias de séculos passados, e que ainda hoje são usados em nosso cotidiano. No caso da área indígena *Karipuna*, há um quadro interessante a ser observado: informantes de 1ª faixa etária preferem

o uso da variante *vomitar*, enquanto os de 2ª faixa etária, adotam a variante *baldear*, que coocorre com a variante *vomitar*, mencionada pelo mesmo grupo etário. Desse modo, essa coocorrência das variantes *baldear* e *vomitar* na fala de informantes indígenas mais idosos, numa perspectiva de mudança em tempo aparente, permite dizer que a lexia *vomitar*, com o passar dos anos, pode se tornar a variante predominante, talvez exclusiva, a ser falada na comunidade indígena dos *Karipuna*, independente da faixa etária. Já a forma *baldear* tende a desaparecer, conforme o esvaecimento de seus falantes, uma vez que os mais jovens não a usam.

v) Denominações para *madrasta* conforme variável idade

O penúltimo item selecionado diz respeito às designações empregadas pelos informantes a fim de fazer menção ao termo *madrasta* em português. Não obstante, fiz a seguinte pergunta: “quando um homem fica viúvo e casa de novo, o que a segunda mulher é para os filhos que ele já tinha?”. As respostas obtidas foram: *madrasta* e *tia*.

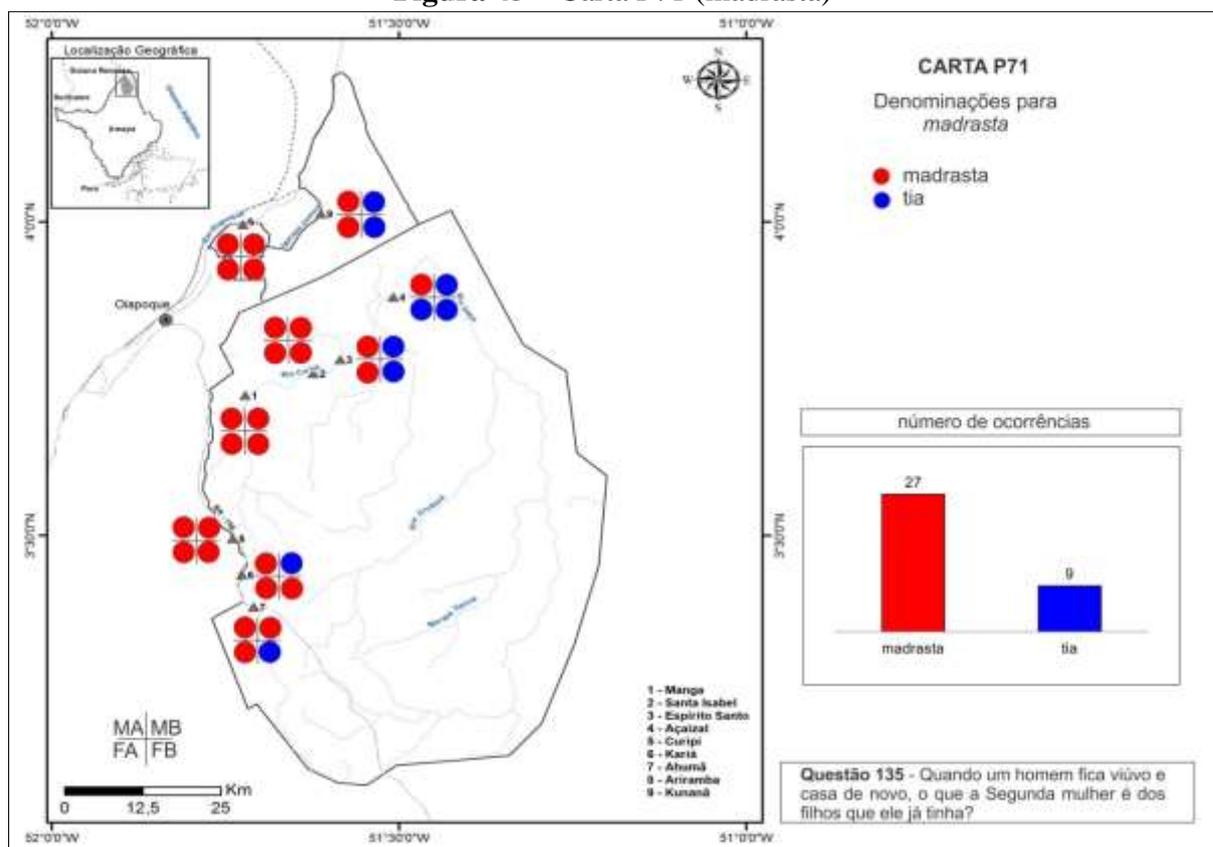
Tabela 18 – Ocorrências para *madrasta* em português

Variantes lexicais	I Faixa etária	II Faixa etária
madrasta	17	10
tia	1	8

Fonte: Elaborado pelo autor.

De acordo com a Tabela 18, a variante *madrasta* ocorreu 17 vezes na fala do grupo etário I e 10 vezes na fala do grupo etário II. Já a variante *tia* obteve 1 ocorrência fala do grupo etário I, e 8 ocorrências no grupo etário II. Essa distribuição pode ser constatada na figura abaixo.

Figura 45 – Carta P71 (madrasta)



Fonte: Elaborada pelo autor.

A carta P71 mostra que a variante mais frequente foi *madrasta*, com 27 ocorrências, seguida de *tia* com 9 ocorrências. Com base nesses dados, é conveniente notar que a primeira variante predominou na fala de informantes do grupo etário I, e a segunda, na fala do grupo etário II. Esse quadro revela questões de ordem etnolinguística, já que a análise etimológica e conceitual dos vocábulos é insuficiente, no que concerne em explicar as motivações do registro de *madrasta*, na fala de indígenas jovens, e de *tia*, na fala de indígenas mais idosos.

Na consulta feita aos trabalhos histórico-etimológicos do português¹¹⁸, a lexia *madrasta* tem sua origem no latim (*matrastra*) (CORTESÃO, 1900; NASCENTES, 1955), de forma a designar “mulher casada com viúvo, a quem ficarão filhos da primeira mulher” ou a “mãe pouco carinhosa” (SILVA PINTO, 1832, p. 1242). Já a variante *tia*, ora aparece como termo que remete ao grego, *theios*, ora, fazendo menção ao latim, *thiu*, utilizado para designar um indivíduo em relação a outrem, de cujo pai ou mãe é irmão (FIGUEIREDO, 1913).

Em termos etimológicos e conceituais, a lexia *madrasta* apresenta o mesmo sentido usado por indígenas *Karipuna*, diferentemente da lexia *tia*, que tem seu sentido ligado às relações parentais de ordem consanguínea, irmã de pai ou de mãe. No entanto, a explicação

¹¹⁸ Silva Pinto (1832), Cortesão (1900), Figueiredo (1913) e Nascentes (1955).

para o uso da variante *tia*, presente na fala de informantes de 2ª faixa etária, pode ser compreendida com base nas relações de parentesco e sociabilidade dos *Karipuna* (cf. subcapítulo 2.2). Para Tassinari (2003), a organização social dos *Karipuna* se manifesta nas tendências de casamento:

[...] de um lado, há o movimento de fechamento no interior do grupo local endogâmico, com o estabelecimento de uniões avunculares ou entre primos, baseadas no ideal de “não espalhar o sangue”. De outro lado há a extrema abertura desse grupo à exterioridade, a partir de alianças com cônjuges “de fora”, englobando não apenas aqueles de outros grupos locais *Karipuna*, mas também de outras etnias ou mesmo não índios (TASSINARI, 2003, p. 11).

A autora também afirma que as comunidades *Karipuna* se consideram idealmente uma comunidade consanguínea, mesmo que nesta haja membro não-índigena. Com base nisso, levanto a hipótese de que, quando um homem indígena se casa mais de uma vez, com uma indígena ou não-indígena, o cônjuge passa a ser considerada membro consanguíneo da comunidade, uma vez que viverá como uma *Karipuna*. Daí o entendimento de que a segunda mulher do homem viúvo se tornará a *tia* (em português) ou *tã* (em *kheuól*), dos filhos daquele, uma vez que a nova esposa passa a integrar o grupo familiar/local, tornando-se a “segunda mãe” dos filhos do marido. Lembro ainda que esta concepção etnolinguística diz respeito aos informantes de 2ª faixa etária, já que, no caso dos de 1ª faixa etária, nota-se preferência acentuada pelo uso da variante *madrasta*.

vi) Denominações para *pessoa pouco inteligente* conforme variável idade

O último item analisado diz respeito às designações para *pessoa pouco inteligente* em *kheuól*. Busquei saber como os informantes chamam “uma pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas”. As respostas obtidas foram: *kuiõ*, *tet du*, *sot* e *pa konet*¹¹⁹.

Tabela 19 – Ocorrências para *pessoa pouco inteligente* em *kheuól*

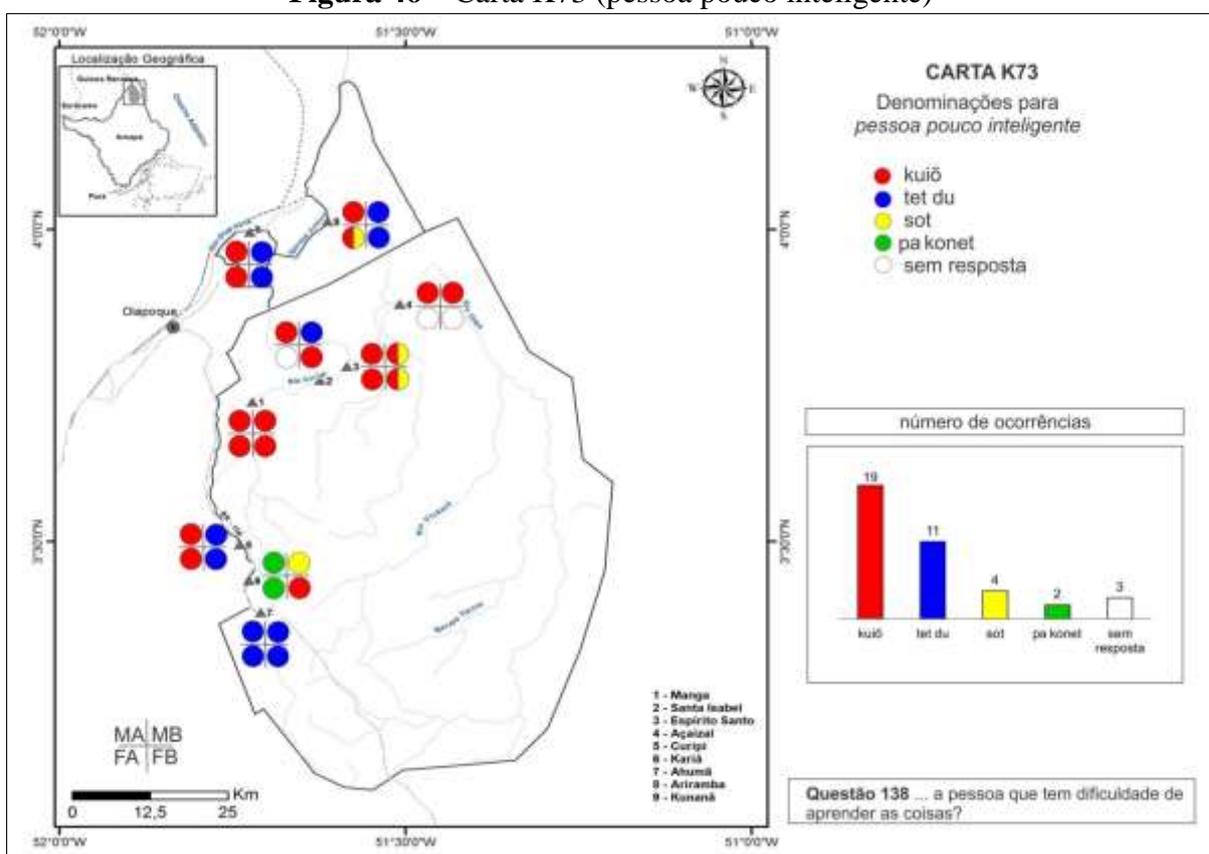
Variantes lexicais	I Faixa etária	II Faixa etária
<i>kuiõ</i>	12	7
<i>tet du</i>	2	9
<i>sot</i>	1	3
<i>pa konet</i>	2	0

Fonte: Elaborado pelo autor.

¹¹⁹ A lexia *kuiõ* foi a única que não apareceu dicionarizada em Motejo (1998), mas esta pode representar em Português a mesma acepção para uma pessoa “burra” ou “besta”. A autora dicionarizou formas como *tet* (cabeça), *du* (duro), *sot* (matuto, palerma, bobo), *pa* (marca de negação) e *konet* (conhecimento, saber).

A Tabela 19 mostra que *kuiõ* foi a variante mais mencionada pelos indígenas, ocorrendo 12 vezes na fala de informantes de 1ª faixa etária e 7 vezes na fala de informantes de 2ª faixa etária. A próxima variante foi *tet du*, que obteve 2 ocorrências na fala de informantes de 1ª faixa etária, e 9 ocorrências na fala de informantes de 2ª faixa etária. Em seguida, tem-se *sot*, com 1 ocorrência na fala de informante de 1ª faixa etária e 3 na fala de informantes de 2ª faixa etária. Por último, menos frequente, tem-se *pa konet*, referida 2 vezes na fala de informantes de 1ª faixa etária. Essa configuração está expressa na figura abaixo.

Figura 46 – Carta K73 (pessoa pouco inteligente)



Fonte: Elaborada pelo autor.

Com base no mapeamento acima, é possível inferir que os informantes de 1ª faixa etária preferem o uso das variantes *kuiõ* e *pa konet*, já os informantes de 2ª faixa etária preferem as variantes *tet du* e *sot*. Diante dessas informações, e tendo em vista a dicionarização dessas lexias, é preciso enfatizar duas delas: *kuiõ* e *tet du*. A variante *kuiõ* parece se tratar de uma lexia nova, recentemente incorporada ao vocabulário kheuól por meio dos indígenas de 1ª faixa etária. Enquanto *tet du*, já dicionarizada por Montejo (1988), ocorreu na fala de indígenas de 2ª faixa etária.

No decorrer da análise diageracional, busquei evidenciar tendências de usos lexicais registrados na fala de informantes de grupo etário I (18-30 anos) e do grupo etário II (acima de 50 anos). Os resultados mostraram a existência de usos lexicais específicos para cada grupo etário, sendo esses usos não exclusivos. As marcações de variantes lexicais predominantes na fala de informantes de 1ª faixa etária e de 2ª faixa etária vêm sendo compreendidas pela geolinguística, sob a abordagem da identidade social postulada por Hoffnagel (1999)¹²⁰. Este autor acredita que o discurso media as identidades estabelecidas e materializadas pela língua. Essa perspectiva também é adotada por Paim (2009; 2012a; 2012b), a fim de explicar os dados geolinguísticos.

[...] o léxico possibilita a observação da leitura que uma comunidade faz de seu contexto e preservação de parte da memória sócio-histórica e linguístico-cultural da comunidade, além de permitir o registro e a documentação da diversidade lexical e geolinguística do Português falado no Brasil (PAIM, 2012, p. 282).

Compreender a dimensão faixa etária em dados geolinguísticos, assim como a dimensão diasssexual, tornou-se um processo complexo para os dialetólogos, uma vez que envolve o manejo de abordagens de caráter cultural, social e psicológico.

Na perspectiva de caráter cultural, existe a concepção de que os idosos devem ter um papel específico na sociedade em que vivem, de acordo com a tradição cultural a que pertence; na segunda perspectiva, a de caráter social, há a visão de que a sociedade possui uma postura em relação aos idosos e, de demais grupos etários; e por último, na perspectiva de caráter psicológico individual, encontramos a ideia de que uma pessoa é tão velha quanto imagina ser (PAIM, 2012, p. 283).

Diante dessas três perspectivas, os resultados apresentados aqui, sobretudo os relacionados aos informantes de 2ª faixa etária, têm como base o uso de abordagem cultural, uma vez que a preservação da memória sócio-histórica das comunidades indígenas pesquisadas passa a ser compreendida a partir do repertório lexical de seus falantes (português e kheuól), considerando, em especial, os de 2ª faixa etária que preferem o uso de formas lexicais que marcam suas identidades sociais, como é caso das variantes: *mocho*, *úbere* (*úbre*), *baldear* e *tet du*.

Outro ponto a ser destacado envolve questões de ordem linguístico-cultural ou etnolinguística, como mencionei na análise do item *madrasta*, em que a forma *tia*, usada em português para se referir à *madrasta*, foi explicitada com base na organização sociocultural dos *Karipuna*.

¹²⁰ [...] a identidade social é formada de uma gama de *personae* sociais que pode ser invocada ou atribuída ao longo da vida, não sendo, portanto, fixa nem categórica, pois um indivíduo pode evidenciar aspectos diferentes como faixa etária, sexo, profissão, etc., dependendo de com quem se está interagindo (HOFFNAGEL, 1999, p.81).

5. 3. 4 ANÁLISE DA DIMENSÃO DIALINGUAL

Para proceder à análise da dimensão dialingual, considerei os dados lexicais do português e do kheuól, com objetivo de identificar empréstimos lexicais da língua portuguesa no kheuól, e vice-versa. Essa discussão está embasada pelos postulados sobre contato de línguas e empréstimos linguísticos, apresentados no capítulo 3.

Com base na classificação de processos de empréstimos lexicais (WINFORD, 2003), busquei identificar no *corpus* do microatlas linguístico produzido para esta Tese (cf. vol. 2) os tipos de empréstimos lexicais encontrados no português e no kheuól. O volume 2 da Tese apresenta cerca de 106 cartas lexicais em língua portuguesa e em kheuól. Essas cartas, além de evidenciarem a variação diatópica, diageracional e diassexual, demonstram também a variação dialingual, ou seja, a interinfluência lexical do português sobre o kheuól, assim como, do kheuól sobre o português.

Neste sentido, identifiquei lexias que podem ser procedentes do kheuól presentes no repertório lexical do português, e vice-versa. Essa identificação foi feita de modo a considerar os seguintes critérios: a) base etimológica das lexias com a utilização de dicionários etimológicos¹²¹, dicionário de nheengatu¹²², dicionário de créolo francês¹²³ e atlas linguísticos regionais¹²⁴, evidenciando a origem das lexias, quando estas tinham suas formas escritas registradas; b) frequência de realização das lexias, quando estas se apresentavam com predominância no português e com baixa frequência no kheuól; c) estado sincrônico das variedades investigadas, considerando o uso linguístico ou o repertório linguístico atual dos entrevistados indígenas, jovens e idosos, tendo em vista que o kheuól só foi registrado em sua forma escrita na década de 1980.

Por meio dos critérios elencados, foram encontradas lexias de base portuguesa ou de língua geral amazônica presentes no kheuól, e lexias de base kheuól ou de base híbrida (não identificável) localizadas no português falado na área indígena dos *Karipuna*. Desta forma, organizei um quadro apontando a base lexical, o tipo de empréstimo e as lexias emprestadas.

¹²¹ Cunha (1982).

¹²² Stradelli (2014).

¹²³ Pinalie (2009).

¹²⁴ Cruz (2004), Silva (2005), Razky, Ribeiro e Sanches (2017), Silva (2018), Maia (2018), Karlberg (2018) e Dias (2017).

Quadro 24 – Tipos de empréstimos do português sob o kheuól

Base lexical →	Léxico de base portuguesa ou nheengatu em kheuól	Léxico de base crioula (kheuól) na língua portuguesa	Léxico híbrido em kheuól
Tipo de empréstimo →	Pures loanwords (<i>empréstimos de palavras puras</i>)	Pures loanwords (<i>empréstimos de palavras puras</i>)	Loanblends (<i>misturas de empréstimos</i>)
Lexias Empréstadas	raio; carrinho de mão; baladeira; pata-cega; jiral; pó compacto; bar; tauari;	arukamã; butu; tek tek	sehên; tâjerin; mutõ; pikot; lâbik; petek; papagai; pip; balãse; vaz; privad; sutxiê; kuek; bikin; êvalid, traves; satã, demõ, vizaj, tramel, cabine, sêkâtê, baget, blush, huj, traves

Fonte: Elaboração do autor.

O Quadro 24 sintetiza os tipos de empréstimos lexicais encontrados nas duas variedades investigadas. Assim, extrai do *corpus* coletado para este estudo uma amostra de 34 lexias, no sentido de exemplificar os empréstimos considerados como *pure loanwords* (estrangeirismos puros) e como *loanblends* (misturas de empréstimos). Em relação ao primeiro tipo de empréstimo, foram identificadas 13 lexias, sendo 10 palavras de base lexical portuguesa, francesa ou de língua geral amazônica (nheengatu), que foram incorporadas ao português atual, e que fazem parte do vocabulário kheuól, como: *raio*, *carrinho de mão*, *baladeira*, *pata-cega*, *jiral*, *pó compacto*, *bar*, *tauari*, *blush* e *ruge*. E a ocorrência de 3 variantes, de base crioula (kheuól), que foram incorporadas ao português dos *Karipuna*, como: *arukamã*, *butu* e *tek tek*.

Para as lexias classificadas como *loanblends* (misturas de empréstimos), identifiquei 21 palavras, dentre essas: *sehên*, *tâjerin*, *mutõ*, *pikot*, *lâbik*, *petek*, *papagai*, *pip*, *balãse*, *vaz*, *privad*, *sutxiê*, *kuek*, *bikin*, *êvalid*, *traves*, *vizaj*, *tramel*, *cabine*, *baget* e *traves*. Estas apresentam uma base lexical híbrida, podendo ser de língua francesa (Guiana Francesa), língua portuguesa, kheuól, ou de fonte desconhecida. Acredito que o contato linguístico intenso entre o francês, o português e o kheuól, sobretudo, entre as duas últimas variedades, pode ter contribuído para a origem de variantes lexicais híbridas, que reconhecem a mistura de traços fonético-fonológicos.

Quadro 25 – Misturas de empréstimos

Lexias	Misturas de traços fonético-fonológicos
1. sehên	ocorreram processos fonológicos na lexia <i>sereno</i> em Português, com substituição do tepe alveolar [r] por uma fricativa glotal surda [h] e o apagamento da vogal em final de palavra [o].
2. tâjerin	ocorreu processo fonológico na lexia <i>tangerina</i> em Português, com o apagamento da vogal central baixa oral em final de palavra [a].

3. mutõ	ocorreu processo fonológico na lexia <i>mutum</i> em Língua Geral Amazônica, com substituição de uma vogal alta posterior nasal [ũ] por uma vogal média posterior nasal [õ].
4. pĩtad	ocorreu processo fonológico na lexia <i>pintada</i> em Português, com apagamento da vogal central baixa oral em final de palavra [a].
5. pikot	ocorreu processo fonológico na lexia <i>picote</i> em Português, com apagamento da vogal anterior média-alta oral em final de palavra [e].
6. lâbik	ocorreu processo fonológico na lexia <i>lambiqueiro</i> em português, com o apagamento do morfema <i>-eiro</i> .
7. petek	ocorreu processo fonológico na lexia <i>peteca</i> em português, com apagamento da vogal central oral em final de palavra [a].
8. papagai	ocorreu processo fonológico na lexia <i>papagaio</i> em português, com o apagamento da vogal posterior média-alta oral em final de palavra [o].
9. pip	adaptações fonológicas da lexia <i>pipa</i> em português, com apagamento da vogal central oral em final de palavra [a].
10. balãse	ocorreu processo fonológico na lexia <i>balanço</i> em português, com substituição da vogal posterior média-alta oral em final de palavra [o] pela vogal anterior média-alta oral [e] ou alta [i] em final de palavra.
11. vaz	ocorreu processo fonológico na lexia <i>vazo</i> em português, com apagamento da vogal posterior média-alta oral em final de palavra [o].
12. privad	ocorreu processo fonológico na lexia <i>privada</i> em português, com apagamento da vogal central oral em final de palavra [a].
13. kabin	ocorreu processo fonológico na lexia <i>cabine</i> em português, com apagamento da vogal média-alta anterior oral [e].
14. sutxiẽ	ocorreu processo fonológico na lexia <i>sutiã</i> em português, com substituição da vogal central nasal [ã] em final de palavra pela vogal média anterior [ẽ].
15. kuek	ocorreu processo fonológico na lexia <i>cueca</i> em português, com apagamento da vogal central oral em final de palavra [a].
16. bikin	ocorreu processo fonológico na lexia <i>biquíni</i> em português, com apagamento da vogal alta anterior oral [i] em final de palavra.
17. êvalid	ocorreu processo fonológico na lexia <i>inválido</i> em português ou <i>invalide</i> em francês, com apagamento da vogal em final de palavra [o] ou [e].
18. traves	ocorreu processo fonológico na lexia <i>travessa</i> em português, com apagamento da vogal central oral em final de palavra [a].
19. visaj	ocorreu processo fonológico na lexia <i>visagem</i> em português ou <i>visage</i> em francês, com apagamento da vogal média oral ou nasal em final de palavra [ẽ, e].
20. tramel	ocorreu processo fonológico na lexia <i>tramela</i> em português, com apagamento da vogal central oral em final de palavra [a].
21. baget	ocorreu processo fonológico na lexia <i>baguete</i> em português, ou <i>baguette</i> em francês, com apagamento da vogal em final de palavra [e].

Fonte: Elaborado pelo autor.

Por ora, destaco que a classificação dos empréstimos lexicais apresentada acima é passível de adaptação e/ou correção, tendo em vista que se trata de uma análise experimental a partir do arcabouço teórico da área de contato linguístico aplicado aos dados geolinguísticos, e que carece de aprofundamento, principalmente em relação à etimologia de determinadas lexias que não se sabe a qual língua pertence. Entretanto, de modo preliminar, efetuo a seguinte classificação mediante adoção de perspectiva sincrônica das variedades investigadas.

Os resultados apresentados até o momento da análise da dimensão dialingual evidenciam a possibilidade de encontrar no repertório lexical dos informantes indígenas bilíngues a ocorrência de empréstimos lexicais de dois tipos: *loanwords pure* (estrangeirismos

puros) e *loanblends* (misturas de empréstimos). Esses fenômenos foram identificados por meio da intercomparação de cartas lexicais em português e em kheuól (vol. 2). Isso possibilitou constatar forte predominância do léxico da língua portuguesa sobre o kheuól, reforçando a hipótese de que o português vem atuando como língua dominante na área indígena dos *Karipuna do Amapá*.

5. 3. 5 ANÁLISE DO REPERTÓRIO LEXICAL DOS INFORMANTES

Para execução desta análise, meu objetivo consistiu em identificar o modo como se configura o repertório lexical dos informantes em relação ao uso de lexias em português e em *kheuól*. Entende-se *repertório lexical* como conceito que se baseia na acepção de *repertório verbal*, formulada por Trudgill e Campoy (2007, p. 277):

Término referido a la totalidad de las variedades lingüísticas utilizadas por una determinada comunidad de habla en diferentes situaciones y con fines también distintos. Dichos repertorios incluyen diversos estilos, e incluso - en las comunidades bidualéctales o diglósicas - diferentes dialectos, o - en las comunidades multilingües - diferentes lenguas. Las comunidades evidencian la amplitud de sus repertorios verbales mediante el cambio de código¹²⁵.

De modo mais restrito, adoto o termo *repertório lexical* a fim de me referir ao desempenho de usos lexicais específicos, tendo em vista os informantes bilíngues de uma mesma comunidade de fala. Neste caso, a análise do repertório lexical possui como parâmetro a ausência e a presença de respostas dadas pelos informantes bilíngues ao *Questionário Semântico-Lexical (QSL)*. O resultado poderá ratificar os dados em relação à situação sociolinguística (cf. subcapítulo 5.2) dos informantes quanto ao uso do português e do *kheuól*, indicando o fortalecimento ou enfraquecimento linguístico de ambas as variedades utilizadas pelo povo *Karipuna do Amapá*.

Comumente, nos trabalhos geolinguísticos, a análise decorrente da ausência de resposta, em sua maioria, é deixada para segundo plano quando comparada à análise da presença de respostas fornecidas pelos informantes. Se a presença de respostas possibilita mapear e descrever (quantitativo e qualitativamente) o polimorfismo linguístico, a ausência possibilita evidenciar até que ponto é possível identificar os usos lexicais feitos numa comunidade de fala por informantes de perfil social distinto (sexo, faixa etária, escolaridade, profissão, etc.). Com isso, a análise da ausência de respostas é tão importante quanto à análise da presença de respostas.

Sobre essas questões, Ziamandanis (1999), busca distinguir a ausência de resposta e o desconhecimento de resposta:

¹²⁵ Termo referido à totalidade de variedades linguística utilizadas por uma determinada comunidade de fala em diferentes situações e com finalidades distintas. Os ditos repertórios incluem diversos estilos, e até mesmo - em comunidades bidualéctais ou diglósicas - diferentes dialetos, ou - em comunidades multilingües - diferentes línguas. As comunidades evidenciam a amplitude de repertórios verbais mediante a mudança de código (TRUDGILL; CAMPOY, 2007, p. 277) (Tradução minha).

En los atlas lingüísticos del mundo hispanohablante, se recogen dos fenómenos que han recibido poca atención: la falta de respuesta y el desconocimiento. [...] a primeira vista, los dos fenómenos, la falta de respuesta y el desconocimiento, parecen tener resultados parecidos. Efectivamente, lo que el investigador recoge en ambos casos es el silencio. No obstante, el investigador recoge en ambos casos es el silencio. No obstante, el investigador distingue entre dos tipos de silencio. El primero, la falta de respuesta, ocurre cuando el informante no puede acceder mentalmente al vocábulo. Indica que el vocablo forma parte del vocabulário suplementario del informante; no es de acceso fácil y rápido. Por otra parte, em uma encuesta de más de 1400 preguntas, esta falta de respuesta también puede ser al resultado de factores externos: el informantes está agotado, aburrido o simplemente flojo (ZIAMANDANIS, p. 656, 1999)¹²⁶.

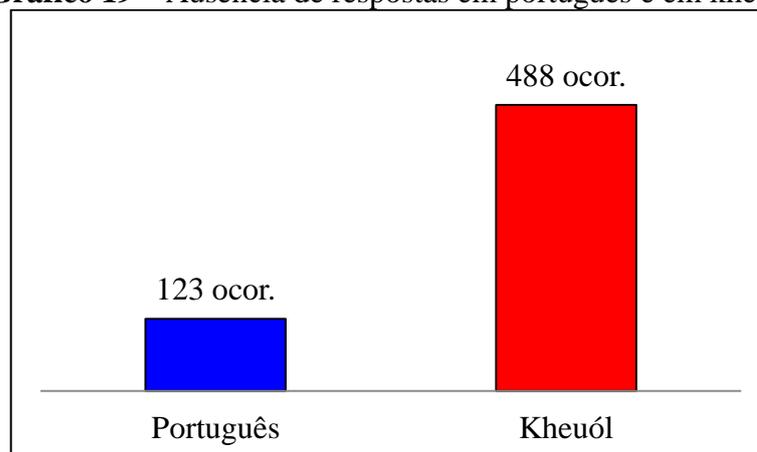
Apesar da autora considerar a ausência de resposta e o desconhecimento de respostas como aspectos diferentes, ambos estão ligados ao silêncio que o informante fornece durante a entrevista.

Assim, para atingir o objetivo desta análise, não farei essa distinção de Ziamandanis (1999), pois considerarei a ausência de resposta como equivalente ao desconhecimento de resposta, já que o foco é mostrar apenas a configuração dessa ausência de resposta em relação às variantes lexicais do português e do kheuól. Em outro momento, esta distinção apontada pela autora poderá ser feita a partir de uma análise minuciosa das gravações dos inquéritos, com base na abordagem cultural e cognitiva dos dados geolinguísticos.

Vale destacar que, no Brasil, em relação a esse tipo de estudo, há uma inexpressiva preocupação em analisar a ausência de respostas, já que são poucos os trabalhos publicados a tratar da análise das não-respostas, ou da ausência de respostas, entre os quais, devo citar os estudos de Aguilera e Yida (2008) e de Oliveira, Costa e Paz (2018).

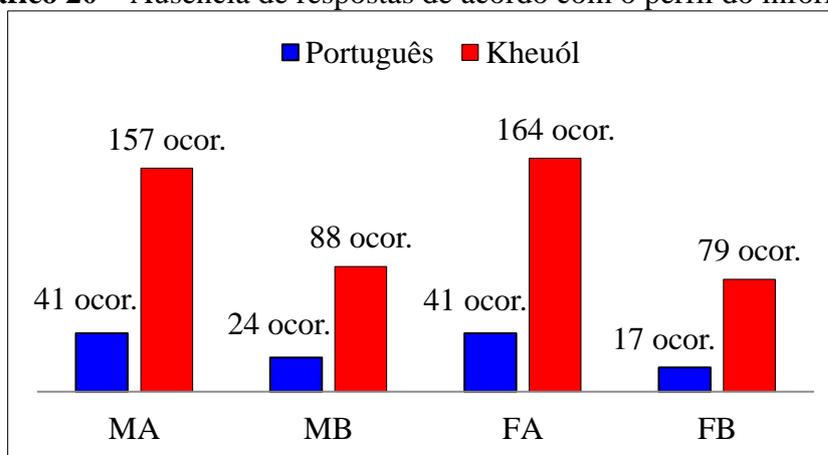
Tendo em vista a necessidade de analisar a ausência de respostas, mediante checagem do banco de dados coletados para esta pesquisa, constatei que as ausências de respostas dos informantes, em relação às denominações lexicais em português, correspondem a 3,17%. Em kheuól, esse número sobe para 12,78% de respostas não obtidas. Quando comparados aos números de ocorrência correspondentes à ausência de respostas nas duas variedades, os dados mostram que essa porcentagem representa o total de 123 ocorrências em português e 488 em kheuól.

¹²⁶ “Nos atlas lingüísticos do mundo sobre a língua espanhola, dois fenômenos coletados recebem pouca atenção: falta de resposta e o desconhecimento. [...] à primeira vista, os dois fenômenos, falta de resposta e desconhecimento, parecem ter resultados semelhantes. De fato, o que o pesquisador coleta em ambos os casos é o silêncio. No entanto, o pesquisador recolhe dois tipos de silêncio. O primeiro, a falta de resposta, ocorre quando o informante não consegue acessar mentalmente o vocábulo. Indica que a palavra faz parte do vocabulário suplementar do informante; não é um acesso fácil e rápido. Por outro lado, em uma pesquisa com mais de 1.400 perguntas, essa falta de resposta também pode ser o resultado de fatores externos: os informantes estão exaustos, entediados ou simplesmente desinteressados” (ZIAMANDANIS, p. 656, 1999) (Tradução minha).

Gráfico 19 – Ausência de respostas em português e em kheuól

Fonte: Elaborado pelo autor.

Com base nos dados da Tese, verifiquei sobre qual perfil do informante predomina ausência de resposta. O gráfico a seguir mostra que, tanto no caso do português, como no kheuól, a frequência de não-respostas está centrada no perfil dos informantes de 1ª faixa etária (jovens), independente da variável sexo.

Gráfico 20 – Ausência de respostas de acordo com o perfil do informante

Fonte: Elaborado pelo autor

Nos informantes de sexo masculino de 1ª faixa etária (MA), a ausência de respostas totaliza 41 ocorrências em PT e 157 em KH. Nos informantes de sexo masculino de 2ª faixa etária (MB), esse número diminui para 24 ocorrências em PT e 88 em KH. Já para as informantes de sexo feminino de 1ª faixa etária (FA), a ausência de respostas conta com 41 ocorrências em PT e 164 em KH. Por último, nos informantes do sexo feminino, de 2ª faixa etária (FB), constatei número menor de ausência de resposta, no total de 17 ocorrências em PT e de 79 em KH.

Esses resultados mostram que, no nível lexical, os informantes tendem a responder um maior número de perguntas em português que em kheuól, ou seja, há um fortalecimento do

repertório lexical em português e um enfraquecimento do repertório lexical em kheuól. Isso ratifica a análise apresentada no subcapítulo 5.2 acerca do perfil sociolinguístico dos informantes, que observa a predominância do uso da língua portuguesa por informantes de 1ª faixa etária, em detrimento do kheuól, mais usada por informantes de 2ª faixa etária.

O enfraquecimento do repertório lexical em kheuól pode ser explicado por diversos fatores, como o baixo grau de transmissão do kheuól para as novas gerações, tendo em vista a forte presença do português em área indígena e a falta de políticas públicas/linguísticas que busquem fortalecer o ensino-aprendizagem do kheuól nas aldeias.

Essa ausência de respostas em kheuól pode também estar relacionada aos aspectos de nível cultural e cognitivo do falante, como o desconhecimento de respostas por não compartilhar das mesmas experiências de mundo do inquiridor; o não entendimento da pergunta feita ou não representação mental do vocábulo sugerido; além dos fatores subjetivos de cada informante, como o cansaço, o desinteresse pela entrevista, ou a forma como o questionário foi aplicado. Espera-se, futuramente, que se possa fazer uma análise mais detalhada da ausência de respostas, levando em consideração os fatores culturais, históricos, sociais e subjetivos dos informantes.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente Tese é composta por dois volumes. O volume 1 contempla a introdução, a discussão teórica, os procedimentos metodológicos e a apresentação dos resultados. O volume 2 reúne o conjunto de cartas linguísticas, evidenciando a variabilidade léxica do português (PT) e do kheuól (KH). Trata-se de um microatlas linguístico da área indígena pertencente aos *Karipuna do Amapá*, elaborado a partir do mapeamento geolinguístico de 106 itens lexicais do português e do kheuól.

No que tange ao referencial teórico do trabalho, apresentado nos capítulos 2 e 3 (vol. 1), faço um levantamento de fontes históricas sobre a região do Oiapoque-AP, enfatizando as relações sociais, culturais e linguísticas do povo indígena *Karipuna*. Isto serviu de base para compreender a complexidade linguística dessa área multicultural, onde coexistem indígenas e não-indígenas de grupos étnicos e famílias linguísticas diferentes.

No entorno do município de Oiapoque-AP, assim como no próprio município, foi possível verificar a presença indígena marcante de etnias *Karipuna*, *Palikur*, *Galibi-Marworno* e *Galibi Kali'nã*. Esses povos possuem contato frequente com a cidade de Oiapoque, uma vez que migram temporariamente para estudar, trabalhar, cuidar da saúde, comercializar produtos, etc, sendo, por isso, comum entre eles, o contato com o não-indígena, seja brasileiro, seja estrangeiro. Em alguns casos, os indígenas da Guiana Francesa estabelecem relações de proximidade com os indígenas brasileiros, ora motivado pelo casamento interétnico, ora motivado pelo desentendimento familiar que os obriga a migrar para o lado brasileiro.

A história do povo indígena *Karipuna*, por meio dos documentos e fontes históricas sobre o percurso linguístico dessa população, provoca interpretações duvidosas, sem saber ao certo a origem da variedade falada pelos *Karipuna*. Contudo, há relativo consenso entre os estudiosos acerca da ideia que situa a existência de uma variedade crioula resultante do francês guianês, influenciada pelo português local e por outras línguas de/em contato na região do Oiapoque.

Ainda na discussão teórica, no curso do capítulo 3, defendi a existência de uma Dialetoлогия Geral que engloba perspectivas diferentes como a Dialetologias Estrutural, Gerativa, Social, Perceptual e Contatual. Em decorrência disso, a Dialetoлогия no Brasil vem aderindo às novas abordagens teóricas e metodológicas, buscando acompanhar as mudanças históricas, geográficas, sociais, culturais e políticas do país, que, de certo modo, têm

contribuído para a consolidação de uma Dialectologia moderna que responde às mudanças de paradigmas.

Sobre os procedimentos metodológicos, no capítulo 4 (vol. 1), apresentei o percurso da pesquisa geolinguística realizado na área indígena dos *Karipuna* que compreende a seleção das localidades, a elaboração dos instrumentos de pesquisa, a seleção dos informantes, o tratamento dos dados e a cartografia linguística. Este último processo foi o mais complexo, uma vez que deveria ser pensado de forma clara e objetiva para que a leitura das cartas lexicais se tornasse acessível e de fácil compreensão dos fenômenos linguísticos, principalmente na identificação das interinfluências lexicais entre o português e o kheuól, possibilitando visualizar a configuração da variação lexical em comunidades tradicionais bilíngues.

Em relação ao capítulo 5 (vol. 1), apresentei nele os resultados da pesquisa e suas respectivas análises. Esse capítulo foi distribuído em três longos subcapítulos. No primeiro (5.1) analisei o perfil social dos informantes entrevistados, concluindo que a maioria deles reside na aldeia de origem e que seus pais procedem das aldeias Santa Isabel (ponto 02) e Espírito Santo (ponto 03). Os dados mostram também que cerca de 50% dos entrevistados tem o ensino fundamental completo ou incompleto, a maioria atua na agricultura e tem como prática religiosa os fundamentos do catolicismo. No que tange ao contato com as mídias de comunicação, boa parte dos informantes assiste à televisão, “todos os dias”, ouve rádio “às vezes” e “nunca” teve acesso ao jornal e/ou à revista impressa.

No segundo subcapítulo (5.2) os resultados revelam que o uso do português é predominante na área indígena quando comparado ao uso do kheuól. Essa forte presença do português na área indígena dos *Karipuna* pode ser explicada com base em fatores históricos da região do Oiapoque, como as políticas indigenistas executadas pelo Serviço de Proteção aos Índios – SPI (atual FUNAI). Esse órgão tinha como propósito “abrasileirar” os povos indígenas da região do Oiapoque, chegando a proibir o uso do kheuól e impondo o uso do português. Essa situação teve impacto negativo no que se refere à vitalidade do kheuól, reduzindo assim o número de indígenas falantes dessa variedade.

No terceiro subcapítulo (5.3) apresentei quatro tipos de análise (diatópica, diassexual, diagénica e dialingual) e um levantamento do repertório lexical dos informantes. Na análise da dimensão diatópica, os resultados, relacionados à amostra das cartas linguísticas, evidenciaram que a variação lexical do português estabelecida na área indígena dos *Karipuna*, na maioria dos casos, tem relação direta com os usos lexicais estabelecidos em áreas urbanas do estado do Amapá. Como mostra a Figura 21 sobre as denominações para *garoa*, cuja

variante *chuvisco* foi cartografada como predominante em dez localidades urbanas¹²⁷ do Amapá, e também aparece como predominante em nove aldeias da etnia *Karipuna*. No entanto, esta situação não é uma regra que se estabelece em todos os itens lexicais mapeados. Pois, há variantes lexicais que não foram cartografadas ou registradas no Atlas Linguístico do Amapá (ALAP), mas ocorrem como variantes predominantes na área indígena dos *Karipuna*. É caso da variante *tauari*, situada pela Figura 29. Esta variante não foi registrada no ALAP, porém, aparece como forma predominante na área indígena.

Ainda neste tipo de análise, avaliei a configuração dos agrupamentos lexicais seguindo os pressupostos teóricos que os sustentam. Acredito que, a partir da abordagem da geolinguística moderna, seja pluridimensional/contatual, seja geossociolinguística, torne-se inviável sustentar a ideia de isoglossas ou isolexias que desconsidera a variabilidade léxica inerente às comunidades de fala. Os resultados têm mostrado que numa mesma área geográfica há mais de uma variante lexical falada por diferentes informantes, o que dificulta criar linhas imaginárias com base em apenas uma variante lexical (predominante), sem considerar as demais usadas em menor frequência.

Sobre os resultados da análise da dimensão diasssexual, constatei que no repertório lexical dos informantes indígenas há preferências de determinadas variantes lexicais na fala de informantes do sexo feminino como *pó compacto*, *blush* e *talco*, assim como também há usos muitos específicos presentes na fala de informantes do sexo masculino, como *abalet*, *interruptor* e *silip* (*silik*). E para explicar as motivações dessas variantes adotei as discussões sobre tabus linguísticos e a análise de redes sociais dos falantes.

Na análise da dimensão diageracional, identifiquei tendências de usos lexicais característicos na fala de informantes de grupo etário I (18-30 anos) e do grupo etário II (acima de 50 anos), porém, não são usos exclusivos. Os resultados foram compreendidos sob uma abordagem de identidade social, já que é no discurso que as identidades são estabelecidas e materializadas. Essa abordagem foi explicitada tendo por base as variantes lexicais do repertório de falantes indígenas de 2ª faixa etária, na qual preferem o uso de formas lexicais que marcam sua identidade social, como: *mocho*, *úbere* (*úbre*), *baldear*, e *tet du*. Outro ponto destacado envolve questões de ordem linguístico-cultural ou etnolinguística, para a forma *tia*, usada em português para se referir à *madrasta*.

A respeito da análise da dimensão dialingual, observei no repertório lexical dos informantes indígenas bilíngues a presença de empréstimos lexicais de dois tipos: *pure*

¹²⁷ O ALAP estodou apenas as áreas urbanas, tendo como pontos de inquérito as sedes dos dos municípios.

loanwords (estrangeirismos puros) e *loanblends* (misturas de empréstimos). Esses fenômenos foram identificados por meio da intercomparação de cartas lexicais em português e em kheuól (vol. 2), e possibilitou ratificar a forte predominância do léxico da língua portuguesa sobre o léxico do kheuól, sustentando a hipótese de que o português vem atuando como língua dominante na área indígena dos *Karipuna do Amapá*.

Para finalizar a apresentação dos resultados, fiz um levantamento descritivo da ausência de respostas em relação ao QSL e cheguei à conclusão que, no nível lexical, os informantes tendem a responder um maior número de perguntas em português do que em kheuól, indicando assim que há um fortalecimento do repertório lexical em português e um enfraquecimento do repertório lexical em kheuól.

É certo que esta Tese apresenta a possibilidade de expansão do diálogo acerca do estudo em destaque, principalmente no que diz respeito ao aprofundamento da análise dos resultados. Em termos dialetológicos, esta pesquisa apresenta um avanço teórico-metodológico, tendo em vista os inúmeros estudos geolinguísticos de caráter estritamente descritivos. Isso me faz acreditar que podemos fazer uma Dialectologia de caráter explicativo, interpretativo ou hipotético, mas para isso precisamos dialogar com outras ciências e teorias que nos ajudem a compreender os fenômenos linguísticos.

Com base nos resultados elencados aqui consegui responder as seguintes questões que nortearam o trabalho. A primeira delas diz respeito à aplicação do modelo de Dialectologia Pluridimensional e Contatual em área indígena com falantes bilíngues. Diante dos resultados obtidos, afirmo que o modelo supracitado não apresentou limitações e que é um modelo adaptável, oportunizando o controle de variáveis/dimensões linguísticas e extralinguísticas fornecidas pelo *locus* da pesquisa. Isso possibilitou verificar a variação diatópica, diageracional, diagenérica e dialingual.

A segunda questão pretendia identificar as orientações metodológicas adotadas para a cartografia linguística, uma vez que se trata de um atlas linguístico de contato. Assim, durante o processo cartográfico do trabalho, foram encontradas falhas na elaboração das cartas linguísticas, sobretudo em relação ao mapeamento da variação lexical em PT e em KH. O principal problema foi cartografar duas variedades em uma mesma carta, o que tornou a leitura e a interpretação dos dados lexicais incompreensíveis, em decorrência do grande número de informação que o leitor precisaria absolver para compreender os fenômenos lexicais. Tendo em vista essa dificuldade, a opção mais adequada foi mapear, separadamente, as variantes lexicais faladas em PT e as variantes lexicais faladas em KH, possibilitando, assim, a comparação das cartas e dos fenômenos linguísticos.

A terceira questão buscava saber como se configura a variação lexical do português de contato com o kheuól e vice-versa. Como resposta, os resultados mostram que a variação lexical do português e do kheuól na fala de indígenas *Karipuna* apresentam particularidades condicionadas por diferentes variáveis sociais e geográficas. Há variantes lexicais descritas no trabalho que se comportam de forma diferente a depender da variável que a condiciona, seja esta interna, seja esta externa à língua. Com isso, foi possível pensar em tendências de uso por meio da comparação de dados lexicais com outros de natureza geolinguística, como as variantes lexicais cartografadas para o Atlas Linguístico do Amapá (ALAP), que possibilitou inferir que nas localidades indígenas *Karipuna* os falantes tendem a usar variantes lexicais do português local, falado na região ou no entorno das comunidades. Em relação às variantes lexicais em kheuól, ainda é preciso coletar mais dados para que se possa comparar e assim postular tendências de uso, uma vez que o kheuól também é falado pela etnia *Galibi Marworno* e por indígenas que vivem na Guiana Francesa.

A quarta questão pretendia mostrar como se configura o bilinguismo entre os *Karipuna do Amapá*. Para isso, os dados confirmam que a língua portuguesa atua como língua dominante, enquanto o kheuól, como língua dominada, constatação que indica a forte tendência ao monolinguismo presente no perfil de informantes indígenas jovens, já que estes tendem a usar com mais frequência o PT do que o KH.

O conjunto desses resultados confirma a tese de que, a partir do mapeamento lexical, e sob a perspectiva da Dialetoлогия Pluridimensional e Contatual e da geossociolinguística, o português falado no Amapá apresenta-se como variedade dominante nas sociedades indígenas da região do Oiapoque, principalmente nas áreas que correspondem ao grupo dos *Karipuna do Amapá*.

Acredito que este trabalho é relevante do ponto de vista social e científico. Do ponto de vista social, pode contribuir para a conscientização linguística das comunidades *Karipuna* que, aos poucos, vem percebendo o esvaecimento do uso do kheuól por falantes indígenas jovens, dando lugar ao uso do português. Desta forma, será possível a utilização do material coletado para esta Tese como ponto de partida para elaboração de materiais didáticos em parceria com professores indígenas e pesquisadores especializados na temática, a fim de colaborar com as políticas educacionais para o ensino do kheuól nas escolas indígenas *Karipuna*. No que se refere à relevância científica, o trabalho pode subsidiar novos estudos na área da Dialetoлогия, Geolinguística e Contato Linguístico, ajudando a compreender o português falado no Amapá, assim como, o estudo da única variedade crioula falada por indígenas no Brasil, o kheuól. Em projetos futuros, posso adiantar meu desejo de desenvolver

novas pesquisas sobre o kheuól falado na região do Oiapoque e na Guiana Francesa, no sentido de ratificar os dados da Tese, bem como, de entender melhor o funcionamento dessa fronteira linguística, em consonância com os seus respectivos fenômenos.

Por fim, dedico esta Tese aos pesquisadores que se ocupam da temática e, sobretudo, à população indígena brasileira, que historicamente vem perdendo cada vez mais os seus direitos linguísticos e sendo dizimada em decorrência da frágil política nacional voltada para os povos indígenas. Noto, com pesar, que no cenário político brasileiro atual, não temos políticas linguísticas sólidas que busquem incentivar o uso das línguas nacionais indígenas, seja em Terra Indígena ou não. E, sim, políticas linguísticas indigenistas volúveis, ineficientes e, por vezes, inoperantes.

REFERÊNCIAS

- AGUILERA, V. **Atlas linguístico do Paraná**. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 1994.
- AGUILERA, V.; YIDA, V. Projeto ALiB: uma análise das respostas e das não-respostas de informantes das capitais. **Signum: Estudos Linguísticos**, Londrina, n. 11/2, p. 15-31, dez. 2008.
- ALLEYNE, M. C.; FERREIRA, J. A. S. Comparative perspectives on the origins, development and structure of Amazonian (Karipúna) French Creole. *In*: HUBER, M.; VIVEKA, V. (orgs.). **Synchronic and diachronic perspectives on contact languages**, vol. 32, p. 325-357. John Benjamins Publishing, 2007.
- ALMEIDA, F. C. **Micro Atlas Fonético do Estado do Rio de Janeiro (Micro AFERJ):** uma contribuição para o conhecimento dos falares fluminenses. 2008. 157 p. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) - Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.
- ALTENHOFEN, C. V. Migrações e contatos linguísticos na perspectiva da geolinguística pluridimensional e contatual. **Revista de Letras**, Sinop, n. 12, v. 6, 2013.
- ALTENHOFEN, C. V.; THUN, H. As migrações e os contatos linguísticos na geografia linguística do Sul do Brasil Bacia do Prata. *In*: AGUILERA, V. de A.; ROMANO, V. P. **A Geolinguística no Brasil: caminhos percorridos, horizontes alcançados**. Londrina: Eduel, 2016, p. 371-392.
- ALVAR, M. **Dialectología española**. Madrid: CSIC, 1962.
- ALVES, F. L. de O. **Estudo geossociolinguístico do português em contato com as línguas Asuriní do Xingu e Araweté**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Pará, 2018.
- AMARAL, M. P. do. **Dialetologia perceptual: mapas mentais no sul do Brasil**. Anais do XVII Congreso Internacional Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL). João Pessoa, 2014.
- ANDRADE, J. de. **Cultura ceroula e lanc-patuá no norte do Brasil**. 2. ed. São Paulo: GDG, 1988.
- ANDRADE, R. F. **Migração no Amapá: projeção espacial num contexto de crescimento populacional**. Belém: NAEA, 2005.
- ARAGÃO, M. S.; MENEZES, C. B. **Atlas Linguístico da Paraíba**. Brasília: CNPq, Universidade Federal da Paraíba, 1984.
- ARAÚJO, R. C. Gramática gerativa e dialetologia: dos princípios e parâmetros aos atlas sintáticos. *In*: CARVALHO, D. da S.; SOUSA, L. T. **Gramática gerativa em perspectiva**. São Paulo: Blucher, 2018.
- ARNAUD, E. O sobrenatural e a influência cristã entre os índios do Rio Uaçá (Oiapoque, Amapá): Palikur, Galibí e Karípuna. *In*: LANGDON, E. J. M. (org.) **Xamanismo no Brasil: novas perspectivas**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1996.

ARNAUD, E. Os índios da região do Uaçá (Oiapoque) e a proteção oficial brasileira. *In:* ARNAUD, E.. **O índio e a expansão nacional**. Belém: CEJUP, 1989 [1969] p. 87-123.

ARNAUD, E. Os índios Oyampik e Emerilon (Rio Oiapoque): referências sobre o passado e o presente. *In:* ARNAUD, E. **O índio e a expansão nacional**. Belém: CEJUP, 1989 [1966] p. 87-123.

BARROS DA SILVA, E. **A língua Parikwaki (Palikur, Arawak)**: situação sociolinguística, fonética e fonológica. Tese (doutorado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa de Pós Graduação em Linguística, 2016.

BELLMANN, G. Atrialidade e Socialidade? *In:* ALTENHOFEN, C. (Org.) **Cadernos de Tradução**. Porto Alegre: Instituto de Letras da UFRGS, n. 5, p. 7-29, 1999 [1991].

BESSA, J. R. F. (org.). **Atlas Linguístico do Ceará**. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

BIET, A. **Voyage de la France eqvinoxiale em l'Isle de cayenne, entrepris par les François em l'année**. MDCLII. Paris, François Clovzier, 1664.

BLOOMFIELD. L. **Le language**. Paris: Payot, 1970 [1933].

CABRAL, A. S. A. C. *et al.* L' Atlas linguistique sonore des langues indigènes du Brésil: um projet em cours. **Géolinguistique**, Grenoble, n. 15, p. 215-227, 2015.

CALVET, L-J. **Sociolinguística**: uma introdução crítica. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

CALVET, L-J. **Tradição oral e tradição escrita**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

CAMPETELA, C. *et al.* **Documentação linguística, pesquisa e ensino**: revitalização no contexto indígena do norte do Amapá. *Revista Linguística / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro*. Volume 13, n.1 jan de p. 151-167, 2017.

CARDOSO, S. *et. al* (Orgs.). **Atlas Linguístico do Brasil**: vol.1 e vol. 2. Londrina: EDUEL, 2014.

CARDOSO, S. **Geolinguística**: tradição e modernidade. São Paulo: Parábola, 2010.

CARDOSO, S; MOTA, J. Percursos da geolinguística no Brasil. **ALFAL**, v. 29, n. 1. jun., 2013, p. 115-142.

CARLOS, V. G. **O Português de cá e de lá: variedades em contato na fronteira entre Brasil e Paraguai**. Tese (Doutorado). Universidade Estadual de Londrina (UEL), 2015.

CASTILHO, A. T. de. Rumos da dialetologia portuguesa. **Revista Alfa**. São Paulo. v.18/19, p. 115-153, 1972/1973.

CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P. **La Dialectología**. Madrid: Visor Libros, 1994.

CHIARADIA, C. **Dicionário de palavras brasileiras de origem indígena**. São Paulo: Limiar, 2008.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB: Atlas Linguístico do Brasil. Questionários. Londrina: UEL, 2001.

CORTESÃO, A. A. **Subsídios para um dicionário completo (histórico-etimológico) da Língua Portuguesa.** Tomo 1. Coimbra: França Amado, 1990.

COSTA, D. de S. S. **Vocabulário Dialectal do Centro-Oeste:** interfaces entre a Lexicografia e a Dialectologia. 2018. 353 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina/PR, 2018.

COSTA, E. O. da. **Estudo geossociolinguístico do léxico do português falado em áreas indígenas de língua Tupi-Guarani nos estados do Pará e Maranhão.** Tese (Doutorado). Universidade Federal do Pará, 2018.

COUDREAU, H. **Chez nos indiens: quatre annés dans la Guyane Française (1887-1891).** Paris, Librairie Hachette et Cie, 1893.

COUDREAU, H. **La france equinoxiale. Paris: Challamel Ainé/Librairie Coloniale,** tomo I, II, e atlas, 1887.

COUTO, H. H. do. Contatos entre francês e português ou influências do primeiro no segundo. **Synergies.** Brésil n° spécial 2, p. 107-116, 2010.

CREVAUX, J. **Voyages dans L'Amérique du Sud.** Paris, Librairie Hachette et Cie, 1883.

CRISTIANINI, A. C. **Atlas Semântico-lexical da região do Grande ABC.** Tese (Doutorado em Linguística) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

CRUZ, M. L. C. **Atlas Linguístico do Amazonas.** Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004. V. I e II.

CUNHA, A. G. da. **Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

D'AVITY, P. **Description generale de L'Amérique troisesme partie du monde avec tovs ses empires, royavmes estats et republicues.** Paris: Laurent Cottereav, 1643.

DAY, K. C. N. **A situação sociolinguística da fronteira franco-brasileira:** Oiapoque e Saint-Georges. Dissertação (Mestrado). Departamento de Letras do Programa de Pós-Graduação em Estudos da linguagem. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2005.

DE CAMP, D. **The pronunciation of english in San Francisco.** Orbis, 1958.

DI PAOLO, P. **Cabanagem:** a revolução popular da Amazônia. 2. ed. Belém: CEJUP, 1986.

DIAS, M. P. **Atlas Geossociolinguístico Quilombola do Nordeste do Pará.** Tese (Doutorado). Universidade Federal do Pará, 2017.

DIETRICH, W.; THUN, H.; SYMEONIDIS, H.; AQUINO, A. Atlas Linguístico Guaraní-Románico. Tomo 1: Léxico del cuerpo humano (Dialectología pluridimensionalis Románica).

Revista Internacional de Linguística Iberoamericana v. 8, Miscelânea de linguística ibero-americana, 2010, p. 239-242.

DÜCK, E. S. **Vitalidade linguística do Plautdietsch em contato com variedades standard faladas em comunidades menonitas no Brasil**. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011.

FARACO, C. A.; ZILLES, A. M. **Para conhecer norma linguística**. São Paulo: Contexto, 2017.

FÉLIX, M. I. de S. **Estudo geossociolinguístico do léxico do Português falado pelos Baré (Nheengatu), Tukano e Baniwa em São Gabriel da Cachoeira (AM)**. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Pará, 2019.

FERGUSON, C. A. Diglossia. In: GIGLIOLI, P. P. (Org.). **Language and social context: Selected readings**. Baltimore: Penguin, 1972 [1959]. p. 232-251.

FERREIRA, A. B. de H. **O Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 3. ed. Editora Positivo, 2009.

FERREIRA, C. *et al.* **Atlas linguístico de Sergipe**. Salvador: Universidade Federal da Bahia; Fundação de Cultura de Sergipe, 1987.

FERREIRA, C. S.S. Percepções dialectais e atitudes linguísticas: o método da dialectologia perceptual e as suas potencialidades. **Textos Seleccionados**. XXIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, Lisboa, APL, p. 251-263, 2009.

FERREIRA, C.; CARDOSO, S. **A dialectologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.

FIGUEIREDO, C. de. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. Porto: Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão, 1913.

FORTE, J. dos S.; *et al.* (Orgs.). **No Lang No Mias: Liv Paradjdatxik dji Methes-iela**. Macapá: UNIFAP, 2019.

FORTE, J. dos S.; *et al.* (Orgs.). **Xime dji konetmã: Liv Djidatxik dji Methes-iela**. Macapá: UNIFAP, 2019.

GALLOIS, D. T. **Povos indígenas no Amapá e norte do Pará: quem são, onde estão, quantos são, como vivem e o que pensam**. São Paulo: Instituto de Pesquisa e Formação em Educação indígena, Museu do Índio, Núcleo de História indígena e do Indigenismo da Universidade de São Paulo, 2009.

GARCÍA DE DIEGO, V. **Manual de dialectología española**. 3. ed. Madrid: Centro Iberoamericano de Cooperación, 1978 [1926].

GEWEHR-BORELLA, S. **Tu dampém fala assim? macroanálises pluridimensionais da variação de sonorização e desonorização das oclusivas do português de falantes bilíngues Hunsriqueano-Português**. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2014.

GREEN, D; GREEN, H. **Vocabulário Português – Paliku - Kheuol**. Edição preliminar e experimental. Belém: Sociedade Internacional de Linguística, 2004.

GUEDES, R. J. da C. **Perfil geossociolinguístico do Português em contato com línguas Tupí-Guaraní em áreas indígenas dos estados do Pará e Maranhão**. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Pará (UFPA), 2017.

GUÉRIOS, R. F. M. **Tabus Linguísticos**. 2. ed. São Paulo: Ed. Nacional; Curitiba: Editora da Universidade Federal do Paraná, 1979.

GUY, G. Rumos da sociodialetoleologia da América Latina. *In: Congresso Internacional de Dialetologia e Sociolinguística (2.: 2012 : Belém, PA)*. **Diversidade linguística e políticas de ensino: anais**. São Luís: EDUFMA, p. 44-60, 2012.

HALE, A. Toward the Systematization of Display Grammar. *In: HALE, A. In Clause, Sentence and Discourse Patterns in Selected Languages of Nepal*. Nepal: SIL, 1973.

HALL, S. **Identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HAMERS, J.F.; BLANC, M. **Bilingualité et Bilinguisme**. Bruxelles: Mardaga, 1983.

HAUGEN, Einar. **Problems of bilingualism**. *Revista Língua*, n. 2. 1953, p. 271-90.

HOFFNAGEL, J. C. A emergência de identidades na atividade discursiva falada e escrita. *In: MOURA, D. (Org.) Os múltiplos usos da língua*. Maceió: [s.n.], 1999. p. 81-91.

HORST, A. **Variação e contatos linguísticos do vestfaliano rio-grandense falado no Vale do Taquari**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2014.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário de Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HURAUULT, J-M. **Français et indiens em Guyane, 1604-1972**. Paris: Union Générale d'Éditions, 1972.

IBGE - Cidade Oiapoque. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/painel/histórico>> Acesso em 10 de fev. 2015.

JESUS, C. R. R. de. Para uma abordagem dialetológica “estruturalista” do latim vulgar: Vänäänen e o método comparatista. **Estudos da Língua(gem)**, v. 5, p. 41-55, 2007.

KARLBERG, L. G. L. **Atlas etnolinguístico do Acre (ALAC): fronteiras léxicas**. Rio Branco: Edefac, 2018.

KOCH, W.; ALTENHOFEN, C.; KLASSMANN, M. (org.). **Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS): Cartas Semântico-Lexicais**. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Florianópolis: Editora da UFSC, 2011 [2002].

LABOV, W. **Modelos sociolinguísticos**. Madrid: Cátedra, 1983[1972].

LABOV, W. **Principles of Linguistic Change: Social Factors**. Oxford: Blackwell, 2001.

LABOV, W. **The Social Motivation of a Sound Change**. *Word*, 1963.

LABOV, W. **The Social Stratification of English in New York City**. Washington: Center for Applied Linguistics, 1966.

LÉPRIEUR, M. **Voyages dans la Guyane Centrale**. Bulletin de la Société de Géographie. Paris, Deuxième Série, Tome Premier, Avril, 1834.

LOPES, J. B. **Variação, percepções e atitudes linguística dos chapecoenses frente à referência à segunda pessoa do singular**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Fronteira Sul, Programa de Pós-Graduação em Mestrado em Estudos Linguísticos. Chapecó – SC, 2017.

MACHADO, L. L. **Standard e substandard do Alemão em contato com o Português: variação na competência de fala em Hochdeutsch de falantes de Hunsrückisch**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2016.

MACKEY, W. F. **Bilinguisme et contact des langues**. La Haye: Klincksieck, 1976.

MAIA, E. G. **Atlas Linguístico do Sul Amazonense (ALSAM)**. Tese (Doutorado). Universidade Estadual de Londrina, 2018.

MALCHER, J. M. da G. Os Emerenhon; Os Galibi; Os Caripuna e Pariucur-Ienê. In: RONDON, C. M. S. **Índios do Brasil**. Rio de Janeiro: CNPI/Ministério da Agricultura, vo. II, 1953, p. 269-292.

MARGOTTI, F. W. **Difusão Socio-geográfica do Português em contato com o Italiano no Sul do Brasil**. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004.

MELLO, A. N. **Traje interior no século XIX: construção passo a passo de cinco estruturas**. Dissertação (Mestrado em Ciências). Programa de Pós-Graduação em Têxtil e Moda, Escola de Artes, Ciências e Humanidades. Universidade de São Paulo, 2018.

MENÉNDEZ, F. G. **Dialectología y sociolingüística españolas**. Alicante: Espagrafic, 1990.

MILANI; S. E.; REZENDE, T. F.; CRUZ, A. da; SILVA, D. M. da. **Atlas Linguístico de Goiás (ALINGO): léxico-fonético**. Rio de Janeiro: Barra Livros, 2015.

MILROY, L. **Language and social networks**. Oxford: Blackwell, 1987.

MINISTÉRIO DA GUERRA. **Inspeção de Fronteiras: diário do general inspetor, General Cândido Mariano Rondon**. Belém, I Comissão Brasileira Demarcadora de Limites (mimeo), 1927b.

MINISTÉRIO DA GUERRA. **Inspeção de Fronteiras: relatório do chefe do serviço sanitário**. Belém, I Comissão Brasileira Demarcadora de Limites (mimeo), 1927a.

MOCQUET, J. **Voyages em Afrique, Asie, Indies orientales e occidentales**. Paris: Jean de Hierquevieu, 1617.

MONTEJO, F. P. **Dicionário Kheuól - Português e Português-Kheuól**. Belém (PA): Edições Mensageiro, 1988.

MONTES GIRALDO, J. J. **Dialectología general e hispano-americana**. 2. ed. Bogotá: ICC, 1987.

- MOORE, D. Línguas indígenas. *In*: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo; RASO, Tammaso. **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: UFMG, 2011, p. 217-240.
- MOTA, J. A. Análises do corpus do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB): balanço do estágio atual. *In*: MOTA, J. A *et al.* **Documentos 5**: projeto Atlas Linguístico do Brasil, avaliação e perspectivas. Salvador: Quarteto, 2015, p. 23-70.
- MOTA, J.; CARDOSO, S. Sobre a Dialectologia no Brasil. *In*: MOTA, J. A.; CARDOSO, S. A. M. **Documentos 2**: Projeto Atlas Linguístico do Brasil. Salvador: Quarteto, 2006, p. 15-34.
- NASCENTES, A. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1955.
- NASCENTES, A. Études dialectologique du Brésil, ORBIS. **Bulletin International de Documentation Linguistique**. v.1, p. 181-184, 1952.
- NASCENTES, A. **O Linguajar Carioca**. 2. ed. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1953 [1922].
- NASCIMENTO, G. E. **Designações para sutiã, calcinha e cueca por falantes da cidade de Mutuípe**: perspectiva dialetológica. Monografia (Graduação em Letras). Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, 2016.
- NASCIMENTO, O.; TOSTES, J. A. Oiapoque – aqui começa o Brasil: as perspectivas de desenvolvimento a partir da construção da BR-156 e da Ponte Binacional entre o Amapá e a Guiana Francesa. *In*: **IV Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação Pesquisa em Ambiente e Sociedade (ANPPAS)**, Brasília. GT13 – Relações internacionais e ambiente, 2008.
- NIMUENDAJU, C. **Os índios Palikur e seus vizinhos**. Göteborg: Elanders boktr, 1926.
- OLIVEIRA, C. L. C. Mulheres na engenharia brasileira: representatividade, dificuldades e desafios. **IV Encontro de Ciência e Tecnologia**. Rondônia, 2017.
- OLIVEIRA, D. (org.). **Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul**. Campo Grande: Editora UFMS, 2007.
- OLIVEIRA, M. B.de; COSTA, PAZ, C. S.; F. H. da S. Reinterpretando Vazios Dialetológicos no Norte do Brasil. **Signum**: Estudos da Linguagem, Londrina, v. 21, n. 1, p. 12-31, abr. 2018.
- PAIM, M. M. T. A emergência de identidade social de faixa etária do projeto Atlas Linguístico do Brasil (projeto ALiB). **Revista Polidisciplinar Eletrônica da Faculdade Guairacá**, v. 04, ed. 01. dez., p. 19-30, 2012.
- PAIM, M. M. T. A presença do Projeto ALiB nos estudos sobre a língua portuguesa. *In*: CARDOSO, S. *et al.* **Documentos 3**: projeto atlas linguístico do Brasil. Salvador: Vento Leste, 2012, p. 33-76.
- PAIM, M. M. T. Identidade social e variação: a realidade nas capitais segundo os dados do projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). **Anais do SILEL**. Volume 1. Uberlândia: EDUFU, 2009.

PARANHOS, J. M. S. **Obras do Barão do Rio Branco**: questões de Limites. Rio de Janeiro, Ministério das Relações Exteriores. [vol. III: Guiana Francesa 1ª Memória; vol. IV: 2ª Memória], 1945.

PINALIE, P. **Dictionnaire élémentaire français-créole**. Paris: L'Harmattan, 2009.

PONSO, L. C. **A variação do português em contato com o Italiano na comunidade bilíngue de São Marcos – RS**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003.

PRESTON, D. R. (ed.). **Handbook of Perceptual Dialectology 1**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1999.

PRESTON, D. R. **Perceptual Dialectology**. Nonlinguists Views of Areal Linguistics. Dordrecht/ Providence: Foris Publications, 1989.

PRESTON, D. R.; LONG, D. (eds.). **Handbook of Perceptual Dialectology 2**. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2002.

PROCÓPIO, L. (et al.). As espécies de tauari (Lecythidaceae) em florestas de terra firme da Amazônia: padrões de distribuição geográfica, abundâncias e implicações para a conservação. **Acta bot. bras.** 24(4), p. 883-897, 2010.

RADTKE, E; THUN, H. Nuevos caminos de la geolinguística románica. Un balance. *In*: RADTKE, Edgar; THUN, Harald. **Neue Wege der Romanischen Geolinguistik**. Kiel: Westensee-Verlag, 1996. p. 25-49.

RAMOS, C. M. A. et al. No céu do Maranhão, cruzam-se catirinas, tingas e pragas: um estudo semântico-lexical da fauna maranhense. *In*: CARDOSO, S.; MOTA, J.; PAIM, M. (Orgs.). **Documentos 3**: projeto Atlas Linguístico do Brasil. Salvador: Vento Leste, 2012.

RAZKY, A. A dimensão sociodialetal do léxico no Projeto Atlas Linguístico do Brasil. **Signum**: estudos linguísticos, Londrina, n. 16/2, p. 247-270, dez. 2013.

RAZKY, A. **Atlas linguístico sonoro do estado do Pará (ALiSPA 1.1)**. Belém: s/ed. 2004. (Programa em CD-ROM).

RAZKY, A. Pour une approche géo-sociolinguistique de la variation phonétique. **Lenguaje** (Universidad del Valle), v. 32, 2010, p. 313-330.

RAZKY, A.; GUEDES, R. Le continuum des regroupements lexicaux dans l'atlas géosociolinguistique du Pará. **Revista Géolinguistique**. n. 15-2015. Centre de Dialectologie. GIPSA-lab – Univ. Grenoble Alpes, 2015.

RAZKY, A.; RIBEIRO, C. M. da R.; SANCHES, R. **Atlas Linguístico do Amapá**. São Paulo: Labrador, 2017.

RAZKY, A.; SANCHES, R. Variação geossocial do item lexical riacho/córrego nas capitais brasileiras. **Gragoatá**, Niterói, n.40, p. 70-89, 2016.

RAZKY, A; CRUZ, R. Mapeamento dos dados linguísticos no programa Atlas Linguístico Digital (GeoLing). *In: Anais do III Congresso Internacional de Dialectologia e Sociolinguística*. Paraná: UEL, 2014, p. 700-711.

REIS, R. C. P. **Atlas Linguístico do município de Ponta-Porã-MS: um registro das línguas em contato na fronteira do Brasil com o Paraguai**. 2. v. 2006. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. Três Lagoas, 2006.

REIS, R. C. P. **Variação Linguística do Português em Contato com o Espanhol e o Guaraní na Perspectiva do Atlas Linguístico-Contatual da Fronteira entre o Brasil e o Paraguai**. Tese (Doutorado). Universidade Estadual de Londrina, 2013.

REIS, T. **Rio de Janeiro, Museu do Índio**. (Documento microfilmado), 1936.

RIBEIRO, C. M. da R. **Contato Linguístico e a concordância de número no sintagma nominal no português do Oiapoque/AP**. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2018.

RODRIGUES, A. D. **Línguas indígenas brasileiras**. Brasília, DF: Laboratório de Línguas Indígenas da UnB, 2013. Disponível em: <<http://www.letas.ufmg.br/lali/>>. Acesso em: 01 de fev. 2018.

RODRIGUES, M. D. G. **Mapeamento lexical do português falado pelos Wajãpi no Estado do Amapá: uma abordagem geossociolinguística**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Pará, 2017.

ROMANO, V. Balanço crítico da Geolinguística brasileira e a proposição de uma divisão. **Entretextos**. Londrina, v.13, n. 02, p. 203-242, jul./dez. 2013.

ROMANO, V. P.; SEABRA, R. D.; OLIVEIRA, N. [SGVCLin] - Software para geração e visualização de cartas linguísticas. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 22, n.1, p.119-151, 2014.

RONA, J. P. **The Social Dimension of Dialectology**. IJSL, 1976.

RONDON, C. M. S.; FARIA, J. B. **Glossário geral das tribos silvícolas de Mato Grosso e outras da Amazônia e do Norte do Brasil: Tomo I**. (Publicação 76 do Conselho nacional de proteção dos Índios, Anexo, 5.) Rio de Janeiro: Comissão Rondon, 1948.

RÖNTGEN, K. H. **L'origine contestée d'une communauté créolophone: les Karipuna au Brésil**. *Études créoles XXI* (2). 1998, p. 36-64.

ROSSI, N. (*et al.*). **Atlas Prévio dos Falares Baianos**. Ministério da Educação e Cultura/Instituto Nacional do Livro: Rio de Janeiro, 1963.

ROSSI, N. A dialectologia. **Revista Alfa**. São Paulo. v.11, p. 90-115, 1967.

SÁ, E. J. de. **Atlas Linguístico de Pernambuco**. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.

SANCHES, R. D. **Variação Lexical nos dados do Projeto Atlas Geossociolinguístico do Amapá**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal do Pará, 2015.

SANCHES, R.; RAZKY, A. Análise geossociolinguística das designações para *fanhoso* nas capitais brasileiras. **Revista Delta-Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, São Paulo, v. 35, n. 3, 2019 (No Prelo).

SANKOFF, G. Linguistic outcomes of language contacts. *In*: TRUDGILL, P.; CHAMBERS, J.; SCHILLING-ESTES, N. (Eds.). **Handbook of Sociolinguistics**. Oxford: Blackwell, 2003, p. 478-499.

SANTOS, A. dos *et al.* **Turé dos povos indígenas do Oiapoque**. Rio de Janeiro, São Paulo: Museu do Índio, IEPÉ, 2009.

SANTOS, I. P. dos; CRISTIANINI, A. C. (Orgs.). **Sociogeolinguística em questão: reflexões e análises**. 1. ed. São Paulo: Paulistana, 2012.

SILVA PINTO, L. M. da. **Diccionario da Língua Brasileira**. Ouro Preto: Tipografia de Silva, 1832.

SILVA, G. A. da. **Atlas Linguístico Topodinâmico e Topoestático do Estado do Tocantins (ALITTETO)**. Tese (Doutorado). Universidade Estadual de Londrina, 2018.

SILVA, G. de V.; RÜCKERT, A. A. A fronteira Brasil-França. **Revista Confins**. Minas Gerais, n. 7. 2009. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/confins/6040>>. Acesso em: 18 de dez. 2017.

SILVA, J. C. da. **L'Oyapoc et l'Amazone**. Paris, Imprimerie de L. Martinet, 1861.

SILVA, J. S. da.; *et al.* (Orgs.). **No Liv dji Ixtwa Galibi-Marworno: Liv Paradjidatk dji Methés-iela**. Macapá: UNIFAP, 2019.

SILVA, J. S. da.; *et al.* (Orgs.). **Nate Konétmã dji Thavai: Liv Djidatk dji Methés-iela**. Macapá: UNIFAP, 2019.

SILVA, M. do P. S. C. da. **Atlas Linguístico da Mesorregião do Marajó/PA**. Belém: UNAMA, 2005.

SIVERTSEN, E. **Cockney Phonology**. Oslo: Oslo University Press, 1960.

SPIRES, R. **Gramática Kheuól**. Belém (PA): CIMI. 1984.

STRADELLI, E. **Vocabulário Português-Nheengatu/Nheengatu-Português**. Cotia – SP: Ateliê Editorial, 2014.

TASSINARI, A. M. I. Da civilização à tradição: os projetos de escola entre os índios do Uaçá. *In*: LOPES DA SILVA, A.; LEAL, M. K. F. (Orgs.). **Antropologia, História e Educação: A questão indígena e a escola**. São Paulo: Global, 2001, p.157-195.

TASSINARI, A. M. I. **O Bom da Festa: o processo de construção cultural das famílias Karipuna do Amapá**. São Paulo: EDUSP, 2003.

- TELES, A. R.; RIBEIRO, S. S. C. A cartografia dos dados. *In*: CARDOSO, S. *et. al* (Orgs.). **Atlas Linguístico do Brasil**: vol. 2. Londrina: EDUEL, 2014. (p. 113-123).
- THOMASON, Sarah Grey; KAUFMAN, Terrence. **Language contact, creolization, and genetic linguistic**. Berkeley: University of California Press, 1988.
- THUN, H. A dialetologia pluridimensional no Rio da Prata. *In*: ZILLES, A. M. S. (Org.). **Estudos de variação linguística no Brasil e no Cone Sul**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005. p.63-92.
- THUN, H. La geolingüística como lingüística variacional general (com ejemplos del Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay). *In*: RUFFINO, G. (org.). **Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza**. Tübingen: Niemeyer, 1998, p. 701-729.
- THUN, H. Pluridimensional cartography. *In*: LAMELI, A.; KEHREIN, R.; RABANUS, C. (eds.). **Language and Space: An International Handbook Linguistic Variation**. Volume 2: Language Mapping. Berlin: de Gruyter Mouton, 2010a. p. 506-523.
- THUN, H. Variety complexes in contact: A study on Uruguayan and Brazilian Fronterizo. *In*: AUER, Peter; SCHMIDT, E. (eds.). **Language and space: An International Handbook of Linguistic Variation**. Vol. 1: Theories and methods. Berlin: De Gruyter Mouton, 2010b. p. 706-723.
- THUN, H.; FORTE, C. E; ELIZAINCÍN, A. **El Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay (ADDU)**. Presentación de un proyecto. *Iberoromania*, 30: 26-61, 1989.
- TOBLER, A. W. **Dicionário Crioulo Karipuna - Português e Português - Crioulo Karipuna**. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1987.
- TOBLER, S. J. **The grammar of Karipuna Creole**. Brasília: SIL, 1983.
- TRUBETZKOY, N. S. **Phonologie et géographie linguistique**. Prague: TCLP, 1931.
- TRUDGILL, P.; CAMPOY, J. M. H. **Diccionario de Sociolingüística**. Madrid: Editorial Gredos, 2007.
- VIDAL, L. B.; LEVINHO, J. C.; GRUPIONI, L. D. B. (Orgs.). **A presença do invisível: vida cotidiana e ritual entre os povos indígenas do Oiapoque**. Rio de Janeiro: IEPÉ – Museu do Índio, 2016.
- VIDAL, L.B. **Povos indígenas do Baixo Oiapoque: o encontro das águas, o encruzo dos saberes e a arte de viver**. 3. ed. Rio de Janeiro: Museu do Índio e IEPÉ, 2009.
- VIDAL, L; GIANNINI, I. V. **Estudo etnoecológico nas Terras Indígenas Uaçá, Galibi e Juminã**. Relatório Preliminar, 2005.
- VIERECK, W. **Phonematische analyse des dialekts von Gateshead-upon-Tyne**. De Gruyter, 1966.
- WEINREICH, U. **Is a structural Dialectology Possible?** *Word*, X, 1954, p. 388-400.

WEINREICH, U. **Languages in contact: findings and problems.** New York: Mouton Publishers, 1953.

WINFORD, Donald. **An introduction to contact linguistics.** Malden: Blackwell, 2003.

ZÁGARI, M. *et al.* **Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais.** Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1977.

ZIAMANDANIS, C. La falta de respuestas y el desconocimiento em Puerto Rico: silenciar también es constestar. *In:* MORALES, A.; CARDONA, J.; LOPES MORALES, H.; FORASTIERI, E. (Eds.). **Estudios de linguística hispânica.** San Juan, Puerto Rico: Editorial de La Universidad de Puerto Rico, 1999.

APÊNDICES



001



013



002



021



009



027



028



030



029



032



033



034



040



035



042



036-037



038-39



045



047



045



048



046



049



050



053



051



054



053



056



057



060



057



061



058



064



065



071



066



073



067



076



212

074



075



085



079



086



084

087





088



096



089



106



094



146



095



147



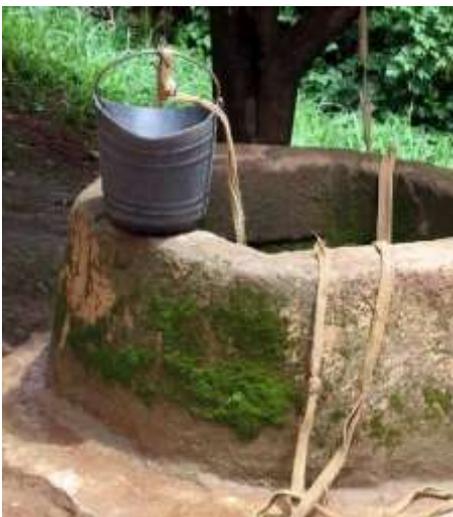
159



149



160



150-151



161



162



168



166



169



167



170



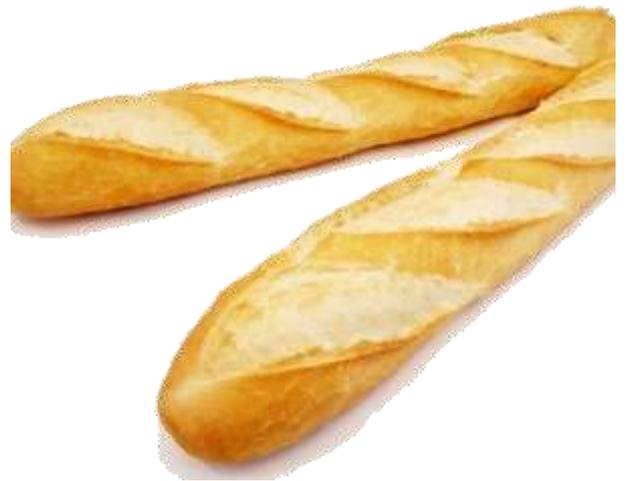
172-173



188



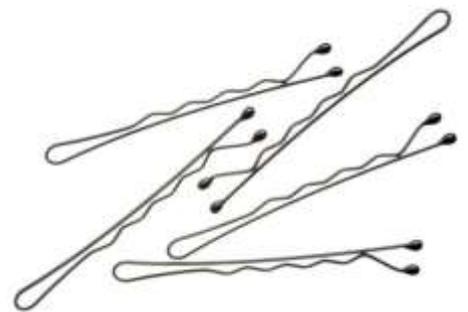
180



189



187



194



195



198-199



196



200



197



201-202

HISTÓRIA DA ALDEIA MANGA

01FA: Tudo começou que antes não existia a aldeia Manga, era só a aldeia Santa Isabel e Espírito Santo. Foram as primeiras aldeias criadas aqui do povo Karipuna. Então como elas foram ficando muito grande assim, muita gente entrando. Então, foi a família do senhor Florêncio, se eu não me engano, eles subiram o rio que aqui ficava a roça deles. Então ele, a família dele, o senhor Enrique. Foram os primeiros caciques da aldeia Manga. Então eles subiram aqui e viram o local. Então foi primeiro a família deles que abriram aqui a aldeia Manga. [...] pelo o que eu estudei foi por causa da guerra, cabanagem se eu não me engano. Só que sofreram uma epidemia de febres então eles acabaram vindo aqui pro baixo rio Oiapoque.

01FB: O que que eu me lembro né, que meus pais contavam pra nós né. Porque o pai do papai era francês né, no tempo de guerra que eles passavam por aí né. E o pai da mamãe era de Amapá. Aí era tudo assim né, eles ficaram aí com ele morando, tendo filho né, depois foram morrendo né. **INQ. AX.:** - mas tinha Karipuna? Cesária: - tinha alguns karipuna sim que eles falavam, mas ninguém não chegou a falar. O pai da mamãe o pai do Papai eram tudo Karipuna sabe. Não manga não tinha ninguém, foi nós que viemos com o papai, os pessoal lá, o compadre Antônio que vieram também e meus cunhados. **INQ:** Qual o nome do seu pai?

01FB: Florêncio Primo dos Santos. Da mamãe era Maria da Gama Monteiro dos Santos.

01MB: Manga é o nome oficial. Porque assim, os meus antepassados moraram aqui na aldeia Manga. Tinha outras famílias aqui. Aí não deu certo e voltaram. Aí plantaram uns pé de mangueira. Aí ficou por nome de aldeia manga. Não era nem aldeia era só manga. Aí quando nós chegamos aqui. Aí que fomos abrir essa aldeia. Chegamos aqui seis famílias. Ali porto. Fizemo umas barraquinha, dormimo lá. E começamo abrir, fazer roça. Aí eu e meu pai e meu irmão. Pegamo aquele igarapé que tem bem ali logo na descida lá. Abrimo lá, ficamo lá debaixo do mato, fizemo ali umas casinha. Nós ficamo lá. E a outra família ficou aqui na beira, aí eles trabalharam daqui pra lá e nós trabalhamos de lá pra frente. E assim começou.

HISTÓRIA DA ALDEIA SANTA ISABEL

02FB: O primeiro nome da aldeia era Capoeira. Quando começou aqui, meu marido abriu um lugar aqui pra fazer uma fazenda. Aí ele veio pra cá fazer a fazenda dele né. Aí começou a

criar e depois ficou morando aí. Foi o tempo que meu pai veio trabalhar pra cá, fazer uma casa pra ele aí. Eu tava com uma idade de 15 anos. Era muito grande essa casa, agora não. Foi a primeira casa. A primeira família foi do meu marido com a esposa dele. A primeira esposa dele era uma outra. Depois que ele me arranjou sabe. [o nome da aldeia] Sempre foi Santa Isabel, porque pra ele colocar esse nome, ele era um senhor, era pobre, muito pobrinho. Sabe... o progresso do índio é filho né, sempre é filho. Daí ele casou e tiveram filhos e não tinha condição. Daí teve o primeiro, morreu, teve o segundo morreu. Daí ele fez uma promessa, - olha meu divino espírito santo, Santa Isabel, eu vou pedir a deus, que não deixe filho pra mim que eu não vou ter condição de criar. Quando eu tiver condição, eu vou agradecer a deus e vou cuidar. E se eu tiver um filho uma mulher ou um homem, aqui o nome do meu lugar vai ser, se é uma mulher, vai ser Isabel, o nome da filha vai ser o nome da minha aldeia. Santa Isabel. Daí ele teve essa filha, quando ela tava com 1 aninho, aí ele disse que orou a deus se ajoelhou, pediu ai senhor jesus. Que deixasse nascer as crianças deles. Então foi nascendo as crianças né, com a primeira esposa dele. Aí foi assim que ficou o nome da aldeia. Daí ele comprou uma santinha. Mandou fazer uma igreja pra colocar, então ficou o nome assim. Aldeia Santa Isabel.

HISTÓRIA DA ALDEIA ESPÍRITO SANTO

03FA: A primeira aldeia que foi fundada sem ser essa foi lá no Joãdef. As pessoas que moravam lá que é aldeia vizinha né. É... aconteceu uma epidemia lá né. Eles tiveram que sair de lá pra vim pra cá. Aí eles fundaram aqui. Aqui era um sítio laranjal. De um senhor. Parece que ele era francês. A família Santos e Fortes que fundaram aqui. Eles dizem que foi Espírito Santo porque veio um padre pra cá, aí ele trouxe uma imagem do divino Espírito Santo, aí deu o nome a Aldeia. Chamavam antes de laranjal pelo fato de ter muitas laranjas, entendeu?! Aí depois que passou a ser espírito santo. É uma das aldeias mais antigas. 111 famílias e 600 e poucos moradores.

03MA: Olha, é... A gente não tem assim uma versão exata. A história de que nós viemo refugiado né, o povo Karipuna é de remanescente né, que ficaram pra trás e foram se juntando e quem fundou a aldeia Espirito Santo foi o capitão João Teodoro Fortes. Inclusive a nossa escola tem o nome Escola Estadual João Teodoro Fortes. A partir daí foi se formando, as famílias foram chegando e foram se multiplicando. [...] olha... o nome Espírito Santo é porque a nossa padroeira aqui é divino Espírito Santo, tinha outro nome como Laranjal, devido tinha

um pé de laranjeira em cima da montanha ali perto da escola. Devido a esse pé de laranjeira que eles chamavam de laranjal, mas depois foi mudando. Até que ficou Espírito Santo.

03MB: Então, nós aqui dentro da aldeia mesmo, desde quando a gente começou a estudar na aldeia mesmo, porque tinha outras pessoas mais antigas do que meu pai né, aí contava a nossa história, como os Karipuna chegaram aqui nessa região que vieram fugido né, daí da costa da Amazonas né, na época da guerra né e vieram parar aqui. Aqui embaixo tem um rio né, tem um local chamado encruzo e de lá os Karipuna veio pra cá, os palikur foram pra outro e os galibi marworno foram pra outro, cada um escolheu um rio pra ficar. Como a gente morou mais embaixo do encruzo, tinha um local chamado karipurá, a gente morou um tempão lá, aí os Karipuna vieram subindo, pra ver se tinha mais local pra cá, daí o pessoal descobriu que tinha terra firme pra cá. Ai a gente passou pra morar aqui né, de lá pra cá começemo a estudar um pouco né. [a primeira família] a primeira família que veio pra cá foi a de João Teodoro Fortes. È porque a gente logo que foi fundado aí trouxeram uma imagem do Divino Espírito Santo pra cá, foi uma igreja foi construída aí. Era o laranjal, vila laranjal, tinha muita laranja na época, aí mudou de uns tempo pra cá, foi onde os indígenas também entrou na religião católica foi aí que ficou o nome Espírito Santo.

HISTÓRIA DA ALDEIA AÇAIZAL

04MB: O primeiro que abriu aqui foi o finado sabá né. Tava caçando parece pra cá e ele viu aí que era bonito, aí... com uns tempo ele fez uma casa aí e abriu aí né, morava no Karipurá. De lá ele veio pra cá, e trouxe a família dele e outras famílias, ele deu o nome de açaiçal por que tem muito açai pra cá.

04FB: Quando eu vim pra cá já tinha uns cinco casa aqui já. O primeiro morador foi o finado Sebastião. Era só mato grande. Ele veio com a família dele morar pra cá.

HISTÓRIA DA ALDEIA CURUPI

05MA: Bom, a história aqui da aldeia... essa aqui é recente. Nós tamo há 4 anos morando aqui nessa aldeia. Nós morava ali na outra aldeia depois da ponte ali. Quando a gente veio do manga a gente foi morar lá. Aí com passar do tempo, mais de 10 anos, 12, 15 anos morando já la aí passou a pavimentação da BR, aí a aldeia tava muito próximo da BR. Aí houve um

acordo com o governo de nós se retirar, se afastar, alguns mestros da margem da br, aí foi um acordo que governo contruiria as casa, a gente saia de lá e eles ia construir uma nova aldeia pra nós. E aí foi o que aconteceu nessa. Aí foi assinado o acordo e... não foi fácil essa mudança, foi muita luta. Quando começou essa pavimentação em 2005, a gente passou oito ano, praticamente 12 anos em negociação, começou essa obra aqui... essa obra começou e foi abandonada, ficou oito ano aqui abandonado, e nos lá. E depois de oito ano aí foi concluída e agora a gente ta morando aqui. O mesmo nome sempre.

05MB: Aqui era pra ser estrela, o nome estrela. Por causa do igarapé e o monte estrela. Como foi fundado aquela aldeia do KM 70 primeiro, no tempo do cacique Henrique. Aí ele pegou o nome daqui e levou pra lá, entendeu?! Aqui não podia ser estrela mais, aí foi escolhi o nome curipi, que lá é o rio curipi que passa lá no 70. As primeiras famílias foi do manga. Era um roçado. O marido dela tinha feito um roçado. Aí nos chegamos aí so tinha um barraquinho né, aí como eu tinha uma lona eu fiz logo um barraco de lona ne, aí quando foi no dia seguinte fumo na mata tirar madeira, pra construir as casa né. Só tinha duas casas que era a minha e o deles. Aí os filhos foram casando, aí a aldeia foi aumentando.

05FB: A funai por causa das caças, pra ficar reparando os igarapé pa reservar os lugar né, então aí nos viemo pra cá com meu marido... desculpa que eu não sei falar bem o português né... aí nos viemo primeiro daquela aldeia de lá, lá daquela pedra de lá que o senhor passou lá perto né... pois é... foi de lá que nós viemo, nós cheguelmo, primeiro quando a funai disse pra nós vir pra cá, até eu falei pro meu marido: - o que que eu vou fazer, aí ele disse não nós vamo, e aí a funai foi com nós lá que era pa nós vim, ai eu disse como é que meus filhos vão estudar, eu não sei estudar, eu não sei, não aprendi nada, os meus filhos vão ficar desse jeito, e disse não a funai vai nos ajudar, vai colocar professor, escola pra gente aprender. Eu disse bom, aí depois conseguiram pra mim vir né, aí depois nós viemo com meu marido, nós fizemo nossa roça, aí esse tempo nós viemo, não tinha casa não tinha nada, mas não costumamo chamar no nosso patuá aquele karbê, não era casa a gente chama, a gente chama karbê. Aí nós fiquemo, nos fizemo nossa roça, aí nós construimo um lugarzinho lá né, nós fiquemo com ele, nossas roça com nossos filho com as nossas filha né, que [...] quando eles vieram lá de caiena né, ai nós fiquemo trabalhando junto, foi foi foi até que nós se separou, porque nós se separou né, aí eu fiquei com meus filho, mas nunca abandonei o meu lugar, sempre... aí depois que ele morreu aí o governo... nossas casa começou de madeira, nós

passemos um tempo assim sem casa, tudo pingando, ninguém podia fazer, porque o governo aí fazer. Aí nesse tempo não era eu que era cacique, era meu filho o Zacarias [...]

HISTÓRIA DA ALDEIA KARIÁ

06FA: Meu avó conta que ele fundaram aqui a aldeia, ele procurou abrir um lugar pra ele e pros filhos, aí foram na funai né. [**cacique**] Na verdade os Karipuna tem uma história, nós tava tudo misturado Karipuna, Galibi Kalinã, os Maraorno e os Palikur, mas há um fato de uma história que a gente nunca sobemo a verdade, eles disseram que conta antigamente, disse que existia uma cobra grande, e nessa cobra grande que na aldeia que tava todo mundo, numa aldeia só, parece que fundado uma parte dela, o pessoal que sobreviveram se dividiram, é por isso que tem Karipuna prum lado, palikur pro outro, os índios maruorno pro outro canto. Então há uma história né que as pessoa contam assim, e nossa trajetória como ela falou né que a gente tá... viemo pra cá... nós comecemos do manga, nós era morador do manga né, do jeito que o papai falou que ele trabalhou nessa estrada nessa br aqui, aí do jeito como fundaram o estrela lá, aí então nós passemos a morar pra lá no estrela, nessa temporada não deu certo, voltamos lá pro 40, aí não tava dando certo, viemos fundar essa comunidade aqui que nós temos hoje né, que é a aldeia Kariá.

06MB: Sempre foi Kariá, tinha um cerrado aqui que se chama Kariá, vimos que tinha muito essa planta aí e colocamos Kariá. Doze famílias, 46 pessoas no meu censo. Foi no tempo de velho Henrique que nós vem pra cá. Ai o governo fez uma casa de posto lá no 70. Seu João foi o fundador do Estrela também, falou pro velho Enrique morar lá no 70, fiquei 50 anos lá, depois eu já e fui morar no 40 com o Raimundo, daí eu morei lá 10 anos, daí eu saí e fui fazer meu aldeia aqui.

HISTÓRIA DA ALDEIA AHUMÃ

07FB: O sonho dela era ter um local pra ela morar com os filho dela. Que antes no passado ela se criou sozinha praticamente. A vovó e o papai que criou ela, quando ela casou ela era muito nova. Tinha 12 anos, ela não sabia assim lidar com uma casa, a vovó foi uma mãe pra ela, ensinou tudo pra ela né, pra ela aprender. A fazer as coisas, a fazer uma comida. Lavar uma roupa, cuidar do marido. Então onde a gente morava primeiro era numa cachoeira, num terreno né. No meio do mato mesmo, e a nossa criação foi bem, é triste é divertida. De lá a

gente foi morar numa outra comunidade com o vovô que era o estrela. Passamo um tempo e a convivência lá também não era muito boa, e ela sofria assim com isso, e ela tinha... nós eramo criança e ela tinha de dar de comer e de beber, e o pai assim era deficiente né, ele tinha dificuldade de trabalhar. Então ela sozinha com meu irmão mais velho tinha que dá o jeito né pra ir atrás de alimento. [...] nós passamo a morar no estrela por um tempo, e tinha muito conflito lá com meu avô com as minha tias que também complicava na nossa convivência. Aí se deu a ideia de sair de lá né abrir um local em outro lugar que era pra gente tentar melhorar nossa vida, nossa situação. Até que deus mostrou esse lugar aqui que nós tamo né. O papai meus irmão e minhas irmã foram casando. Fizeram um roça aqui, fizeram um karbê. Desse karbê virou uma casa pra todo mundo. Que morava junto, e aí a gente compartilhava tudo que a gente tem. [...]

HISTÓRIA DA ALDEIA ARIRAMBA

08FA: eu sei falar um pouquinho porque conversando com a minha vó ela me contava que antes deles virem pra cá eles moravam no encruzo, minha vó que é dona trindade, aí eles moravam lá que seu filinto trabalhava no spi na época, aí parece vieram fazer umas viagens pra cá, aí eles gostavam do lugar, mas primeiro eles moraram no taparabu, igarapé né, ficaram lá morando um tempo, eles moravam lá e ele ia trabalhar pra lá. A primeira casa foi a deles, ficava ali na beira. Minha vó dizia que era por causa de um pássaro que eles chamam de ariramba.

08FB: Quando nós viemo pra cá com minha mãe e meu pai de criação nos moramo lá na beira. Então nós moremo lá, aí depois eu me amiguei com o pai dos meus filho, já passamo pra cá pra terra, não tinha ninguém ninguém ninguém [...] quem fundou aqui foi o finado filino, meu pai, então nós viemo pra cá nós comecemo a fazer roça, a plantar planta, laranja, tangerina, aí nos fiquemo fazendo roça aqui né. [...] quando nós chegamo aqui tinha muito ariramba, é um pássaro pescador.

08MB: começou foi meu pai de criança, ele trabalhava no spi. Ele fez uma casa ali na beira do rio ali. Ele abriu o terreno aí. Antes disso aí, ele conheceu minha vó, e foi pro encruzo, aí veio pra cá. Achou que era bonito aqui e ficou. Ele trabalhava, construiu um posto da funai aqui no povo Galibi. Construímo uma casinha bem aí, abriu um local lá. Já era roça, era

capoeira, aí plantaram uma laranjeira antiga ali. Aí os parentes foram construindo casa. Aí foi construindo, aí já veio surgindo outras pessoas. A aldeia, ela tem uns 45 anos. [...]

HISTÓRIA DA ALDEIA ARIRAMBA

09FA: Eu me lembro que meu avô e minha avó contavam né, que há muito tempo atrás né, morava aqui só um homem chamado Gabriel, o tio do meu avô, ele morava ele e a esposa dele, morava sozinho lá pra li onde é campo. Então eles vieram pra cá eles tinham tudo, tinha muita galinha, tinha roça, e eles eram que trabalhavam muito, e passaram bastante anos né, aí veio meu avô e minha avó lá do espirito Santo. E vieram pra cá somente visitar, só que o seu Gabriel já tava muito, já velho né, ele adoeceu, então meu avô decidiu ficar junto com o Gabriel dos Anjos, ele foi muito doente lá pra Macapá, foi doente aí meu avô passou a morar com sua esposa e seus filhos, e daí então começou a surgir a comunidade aqui até hoje.

Romário Duarte Sanches
Avenida Coelho Neto, 1990, Santana - Amapá
CEP: 68927-233
Tel.: (91) 98921-8867
E-mail: duarte.romrio@gmail.com

Gilberto Iaparra
Coordenador do CCPIO -
Conselho de Caciques dos povos indígenas do Oiapoque

Santana-AP, 02 de junho de 2017.

Senhor coordenador,

Venho por meio desta solicitar o ingresso nas Terras Indígenas Karipuna, Juminã e Galibi localizadas no município de Oiapoque (AP), para realização de pesquisa linguística entre o povo Karipuna. Com previsão de viagem para 01 de julho de 2017 a 29 de julho de 2017, e entre os dias 01 de outubro de 2017 a 31 de outubro de 2017 (conforme consta no cronograma de execução, presente no projeto de pesquisa em anexo). A atividade a ser realizada faz parte da pesquisa que desenvolvo em meu doutorado, a saber: "Microatlas linguístico bilingue (português-kheoul) da área indígena Karipuna do Amapá".

Por observar uma grande diversidade e contato linguístico dos povos indígenas que vivem no extremo norte do Amapá (especificamente o povo Karipuna), esta pesquisa buscará mapear e descrever o português e o kheoul falados pelos Karipuna em nove aldeias selecionadas preliminarmente: Manga; Espírito Santo; Santa Isabel; Kariá; Estrela; Açaizal; Kunanã; Ariramba e Curupi.

A coleta de dados será restrita aos objetivos da pesquisa, porém, estou disposto a compartilhar, com professores e lideranças indígenas (e demais interessados), o conhecimento acumulado sobre o povo Karipuna do Amapá, principalmente o produto final da pesquisa que resultará em um livro, sem fins lucrativos, buscando evidenciar a diversidade linguística falada pela etnia estudada.

Segue, em anexo, o projeto de pesquisa em andamento e comprovante de vínculo institucional.

A pesquisa é orientada pelo Prof. Dr. Abelhak Razky e desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará (UFPA).

Atenciosamente,

Romário Duarte Sanches

Romário Duarte Sanches

Romário Duarte Sanches
 Avenida Coelho Neto, 1990, Santana - Amapá
 CEP: 68927-233
 Tel.: (91) 98921-8867
 E-mail: duarte.romrio@gmail.com

Paulo Artur dos Santos Negreiros
 Coordenador Regional da Fundação Nacional do Índio (Funai),
 No Amapá e Norte do Pará

Macapá, 02 de junho de 2017.

Senhor Coordenador,

Venho por meio desta solicitar o ingresso nas *Terras Indígenas Karipuna, Juminã e Galibi* localizadas no município de Oiapoque (AP), para realização de pesquisa linguística entre o povo Karipuna. Com previsão de viagem para *01 de julho de 2017 a 29 de julho de 2017*, e entre os dias *01 de outubro de 2017 a 31 de outubro de 2017* (conforme consta no cronograma de execução, presente no projeto de pesquisa em anexo). A atividade a ser realizada faz parte da pesquisa que desenvolvo em meu doutorado, a saber: "Microatlas linguístico bilingue (português-kheoul) da área indígena Karipuna do Amapá".

Por observar uma grande diversidade e contato linguístico dos povos indígenas que vivem no extremo norte do Amapá (especificamente o povo Karipuna), esta pesquisa buscará mapear e descrever o português e o kheoul falados pelos Karipuna em nove aldeias selecionadas preliminarmente: Manga, Espírito Santo; Santa Isabel; Kariá; Estrela; Açaizal; Kunaná; Ariramba e Curupi.

A coleta de dados será restrita aos objetivos da pesquisa, porém, estou disposto a compartilhar, com professores e lideranças indígenas (e demais interessados), o conhecimento acumulado sobre o povo Karipuna do Amapá, principalmente o produto final da pesquisa que resultará em um livro, sem fins lucrativos, buscando evidenciar a diversidade linguística falada pela etnia estudada.

Segue, em anexo, o projeto de pesquisa em andamento e comprovante de vínculo institucional.

A pesquisa é orientada pelo Prof. Dr. Abelhak Razky e desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará (UFPA).

Atenciosamente,

Romário Duarte Sanches

Romário Duarte Sanches

ANEXOS



CONSELHO DE CACIQUES DOS POVOS INDÍGENAS DE OIAIPOQUE – CCPIO

Av. Veiga Cabral, 486 – Centro – CEP: 68980-000 / Oiaipoque – Amapá – Brasil
Fone: (96) 3521-2860/ 3521-2746

OFICIO Nº074 /2017

OIAIPOQUE 10 DE JULHO DE 2017.

DO: CONSELHO DE CACIQUE DOS POVOS INDÍGENAS DE OIAIPOQUE-CCPIO.
PARA: coordenação regional do estado Amapá e norte do Pará-FUNAI-CRAP
AO: PAULO ARTUR DOS SANTOS NEGUEIROS
ASSUNTO: SOLICITAÇÃO

PREZADOR COORDENADOR

Cumprimentando-o cordialmente a vossa senhoria, o Conselho de Cacique dos povos indígena do Oiaipoque-CCPIO; viemos através deste ofício informamos que o professor, Romário Duarte Sanches, RG:383025, CFP: 000.391.512-39, os caciques Karipunas autoriza para fazer sua pesquisa nas aldeias indígenas do Região Kuripi, BR156 e Rio Oiaipoque, como aluno acadêmico da Universidade Federal do Pará e para as respectivas comunidades e a aluna Bruna dos santos de almeida como acadêmica da licenciatura intercultural indígenas está junto acompanhando. Desde já agradecemos contamos com seu apoio para solucionar e fortalecer nossas parcerias.

Atenciosamente


GILBERTO IAPARRÁ

COORDENADOR DO CCPIO

GilIaparra2015@gmail.com

26/01/2018

:: SEI / FUNAI - 0472993 - Ofício ::



0472993

08620.011859/2017-13



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E SEGURANÇA PÚBLICA
 FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
 SCS Quadra 09 Edifício Parque Cidade Corporate Torre B Sala 1102 11º andar, Setor Comercial Sul -
 Bairro Asa Sul
 CEP 70308-200 Brasília - DF
 (61) 3247-6022 - <http://www.funai.gov.br>

Ofício nº 26/2018/AAEP-FUNAI

Brasília - DF, 25 de janeiro de 2018.

A Sua Senhoria o Senhor
ROMÁRIO DUARTE SANCHES
 Avenida Coelho Neto, 1990
 68927-233 - Santana-AP

Assunto: **Ingresso em Terra Indígena.**Referência: **Caso responda este Ofício, indicar expressamente o Processo nº 08620.011859/2017-13.**

Senhor Romário Sanches,

1. Em atenção ao pedido de ingresso nas Terras Indígenas Galibi, Juminá e Uaçá, povo Karipuna, para a realização de pesquisa científica intitulada "Microatlas linguístico bilingue (português-kheoul) da área indígena Karipuna do Amapá", encaminho para conhecimento a Autorização de Ingresso em Terra Indígena nº 08/AAEP/PRES/2018.
2. Sendo o que nos cumpria informar, coloco-me à disposição para qualquer esclarecimento adicional o telefone (61) 3247-6039 ou e-mail aaep@funai.gov.br.

Atenciosamente,



Documento assinado eletronicamente por Franklimberg Ribeiro de Freitas, Presidente, em 25/01/2018, às 19:21, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site:

http://sei.funai.gov.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador 0472993 e o código CRC CD7A3F97.

26/01/2018

SEI / FUNAI - 0472961 - Autorização de ingresso em TI Pessoa Física ::



Documento assinado eletronicamente por Franklimberg Ribeiro de Freitas, Presidente, em 25/01/2018, às 19:20, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539 de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site:

[http://sei.funai.gov.br/sei/controlador_externo.php?](http://sei.funai.gov.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0)

[acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0](http://sei.funai.gov.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador 0472961 e o código CRC D958AA0A.

Referência: Processo nº 08620.011859/2017-13

SEI nº 0472961

Projeto Microatlas linguístico (Português-Kheuól) da área indígena dos Karipuna do Amapá		
Ficha do Colaborador		
No. do ponto:		No. do colaborador:
DADOS PESSOAIS DO COLABORADOR		
1. NOME:		2. ALCUNHA:
3. DATA DE NASCIMENTO:	4. SEXO: <input type="checkbox"/> Masculino <input type="checkbox"/> Feminino	5. IDADE:
6. ENDEREÇO: Aldeia Manga		
7. ESTADO CIVIL: <input type="checkbox"/> solteiro <input type="checkbox"/> casado <input type="checkbox"/> viúvo D. outro		
8. NATURALIDADE:	9. COM QUE IDADE CHEGOU A ESTA CIDADE? (CASO NÃO SEJA NATURAL DA LOCALIDADE)	
10. DOMÍCILOS E TEMPO DE PERMANÊNCIA FORA DA LOCALIDADE:		
11. ESCOLARIDADE:	12. OUTROS CURSOS:	
13. NATURALIDADE: A. da mãe: B. do pai: C. do cônjuge:	14. FOI CRIADO PELOS PRÓPRIOS PAIS? <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não	
15. EM CASO NEGATIVO, POR QUEM FOI CRIADO? NATURALIDADE: A. da mãe adotiva: B. do pai adotivo:		
16. ONDE EXERCE SUA PROFISSÃO (CARACTERÍSTICAS SOCIO-ECONÔMICAS SUMARIAS DO BAIRRO, CIDADE): não		
17. OUTRAS PROFISSÕES/OCUPAÇÕES:	18. PROFISSÃO: A. do pai: agricultor B. da mãe: agricultora C. do cônjuge:	
CONTATO COM OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO		
20. ASSISTE TV? A. <input type="checkbox"/> todos os dias B. <input type="checkbox"/> às vezes C. <input type="checkbox"/> nunca	21. PROGRAMAS PREFERIDOS: A. <input type="checkbox"/> novelas B. <input type="checkbox"/> esportes C. <input type="checkbox"/> pr. auditório D. <input type="checkbox"/> noticiários E. <input type="checkbox"/> pr. religioso F. <input type="checkbox"/> filmes G. <input type="checkbox"/> outro	
22. TIPO DE TRANSMISSÃO: A. <input type="checkbox"/> rede gratuita B. <input type="checkbox"/> parabólica C. <input type="checkbox"/> tv por assinatura	23. OUVI RÁDIO? A. <input type="checkbox"/> todos os dias B. <input type="checkbox"/> às vezes C. <input type="checkbox"/> nunca D. <input type="checkbox"/> parte do dia E. <input type="checkbox"/> o dia inteiro F. <input type="checkbox"/> enquanto viaja G. enquanto trabalha	
24. PROGRAMAS PREFERIDOS: A. <input type="checkbox"/> noticiário geral B. <input type="checkbox"/> esportes C. <input type="checkbox"/> pr. religioso D. <input type="checkbox"/> noticiário policial E. <input type="checkbox"/> música F. <input type="checkbox"/> pr. c/ participação do ouvinte G. <input type="checkbox"/> outro	25. LE JORNAL? A. <input type="checkbox"/> todos os dias B. <input type="checkbox"/> às vezes C. <input type="checkbox"/> nunca D. <input type="checkbox"/> semanalmente E. <input type="checkbox"/> raramente	

26. NOME DO JORNAL: A. <input type="checkbox"/> local B. <input type="checkbox"/> estadual C. <input type="checkbox"/> nacional		27. SEÇÕES DO JORNAL QUE GOSTA DE LER: A. <input type="checkbox"/> editorial D. <input type="checkbox"/> pr. cultural G. <input type="checkbox"/> classificados B. <input type="checkbox"/> esportes E. <input type="checkbox"/> política H. <input type="checkbox"/> outra C. <input type="checkbox"/> variedades F. <input type="checkbox"/> página policial		
28. LE REVISTA? A. <input type="checkbox"/> às vezes B. <input type="checkbox"/> semanalmente C. <input type="checkbox"/> mensalmente D. <input type="checkbox"/> raramente E. <input type="checkbox"/> nunca				
29. NOME/TIPO DE REVISTA:				
PARTICIPAÇÃO EM DIVERSÕES				
	FREQUENTEMENTE	AS VEZES	RARAMENTE	NUNCA
30. CINEMA	A. <input type="checkbox"/>	B. <input type="checkbox"/>	C. <input type="checkbox"/>	D. <input type="checkbox"/>
31. TEATRO	A. <input type="checkbox"/>	B. <input type="checkbox"/>	C. <input type="checkbox"/>	D. <input type="checkbox"/>
32. SHOWS	A. <input type="checkbox"/>	B. <input type="checkbox"/>	C. <input type="checkbox"/>	D. <input type="checkbox"/>
33. MAN. FOLCLÓRICAS	A. <input type="checkbox"/>	B. <input type="checkbox"/>	C. <input type="checkbox"/>	D. <input type="checkbox"/>
34. FUTEBOL	A. <input type="checkbox"/>	B. <input type="checkbox"/>	C. <input type="checkbox"/>	D. <input type="checkbox"/>
35. OUTROS ESPORTES	A. <input type="checkbox"/>	B. <input type="checkbox"/>	C. <input type="checkbox"/>	D. <input type="checkbox"/>
36. OUTROS	A. <input type="checkbox"/>	B. <input type="checkbox"/>	C. <input type="checkbox"/>	D. <input type="checkbox"/>
37. QUE RELIGIAO OU CULTO PRÁTICA?				
PARA PREENCHIMENTO APÓS A ENTREVISTA				
38. CARACTERÍSTICAS PSICOLÓGICAS DO COLABORADOR: A. <input type="checkbox"/> tímido B. <input type="checkbox"/> vivo C. <input type="checkbox"/> perspicaz D. <input type="checkbox"/> sarcástico				
39. ESPONTANEIDADE DA ELOCUÇÃO: A. <input type="checkbox"/> total B. <input type="checkbox"/> grande C. <input type="checkbox"/> média D. <input type="checkbox"/> fraca				
40. POSTURA DO COLABORADOR DURANTE O INQUÉRITO: A. <input type="checkbox"/> cooperativa B. <input type="checkbox"/> não cooperativa C. <input type="checkbox"/> agressiva D. <input type="checkbox"/> indiferente				
41. CATEGORIA SOCIAL DO COLABORADOR: A. <input type="checkbox"/> "A" B. <input type="checkbox"/> "B" C. <input type="checkbox"/> "C" D. <input type="checkbox"/> "D"				
42. GRAU DE CONHECIMENTO ENTRE COLABORADOR E INQUIRIDOR: A. <input type="checkbox"/> grande B. <input type="checkbox"/> médio C. <input type="checkbox"/> pequeno D. <input type="checkbox"/> nenhum				
43. INTERFERÊNCIA OCASIONAL DE CIRCUNSTANTES: A. <input type="checkbox"/> sim B. <input type="checkbox"/> não				
44. CARACTERIZAÇÃO SUMARIA DO(S) CIRCUNSTANTE(S):				
45. AMBIENTE DO INQUÉRITO:				
46. OBSERVAÇÕES:				
47. NOME DO ENTREVISTADOR:		48. LOCAL DA ENTREVISTA:		49. DATA DA ENTREVISTA:
		ALDEIA:	TI:	50. DURAÇÃO:

Projeto Microatlas linguístico (Português-Kheuól) da área indígena dos Karipuna do Amapá

No. do ponto:

Código do informante:

Questionário Sociolinguístico (Qsocio)

BILINGUÍSMO DOS PARTICIPANTES DA ENTREVISTA

1. Quanto ao KHEUÓL, qual é o grau de bilinguismo dos entrevistados?

1.1 Fala: a) bem b) razoável c) mal

1.2 Entende: a) bem b) razoável c) mal

1.3 Lê: a) bem b) razoável c) mal

1.4 Escreve: a) bem b) razoável c) mal

1.5 Canta: a) bem b) razoável c) mal

1.6 Imita: a) bem b) razoável c) mal

1.7 Xinga: a) bem b) razoável c) mal

1.8 Reza: a) bem b) razoável c) mal

1.9 Pensa: a) bem b) razoável c) mal

1.10 Sonha: a) bem b) razoável c) mal

2. Como aprendeu a falar o KHEUÓL?

a) família b) escola c) eventos religiosos d) trabalho e) contato f) outros

3. Com quem você fala o KHEUÓL?

a) avós b) pais c) irmãos d) parentes e) vizinhos f) amigos g) outros

4. Em que locais e situações você fala o KHEUÓL?

a) Em casa b) na igreja c) nas festas d) na rua e) em reuniões f) outros

5. Quanto ao PORTUGUÊS, qual é o grau de bilinguismo dos entrevistados?

5.1 Fala: a) bem b) razoável c) mal

5.2 Entende: a) bem b) razoável c) mal

5.3 Lê: a) bem b) razoável c) mal

5.4 Escreve: a) bem b) razoável c) mal

5.5 Canta: a) bem b) razoável c) mal

5.6 Imita: a) bem b) razoável c)mal

5.7 Xinga: a) bem b) razoável c)mal

5.8 Reza: a) bem b) razoável c)mal

5.9 Pensa: a) bem b) razoável c)mal

5.10 Sonha: a) bem b) razoável c)mal

5. Qual dessas duas línguas você usa com mais frequência?

a) Kheuól b) Português? c) as duas línguas.

7. Como aprendeu a falar PORTUGUÊS?

a) família b) escola c) eventos religiosos d) trabalho e) contato f) outros

8. Com quem você fala PORTUGUÊS?

b) avós b) pais c) irmãos d) parentes e) vizinhos f) amigos g) outros (todos)

9. Em que locais e situações você fala PORTUGUÊS?

b) Em casa b) na igreja c) nas festas d) na rua e) em reuniões f) outros (escola)

10. Quais línguas o senhor(a) fala?

11. O senhor(a) entende outra língua que não fala? Quais?

12. Qual língua o senhor(a) aprendeu primeiro? E qual foi a segunda? Quantos anos tinha?

.

13. Todas as pessoas daqui falam português? Quem? (Sugerir após resposta espontânea) – bilinguismo na comunidade:

14. Em quais situações o senhor(a) utiliza outra língua diferente do português e do Kheuól? (*Dizer o nome da língua indígena*)?

15. Quais línguas são faladas em sua família?

16. Quais línguas o senhor(a) escreve?

BILINGUÍSMO NA COMUNIDADE

17. Todas as pessoas daqui falam do KHEUÓL?

a) avô b) avó c) pai d) mãe e) irmãos f) tios g) primos h) amigos i) vizinhos j) professores l) religiosos m) outros

18. Quando vem uma visita, que língua(s) você(s) usa(m)? E se a visita fala só o português ou só o Kheuí?

19. Que línguas são faladas na comunidade?

20. Como o (a) senhor (a) avalia o KHEUÓL em termos de língua falada no lugar?

a) legal b) grosseira c) Bonita d) errada e) engraçada f) outros

Porque?

21. O que o senhor (a) espera que o governo faça para preservar a língua da comunidade?

22. E o que a comunidade tem feito para preservá-la?

QUESTIONÁRIO SEMÂNTICO-LEXICAL - QSL

ACIDENTES GEOGRÁFICOS

1. CÓRREGO / RIACHO
... um rio pequeno, de uns dois metros de largura?
2. PINGUELA
... tronco, pedaço de pau ou tábua que serve para passar por cima de um _____ (cf. item 1)?
3. FOZ
... o lugar onde o rio termina ou encontra com outro rio?
4. REDEMOINHO (DE ÁGUA)
Muitas vezes, num rio, a água começa a girar, formando um buraco, na água, que puxa para baixo. Como se chama isto?
5. ONDA DE MAR
... o movimento da água do mar? *Imitar o balanço das águas.*
6. ONDA DE RIO
... o movimento da água do rio? *Idem item 5.*

FENÔMENOS ATMOSFÉRICOS

7. REDEMOINHO (DO VENTO)
... o vento que vai virando em roda e levanta poeira, folhas e outras coisas leves?
8. RELÂMPAGO
... um clarão que surge no céu em dias de chuva?
9. RAIOS
... uma luz forte e rápida que sai das nuvens, podendo queimar uma árvore, matar pessoas e animais, em dias de mau tempo?
10. TROVÃO
... o barulho forte que se escuta logo depois de um _____ (cf. item 9)?
11. TEMPORAL / TEMPESTADE / VENDAVAL
... uma chuva com vento forte que vem de repente?
12. TROMBA D'ÁGUA
... uma chuva de pouca duração, muito forte e pesada?
13. ARCO-ÍRIS
Quase sempre, depois de uma chuva, aparece no céu uma faixa com listras coloridas e curvas (*mímica*).
Que nomes dão a essa faixa?
14. GAROA
... uma chuva bem fininha?
15. ORVALHO / SERENO
De manhã cedo, a grama geralmente está molhada. Como chamam aquilo que molha a grama?
16. NEVOEIRO / CERRAÇÃO / NEBLINA

Muitas vezes, principalmente de manhã cedo, quase não se pode enxergar por causa de uma coisa parecida com fumaça, que cobre tudo. Como chamam isso?

ASTROS E TEMPO

17. NASCER (DO SOL)
O que é que acontece no céu de manhã cedo quando começa a clarear?
18. ALVORADA
... a claridade avermelhada do céu antes de _____ (cf. item 23)?
19. CREPÚSCULO
... a claridade avermelhada que fica no céu depois do _____ (cf. item 25)?
20. ANOITECER
... o começo da noite?
21. ESTRELA MATUTINA / VÊNUS / ESTRELA DA MANHÃ / ESTRELA-D'ALVA
De manhã cedo, uma estrela brilha mais e é a última a desaparecer. Como chamam esta estrela?
22. ESTRELA VESPERTINA / VÊNUS / ESTRELA DA TARDE
De tardezinha, uma estrela aparece antes das outras, perto do horizonte, e brilha mais. Como chamam esta estrela?
23. ESTRELA CADENTE / ESTRELA FILANTE / METEORO / ZELAÇÃO
De noite, muitas vezes pode-se observar uma estrela que se desloca no céu, assim, (*mímica*) e faz um risco de luz. Como chamam isso?
24. VIA LÁCTEA / CAMINHO DE SANTIAGO
Numa noite bem estrelada, aparece uma banda ou faixa que fica no céu de fora a fora, onde tem muitas estrelas muito perto umas das outras. Como chamam esta banda ou faixa?
25. ONTEM
Hoje é segunda-feira. E domingo, que dia foi?
26. ANTEONTEM
... o dia que foi antes desse dia? [E um dia para trás?]
27. TRASANTEONTEM
... o dia que foi antes de _____ (cf. item 37)? [E mais um dia para trás?]

ATIVIDADES AGROPASTORIS

28. TANGERINA / MEXERICA
... as frutas menores que a laranja, que se descascam com a mão, e, normalmente, deixam um cheiro na mão? Como elas são?
PEDIR PARA DESCREVER, PARA APURAR AS DIFERENÇAS ENTRE AS DESIGNAÇÕES CITADAS PELO INFORMANTE.
29. INGÁ
Fruta com uma casca comprida, dentro dela há vários caroços coberto com uma massa branca doce?
30. TUCUMÃ
Uma fruta adocicada meio alaranjada com uma casca dura, doce e que deixa os dentes amarelos?
31. PUPUNHA
Uma fruta parecida com o (cf. item anterior) mas não é doce e que se cozinha para comer?

32. CAMOMILA
... umas florezinhas brancas com miolo amarelinho, ou florezinhas secas que se compram na farmácia ou no supermercado e servem para fazer um chá amarelinho, cheiroso, bom para dor de barriga de nenê/bebê e até de adulto e também para acalmar? *Mostrar.*
33. PENCA
... cada parte que se corta do cacho da bananeira para pôr para madurar/amadurecer?
34. BANANA DUPLA / FELIPE / GÊMEAS
... duas bananas que nascem grudadas?
35. PARTE TERMINAL DA INFLORESCÊNCIA DA BANANEIRA / UMBIGO / CORAÇÃO
... a ponta roxa no cacho da banana?
36. ESPIGA
Quando se vai colher o milho, o que é que se tira do pé? [Quando se vai à feira comprar milho, compra-se o quê?]
37. SABUGO
Quando se tira da _____ (*cf. item 45*) todos os grãos do milho, o que sobra?
38. VAGEM DO FEIJÃO
Onde é que ficam os grãos do feijão, no pé, antes de serem colhidos?
39. MANDIOCA / AIPIM
... aquela raiz branca por dentro, coberta por uma casca marrom, que se cozinha para comer?
40. MANDIOCA
... uma raiz parecida com _____ (*cf. item 50*) que não serve para comer e se rala para fazer farinha (polvilho, goma)?
41. CARRINHO DE MÃO / CARRIOLA
... um veículo de uma roda, empurrado por uma pessoa, para pequenas cargas em trechos curtos?
42. HASTES DO CARRINHO DE MÃO
... as duas partes em que a pessoa segura para empurrar o _____ (*cf. item 52*)?
43. JACÁ / BALAIO
... aqueles objetos de vime, de taquara, de cipós trançado(s), para levar batatas (mandioca, macaxeira, aipim, etc.), no lombo do cavalo ou do burro?
44. PICADA / ATALHO ESTREITO
O que é que se abre com o facão, a foice para passar por um mato fechado?
45. TRILHO / CAMINHO / VEREDA / TRILHA
... o caminho, no pasto, onde não cresce mais grama, de tanto o animal ou o homem passarem por ali?
46. MATO/FLORESTA
O nome do local que é cheio de árvores e as pessoas gostam de caçar?

FAUNA

47. CARRAPATO
O nome daquele bichinho que fica grudado no cachorro ou no boi (mostrar imagem)?
48. CAITITU
Como você se chama o mamífero que vive na mata de pelagem clara, às vezes escura com machas brancas e que as pessoas matam para comer (mostrar figura)?

49. CAMALEÃO
Tem um bicho que parece um jacaré e ele gosta de beber ovo (mostrar figura)?
50. CALANGO
O bicho parecido com o (cf. item anterior), mas de porte pequeno que aparece no quintal e os gatos gostam de matar (mostrar figura)?
51. OSGAR, LAGARTIXA
Aquele bichinho que dá na cidade, normalmente nas paredes das casas e sai a noite para comer baratas?
52. EMBUÁ
... um bichinho parecido com uma minhoca, mas com uma casquinha dura e que se esconde debaixo de pedras e pedaços de pau velho
53. CUTIA
É mamífero roedor, de pelo marrom escuro, sem rabo, parecido com um porco, que corre rápido na floresta?
54. CUPIM
Um inseto parecido com a formiga que come madeira ou pau velho
55. CUPINZAL, CASA DO CUPIM
... o local onde o cupim mora?
56. FORMIGA (SAÚVA)
É um tipo de formiga, mas é maior e avermelhada
57. TUCANDEIRA
É um tipo de formiga, mas é maior e de cor escura, seu picada dói (mostrar figura)?
58. GAFANHOTO
Inseto verde com duas anteninhas e pula longe, gosta de comer folhas (mostrar figura)?
59. LOUVA-A-DEUS
Inseto parecido com os gafanhoto, de corpo comprido (mostrar figura)?
60. MACACO-BARRIGUDO/MACACO-PREGO/MACACO-PRETO
Quais os tipos de macaco que você conhece?
61. JAPU/JAPIM/XEXEU
O nome de uma ave preta de bico amarelo e calda amarela (mostrar figura)?
62. MUTUM
Uma ave parecida com uma galinha, de cor preta e de bico amarelado?
63. PEIXE
Tipos de peixe que conhece?
64. PTIÚ
Quando se prepara o peixe normalmente as pessoas usam limão para tirar o cheiro forte do peixe, como você chama esse cheiro forte?
65. PORQUÉ
É um tipo de peixe parecido com uma cobra dizem que dá choque quando se sente ameaçado?
66. PERIQUITO
Uma ave parecido com o papagaio, mas de porte menor e não aprende a falar?
67. PAPAGAIO
... a ave de penas coloridas que, quando presa, pode aprender a falar?

68. JABURU
Uma ave branca de cabeça preta e perna finas e compridas?
69. PIOLHO
E aquele bichinho que dá na cabeça da gente e faz coçar?
70. LÊNDEA
E o ovinho dele?
71. PULGA
E aquele bichinho que pica a gente e pula? Cachorro e gato têm muito?
72. VAGA-LUME
E aquele bichinho que de noite ascende e apaga?
73. URUBU
... a ave preta que come animal morto, podre?
74. COLIBRI / BEIJA-FLOR
... o passarinho bem pequeno, que bate muito rápido as asas, tem o bico comprido e fica parado no ar?
75. JOÃO-DE-BARRO
... a ave que faz a casa com terra, nos postes, nas árvores e até nos cantos da casa?
76. ARAPUCA/ ALÇAPÃO
E a armadilha para pegar passarinho, com que eles pegam passarinho lá no mato?
77. GALINHA-D'ANGOLA / GUINÉ / COCAR
... a ave de criação parecida com a galinha, de penas pretas com pintinhas brancas?
78. ESPORÃO
... aquilo que o galo uso para brigar com outro galo?
79. SURA
... uma galinha sem rabo?
80. COTÓ
... um cachorro de rabo cortado?
81. GAMBÁ
... o bicho que solta um cheiro ruim quando se sente ameaçado?
82. CHIFRE
O que o boi tem na cabeça?
83. BOI SEM CHIFRE
... o boi sem _____ (cf. item 77)?
84. ÚBERE
Em que parte da vaca fica o leite?
85. MANCO
... o animal que tem uma perna mais curta e que puxa de uma perna?
86. MOSCA VAREJEIRA
... um tipo de mosca grande, esverdeada, que faz um barulhão quando voa?
87. SANGUESSUGA

... um bichinho que se gruda nas pernas das pessoas quando elas entram num córrego ou banhado (*cf. item 1*)?

88. LIBÉLULA

... o inseto de corpo comprido e fino, com quatro asas bem transparentes, que voa e bate a parte traseira na água?

89. BICHO DE FRUTA

... aquele bichinho branco, enrugadinho, que dá em goiaba, em coco?

90. CORÓ

... aquele bicho que dá em esterco, em pau podre?

91. PERNILONGO

... aquele inseto pequeno, de perninhas compridas, que canta no ouvido das pessoas, de noite? *Imitar o zumbido.*

CORPO HUMANO

92. PÁLPEBRAS

... esta parte que cobre o olho? *Apontar.*

93. CISCO

... alguma coisinha que cai no olho e fica incomodando?

94. CEGO DE UM OLHO

... a pessoa que só enxerga com um olho?

95. VESGO

... a pessoa que tem os olhos voltados para direções diferentes? *Completar com um gesto dos dedos.*

96. MÍOPE

... a pessoa que não enxerga longe, e tem que usar óculos?

97. TERÇOL

... a bolinha que nasce na _____ (*cf. item 89*), fica vermelha e incha?

98. CONJUNTIVITE

... a inflamação no olho que faz com que o olho fique vermelho e amanheça grudado?

99. CATARATA

... aquela pele branca no olho que dá em pessoas mais idosas?

100. DENTES CANINOS

... esses dois dentes pontudos? *Apontar.*

101. DENTES DO SISO

... os últimos dentes, que nascem depois de todos os outros, em geral quando a pessoa já é adulta?

102. DESDENTADO

... a pessoa que não tem dentes?

103. FANHOSO

... a pessoa que parece falar pelo nariz? *Imitar.*

104. MELECA

... a sujeirinha dura que se tira do nariz com o dedo?

105. SOLUÇO
... este barulhinho que se faz? *Soluçar.*
106. NUCA
... isto? *Apontar.*
107. POMO-DE-ADÃO
... esta parte alta do pescoço do homem? *Apontar.*
108. CLAVÍCULA
... o osso que vai do pescoço até o ombro? *Apontar.*
109. CORCUNDA
... a pessoa que tem um calombo grande nas costas e fica assim (*mímica*)?
110. AXILA
... esta parte aqui? *Apontar.*
111. CHEIRO NAS AXILAS
... o mau cheiro embaixo dos braços?
112. CANHOTO
... a pessoa que come com a mão esquerda, faz tudo com essa mão? *Completar com o gesto.*
113. SEIOS
... a parte do corpo da mulher com que ela amamenta os filhos?
114. UMBIGO
... parte o orifício no centro da barriga (apontar)?
115. VOMITAR
Se uma pessoa come muito e sente que vai pôr/botar para fora o que comeu, se diz que vai o quê?
116. ÚTERO
... a parte do corpo da mãe onde fica o nenê / bebê antes de nascer?
117. PERNETA
... a pessoa que não tem uma perna?
118. MANCO
... a pessoa que puxa de uma perna?
119. PESSOA DE PERNAS ARQUEADAS
... a pessoa de pernas curvas? *Mímica.*
120. RÓTULA
... o osso redondo que fica na frente do joelho?
121. TORNOZELO
... isto? *Apontar.*
122. CALCANHAR
... isto? *Apontar.*
123. CÓCEGAS
Que sente uma criança quando se passa o dedo na sola do pé? *Mímica.*
124. NÁDEGA (BUNDA)
Esta parte do corpo (apontar)?

CICLOS DA VIDA

125. MENSTRUAÇÃO

As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?

126. ENTRAR NA MENOPAUSA

Numa certa idade acaba a/o _____ (cf. item 121). Quando isso acontece, se diz que a mulher _____.

127. GRÁVIDA

Quando a mulher descobre que será mãe dizem que ela está o quê?

128. PARTEIRA

... a mulher que ajuda a criança a nascer?

129. DAR À LUZ

Chama-se a _____ (cf. item 123) quando a mulher está para _____.

130. GÊMEOS

... duas crianças que nasceram no mesmo parto?

131. ABORTO

Quando a mulher grávida perde o filho, se diz que ela teve _____.

132. AMA-DE-LEITE

Quando a mãe não tem leite e outra mulher amamenta a criança, como chamam essa mulher?

133. IRMÃO DE LEITE

O próprio filho da _____ (cf. item 128) e a criança que ela amamenta são o quê um do outro?

134. FILHO ADOTIVO

... a criança que não é filho verdadeiro do casal, mas que é criada por ele como se fosse?

135. FILHO MAIS MOÇO

... o filho que nasceu por último?

136. MENINO

Criança pequenininha, a gente diz que é bebê. E quando ela tem de 5 a 10 anos, do sexo masculino?

137. MENINA

E se for do sexo feminino, como se chama?

138. MADRASTA

Quando um homem fica viúvo e casa de novo, o que a segunda mulher é dos filhos que ele já tinha?

139. FINADO / FALECIDO

Numa conversa, para falar de uma pessoa que já morreu, geralmente as pessoas não a tratam pelo nome que tinha em vida. Como é que se referem a ela?

CONVÍVIO E COMPORTAMENTO SOCIAL

140. PESSOA TAGARELA

... a pessoa que fala demais?

141. PESSOA POUCO INTELIGENTE

... a pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas?

142. PESSOA SOVINA

... a pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e, às vezes, até passa dificuldades para não gastar?

143. MAU PAGADOR
... a pessoa que deixa suas contas penduradas?
144. ASSASSINO PAGO
... a pessoa que é paga para matar alguém?
145. MARIDO ENGANADO
... o marido que a mulher passa para trás com outro homem?
146. PROSTITUTA
... a mulher que se vende para qualquer homem?
147. XARÁ
... a pessoa que tem o mesmo nome da gente?
148. BÊBADO (DESIGNAÇÕES)
Que nomes dão a uma pessoa que bebeu demais?
149. CIGARRO DE PALHA
Que nomes dão ao cigarro que as pessoas faziam antigamente, enrolado à mão?
150. TOCO DE CIGARRO
... o resto do cigarro que se joga fora?
151. TABACO
Aquilo que se usa para fazer cigarro enrolado a mão?
152. SACO PARA COAR CAFÉ
Onde vocês coam, passam o café?
153. MORNHO, AMENA
Quando o clima não está nem quente e nem frio se diz que está como?
154. POÇO
Que nome que você dão aqui, para um buraco na terra que serve para tirar água?
155. BALDE
E o nome daquele objeto com a qual tiramos água do poço?

RELIGIÃO E CRENÇAS

156. DIABO
Deus está no céu e no inferno está _____.
157. FANTASMA
O que algumas pessoas dizem já ter visto, à noite, em cemitérios ou em casas, que se diz que é do outro mundo?
158. FEITIÇO
O que certas pessoas fazem para prejudicar alguém e botam, por exemplo, nas encruzilhadas?
159. QUEBRANTO
Quando uma criança pequenina fica muito doentinha, só quer estar dormindo, nós dizemos que alguém colocou o quê nela?
160. AMULETO

... o objeto que algumas pessoas usam para dar sorte ou afastar males?

161. BENZEDEIRA

... uma mulher que tira o mau-olhado com rezas, geralmente com galho de planta?

162. CURANDEIRO

... a pessoa que trata de doenças através de ervas e plantas?

JOGOS E DIVERSÕES INFANTIS

163. CAMBALHOTA

... a brincadeira em que se gira o corpo sobre a cabeça e acaba sentado? *Mímica.*

164. BOLINHA DE GUDE

... as coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar?

165. ESTILINGUE

... o brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha (*mímica*), que os meninos usam para matar passarinho?

166. PAPAGAIO DE PAPEL

... o brinquedo feito de varetas cobertas de papel que se empina no vento por meio de uma linha?

167. PIPA

E um brinquedo parecido com o _____ (*cf. item 158*), também feito de papel, mas sem varetas, que se empina ao vento por meio de uma linha?

168. ESCONDE-ESCONDE

... a brincadeira em que uma criança fecha os olhos, enquanto as outras correm para um lugar onde não são vistas e depois essa criança que fechou os olhos vai procurar as outras?

169. CABRA-CEGA

... a brincadeira em que uma criança, com os olhos vendados, tenta pegar as outras?

170. PEGA-PEGA

... uma brincadeira em que uma criança corre atrás das outras para tocar numa delas, antes que alcance um ponto combinado?

171. GANGORRA

... uma tábua apoiada no meio, em cujas pontas sentam duas crianças e quando uma sobe, a outra desce? *Mímica.*

172. BALANÇO

... uma tábua, pendurada por meio de cordas, onde uma criança se senta e se move para frente e para trás? *Mímica.*

173. AMARELINHA

... a brincadeira em que as crianças riscam uma figura no chão, formada por quadrados numerados, jogam uma pedrinha (*mímica*) e vão pulando com uma perna só?

HABITAÇÃO

174. TRAMELA

... aquela pecinha de madeira, que gira ao redor de um prego, para fechar porta, janela...?

175. VENEZIANA

Quando uma janela tem duas partes, como se chama a parte de fora que é formada de tirinhas horizontais que permitem a ventilação e a claridade? *Mostrar gravura.*

176. VASO SANITÁRIO

Quando se vai ao banheiro, onde é que a pessoa se senta para fazer as necessidades?

177. FULIGEM

... aquilo, preto, que se forma na chaminé, na parede ou no teto da cozinha, acima do fogão a lenha?

178. BORRALHO

... a cinza quente que fica dentro do fogão a lenha?

179. LANTERNA

... aquele objeto que se usa para clarear no escuro e se leva na mão assim (*mímica*)?

180. INTERRUPTOR DE LUZ

Como se chama o objeto que fica nas paredes e serve para acender a lâmpada?

181. REMO (IGUAL REMAR)

Aquilo que se usa para movimentar uma canoa?

182. JIRAU

Parte cozinha da casa feito de madeira onde as pessoas costumam lavar as louças ou tratar peixes?

ALIMENTAÇÃO E COZINHA

183. CAFÉ DA MANHÃ

... a primeira refeição do dia, feita pela manhã?

184. CARNE MOÍDA

... a carne depois de triturada na máquina?

185. MUNGUNZÁ / CANJICA

... aquele alimento feito com grãos de milho branco, coco e canela?

186. AGUARDENTE

... a bebida alcoólica feita de cana-de-açúcar?

187. EMPANTURRADO

Quando uma pessoa acha que comeu demais, ela diz: Comi tanto que estou _____.

188. GLUTÃO

... uma pessoa que normalmente come demais?

189. BALA / CONFEITO / BOMBOM

... aquilo embrulhado em papel colorido que se chupa? *Mostrar.*

PEDIR PARA DESCREVER.

190. PÃO FRANCÊS

... isto? *Mostrar.*

191. PÃO BENGALA

... isto? *Mostrar.*

VESTUÁRIO E ACESSÓRIOS

192. SUTIÃ

... a peça do vestuário que serve para segurar os seios?

193. CUECA

... roupa que o homem usa debaixo da calça?

194. CALCINHA

... a roupa que a mulher usa debaixo da saia?

195. ROUGE

... aquilo que as mulheres passam no rosto, nas bochechas, para ficarem mais rosadas?

196. GRAMPO (COM PRESSÃO) / RAMONA / MISSE

... um objeto fino de metal, para prender o cabelo? *Mostrar.*

197. DIADEMA / ARCO / TIARA

... o objeto de metal ou plástico que pega de um lado a outro da cabeça e serve para prender os cabelos?

Mímica.

VIDA URBANA

198. SINALEIRO

Na cidade, o que costuma ter em cruzamentos movimentados, com luz vermelha, verde e amarela?

199. LOMBADA

... aquele morrinho atravessado no asfalto para os carros diminuírem a velocidade?

200. CALÇADA / PASSEIO

Na cidade, os automóveis andam no meio da rua e as pessoas nos dois lados, num caminho revestido de lajes ou ladrilhos. Como se chama este caminho?

201. MEIO-FIO

... o que separa o _____ (cf. item 196) da rua?

202. ROTATÓRIA / RÓTULA

... aquele trecho da rua ou da estrada que é circular, que os carros têm que contornar para evitar o cruzamento direto?

203. ÔNIBUS URBANO

... a condução que leva mais ou menos quarenta passageiros e faz o percurso dentro da cidade?

204. ÔNIBUS INTERURBANO

... a condução que leva mais ou menos quarenta passageiros de uma cidade para outra?

205. BODEGA

... um lugar pequeno, com um balcão, onde os homens costumam ir beber _____ (cf. item 182) e onde também se pode comprar alguma outra coisa?

Relate uma experiência pessoal.